



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS - ILUFBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA
DOUTORADO**

**MEMÓRIAS, NARRATIVAS DE DESLOCAMENTO E IDENTIDADES
TRANSTERRITORIALIZADAS DE MIGRANTES EM FLUXO FORÇADO:
ENTRE O DESEJO DO SER, DO PERTENCER E DO (RE)EXISTIR**

TIAGO ALVES NUNES

**SALVADOR/BA
2022**

TIAGO ALVES NUNES

**MEMÓRIAS, NARRATIVAS DE DESLOCAMENTO E IDENTIDADES
TRANSTERRITORIALIZADAS DE MIGRANTES EM FLUXO FORÇADO:
ENTRE O DESEJO DO SER, DO PERTENCER E DO (RE)EXISTIR**

Tese apresentada à Coordenação do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Área I: Linguagem e interação.

Linha de pesquisa: Linguística Aplicada.

Orientadora: Dra. Lívia Márcia Tiba Rádís Baptista.

SALVADOR/BA

2022

TIAGO ALVES NUNES

MEMÓRIAS, NARRATIVAS DE DESLOCAMENTO E IDENTIDADES
TRANSTERRITORIALIZADAS DE MIGRANTES EM FLUXO FORÇADO: ENTRE
O DESEJO DO SER, DO PERTENCER E DO (RE)EXISTIR

Tese apresentada à Coordenação do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Área I: Linguagem e interação.
Linha de pesquisa: Linguística Aplicada.
Orientadora: Dra. Livia Márcia Tiba Rádis Baptista.

Aprovada em: 13/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Livia Márcia Tiba Rádis Baptista (Orientadora)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Profa. Dra. Daniela Palma
Universidade de Campinas (UNICAMP)

Prof. Dr. Antônio Ferreira da Silva Junior
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dr. Valdiney da Costa Lobo
Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

Profa. Dra. Terezinha Oliveira Santos
Universidade Federal do Oeste da Bahia (OFOB)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Ao meu irmão de sangue, de vida e de alma Iran Alves (*In memoriam*).

À minha mãe, Irene Alves.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pela energia disponibiliza para que eu conseguisse percorrer este longo caminho, que não foi fácil.

À minha mãe, **Irene Alves**, por desde o início de minha vida ter me encorajado a conquistar meus objetivos e ter me apoiado sempre, principalmente com afeto. Obrigado, mãe, por ser guerreira nesta vida e por existir na minha. Sem você, minha jornada terrena não seria a mesma. Que a senhora tenha forças para seguir vivendo e cuidando de mim, de nós. Muito obrigado eternamente, minha mãe! A bênção!

Ao meu irmão **Iran Alves** (*In memoriam*). Obrigado pelos momentos vividos em vida física, por ter me encorajado durante quase todo este doutorado. Que saudade, meu irmão! A força de um vírus pandêmico lhe calou fisicamente, mas em espírito sei que está vibrando com todos os meus objetivos alcançados. A sua presença é constante, o seu sorriso continua brilhante e sua voz ecoa. Obrigado por tudo! A você, o meu muito obrigado, irmão! Segue aí, que seguimos aqui!

À toda minha família, em especial meu irmão **Irailton Alves**, minha irmã **Imeuda Alves** e **Iveuda Alves**, por todo apoio dispensado ao longo dos 3 anos e 11 meses em que fiquei em Salvador. A vocês, o meu muito obrigado!

À minha orientadora **Lívia Baptista**, pela orientação acadêmica e de vida. Faltam palavras para agradecer a sua existência em minha trajetória acadêmica, pessoal, profissional e, claro, na vida. Obrigado pelos momentos felizes vividos e pelo apoio nos mais tristes ao longo de mais essa caminhada e por ter apostado em mim desde a graduação na UFC. Espero que o universo possa lhe proporcionar mais e mais vitórias, e que nunca a fé e a esperança lhe faltem. A você, minha eterna gratidão!

À minha amiga **Lilian Latties** (*In memoriam*). Quis Deus que você encerrasse sua trajetória próxima a mim. Eu fiz o que pude! Obrigado por ter dividido a vida comigo. Os momentos que moramos juntos em Salvador foram de bastante crescimento pessoal e intelectual. Nunca me esquecerei dos vinhos regado ao som de Calypson no celular e você me contando sobre a cultura do Norte e do Amapá, além de me ensinar a dançar e tudo isso com sua risada solta. Que saudade! O vírus pandêmico lhe retirou de nós, quase lhe calou fisicamente, porque seus escritos e ideias serão eternos. Em espírito, sei que está muito feliz! Obrigado, doutora, por tudo!

À minha amiga **Karoline Santos**, por ter cruzado em minha vida na minha passagem por Salvador. Obrigado pelas risadas, colo, ajudas, saídas e, claro, os espumantes, por ter estado do meu lado em momentos felizes e tristes. Sem você, minha jornada na cidade soteropolitana não teria sido a mesma. A você, o meu muito obrigado!

À minha amiga **Cíntia Borges**, por também ter cruzado em minha vida. Obrigado pelas risadas, ajudas, saídas e por ter estado do lado nos momentos mais tristes e complicados dessa trajetória. Sem você, a caminhada teria sido sem cor... preta! Porque o preto é o poder, você é o poder! A você, o meu muito obrigado!

À minha amiga **Maria Eugênia Santos**, por ter cruzado em meus caminhos soteropolitanos. Depois daquele abraço na UFBA, seguimos até hoje. Obrigado pela presença, por ter me mostrado os lugares, as festas e os sabores de Salvador, além das longas conversas sobre a vida e sobre língua(gem). Deixe o sofá por aí, pronto! Obrigado

por ter estado do lado nos momentos felizes e tristes. Saiba que eu tenho um respeito por você e sua trajetória. A você, minha gratidão!

A meu amigo **Javier Salcedo**, pelas ajudas antes mesmo de viajar a Salvador, que meu deu apoio, leu o meu projeto à época da seleção, pelas orientações acadêmicas, além, claro, das boas risadas. Obrigado pelo apoio, sempre.

Ao meu amigo **Marildo Lopes**, pela companhia, trocas acadêmicas e longas conversas sobre a vida. Minha jornada em Salvador não teria sido a mesma sem você. Agradeço, imensamente, por todos os nossos momentos e por ter estado do lado nos momentos bons e nos ruins. A você, o meu muito obrigado!

À amiga **Marcela Santos**, por termos compartilhado não só casa, mas também a vida. Obrigado pelos momentos culturais em Salvador, as risadas, as caminhadas na orla, os sabores vindos de suas mãos, além das conversas acadêmicas e pessoais. A você, o meu muito obrigado!

À minha amiga **Profa. Rafaela Ludolf**, quem idealizou e apresentou o CSM (Centro de Serviço ao Migrante) a mim, permitindo-me viver experiências maravilhosas, dando aula de português a migrantes e refugiados e participando de outras atividades do projeto. Não posso deixar de agradecer, também, a **Amaury Silva**, advogado-mor do projeto, e **Juliana Coimbra**, a rainha das parcerias, que sempre tem um contato para solucionar problemas, obrigado pela parceria e confiança na liderança de setor do CSM e pela amizade. Agradeço a **todos(as) os(as) voluntários(as)** com quem trabalhei e coordenei/orientei como podia durante esses anos no projeto. Vocês são demais!

A **todos(as) os(as) alunos(as) migrantes do CSM**, em especial, **Ana, Hélio e Ricardo**, que, gentilmente, se dispuseram a colaborar com esta investigação. Eu aprendi e aprendo muito com as aulas e com vocês. O meu sincero e eterno muito obrigado!

À minha amiga **Elisângela Reis**, quem conheci em Salvador e me deu oportunidade de trabalhar na UAB/EaD do Instituto Federal da Bahia. Obrigado pela força, momentos alegres e por ter me ajudado quando eu precisei. Não tenho palavras para descrever o ser que você é, meiga, sempre muito paciente e resolutiva. Gratidão! Não posso deixar de agradecer, também, a **Tatiane Assunção (Tati)**, mulher guerreira, com quem tive a oportunidade de trabalhar na UaB/IFBA, obrigado pelas palavras sempre certas. Agradeço, também, **Priscila e Mira**, parceiras de equipe, e a **todos(as) que fazem a EaD/UAB/IFBA**.

À minha amiga **Alexandra Andrade**, pelos momentos além dos da academia que me proporcionou em Salvador. Obrigado pelos momentos de partilha, passeios, pelas aventuras que vivemos em conhecer a espiritualidade na terra do dendê, pelas conversas, conselhos, sobretudo pelas ajudas espirituais suas e dos guias que você carrega. Tenho muito orgulho, também, de ter participado de sua caminhada no Axé, de ter visto você renascer. Obrigado mesmo!

A todos que fazem o Grupo de Estudo e Pesquisa do CNPq, **DECOLIDE** (Decolonialidade, Linguagem, Identidade e Educação), pelas boas e produtivas discussões empreendidas presencial e remotamente.

À Banca examinadora desta tese, em primeiro lugar, por terem aceitado o convite e, em segundo lugar, pela leitura atenta, singular e pelas sugestões: banca composta pelas professoras **Dra. Terezinha Santos** e **Dra. Daniela Palma** e professores **Dr. Antônio Ferreira Silva Júnior** e **Dr. Valdiney Lobo**.

A todos(as) **os(as) professores(as) do ILUFBA** – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia e do **Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura**, sobretudo os(as) de quem fui aluno, por terem participado de minha formação acadêmica: Prof. Daniel Carvalho, Profa. Edleise Mendes, Prof. Sávio Siqueira, Profa. Márcia Paraquett, Profa. Florentina Souza e minha orientadora Profa. Livia Baptista.

Aos(às) **colegas da turma de 2018**, obrigado pelas conversas, risadas, momentos de aprendizado dentro e fora de sala. A vocês, o meu muito obrigado!

Por fim, um obrigado à minha **ancestralidade**, aos meus pais Oxóssi e Obaluaiê, à minha mãe Oxum, por me ter dado tranquilidade no Orí durante os momentos mais duros dessa trajetória, assim como toda a espiritualidade que carrego, sempre junto de mim. Gratidão!

*Se a lembrança é a presença de uma ausência, é a
presentificação de algo passado, então, por meio da
lembrança, anula-se a oposição presente/passado/futuro,
anula-se o tempo cronológico, pois a memória, ao
atualizar-se no presente, elide o limite indivisível no
presente atemporal da dureé.*

TROUCHE, André (2006)

RESUMO

A mobilidade forçada, sobretudo a que culmina no refúgio, é uma realidade complexa que se alastra por todo o planeta, em algumas regiões mais, em outras menos, de sorte que há muitas frentes de estudo sobre os vértices dessa problemática social. Levando em consideração as migrações forçadas no Eixo Sul-Sul e a partir do ponto de vista dos estudos da linguagem, em especial os da Linguística Aplicada, esta pesquisa se volta para o cenário da migração de fluxo forçado, particularmente a oriunda da Venezuela para o Brasil, na cidade de Salvador, dado que tal movimento acarreta questões de naturezas transculturais, transterritoriais e translinguísticas. Dito isso, esta tese objetiva compreender como as identidades de imigrantes venezuelanos em deslocamento forçado, no eixo do Sul Global, no contexto brasileiro, são re/construídas e transterritorializadas. Ademais, busca-se: i) investigar o papel da memória para a reconstrução das identidades dos deslocados venezuelanos no contexto brasileiro; ii) compreender de que modo as memórias são ressignificadas pelos sujeitos no deslocamento e quais as implicações para a re/construção e transterritorialidade de suas identidades; iii) analisar como as línguas, no deslocamento forçado, desde o ponto de vista do migrante em fluxo forçado, são subsídios ou obstáculos nas relações transculturais no contexto do refúgio; e, por fim, iv) discutir a relação do contexto de refugiado, da memória e das narrativas de deslocamento para a construção identitária desses sujeitos em questão. Para tanto, lançamos mão de teóricos e teorias, dentre outras, relacionadas à identidade (CASTELLS, 1996; SILVA, 2000; BAPTISTA, 2017, 2021); à superdiversidade (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT; RAMPTON, 2011); ao território, territorialidade e multi/transterritorialidade (SANTOS, 1994; HAESBAERT, 2004, 2005; HAESBAERT, MONDARDO, 2010); à Antropologia da mobilidade (AUGÉ, 2010); às narrativas de deslocamento (BAYNHAM; DE FINA, 2005; DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008; DE FINA, 2003) e, por fim, à memória (POLLAK, 1992; CANDAU, 2012) e pós-memória. Do ponto de vista metodológico, a partir dos objetivos de pesquisa, esta investigação configura-se como descritiva e explicativa, de abordagem qualitativa e perspectiva abductiva. Igualmente, a pesquisa, a partir dos procedimentos técnicos, é entendida como um estudo de caso de método biográfico. Os participantes da pesquisa foram três venezuelanos em fluxo forçado residentes em Salvador com status jurídicos de solicitação de refúgio, refugiado e/ou residência. Assim, foram geradas narrativas de deslocamento por meio de entrevistas semiestruturadas individuais, gravadas em áudio e, após, transcritas. A investigação sugere que as identidades dos migrantes em questão são reconstruídas de modo particular na mobilidade, denominadas na tese de identidades transterritorializadas. Além desses aspectos, os elementos de memória são primordiais para essa reconstrução, sobretudo em acontecimentos ligados à pós-memória, às transterritorialidades e às práticas de linguagem e translíngues no novo território de vivência. Tais questões, assim, estão conexas aos desejos do ser, do pertencer e do reexistir no novo território de (sobre)vivências.

Palavras-chave: Identidade; Transterritorialidade; Memória; Narrativas de deslocamento.

ABSTRACT

Forced mobility, especially that which culminates in the refuge, is a complex reality that spreads throughout the planet, in some regions more, in others less, so that there are many fronts of study on the vertices of this social problem. Considering the forced migrations in the South-South axis and from the point of view of language studies, especially those of Applied Linguistics, this research turns to the scenario of forced migration, particularly from Venezuela to Brazil, in the city of Salvador, given that such a movement raises questions of transcultural, transterritorial and translinguistic natures. That said, this thesis aims to understand how the identities of Venezuelan immigrants in forced displacement, in the Global South axis, in the Brazilian context, are re/constructed and transterritorialized. Furthermore, it seeks to: i) investigate the role of memory for the reconstruction of the identities of displaced Venezuelans in the Brazilian context; ii) understand how memories are resignified by subjects in displacement and what are the implications for the re/construction and transterritoriality of their identities; iii) analyze how languages, in forced displacement, from the point of view of the migrant in forced flow, are subsidies or obstacles in cross-cultural relations in the context of refuge; and, finally, iv) discuss the relationship between the refugee context, memory and narratives of displacement for the identity construction of these subjects in question. To this end, we use theorists and theories, among others, related to identity (CASTELLS, 1996; SILVA, 2000; BAPTISTA, 2017, 2021); to superdiversity (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT; RAMPTON, 2011); to territory, territoriality and multi/transterritoriality (SANTOS, 1994; HAESBAERT, 2004, 2005; HAESBAERT, MONDARDO, 2010); the Anthropology of Mobility (AUGÉ, 2010); to narratives of displacement (BAYNHAM; DE FINA, 2005; DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008; DE FINA, 2003) and, finally, to memory (POLLAK, 1992; CANDAU, 2012) and post-memory. From the methodological point of view, based on the research objectives, this investigation is configured as descriptive and explanatory, with a qualitative approach and an abductive perspective. Likewise, the research, based on technical procedures, is understood as a case study of a biographical method. The research participants were three Venezuelans in forced flow residing in Salvador with legal status of requesting refugee, refugee and/or residency. Thus, displacement narratives were generated through individual semi-structured interviews, recorded in audio, and then transcribed. The investigation suggests that the identities of the migrants in question are reconstructed in a particular way in mobility, called in the thesis of transterritorialized identities. In addition to these aspects, the elements of memory are essential for this reconstruction, especially in events related to post-memory, transterritorialities and language and translingual practices in the new living territory. Such questions, therefore, are connected to the desires of being, belonging and re-existing in the new territory of (sur)experiences.

Keywords: Identity; Transterritoriality; Memory; narratives of displacement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. DE PARTIDA: A BUSCA PELO REFÚGIO NO MUNDO SUPERDIVERSO	25
1.1 Fluxos migratórios transnacionais: uma breve perspectiva social, histórica e política	25
1.2 O fluxo forçado: refugiados	34
1.3 Os deslocados forçados no Sul Global contemporâneo: o Brasil em foco	39
1.3.1 A diáspora venezuelana Sul-Sul: o refúgio no Brasil	42
2. PELOS MEANDROS TRANSFRONTEIRIÇOS: TRANSTERRITORIALIDADE, IDENTIDADE E MEMÓRIA	52
2.1 Superdiversidade, linguagens e transterritorialidade	52
2.2. A re/construção de identidade: conceituações.	62
2.3 O re/lembrar como um devir: memória e pós-memória.....	67
3. CONHECENDO O PERCURSO DE TRAVESSIA: METODOLOGIA.....	76
3.1 Caracterização da pesquisa	76
3.2 Narrativas de deslocamento	78
3.3 Delimitação e caracterização do universo da pesquisa	86
3.3.1 O universo da pesquisa.....	86
3.3.2 Os participantes	87
3.4 Instrumentos, técnicas e procedimentos metodológicos empregados.....	92
4 O REFÚGIO: VIVENDO/INTERPRETANDO O DEVIR.....	98
4.1 O contexto de investigação e impressões antes, durante e após entrevista.....	98
4.1.1 Ana	98
4.1.2 Hélio	100
4.1.3 Ricardo	101
4.2 As construções de recordação na mobilidade forçada: memória e pós-memória	103
4.2.1 Elementos de memória e suas manifestações.....	103
4.2.2 Pós-memória.....	127
4.3 O que trouxe e o que deixei: objetos de memória.....	131
4.4 Território, multi/transterritorialidade e (re)existências social e cultural	138
4.4.1 O território familiar	139
4.4.2 O território do medo	142
4.4.3 O território funcional.....	145
4.4.4 Os territórios de resistências, existências e transterritorialidades	149

4.5 Língua e linguagem na mobilidade forçada.....	164
4.5.1 Dificuldades com o Português.....	164
4.5.2 Práticas comunicativas: reflexões translíngues	168
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	184
REFERÊNCIAS	190
APÊNDICES	198
Transcrição 01 – Entrevista Ana.....	198
Transcrição 02 – Entrevista Hélio.....	226
Transcrição 03 – Entrevista Ricardo.....	239
ANEXOS	261
A - Parecer consubstanciado do CEP da Faculdade de Farmácia da UFBA	261

INTRODUÇÃO

As memórias são parte fundante do que somos, nos constituem e nos diferenciam em relação aos outros como seres únicos, uma vez que forjamos nossas próprias experiências, e isso, portanto, marca-nos enquanto sujeito em um determinado território. Antes de falar das memórias e das construções de identidade dos migrantes transnacionais forçados objeto deste escrito, é importante ressaltar a voz que alinhava este texto, a minha, como pessoa também em fluxo.

Minha origem é cearense, nascido e criado, na maior parte do tempo, na capital Fortaleza. Como muitas pessoas, também tive fluxos de mobilidade, por vezes igualmente forçada por conta da vida complicada nas capitais, que é o caso da minha primeira mobilidade que recordo. À época, meus pais resolveram morar no interior do Ceará, numa cidade no litoral leste chamada Aracati. Morar no chamado interior sempre é mais “fácil”, porque as famílias se ajudam, e conseguir empregos – se é que algumas ocupações podem ser chamadas assim, por causa da exploração – é mais fácil. Foi nessa cidade que comecei meus estudos.

Minha mãe era empregada doméstica e me levava para a casa onde trabalhava pela manhã, ali eu ficava; pela tarde, ela me deixava numa creche pública, cujo nome não me recordo. Às vezes, eu ficava na oficina onde meu padrasto trabalhava e fazia a mesma coisa: ia pela manhã, ali ficava, pela tarde, após o almoço, ele me deixava na creche. Meus pais passavam para me buscar no começo da noite por volta das 18h00, que era o horário em que eles saiam do trabalho. Lembro-me, ainda, de ficar brincando com o porteiro, gente boa demais, “Seu Abelardo”, pois a aula terminava por volta das 17h00 e eu não poderia ficar sozinho uma hora esperando por meus pais. Nessa instituição, fiz o “Jardim II” e a “Alfabetização”.

Na mesma cidade, cursei a 1ª série do ensino fundamental numa espécie de externato, que também era uma instituição pública. Ali eu ficava das 7h00 às 18h00. Banco para dois lugares. Livros de várias matérias. A disciplina era rígida. A escola funcionava num casarão abandonado. Não recordo de muitas coisas desse tempo e território, apenas do espaço físico, do prato, colher e copo que devíamos ter cada um o seu e os livros das matérias, em especial, Estudos Sociais, pois esse material mostrava muitas coisas que eu não conhecia; tinha muitas figuras de outros lugares, pequenos mapas, eu ficava folheando-o no quintal de minha casa, debaixo de um pé de azeitona

roxa, tentando lê-lo, ao mesmo tempo em que ficava maravilhado com aqueles outros lugares possíveis e, muitas vezes, fazia as atividades passadas para casa, colando com grude que minha mãe fazia as figuras de revistas velhas nos exercícios.

No ano seguinte, voltamos para Fortaleza. Estudei numa escola estadual chamada Professora Maria Gonçalves. Nessa instituição, cursei o ciclo I e II e a 5ª série do fundamental. Lembro-me, desse período, da dificuldade em aprender a dividir, mas a professora Cláudia, sempre muito solícita, tinha paciência e disposição de repetir sempre que necessário. Além disso, eu fiquei muito ansioso para começar a estudar inglês na 5ª série, cujas aulas na sala eram a sequência das aulas que passavam na Televisão, na TV Ceará, por meio do famoso “Manual de Apoio” com aquele monte de palavra que eu não conhecia; porém, frustrei-me, porque a aula da professora se resumia a listas de palavras escritas no quadro, aprendi apenas “airport”, mas não sabia o que fazer com aquilo.

Depois, mudamo-nos de bairro por conta de uma enchente que ocorreu onde morávamos, uma vez que nossa casa ficava à beira de um braço do rio Cocó, na periferia de Fortaleza. Tive que trocar de bairro, de escola. No novo colégio, também estadual, chamado Estado do Paraná, cursei da 6ª série do ensino fundamental ao 2º ano do ensino médio. Tenho muitas memórias e amigos e amigas até hoje dessa época, momentos de gincana, de trabalho de campo, maquetes de vulcão, aulas de violão. Lembro-me da professora Alcilene, de Português, de porte alto, salto elegante, que sempre foi muito dedicada com que pudéssemos ler e escrever bem. Já o 3º ano do ensino médio o fiz numa outra escola chamada Paulo VI, pois a que eu estudava anteriormente não formou o *quórum* mínimo para abrir uma turma desse nível. Ali, também fiz muitos amigos, tive bons professores e professoras, aprendi bastante com todos e todas e me incentivaram a seguir nos estudos universitários, assim como na Escola Estado do Paraná.

Minhas vivências memorialísticas, como se percebe, são a partir da escola, porque, como a maioria das famílias humildes deste País, é a escola o lugar onde se criam não só memórias escolares, mas de vida, que junto com nossas vivências em família, na sociedade em geral, constituem-nos enquanto sujeitos. A escola foi o lugar onde eu pude entender que a mobilidade de vida, social, era possível. É claro que passei por muitos

problemas sociais, assim como também a maioria do povo brasileiro, e a escola, além de refúgio, era fôlego, era ânimo.

Após fazer cursinho, também público, ofertado pela Escola Municipal Filgueiras Lima, a custo de muita luta pelo coordenador, já que a modalidade “cursinho” não existia formalmente. Dito coordenador, saudoso Edvar, queria e lotou os professores e as professoras nas duas turmas que ofertou, pois ele acreditava na força e no lugar social que nós, alunos e alunas da escola pública, podíamos ocupar; após o ano de estudos, aprovei no Curso de Letras Português/Espanhol, na Universidade Federal do Ceará (UFC), no último vestibular próprio e, em 2009, comecei o curso. Nesse tempo, quando eu ainda estava no cursinho, morava sozinho com meu irmão Iran, pois meus pais, também por conta da dificuldade financeira, voltaram para Aracati, uma vez que o aluguel juntamente com as contas consumia muito os recursos financeiros, e o dinheiro que ganhavam não supria as necessidades e, ali naquela cidade, podiam fazer renda extra. Porém, minha mãe nos deixou em Fortaleza, numa casa menor alugada, consequentemente mais barata, para que prosseguíssemos nos estudos. Seguimos.

No curso de Letras, tudo era muito novo, as pessoas, o ambiente, as aulas, os professores e professoras que “sabiam tudo”, a “fonologia”, nome novo, nunca tinha ouvido falar, a “introdução à linguística”, tudo muito difícil e desafiador para um aluno recém-saído do ensino médio. Nesse tempo, eu ia para a aula caminhando pela manhã, cerca de 30 minutos a pé - eu morava relativamente perto - pois o sol era mais frio e voltava de ônibus à noite, por conta da insegurança. Quando a aula terminava cedo, no final da tarde, também voltava a pé para a casa, precisava economizar, pois o dinheiro que minha mãe me dava era para tudo.

Na UFC, passando pelo corredor do bloco didático, um dia, vi o edital de uma bolsa PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), R\$ 360,00 à época, foi o valor que me saltou aos olhos, as dificuldades eram grandes, e ali era uma oportunidade para ajudar nos estudos, no ir e vir, alimentação, xerox. A pesquisa era para trabalhar com práticas e eventos de letramento; eu nada entendia, não sabia o que era pesquisa, mas me aventurei. Eu me inscrevi, pedindo a todos os santos e energias que eu fosse aprovado. Entre os seis candidatos que éramos na entrevista, depois de uns dias por volta de meio dia, recebo ligação da professora Lívia Baptista, parabenizando-me pela

aprovação. Eu tinha conseguido a minha primeira bolsa, naquela sexta-feira, 9 de julho de 2010.

A ideia de pesquisa me abriu a cabeça, a universidade poderia me oferecer outros mundos possíveis, outros conhecimentos. E foi participando dos projetos do grupo de pesquisa que eu tive a oportunidade, em 2012, pela primeira vez, de dar aula de português para estrangeiros. Os alunos e alunas eram estudantes de universidades na Europa, em mobilidade acadêmica na UFC. Orientado pela professora Lívia, preparávamos as aulas com base nas dificuldades dos alunos e alunas; era mais um mundo novo e desafiador abrindo-se para mim. Aquelas aulas me ajudaram bastante a ter domínio de sala de aula e consciência da minha própria língua, da minha cultura e de quem eu sou, foi na alteridade que me reconstruí enquanto sujeito com aquelas pessoas. Até hoje, inclusive, tenho contato com alguns desses alunos, sobretudo os da Espanha, pois, à época, como era estudante de espanhol, eles também me ajudavam com a aprendizagem dessa língua e, após finalizar o curso, viramos amigos e continuamos o contato.

Também na UFC, ingressei no mestrado em Linguística, na linha de pesquisa em Linguística Aplicada, e minha pesquisa envolvia práticas de letramento visual no ensino de português, espanhol e inglês no ensino básico público, também meu contexto de trabalho à época e até hoje.

Avançado um pouco mais na cronologia da vida, escolhi – e isso é importante ressaltar, o “escolhi” – mudar de território para fazer o doutorado. A universidade anterior, UFC, fez-me professor e mestre, mas eu precisava conhecer outras realidades. Eu precisava, como diz Saramago, “sair da ilha para ver a ilha”, também palavras da Professora Lívia para me incentivar a mudar de ares acadêmicos. Assim, decidi, por vontade própria, mas “forçado” internamente a conhecer novos territórios físicos e simbólicos que me fizessem ser quem tenho tentado ser, a estudar o doutorado em Salvador, Bahia. Estudei, entre idas e vindas para a capital baiana, para a seleção do doutorado no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia e fui aprovado. Quando cheguei à capital baiana em 03 de abril de 2018, um ano após aprovar a seleção, e não tinha vindo antes por conta de burocracias do trabalho, novamente eu estava em fluxo, a 1.207 km da cidade que me gerou e dos territórios que me construíram até certo ponto, conhecendo apenas três pessoas na cidade; eram novos desafios que escolhi, novos seres a conhecer, novos territórios a pertencer, construir e distintas culturas para

compartilhar, porque isso me faria crescer como profissional, mas sobretudo como pessoa.

Os fluxos entre estados, cidades, bairros, escolas também fazem com que nos tornemos a pessoa que somos, não apenas pela troca de território, mas pelos motivos que levaram a tal mobilidade bem como pelas experiências que temos nos novos territórios físicos e simbólicos, sobretudo por (re)lembrar os antigos que nos construíram até certo ponto e que, agora, são reconstruídos. É um desconstruir-se e reconstruir-se sucessivos. Uso deste espaço para exemplificar que eu, enquanto uma das vozes deste texto, tive minhas mobilidades, minhas des/re/construções identitárias e sei que você que me lê também deve ter tido as suas des/re/construções de territórios físicos, simbólicos, de identidades. É essa identificação que busco. A história dos migrantes, em especial os em fluxo forçado, é muito similar a várias de nossas histórias e experiências, é o mudar para melhorar de vida, para ter uma chance de não apenas sobreviver, mas viver, de fato, de maneira digna.

Indo para o contexto migratório transnacional, ao abrir a televisão ou numa rápida checagem das mensagens e postagens nas redes sociais digitais, nota-se a grande quantidade de notícias e imagens tristes sobre os fluxos migratórios forçados recentes de vários povos ao redor do mundo, em especial, como o caso dos sírios, os quais, desde 2011, vivem uma guerra civil provocada pelas ressonâncias do que se tem chamado de Primavera Árabe¹. As imagens fortes do deslocamento e da morte, como, por exemplo, a do menino sírio Aylan Kurdi, de três anos, morto por afogamento quando o barco em que estava naufragou na travessia de Bodrum (Turquia) em direção à ilha de Kos (Grécia), chocam e provocam o debate sobre o porquê do refúgio, os rumos dos deslocados e refugiados, como recebê-los no país receptor. Não menos chocante, pensando no contexto da América Latina e Caribe, apenas para citar alguns exemplos, encontram-se os haitianos e os venezuelanos.

Diferentemente das conhecidas rotas de migração Sul-Norte, volto-me para o eixo dos países do Sul Global, focando nas migrações Sul-Sul, em especial na América Latina. Mas, o que, de fato, seria isso? Classicamente e objetivamente, diz-se de fluxos

¹ A Primavera Árabe é entendida como uma série de revoluções e protestos ocorridos no Norte da África e no Oriente Médio contra governos do chamado Mundo Árabe. Começado no final de 2010, os cidadãos dos países pertencentes a essas regiões têm lutado por melhores condições de vida, por regimes democráticos e por mais liberdade de expressão.

migratórios entre países em desenvolvimento. Dita mobilidade ocorre, via de regra, pela proximidade das fronteiras, pelas barreiras migratórias nos chamados países ricos, sobretudo no Norte Global, e pelo desenvolvimento econômico do país do Sul Global em relação à nação de origem do migrante.

Em 12 de janeiro de 2010, um terremoto alastrou o Haiti, cujo epicentro foi a capital Porto Príncipe. Nesse contexto e por causa das questões econômicas desse país, muitos nacionais não tiveram a opção senão emigrarem². O Brasil, pelo grande destaque econômico que tem tido nas últimas décadas e, igualmente, por liderar a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti – MINUSTAH, desde 2004, é um dos países para o qual muitos cidadãos haitianos resolveram migrar. Porém, conforme ressalva Oliveira (2017, p.1), baseado em Fernandes, Milesi e Farias (2012), não somente o terremoto provocou o grande fluxo de refugiados haitianos: “o que explica a emigração [...] é um conjunto de vulnerabilidades: instabilidade política, mazelas sociais e econômicas e catástrofes ambientais frequentes”.

Geograficamente mais próxima ao Brasil, há a Venezuela, que também tem passado por adversidades migratórias, visto que os problemas políticos, econômicos e sociais ocorridos nesse país têm obrigado a milhares de cidadãos migrarem, em especial ao Brasil, cruzando a fronteira do país, principalmente pela cidade de Pacaraima, no Estado de Roraima, em direção à capital Boa Vista, pela chamada Rota da Fome (215km).

A imigração, contudo, não é uma realidade nova. Desde muito tempo, o homem se desloca de um local a outro por motivos vários: seja por questão de sobrevivência, seja por desejos pessoais diversos. Levando em consideração a complexidade dessa realidade, especialmente no contexto do Sul Global, e tendo esta pesquisa como um impulso de visibilização dos migrantes forçados, pessoas com as quais tenho trabalhado, é que nesta pesquisa trato do deslocamento, particularmente ao que se refere aos migrantes venezuelanos em fluxo forçado no Brasil.

O refúgio, por seu turno, igualmente não é uma realidade nova. A título de exemplo, as Guerras Púnicas (264 a.C. – 146 a.C.) fizeram com que cartagineses fugissem para outras regiões do norte da África. Aliás, historicamente e de registro, as

² É importante esclarecer alguns termos usados aqui. Migrar significa deslocar-se para um outro lugar, um país, uma região. Imigrar, por seu turno, diz respeito à ação de entrar em um outro lugar, região, país distinto do seu. Emigrar, por sua vez, é a ação de sair de seu lugar, região, país de origem. Assim, um venezuelano no Brasil é migrante, emigrante em relação à Venezuela e imigrante em relação ao Brasil.

guerras são um dos fatos político-sociais que mais proporcionam deslocamentos forçados do tipo refúgio. Os séculos XIV e XV, por sua vez, também foram importantes para esse registro de migrações transnacionais, posto que foi a época em que ocorreram as grandes navegações, momento em que nações europeias invadiram territórios na América, na África e em parte da Ásia, em busca de “povoamento” (como se esses lugares não tivessem povos) e conquista, por meio de guerras e tráfico humano. Na América, por seu turno, houve uma migração transnacional forçada e violenta de várias nações africanas a muitos territórios, além de etnocídios e chacinas indígenas, deslocando, também, várias etnias. Isso, claro, teve e tem consequências nos países africanos e nos americanos até hoje, para além de uma miscigenação étnico-cultural e social a custo de muita dor e sangue.

Outro exemplo ocorreu na França, em 1685, quando o rei Luís XIV revogou o Édito de Nantes, fazendo com que os huguenotes (protestantes) fugissem para outras regiões, uma vez que o Édito, quando em vigência, dava-lhes o direito de culto e proibia a perseguição religiosa. Na contemporaneidade, por sua vez, sobretudo no século XX, pode-se citar as muitas migrações forçadas nas guerras mundiais e no pós-guerra (SILVA, 2017), em que vários grupos foram perseguidos e assassinados, tais como os judeus, os ciganos, os poloneses, por parte do partido nazista, fazendo com que se deslocassem de seus territórios para sobreviver, quando não mortos. Após as guerras, igualmente para sobreviver, ante à calamidade dos países vencidos, muitos povos, para sobreviverem dignamente, migraram para outras regiões, incluindo a América. Nesse século, houve, ainda, muitos conflitos e guerras no Oriente Médio, que resultaram em grandes ondas migratórias de refúgio, tais como a Guerra de Suez (1956), a Guerra dos Seis Dias (1967). No século XXI, por seu turno, as guerras na Síria, a invasão dos EUA ao Iraque, a Guerra do Afeganistão, a guerra entre Ucrânia e Rússia, todas proporcionaram milhares de deslocados desses países a muitas nações fronteiriças e mais distantes, como é o caso do Brasil.

Nesse contexto, embora o conceito de refugiado seja uma questão complexa no âmbito dos estudos de imigração, sobretudo no campo dos estudos de refugiados (MOREIRA, 2017), por divergências quanto à categorização, aqui o entendo conforme o

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados – ACNUR (2018, p. 2) o conceitua:

Pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados (ACNUR, 2018, p. 2).

Compreender o refúgio e o deslocamento forçado, no que tange ao refugiado e ao deslocado às suas identidades para além das questões políticas, é tarefa desta investigação, uma vez que o Brasil, segundo o Ministério da Justiça e Segurança Pública, em 2020, recebeu 28.899 solicitações de refúgio (SILVA *et al.* 2021). Assim sendo, conforme dados do relatório da ACNUR (2022) no mundo, no final do ano de 2021, um total de 89,3 milhões de pessoas foram forçadas a deixar seu local de origem. Podemos conferir, na tabela a seguir, a evolução desses números a partir de 2014 com base no Relatório de Tendências Globais do ACNUR:

Tabela 1: A mobilidade forçada em números no mundo

Ano	Quantidade
2014	13,9 milhões
2015	65,3 milhões
2016	65,6 milhões
2017	68,5 milhões
2018	70,8 milhões
2019	79,5 milhões
2020	82,4 milhões
2021	89,3 milhões

Fonte: Autoria própria, com base nos Relatório de Tendências Globais do ACNUR desde 2014 a 2021

A partir desse panorama, portanto, esta tese tem por objetivo geral compreender como as identidades de imigrantes venezuelanos em deslocamento forçado, no eixo do Sul Global, no contexto brasileiro, são re/construídas e transterritorializadas. Como singular pressuposto, entendo que o deslocamento forçado, como é o caso dos refugiados,

faz com que as identidades desses sujeitos se re/construam e se transterritorializem de modo particular, dado que esse movimento acarreta questões transculturais, transterritoriais e translinguísticas, sobretudo pelos motivos que levaram a migrar. Nesse sentido, a relação entre memória e pós-memória no deslocamento desses indivíduos pode trazer indícios que possibilitem compreender a dinâmica da reconstrução identitária desses sujeitos.

Os objetivos específicos, por seu turno, são os seguintes:

- Compreender qual o papel da memória para a reconstrução das identidades dos deslocados forçados venezuelanos no contexto brasileiro.
- Analisar como as memórias são ressignificadas pelos sujeitos no deslocamento e quais as implicações para a re/construção e transterritorialidade de suas identidades.
- Investigar como as línguas, no deslocamento forçado, desde o ponto de vista do migrante em fluxo forçado, são subsídios ou obstáculos nas relações transculturais no contexto do refúgio.
- Discutir a relação do contexto de refugiado, da memória e das narrativas de deslocamento para a (re)construção identitária desses sujeitos.

Com base nos objetivos anteriormente apresentados, elenco, a seguir, perguntas de pesquisa, os problemas.

- Qual o papel da memória para a reconstrução das identidades dos deslocados forçados venezuelanos no contexto brasileiro?
- Como as memórias são ressignificadas pelos sujeitos no deslocamento e quais as implicações para a re/construção e transterritorialidade de suas identidades?
- Como as línguas, no deslocamento forçado, desde o ponto de vista do migrante em fluxo forçado, são subsídios ou obstáculos nas relações transculturais no contexto do refúgio?
- Qual a relação do contexto de refugiado, da memória e das narrativas de deslocamento para a (re)construção identitária desses sujeitos?

No que diz respeito aos trabalhos feitos na área, alguns pesquisadores ligados às Ciências Humanas já pesquisaram a relação identidade e imigração. Rojas-Fernandez (2011) investigou, por meio da história oral de vida, o processo i/emigratório chileno e o dilema da construção de identidade desses chilenos na cidade de Campinas (SP); seu

trabalho foi realizado no campo de estudos da História Social. No âmbito da Antropologia Social, Mejía (2010, p 11) investigou a “desterritorialização geográfica e existencial, experimentada por viajantes forçados colombianos refugiados nas cidades de São Paulo e Barcelona”.

No âmbito dos Estudos da Linguagem, Krug (2004) trabalhou com descendentes de imigrantes alemães e de italianos, investigando o papel da língua na constituição da identidade e etnicidade desses sujeitos. Peixoto (2013), por seu turno, investigou imigrantes albergados em uma casa em São Paulo, analisando como a língua-cultura (sic.) incide na construção identitária desses sujeitos. Já Silva (2014) pesquisou o papel da língua portuguesa na construção da identidade de professores imigrantes de línguas estrangeiras. Costa (2016), por sua vez, ancorado nos pressupostos da Análise de Discurso, analisou como a relação entre língua e cultura produz identificações do sujeito imigrante haitiano na cidade de Chapecó (RS).³

O trabalho de Lamsal (2014), por sua vez, das pesquisas que fiz no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, é o que mais se aproxima de nossos objetivos. A pesquisadora, por meio de uma etnografia crítica, investigou como a língua(gem) e o letramento moldam identidades sociais e práticas culturais de refugiados butaneses nos Estados Unidos. Esta tese, no entanto, foca nas narrativas de deslocamento, por meio do estudo de memórias, de deslocados forçados venezuelanos radicados na cidade de Salvador/BA, Brasil, e como suas identidades se re/constroem e transterritorializam, entendendo tal identidade como um objeto múltiplo e os deslocados e refugiados como trans-sujeitos, na medida em que o contexto contemporâneo, sobretudo no Sul Global, é superdiverso (VERTOVEC, 2007) e, assim, tal questão envolve aspectos transculturais, transespaciais e translíngues, como já apontado, fazendo com que essas identidades sejam fluidas, isto é, fiquem, nos termos de Bhabha (1998), num entre-lugar.

Para esta investigação, é imperativo que tenhamos claro alguns conceitos importantes, em especial, os tocantes à superdiversidade (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT; RAMPTON, 2011); à identidade (CASTELLS, 1996); à

³ Há pesquisas que tratam da imigração e o ensino de português como língua de acolhimento de modo mais específico. No entanto, por não ser objetivo principal a questão do ensino e aprendizagem nesta tese, prefiro não as comentar. Caso o(a) leitor(a) deseje conhecê-las, seguem algumas referências: Peres (2015), Pereira (2016), São Bernardo (2016) e Sene (2017).

transterritorialidade (SANTOS, 1994; HAESBAERT, 2004, 2005; HAESBAERT, MONDARDO, 2010); às narrativas de deslocamento (BAYNHAM; DE FINA, 2005) e, por fim, à memória (POLLAK, 1992; CANDAU, 2012). É dentro desse *bricoleur* teórico que desenvolvo o trabalho.

Ademais, anoro-me nas epistemologias da decolonialidade, para compreender, especificamente, o refúgio de imigrantes em deslocamento forçado do Sul para o Sul e a partir do Sul. Sendo assim, as migrações mudam a diversidade social, cultural e linguística da sociedade por todo o mundo (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011). Para compreender essa questão, lanço mão da noção de superdiversidade, termo cunhado por Vertovec (2007), para quem o referido conceito, no contexto de migração, não deve ser entendido apenas em termos de nacionalidade, religião, etnicidade ou linguagem, mas também em relação a “motivos, padrões e itinerários de imigração, processos de inserção no mercado de trabalho e mercados de habitação nas sociedades etc.”⁴ (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011, p. 1).

Os fluxos transnacionais, assim, fazem com que as culturas, as línguas ditas nomeadas se misturem, provocando, desse modo, fenômenos transculturais e translíngues, na medida em que o movimento não é apenas de cunho geográfico, e os motivos que levam a tal mobilidade são bastante importantes nessa compreensão. Nesse processo, a identidade dos imigrantes, em especial a dos deslocados forçados, refugiados, também é afetada. Lidar com uma realidade outra é ter de negociar outros valores, outras práticas linguísticas, outras questões socioculturais; é ter de re/construir sua identidade linguística, social, cultural-étnica, num contexto multilíngue e multiétnico, do qual o sujeito é parte da construção e é, ao mesmo tempo, afetado por dito contexto. As memórias, nesse âmbito, tornam-se um dos meios pelos quais pode-se investigar a re/construção das identidades, de modo que compreender esse processo, no público dos deslocados, em nosso caso o venezuelano, é uma das tarefas desta pesquisa.

Para atingir os objetivos pretendidos, dividi esta tese em quatro capítulos principais com subseções, excetuando-se os capítulos *introdução* e *considerações finais*. No capítulo intitulado *Introdução*, apresento a justificativa do trabalho, bem como mostro os objetivos geral e específicos. Ademais, faço um levantamento de teses e dissertações que focalizaram a relação (in)direta entre identidade, narrativa, linguagem e

⁴ Tradução livre minha de: "motives, patterns and itineraries of migration, processes of insertion into the labour and housing markets of the host societies, and so on" (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011, p. 1).

migração/refugiados.

No primeiro capítulo, intitulado *De partida: a busca pelo refúgio no mundo superdiverso*, contextualizo a problemática do refúgio, abordando aspectos relacionados aos fluxos migratórios transnacionais, desde uma perspectiva social, histórica e política. Além disso, trato do caso dos deslocados refugiados no eixo do Sul Global, migrações do tipo Sul-Sul, com foco para os venezuelanos no Brasil, grupo participante desta investigação.

No segundo capítulo, intitulado *Pelos meandros transfronteiriços: transterritorialidade, identidade e memória*, desenvolvo conceitos teóricos caros à tese relacionados à fronteira, à re/construção e transterritorialidade de identidade bem como à memória e à pós-memória.

No terceiro capítulo, cujo título é *Conhecendo o percurso de travessia: metodologia*, mostro como a pesquisa se caracteriza, como a desenvolvi, os instrumentos e técnicas utilizados, bem como os procedimentos metodológicos empregados. Ademais, foco na discussão de narrativas de deslocamento, conceituação-chave para entender o tipo de narrativa gerada nesta pesquisa, a qual é instrumento para geração dos dados bem como fonte para compreensão e interpretação das problemáticas levantadas na pesquisa.

O quarto capítulo está destinado à análise dos dados e intitula-se *O refúgio: vivendo/interpretando o devir*. Logo em seguida, há as considerações finais da investigação, as referências utilizadas, o apêndice e os anexos.

1. DE PARTIDA: A BUSCA PELO REFÚGIO NO MUNDO SUPERDIVERSO

Compreender o cenário internacional e nacional dos fluxos migratórios é tarefa básica e complexa para, então, problematizar algumas questões que envolvem essa problemática. Neste capítulo, discuto e elucido conceitos relacionados à teoria da migração e, desde uma perspectiva social, história e política, o panorama dos fluxos migratórios, em especial, no que concerne ao ocorrido a partir do século XIX, no Sul Global, notadamente no Brasil. Em seguida, trato, de maneira mais específica, dos deslocados forçados, em especial os refugiados, no cenário internacional contemporâneo e, a seguir, no Sul Global no contexto brasileiro, tendo como foco a migração Sul-Sul da diáspora venezuelana.

1.1 Fluxos migratórios transnacionais: uma breve perspectiva social, histórica e política

A migração, como mencionado, não é uma realidade moderna. Se pararmos para pensar um pouco, desde sempre o ser humano migrou em busca, comumente, de melhores condições de vida. Tal deslocamento, em geral, era, e segue sendo, espontâneo ou forçado, pela própria vontade do sujeito ou pela de terceiros.

Dentro dos estudos sobre migração, há dois tipos de movimento: os fluxos migratórios internacionais/transnacionais e os internos. Enquanto naqueles os sujeitos se deslocam (ou os deslocam) para outras nações, nestes o processo se dá dentro do próprio país de origem, ou seja, entre as cidades, regiões do território. Nesta tese, assim, trato dos fluxos migratórios internacionais, notadamente dentro da problemática dos refugiados, a qual se caracteriza como um deslocamento forçado, no contexto do Sul Global.

No que diz respeito às prováveis motivações da migração, há os fatores de atração e os de repulsão. Com relação aos de atração, o sujeito busca, no outro lugar, as boas situações socioeconômicas e sociopolíticas para desenvolver seus objetivos pessoais, ou seja, melhores condições de vida. Para efeito de exemplificação, pode-se falar do “sonho americano”, ideal surgido nos Estados Unidos da América, de uma vida com mais liberdade e felicidade; essa ideia propagandeava as boas condições social, econômica e política do país, fazendo com que muitos latino-americanos se sentissem - e ainda se sintam - atraídos a migrarem para ali.

Já no que tange aos fatores de repulsão, há as mesmas características dos de

atração, porém com efeitos negativos, ou seja, más condições socioeconômicas, políticas e naturais. Dentro desse panorama, há vários exemplos a serem dados, porém cito, aqui, os fluxos migratórios oriundos dos seguintes problemas sociopolíticos mais recentes e que tiveram o Brasil como destino de deslocados: Guerra na Síria, originada dentro do contexto da Primavera Árabe (2011); os seguidos problemas no Haiti: um terremoto de 7 graus na escala Richter, em 2010, que devastou o país, três anos seguidos de seca causada pelo fenômeno climático *El niño* logo após o terremoto e, ainda, o furacão Matthew, em 2016.

Figura 1: Guerra civil na Síria



Fonte: Reuters, por Bassam Khabieh.

Figura 2: Terremoto no Haiti (2010)



Fonte: Reuters

Uma das consequências da Guerra Civil na Síria e do terremoto, em 2010, no Haiti e de outros problemas políticos, sociais e naturais, para além das muitas mortes, pobreza e outras situações subumanas, foi a grande migração forçada causada por esses fatores de repulsão, desses povos para outras regiões próximas ou mais distantes do seu lugar. Essa mudança de território, não obstante, não é garantia de melhores condições políticas, sociais, econômicas e melhoria de vida no geral, uma vez que isso também está atrelado às políticas de Estado que as nações (não) possuem para esse público.

Dentro desse panorama social, político e histórico, é necessário compreender como os países receptores lidam com os migrantes, sejam os espontâneos, sejam os forçados, a partir de suas políticas públicas. Será que há hospitalidade? Será que os estudos sobre migração, desde seus inícios, entenderam esse fenômeno social desde o ponto de vista sociológico, humano e político?

Para adentrar a essa discussão, é necessário compreender que a migração não era um tema de tão relevância para os estudos sociológicos da virada do século XIX para o século XX (SASAKI; ASSIS, 2000). Nesse contexto, Richmond (1988) analisou as ideias de Malthus, Marx, Durkheim e Weber sobre essa questão.

Para Malthus, a migração era um problema inevitável da superpopulação, o que gerava pobreza. Já Marx, discordando de Malthus, entendia essa problemática desde o ponto de vista da luta de classes, em que os empreendedores capitalistas baixavam os salários para aumentar seus ganhos. Durkheim, por sua vez, segundo Sasaki e Assis (2000, p. 3) “reconhecia claramente a migração como um dos fatores de quebra das comunidades tradicionais mantidas juntas pelos laços de solidariedade mecânica”. Por fim, Weber, assim como Marx e Durkheim, detinha sua atenção na questão da imigração na relação entre o crescimento do capitalismo e as consequências da industrialização. Em suma:

Para estes autores, portanto, a migração era analisada como consequência do desenvolvimento do capitalismo, que, por sua vez, dá-se através da industrialização, urbanização e mobilidade populacional. Assim, a migração é uma preocupação secundária para estes autores, naquele contexto (SASAKI; ASSIS, 2000, p. 3).

Por sua parte, os sociólogos norte-americanos, após os intensos fluxos migratórios aos países da América, em especial ao seu, logo no início do século XX, notaram tal fluxo como problema, gerando alguns estudos à época sobre tal situação e fomentando

discussões sobre o que viria a ser a Sociologia Urbana e a Sociologia do Desvio. Dentro desse panorama e a partir de intensos debates, a Escola Sociológica de Chicago retoma esses estudos a partir de várias direções de análise. Essa escola, identificada como de atividade por Becker (1996), nasce na Universidade de Chicago e se debruçava, em especial, sobre os grandes problemas que, no pensamento deles, os EUA, e em especial a cidade de Chicago, enfrentavam à época, final do século XIX e início do XX, a saber, a pobreza e a imigração. Tendo isso em vista, estudavam a violência juvenil, em especial a ligada aos filhos de imigrantes na cidade; *gangs* e outros temas, tais como: as profissões, a eugenia e a disposição dos grupos étnicos na cidade (BECKER, 1996).

A Escola, portanto, de modo geral, com seus autores seminais, sobretudo Robert Park, foca em entender que aos imigrantes ocorreria uma completa assimilação da cultura e da estrutura estadunidense, ou seja, uma americanização, o que ficou conhecido como *melting pot*. Desse modo, o termo americanização, assim como outros usados, a exemplo de “inglesar”, “germanizar”, “tem a intenção de descrever o processo pelo qual a cultura de uma comunidade ou de um país é transmitida para um cidadão por elas adotado. De forma negativa, a assimilação é um processo de desnacionalização” (PARK; BURGESS, 2014, p. 135). Esse processo, advertem os autores, começou com o afluxo migratório para os Estados Unidos da América no século XX, com pessoas que “abandonaram as lealdades políticas do país de origem, e estão, gradualmente, adquirindo a cultura do novo” (PARK, BURGESS, 2014, 135). Colocam o processo de “assimilação” no bojo das migrações voluntárias e que não eram tão voluntárias assim, uma vez que havia fatores de repulsão, notadamente as guerras mundiais, desconsiderando o processo escravagista norte-americano, a grande população de negros escravizados. A ideia do conceito de assimilação consistia em que todos esses imigrantes, dentro de um processo gradual, passassem a sentir, agir e pensar de modo igual aos norte-americanos. Em suma, de acordo com a perspectiva norte-americana:

a ideia de *melting pot* estava associada à perspectiva de assimilação dos imigrantes europeus e definia um processo social de paulatina perda cultural com aceitação do modo de vida e do nacionalismo/patriotismo americano, supondo integração. Na perspectiva americana, tal processo integrativo incorporava nacionalidades européias, mas excluía as “raças” (negros, indígenas, asiáticos, etc.) (SEYFERTH, 2000, p. 171).

Tais teóricos acreditavam que a sociedade estadunidense assimilaria as populações minoritizadas oriundas de outras nações (SASAKI; ASSIS, 2000), ainda

que com processos de conflito e acomodação. Não obstante, tal processo não ocorreu, uma vez que os sujeitos se juntaram e os grupos resistiam a essa ideia, visto que queriam “manter” suas identidades étnicas, seus costumes, a despeito do projeto de americanização, como o promovido por meio do ensino de língua inglesa, por exemplo, além do racismo e xenofobia que alguns grupos étnicos sofriam à época e sofrem até os dias de hoje. Nos anos de 1960, a repulsão ao conceito de *melting pot* foi mais forte, evidenciando, nos estudos migratórios, um *revival* étnico (SASAKI; ASSIS, 2000). No entanto, é importante ressaltar que desde os anos 20, auge do assimilacionismo, já existiam perspectivas relativamente contrárias, tais como a do Pluralismo Cultural, para o qual as “diversidades étnicas [constituíam] um fator positivo para a convivência social, desde que não prejudiquem a estabilidade do ‘credo americano’” (GOMARASCA, 2012, p. 13).

A superação da tendência do *melting pot* se dá, portanto, nos anos 70, acompanhada pela perspectiva do multiculturalismo, que dava à diferença étnica um *status* de valor positivo. Isso se dá, claramente, pelo descontentamento, segundo Gomasasca (2012), em que muitos grupos, inclusive étnicos, não aguentavam mais ser tolerados e, agora, queriam ser ouvidos, ter sua própria voz, seguidos de movimentos contrários à Guerra no Vietnã, os movimentos estudantis norte-americanos e europeus, as ideias feministas, por exemplo.

É importante, nesse contexto, deixar clara a evidência, nos estudos clássicos mencionados, que há uma timidez em tratar os fluxos migratórios desde uma perspectiva mais humana, pensando nas relações sociais assimétricas que há no cotidiano do migrante nos países/territórios que o recebem. Pensar o lado humano, assim, é ter como foco, também, os processos de subjetivação que ocorrem no processo de mobilidade, bem como questões que envolvem empregabilidade, saúde, moradia digna etc. para a população. Observa-se, assim, que esses estudos tinham especial interesse nas questões que atravessavam a população estadunidense e, quando voltados aos imigrantes de fato, estes versavam sobre possíveis processos assimilacionistas e de aculturação, justamente percorrendo a ideia de que a população migrante se “integrasse”, fosse “incluída” em sua sociedade, causando as menores mudanças possíveis na estrutura social.

Desde uma perspectiva mais humana e transnacional dos estudos migratórios, podemos citar as ideias de Massey (1990) e Tilly (1990), que destacam a importância das redes sociais no processo de solidariedade bem como no da promoção da confiança de

melhorias de vida no país para onde se migra. Ademais, entender esses sujeitos como transnacionais dissolve o conceito de *melting pot*, pois o indivíduo, ao migrar, carrega consigo suas identidades étnicas, linguísticas etc. e, no local, ao longo da vivência e por meio das variadas experiências e papéis que desempenhará na sociedade, re/construirá e transterritorializará essas identidades. Ainda de acordo com essa ideia, concordo com Sasaki e Assis (2000, p.11), baseados em Tilly (1990), quando dizem que:

Os emigrantes levam consigo suas identidades étnicas [linguísticas etc.] que se alteram no contexto de migração, nas relações com a sociedade de destino e com outros grupos de migrantes. Assim, alguns elementos de identidade do país de origem são eleitos, negociados e reconstruídos no contexto de migração. Portanto, ao invés de um “transplante” coletivo, há uma recriação seletiva de laços sociais (SASAKI; ASSIS, 2000, p. 11).

Após compreender a tomada de posição dos estudos sobre a migração advindos desde uma perspectiva que considerava, substancialmente, os aspectos econômicos do processo a uma perspectiva mais humanística, ou seja, que leva em conta os das relações e práticas sociais, e esse é o meu ponto de vista dentro da Linguística Aplicada, reflito, nos parágrafos seguintes, sobre os fluxos migratórios na virada do século XIX para o XX, no Sul Global, notadamente no Brasil.

No período da Primeira República (1889-1930), o Brasil e outros países da América, sobretudo os Estados Unidos e a Argentina, receberam vários imigrantes. Essa imigração, no Brasil, foi de tipo rural, com especial atenção à agroexportação, porém houve também a agricultura de base familiar. Os estados do Sudeste foram os que mais receberam imigrantes, especialmente São Paulo. Já no Nordeste, ainda que houvesse deslocamentos, eram de tipo urbano e muito incipientes em relação aos estados do Sudeste e os do Sul (BIONDI, 2015).

Biondi (2015) separa a migração para o Brasil, no período em questão, em dois tipos: rural e urbana. Ele destaca que a migração rural foi estabelecida pela agroexportação e caracterizada por uma política de imigração conhecida por subvencionada⁵; por trás disso, também, estava a ideia de um embranquecimento e a

⁵ A imigração subvencionada é caracterizada pela "facilitação ou concessão de auxílio em dinheiro para a compra de passagens de imigrantes e para sua instalação inicial no país. Aprovada em 1871, logo após a Lei do Ventre Livre, foi, inicialmente, uma iniciativa de fazendeiros. No decorrer do tempo, entretanto, a participação destes foi sendo transferida cada vez mais para os governos, provinciais e imperial, até 1889, e, posteriormente, estaduais e federal. Estendeu-se de 1870 a 1930 e visava a estimular a vinda de

europização da população. Em geral, o perfil do imigrante subvencionado era o europeu pobre, que vinha ao Brasil com o desejo de conseguir sua propriedade de terra. Frente aos abusos de trabalho dos donos dos latifúndios, alguns voltaram para suas nações e outros seguiram lutando por melhorias nas condições de trabalho e de vida.

A possibilidade de se tornarem pequenos proprietários no Brasil, vislumbrada antes da experiência real de vida no país, era um excelente fator de atração para milhões de camponeses europeus sem terra ou em processo de deterioração dos seus contratos de parceria ou, ainda, em vias de perder suas pequenas propriedades. O Brasil parecia permitir a possibilidade de fugir do espectro da fome e da dependência, de quebrar os laços de subalternidade originários, de preservar ou adquirir a condição de camponês independente, de salvaguardar a cultura camponesa, o núcleo familiar e as redes parentais e comunitárias, ainda que estas tivessem que ser reproduzidas em um contexto desconhecido (BIONDI, 2015, p. 7).

No que diz respeito aos nacionais e grupos étnico-raciais no processo imigratório da época em questão, em sua maioria foram camponeses brancos de origem europeia. Segundo Reis e Andrade (2008), tal fluxo esteve baseado, também, no projeto de embranquecer e “civilizar” a população brasileira, como já mencionado, porque a miscigenação negra e indígena, segundo se pensava, era algo que atrasava a nação.

Entre os europeus que tiveram bastante representatividade nessa fase imigratória no Brasil, havia os italianos, a maioria oriundos das regiões de Vêneto, seguido da Campânia, Calábria e Lombardia e outras regiões. Ou seja:

Inicialmente foram italianos da região setentrional – preferidos, pois considerados mais louros e altos –, em grande maioria pequenos proprietários, arrendatários ou meeiros, para quem a possibilidade do acesso à terra era um estímulo decisivo para o empreendimento da arriscada viagem. Eles foram imediatamente sucedidos por meridionais - identificados como mais pobres, rústicos e “morenos”, geralmente camponeses que não dispunham de nenhuma economia e eram chamados de *braccianti*. Mas em qualquer dos casos, neste período, dava-se preferência à imigração de famílias e não de indivíduos isolados: famílias numerosas, de cerca de uma dúzia de pessoas, e integradas por homens, mulheres e crianças de mais de uma geração (GOMES, 2007, p. 164).

imigrantes: as passagens eram financiadas, bem como o alojamento e o trabalho inicial no campo ou na lavoura. Os imigrantes se comprometiam com contratos que estabeleciam não só o local para onde se dirigiriam, como igualmente as condições de trabalho a que se submeteriam. Como a imigração subvencionada estimulava a vinda de famílias, e não de indivíduos isolados, nesse período chegavam famílias numerosas, de cerca de uma dúzia de pessoas, e integradas por homens, mulheres e crianças de mais de uma geração" (IBGE, s/p, 2018).

Já os espanhóis eram oriundos, em sua maioria, das regiões da Andaluzia, Galiza e Castela e Leão. Os dados que se tem de entrada e saída desse grupo não são muito confiáveis, por conta do incipiente registro de informações, tais como origem, sexo, estado civil, profissão, porém estima-se que, em sua maioria, eram jovens, desacompanhados, de origem rural e costumavam declarar-se como agricultores, por conta do projeto de subsídio (GUIMARÃES; VAINFAS, 2007).

Os portugueses, por sua vez, tiveram, ao longo da história do Brasil, sucessiva e contínua mobilidade para o Brasil, passando de colonizadores a imigrantes, fase esta retratada em questão denominada de Imigração de Massa. Em sua maioria, eram pequenos proprietários rurais e provinham do Norte de Portugal, sobretudo da região do Minho, de origem pobre; destaca-se, ainda, a grande quantidade de mulheres e crianças órfãs ou abandonadas (VENÂNCIO, 2007).

Os alemães também tiveram presença expressiva no Brasil; apesar de os primeiros terem chegado ainda no reinado de Dom Pedro I, foi no final do século XIX e princípio do XX que a quantidade de imigrantes aumentou significativamente. Segundo Gregory (2007, p. 145), de população branca, “a região do Hunsrück forneceu o maior contingente de imigrantes camponeses para as colônias da Região Sul, os quais, majoritariamente, eram católicos e falavam o dialeto alemão hunsrück”. Porém, destacam-se, também, pessoas oriundas da Pomerânia, Renânia, Prússia e outras regiões.

Logo em seguida, vinham os poloneses, lituanos, ucranianos, húngaros, austríacos que tinham, de modo geral, as características étnico-raciais brancas, objetivavam, assim como as outras populações, estabelecer-se no Brasil e trabalhar na agricultura e possuir terras, e do ponto de vista do Brasil, povoar certas regiões, embranquecendo-as e “civilizando-as”.

Os judeus, grupo étnico-racial vasto e diverso, também tiveram lugar dentro do contexto de imigração em questão. Em sua maioria, eram brancos e vinham da Europa Oriental, em especial após a Primeira Guerra Mundial, mas também tiveram muitos judeus ingleses e franceses comerciantes que migraram para o Brasil (GRINBERG, 2007), como também judeus marroquinos, de modo que grande quantidade desse último contingente populacional se instalou no Nordeste, sobretudo na Bahia e em Pernambuco, e no Norte, nas regiões ribeirinhas da Amazônia. João do Rio, apontando para a diversidade desse povo, descreveu, em suas crônicas de 1904, o seguinte: “havia gente

morena, gente clara; mulheres vestidas à moda hebraica de túnica e alpercata, mostrando os pés, homens de chapéus enterrados na cabeça, caras femininas de lenço amarrado na testa e crianças lindas” (GRINBERG, 2007, p. 131). É importante ressaltar, ainda, que:

Consta que, na década de 1920, 30.000 judeus entraram no País, perfazendo um total de cerca de 60.000 em 1930. Além da Europa Oriental, provinham imigrantes de todas as regiões do então esfacelado Império Otomano, como Turquia, Grécia e Rodes (GRINBERG, 2007, p. 134).

Havia, ademais, os povos árabes que provinham, em sua grande maioria, do Líbano e da Síria e, em menor quantidade, da Turquia, do Iraque, da Palestina e do Egito. Esses povos, basicamente como os europeus, imigraram por conta de questões econômico-sociais em relação à estrutura agrária de seus países e, ainda, por questões religiosas (MOTT, 2007). A maioria dessa população se instalou em São Paulo e no Rio de Janeiro.

O Extremo Oriente também teve lugar nas ondas migratórias ao Brasil do século XX, com os japoneses. Apesar da resistência para com esse povo por parte do governo, incluindo decreto de restrição de entrada, era argumentado que os japoneses eram não assimiláveis, impossibilitados de uma integração local, e esse discurso era endossado pelo “perigo amarelo”, taxando esses povos como grupo étnico-racial inferior, bem como pela campanha da elite no processo de embranquecimento e “civilização” do povo brasileiro, cujo foco eram os europeus, únicos que podiam “civilizar” o Brasil. Por conta da escassez de terras e endividamento de camponeses, a emigração por parte do Japão foi fomentada, inicialmente, para os EUA e, quando da proibição nesse país, vieram para o Brasil. A maioria dos japoneses se fixou em São Paulo e no Paraná.

A imigração urbana, por seu turno, foi de duas formas: i) alguns imigrantes saíam da região rural e iam às zonas urbanas por conta da má qualidade de vida e ii) outros chegavam da Europa e já permaneciam na região urbana. As cidades dos Estados do Sul e Sudeste, assim como no tipo de imigração rural, eram as que mais recebiam essa população.

Refletindo sobre esse processo e esse contexto, o imigrante era, de certa forma, um deslocado forçado e/ou refugiado, ainda que os processos de deslocamento fossem outros e essa denominação ainda não existisse, pois buscava, no Brasil, possibilidades de uma vida melhor, ao mesmo tempo em que fugia das calamidades de seu país. Nesse

contexto, assim, tentava reconstruir sua vida e, por conseguinte, suas identidades também eram reconstruídas e transterritorializadas no contexto receptor, no refúgio.

Após compreender o fluxo migratório transnacional de alguns povos em busca de melhores condições de vida e refúgio, a despeito das políticas imigrantistas brasileiras, ocorrido na virada do século XIX para o XX no Brasil, discorro, a seguir, de modo mais objetivo, sobre a problemática dessa mesma busca por uma melhoria de vida e fuga das mazelas de seus territórios, em concreto, sobre os deslocados forçados, os refugiados.

1.2 O fluxo forçado: refugiados

Entender a problemática do fluxo forçado e dos refugiados na contemporaneidade é tarefa complexa por alguns motivos: é necessário apreender as causas imediatas que levam alguém a migrar de modo forçado, bem como refletir sobre o papel das hegemonias ideológicas por detrás dos fluxos migratórios transnacionais contemporâneos. Ademais, é imperativo pensar no sistema político-econômico que sustenta e retroalimenta o drama do deslocamento forçado e do refúgio, principalmente, no tocante à política neoliberal capitalista.

Uma política tal como o capitalismo embasado e sustentado pelo projeto econômico neoliberal, cujo foco é o acúmulo do capital por parte de uma minoria elitista, liberdade de mercado, privatizações, além de regulações sociais hegemônicas baseado no poder bélico, que promovem guerras e, assim, restrições político-econômicas, junto à falta de direitos igualitários de competitividade nem de desenvolvimento social, cultural e econômico é um contexto chave para a promoção de deslocamentos forçados, sobretudo porque, quando o mercado está em crise, já que o sistema capitalista é uma engrenagem complexa, as reações negativas que são o desemprego, a precarização do trabalho, a fome, a falta de poder aquisitivo, o aumento de violências recaem, sobremaneira, para a população mais pobre, que é obrigada a sair de seu território para sobreviver. Sendo assim, se pararmos para pensar de modo mais contundente, as pessoas são expulsas de seus territórios e territorialidades, o que Diego Fusaro (2017) chama de deportação de massa, e não de imigração de massas.

É fruto dessa perspectiva política e econômica, também, discursos que cognominam migrantes como aqueles que roubam empregos dos nacionais ou como pessoas inúteis para uma nação; daí instauram-se políticas, por meios de leis, decretos,

que restringem direitos sociais e civis a esse público. Se o sistema que o expulsa de seu território de origem é baseado nessa concepção, o território de destino que o recebe, via de regra, também está eivado da mesma concepção. Assim, essas pessoas:

vivem na miséria, humilhação e ignomínia numa sociedade pronta para rejeitá-las, ao mesmo tempo que ostenta a glória de seu inédito conforto e opulência; tendo sido rotineiramente desprezadas, repreendidas e censuradas por essas “outras feras humanas”, nossas “lebres” sentem-se ofendidas e oprimidas, ao serem subestimadas e terem seu valor negado por outras pessoas; e ao mesmo tempo reprovadas, ridicularizadas e humilhadas pelo tribunal de sua própria consciência, em função de sua incapacidade por demais evidente de se nivelar àqueles que lhes estão acima (BAUMAN, 2017, p. 17).

Os fluxos migratórios internacionais contemporâneos, do ponto de vista ocidental, aumentaram, dentre outros motivos, no final da primeira Guerra Mundial e se intensificaram no final da Segunda, quando muitas famílias, sobretudo europeias, buscaram reconstruir suas vidas longe das adversidades que ditas guerras haviam deixado, como também já salientado. Nessa época, então, como já disse, o Brasil recebeu muitos imigrantes – forçados –, ainda que isso tenha sido por meio de uma política imigrantista, pautada no viés racial, com foco primordial no embranquecimento da população⁶; no entanto, outros povos, além dos europeus, chegaram ao Brasil, ainda com resistência, justamente por conta do viés étnico, tais como os japoneses, por exemplo, como já discorri anteriormente.

Sobre a imigração de modo geral, é importante destacar questões como o sentimento de pertencimento, de mobilidade, de permanência e inserção em um outro contexto de vida. Nesse âmbito, pode-se destacar o que Sayad (1998) chama de dissimulação de si mesmo sobre sua própria verdade, e isso é dito porque

Por não conseguir sempre pôr em conformidade o direito e o fato, a imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade (SAYAD, 1998, p. 45).

As contradições de sentimento no refúgio podem girar em torno do que o citado autor aponta, sobretudo no que diz respeito à relação entre provisoriedade e duradouro,

⁶ Para compreender um pouco mais sobre as políticas imigratórias no Brasil, sobretudo em relação às do final do século XIX e início do XX, sugiro os textos de Maiquel Wermuth (2020) e Lílian Schwarcz (2011).

de modo que é importante levar em consideração questões sobre a subjetividade à hora de se estudar as questões de migração, em especial as transnacionais em mobilidade forçada. Permanecer no lugar receptor é deixar de sofrer certas mazelas sociais, políticas, é seguir vivendo sem certos danos; porém, esse mesmo permanecer traz consigo outras lutas que, hoje, com a difusão midiática, o migrante, de certo modo, já sabe o que lhe espera, mas também pode encontrar outros “monstros”. Há discursos históricos de necessidade da imigração, dos imigrantes, para vários fins – terríveis alguns – mas, sobretudo, por questões econômicas. Assim, em dados momentos históricos, imigrantes eram “necessários”, tinham utilidade social (algumas controversas, tais como a de branqueamento no Brasil do século XIX e XX) e econômica. No tocante aos refugiados, o discurso é diferente, eu diria inverso. E isso porque, para algumas sociedades, em especial as ditas modernas,

Imigração e imigrantes só têm sentido e razão de ser se o quadro duplo erigido com o fim de contabilizar os “custos” e os “lucros” apresentar um saldo positivo – idealmente, a imigração deveria comportar apenas “vantagens” e, no limite, nenhum “custo”. Como maximizar as “vantagens” (principalmente as vantagens econômicas) da imigração, reduzindo ao mesmo tempo ao mínimo o “custo” (notadamente o custo social e cultural) que a presença dos imigrantes impõe? Esta é uma formulação que, ao mesmo tempo que condensa em si toda a história do fenômeno da imigração, revela a função objetiva (ou seja, secreta) da regulamentação aplicada aos imigrantes (SAYAD, 1998, p. 50).

Não é lógica ou natural a ideia de se ter, em 2021, segundo a ACNUR (2022), 89,3 milhões de pessoas deslocadas forçadamente, ou seja, que abandonaram seus lares por vários motivos, tais como perseguição, conflito, violência, violação de direitos humanos ou acontecimentos que mudaram a ordem social. Como já disse em outro momento deste texto, a mobilidade forçada não é um fenômeno social novo, porém, conforme nos recorda Said (2003), há uma diferença entre os exilados, os deslocados de antes e os de hoje:

Em outras épocas, os exilados tiveram visões transnacionais e multiculturais semelhantes, sofreram as mesmas frustrações e aflições, desempenharam as mesmas tarefas elucidativas e críticas [...]. Mas a diferença entre os exilados de outrora e os de nosso tempo é de escala: nossa época, com guerra moderna, o imperialismo e as ambições quase teológicas dos governantes totalitários, é, com efeito, a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa (SAID, 2003, p. 47).

Dentro desse panorama, é necessário que tenhamos claro quem é o refugiado,

apesar da complexidade que é essa conceituação, como aponta Moreira (2017). A palavra refugiado, conforme Said (2003), é uma criação moderna do século XX e possui uma acepção mais política, ligado a uma proteção internacional. Nesse contexto, refugiado diverge de asilado, de imigrante, de apátrida, embora possam ter alguma relação.

De modo geral, o imigrante é aquele que sai de seu país de origem, por escolha própria, em busca de se estabelecer em outro país; no que diz respeito aos motivos, esses podem ser diversos, inclusive melhores condições de vida. Para a Lei de Migração brasileira (BRASIL, 2017, s/p), o imigrante é a “pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil”. O apátrida, por seu turno, são pessoas que não têm sua nacionalidade reconhecida por nenhum país ou que lhes foi negado esse direito pela nação onde nasceram ou, ainda, por questões de registro. O asilado, por sua vez, é aquele que é perseguido por questões políticas em seu país e que, por tanto, pede asilo em outra nação.

Voltando à ideia de refugiado, esse só foi ter uma definição político-social mais objetiva após a promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948. A partir dessa Declaração, surgiram outras mais específicas, que é o caso da “Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados”, de 1951. Dita declaração esclarece quem é o refugiado e seus direitos por parte das nações que o acolhem; é a partir desse dispositivo, ademais, que o Brasil pauta suas regulamentações referentes ao refúgio, que também como a ACNUR o entende e é, igualmente, como o entendo nesta investigação. Portanto, segundo a ACNUR (2018, p. 2),

Os refugiados estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados à sua raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política. Também são consideradas refugiadas aquelas pessoas que foram obrigadas a deixar seus países devido a conflitos armados, violência generalizada e graves violações dos direitos humanos (ACNUR, 2018, p. 2).

O conceito de “refugiado”, como bem pontua a conceituação anteriormente citada, marca a tríade cidadão – território – Estado, porém tal associação, dentro de uma política de migração, pode ser usada, por exemplo, para manter as assimetrias sociais. O refugiado é considerado o outro, pertence a *outro Estado*, e precisa de ajuda do *nosso Estado*. Essa relação, assim, força a manutenção da colonialidade social, identitária, linguística. No entanto, as relações sociais mais efetivas, sobretudo no mundo mais superdiverso, fazem com que as identidades sejam constantemente mutáveis, re/construídas,

transterritorializadas. Manter o outro como diferente, exótico – na ideia da diferença não como uma multiplicação, mas como uma divisão – assim, perpetua as cruéis assimetrias sociais e dificulta a promoção de uma transnacionalidade.

Os refugiados, então, antes de qualquer autoidentificação, são identificados como tal, é o que Castells (1996) chama de identidade legitimadora. Nesse contexto, é importante que se decolonize, nos termos de Mignolo (2017), o entendimento de refugiado como aquele que apenas *soma* territórios, línguas e identidades. É imperativo pensar na mudança do cálculo desse processo, em que o produto não é a soma de uma cultura “A” com uma “B”, estáticos, intransitados, fixos, mas uma relação fluida de A~B, numa simbiose, numa relação de multiterritorialidades, nos termos de Haesbaert (2004, 2005), o que, aqui, chamo de transterritorialidade (HAESBAERT, MONDARDO, 2010), justamente pela fluidez do processo.

O refúgio é um deslocamento forçado e, assim, traumático. Não se pode pensar ingenuamente que o processo de negociação da identidade é simples, sem conflitos, uma vez que os fluxos migratórios, na dita globalização, também incluem processos de colonialidade. O sociólogo Quijano (2000), em relação à formulação do *patrón colonial de poder* (PCP), argumenta que há uma inter-relação entre quatro domínios, quais sejam: controle da economia, da autoridade, da sexualidade e gênero e, por fim, do conhecimento e da subjetividade. Pensando nesse último aspecto, o sujeito em trânsito é controlado desde sua denominação, que fica a cargo do Estado “acolhedor”, cognominando esse sujeito como refugiado ou não, fato que repercute no que diz respeito ao acesso aos direitos básicos no local do refúgio. Essa (in)decisão movimenta não apenas o *status* legal do cidadão, mas igualmente sua identidade, dado que a vinculação com o local que o recebe, por vezes, não é oficial, o que modifica sua relação social, seu modo de ver, se ver e ser visto.

Não menos importante, ainda no último quesito do padrão colonial do poder, o conhecimento, enquanto produção intelectual, também é controlado na situação de refúgio. O Estado, e, aqui, estou falando do contexto brasileiro, não desenvolve políticas sociais tampouco linguísticas mais contundentes para ajudar esses sujeitos, restringindo tanto seus conhecimentos, na medida em que não conseguem compartilhá-los, quanto o acesso a novas ideias no local do refúgio. Essas ajudas, em sua maioria de cunho emergencial, estão mais atreladas a questões de leis, tais como o visto humanitário, no caso dos sírios, por exemplo; já no dos venezuelanos, a ajuda é também quanto às

questões jurídicas de permanência no país e subsídios emergenciais e pontuais, tal como acontece na Operação Acolhida, em Roraima, e a Interiorização, outro projeto do governo para distribuir a população venezuelana no Brasil. A grande questão, aqui, é que depois dessa ajuda inicial, não se observam outras políticas que continuem o processo do dito “acolhimento”, ficando a cargo de ONGs e sociedades civis, que muitas vezes não têm apoio de seus governos, promover subsídios linguísticos, educacionais e orientações para cidadania.

Focando, por sua vez, a questão linguística, essa colonialidade pode facilitar os processos de aculturação do refugiado, para que este se veja “inserido” na sociedade. A debilidade ou quase inexistência de políticas que visem o ensino do português, não como língua estrangeira ou de acolhimento, mas como língua, e só, numa perspectiva dos repertórios linguísticos, pode promover o silenciamento e apagamento da identidade linguística, por exemplo, e de outras também, dado que as práticas translíngues são comuns nas inter-relações desses migrantes com a sociedade de destino e, igualmente, nos fluxos migratórios transnacionais na contemporaneidade.

Ademais, em geral, os cursos de língua portuguesa a migrantes em fluxo forçado são oferecidos por instituições não governamentais e outras sociedades civis, religiosas que se predispõem a isso. Ocorre, porém, que muitos dos voluntários de tais projetos não têm formação na área de Letras, em geral são pessoas de várias outras áreas do conhecimento, o que facilita os processos de aculturação por meio da língua – e, aqui, podemos ir além: também não se pode afirmar que apenas por que alguns voluntários tenham formação na área de Letras que esse processo não vá ocorrer, uma vez que isso está atrelado às concepções de língua, de ensino, de aprendizagem e de educação que o profissional embasa e desenvolve suas atividades.

Após compreender o conceito que se tem sobre refugiado dentro dos deslocados forçados e refletir sobre como a colonialidade está presente quanto à definição dessa condição e suas reverberações em questões sociais mais gerais, nos parágrafos a seguir discuto a problemática do refúgio no âmbito do Brasil na contemporaneidade, voltando-se para as características da migração Sul-Sul no Sul Global.

1.3 Os deslocados forçados no Sul Global contemporâneo: o Brasil em foco

O Brasil, nos últimos anos, em especial entre 2000 e 2015, recebeu 879.505

imigrantes registrados. Nesse período, do total de 5.570 municípios brasileiros, pelo menos um deles recebeu um imigrante (ALISSON, 2018). Ao longo dos anos, nota-se um crescimento no total dessa população, conforme os dados da Polícia Federal entre 2006 e 2015 (VELASCO; MANTOVANI, 2016).

Como já comentei anteriormente, há fatores de atração e repulsão, no âmbito dos estudos migratórios, para que alguém sinta a necessidade de mudar. Em relação aos fatores de atração ao local onde se vai, é importante ter em mente alguns aspectos bastante relevantes e produtivos, conforme Bógus e Fabiano (2015, p. 128) salientam: o cidadão “migrante vive num mundo onde a globalização dilui fronteiras, muda parâmetros, acena com possibilidades de mudança, amplia informações, estimula o consumo, gera sonhos e, finalmente, cria expectativas de uma vida melhor”. É nesse contexto, assim, que o Brasil, dentre outras nações da América do Sul, torna-se um dos destinos de mudança de vida para sujeitos de outras nacionalidades, em especial os latino-americanos no Sul Global, caracterizando migração de ordem Sul-Sul. No entanto, o trânsito e legalidade dessas pessoas no Brasil – e em outros países – não é tão *cordial* e livre, em particular quando se fala em refugiados.

A crise econômica nos Estados Unidos em 2007 e sua piora em 2008 afetou ferozmente a Europa e o Japão, fazendo com que os eixos de deslocamentos se complexassem no âmbito da América Latina, especialmente no Brasil, invertendo as históricas rotas de migração Sul-Norte. O contexto dessa crise, o fortalecimento de políticas anti-imigrantes por parte de países do Norte Global e o fortalecimento econômico e político do Brasil, nas últimas décadas, fizeram com que esta nação se configurasse como destino atrativo para migrantes transnacionais. E diferentemente das imigrações ocorridas no final do século XIX e princípio do XX, os sujeitos que têm migrado, nos mais variados *status jurídicos*, são do Sul Global, tais como os haitianos, senegaleses, congolese e bolivianos (BÓGUS; FABIANO, 2015).

É importante esclarecer que o Sul Global, aqui, é entendido conforme Sousa Santos (2009, p. 30) o define, “regiões periféricas e semiperiféricas e [...] países do sistema mundo moderno, que foram denominados de terceiro mundo, após a Segunda Guerra Mundial”. Foi o sistema capital moderno, portanto, que gestou essa dicotomia Norte-Sul que está para além de questões geográficas. Fala-se, assim, de um Norte Global epistêmico, que tem dominado questões políticas, sociais, econômicas, culturais e científicas em relação ao Sul Global (SOUSA SANTOS, 1995). O olhar a partir do Sul e

para o Sul, portanto, é importante dentro de uma guinada que visibiliza e dá destaque importante de lócus de enunciação (BAPTISTA, 2021a, 2021b) dos que vivem no Sul Global e criam epistemologias próprias para compreender seus problemas, seguindo de sua análise e possíveis soluções (SOUSA SANTOS, 2009; MORIN, 2011).

Voltando para o contexto brasileiro de imigração contemporânea, nessa onda imigratória, o Brasil, em 2017, revoga o Estatuto do Estrangeiro (Lei nº 6.815/80), promulgado em 1980, pelo então ditador-presidente General Figueiredo, substituindo-o pela Lei nº 13.445, que institui a Lei de Migração (BRASIL, 2017). Esta, assim, “dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante e do visitante, regula a sua entrada e estada no País e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante” (BRASIL, 2017, p. 1). Ainda que regulamente a migração de forma geral, a lei deixa claro, dentro da seção sobre os apátridas que, no que tange aos refugiados e solicitantes de refúgio, deve-se levar em consideração o que dispõe a Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997, Estatuto do Refugiado, baseada no Estatuto dos Refugiados de 1951 e no Protocolo Sobre o Estatuto dos Refugiados de 1967, tratados globais, encabeçado pelas Organização das Nações Unidas (ONU), que regularizam direitos e deveres desses migrantes. Dentro da ONU, o órgão responsável por dar apoio aos países e aos refugiados é o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR).

O Estatuto do Refugiado, além de garantir que as orientações da *Convenção* e do *Protocolo* sejam respeitadas no Brasil como lei, criou o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), órgão multiministerial responsável por receber e analisar solicitações de refúgio bem como declarar o reconhecimento, ou não, da situação de refugiado do solicitante. Ademais, o CONARE oferece assistência, proteção e apoio jurídico aos refugiados e solicitantes de refúgio.

Nos últimos anos, o Brasil foi um dos países que mais recebeu refugiados na América Latina. Segundo dados do Relatório Refúgio em Números (SILVA *et al*, 2021), elaborado pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), em parceria com o Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), entre os anos 2011 e 2020, 265.729 mil imigrantes solicitaram refúgio no Brasil.

A Síria, por conta da guerra civil, era a nação com o maior número de solicitações atendidas de refúgio, ou seja, o cidadão tem o *status* jurídico de refugiado, fato explicado em virtude, sobretudo, do acordo político feito entre o Brasil, na superintendência do

CONARE, e a ACNUR, oficializando a Resolução Normativa N° 17⁷, de 2013, que trata da concessão de visto humanitário para sírios. Assim, digo “era”, porque nos últimos anos a população venezuelana teve muitos pedidos atendidos, fato que aprofundou um pouco mais adiante.

Os haitianos também obtiveram a ajuda do Estado brasileiro nos últimos anos, em especial na Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti – MINUSTAH, desde 2004, também nessa rota de migrações Sul-Sul não fronteiriças. Como já dito anteriormente, o Haiti sofreu diversas catástrofes naturais e, por ser um dos países mais pobres da América, a situação de se reerguer complica mais, para além das questões políticas do país. Em 2012, o Brasil, por meio do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), publica a Resolução Normativa CNIg n° 97, que dispõe de concessão de visto permanente por razões humanitárias aos haitianos, com a validade de 2 anos a partir de sua publicação. Tal resolução, também, foi prorrogada em 2015 por mais dois anos, ou seja, até 2017. Já sob a Lei de Migração (2017), o Brasil concede aos haitianos, residentes na Ilha, o visto temporário para acolhida humanitária, por meio da Portaria Interministerial n° 10, de 6 de abril de 2018. O visto para residência de cunho humanitário também tem o prazo de 2 anos. É válido comentar que tal dispositivo jurídico também vale para apátridas.

Afunilando essa discussão em relação aos venezuelanos no fluxo forçado de característica Sul-Sul, e em especial no contexto brasileiro, passemos para o item seguinte.

1.3.1 A diáspora venezuelana Sul-Sul: o refúgio no Brasil

A Venezuela é um dos países que, na contemporaneidade, tem sofrido com graves problemas sociais, econômicos e políticos. Sendo assim, das muitas consequências disso, o fluxo migratório, em especial no que tange ao refúgio, é uma das dificuldades enfrentadas pelos venezuelanos, deslocamento forçado mais intenso da contemporaneidade nas Américas.

⁷ A resolução Normativa do CONARE N° 17, a partir de sua publicação, em 2013, tinha validade de 2 anos. Em 2015, o órgão renovou a referida validade por mais 2, ou seja, até 2017. Em seguida, em nova resolução, o CONARE prorroga por mais dois anos a Normativa n° 17, vigente até 20 de novembro de 2019. No entanto, a resolução Normativa de n° 31, de dezembro de 2019, revoga todas essas normativas citadas, indicando que a autorização de residência “implicará na desistência da solicitação de reconhecimento da condição de refugiado. (NR)” e “o reconhecimento da condição de refugiado e o consequente registro perante a Polícia Federal implicam renúncia à condição migratória pretérita”.

A República Bolivariana da Venezuela fica no norte da América do Sul e faz fronteira com a Colômbia, a Guiana Francesa e o Brasil. Ao Norte está o Mar do Caribe com alguns países próximos, entre os quais Trinidad e Tobago. O fluxo migratório mais forte, no entanto, tem se dado para a Colômbia e para o Brasil, isto é, uma migração transnacional de tipo Sul-Sul, muito diferente das históricas rotas Sul Global-Norte Global e, também, do movimento de brasileiros que, também historicamente, segundo Jarochinski-Silva e Baeninger (2021, p. 125), foram os que mais foram para a Venezuela, e não o contrário, dos quais muitos desses brasileiros estavam “motivados pelo sonho de construir uma nova vida e melhorar suas condições de vida, principalmente por meio de atividades no garimpo”.

Consoante Jarochinski-Silva e Baeninger (2021), é importante comentar, ainda, que as migrações no eixo Sul-Sul, no contexto da América Latina, eram caracterizadas, até o final dos anos 2000, em duas perspectivas: a primeira diz respeito aos processos históricos de fronteira; já o segundo tem que ver com os acordos políticos bilaterais, multilaterais e, ainda, integração regional. Assim, as migrações dentro do eixo se davam por meio de acordos, tais como o MERCOSUL, Bolívia e Chile, ou nas fronteiras, a exemplo da tríplice fronteira Brasil-Argentina-Paraguai, a fronteira Brasil-Paraguai, mais difundidas e com mais trânsito no sul do país.

Com uma mirada mais bem focada nessa questão, percebe-se que, agora, é importante ter atenção nas características da migração Sul-Sul e que estas não estão, apenas, atreladas a uma boa fase econômica brasileira, mas também ao aumento das barreiras migratórias no Norte Global, fazendo com que rotas no Sul Global sejam reorganizadas, repensadas e redefinidas, sobretudo por conta da guinada que se passa de um país para se fazer turismo a um país destino de pessoas deslocadas forçadamente, como é o caso da Venezuela em relação ao Brasil, ao Equador e à Colômbia, ainda que com este último, a República Bolivariana já tinha um fluxo maior imigratório e fronteiras mais bem definidas e de maior trânsito. Desse modo, o fluxo Sul-Sul tem características próprias e que, no contexto de refúgio, se complexifica mais.

As fronteiras do Brasil com a Venezuela estão nos estados do Amazonas e de Roraima, e o maior fluxo tem se dado por Pacaraima, primeira cidade fronteira com a Venezuela. Os cidadãos venezuelanos que fazem a travessia por terra têm de ir até a cidade de Santa Elena de Uairén e percorrer cerca de 15km, que é a distância até a cidade de Pacaraima. Muitos venezuelanos fazem a travessia a pé por conta dos poucos recursos

econômicos. Chegando em Pacaraima, após a passagem pela polícia de imigração, muitos cidadãos se instalam ali mesmo, outros seguem viagem em direção à capital de Roraima, Boa Vista, ou a outro estado do Brasil.

Figura 3: Fronteira Brasil-Venezuela em Roraima / Pacaraima – Boa Vista (BRA)



Fonte: Marchao (2018)

Há de se notar que não somente o caminho de Santa Elena de Uairén a Pacaraima é percorrido a pé. O trajeto de Pacaraima a Boa Vista, via BR-174, tem a distância de 215km e também é percorrido caminhando por aqueles que não conseguem carona ou não têm recursos para pagar a passagem de ônibus ou outro transporte que faz a linha, tais como os táxis.

Figura 4: Venezuelanos caminham de Pacaraima a Boa Vista (RR)



Fonte: Fábio Gonçalves/Foto Arena/Estadão Conteúdo, em Marchao (2018).

Segundo dados da Polícia Federal, em 2017, cerca de 70,7 mil venezuelanos entraram no país por Pacaraima, onde há o único posto oficial de imigração na fronteira com a Venezuela por Roraima. No panorama das estatísticas da diáspora venezuelana no Brasil, os dados estão em constante crescimento, em especial no que se refere aos refugiados. No ano de 2020, a Venezuela ficou no topo dos países em que seus nacionais solicitaram reconhecimento da condição de refugiado (Cf. figura 5).

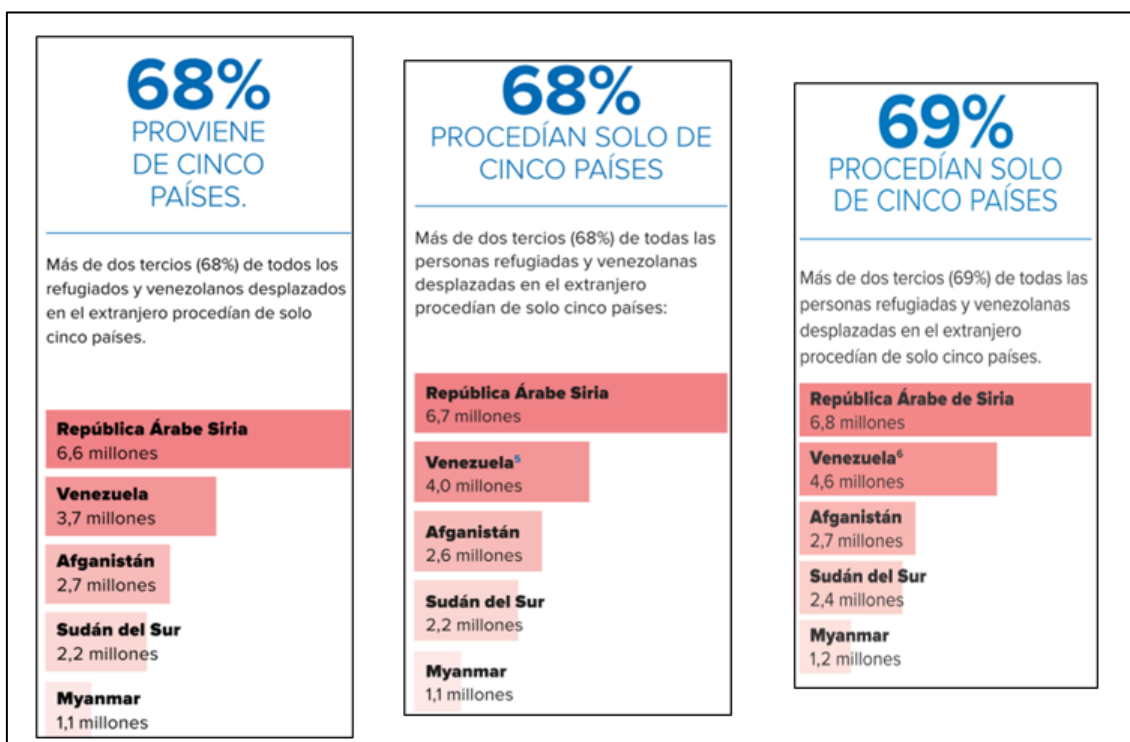
Figura 5: Número de solicitantes de reconhecimento da condição de refugiado, segundo principais países de nacionalidade ou residência habitual, Brasil – 2020

Principais Países	Total
Total	28.899
VENEZUELA	17.385
HAITI	6.613
CUBA	1.347
CHINA	568
ANGOLA	359
BANGLADESH	329
NIGÉRIA	213
SENEGAL	209
COLÔMBIA	182
SÍRIA	129
OUTROS PAÍSES	1.565

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal, Solicitações de reconhecimento da condição de refugiado - Brasil, 2020. (SILVA *et al.*, 2021, p. 10)

Além de compreender e ter ciência desses números em âmbito nacional, é importante, ainda, conhecer alguns números mais gerais do deslocamento venezuelano pelo mundo. Vejamos alguns dados entre 2019 e 2021, segundo as informações do Relatório de Tendências Globais, documento publicado anualmente, em geral no mês de julho, pelo ACNUR sobre a mobilidade forçada no ano anterior:

Figura 6: Venezuelanos deslocados, respectivamente, em 2019, 2020 e 2021



Fonte: ACNUR (2020, 2021, 2022)

Nota-se que, ao longo dos anos de 2019, 2020 e 2021, o número de venezuelanos deslocados pelo mundo só cresceu, ficando em segundo lugar no quantitativo, só sendo superado pelos sírios, por conta da devastação da guerra nesse país árabe.

Além disso, segundo a Plataforma RV4, em outubro de 2022, os dados referentes aos *status* migratório de venezuelanos no Brasil são os seguintes:

Figura 7: Informações de status migratório de venezuelanos no Brasil



Fonte: RV4 - Disponível em: <https://www.r4v.info/pt/brazil> Acesso em 12 out. 2022

No ano de 2020, “os amparos mais acionados na concessão dos registros de residência foram aqueles direcionados a receber a migração venezuelana e a acolhida humanitária. Esses amparos responderam por 57,0% das autorizações”, segundo Silva *et al.* (2021, p. 6), no Relatório de Dados Consolidados da Imigração no Brasil 2020. É

importante salientar que tais dados são bastante móveis e constantes atualizados pelos sistemas governamentais e publicados em documentos mensais, bimestrais e anuais. No Brasil, pode-se encontrar informações e dados referentes aos venezuelanos na Plataforma R4V.

Ademais, a Venezuela está suspensa do MERCOSUL desde 2016, quando foi acusada de não cumprir diretrizes do acordo. Sendo assim, não entra no Acordo de Residência para Nacionais dos Estados Partes do MERCOSUL e Países Associados⁸. Desse modo, em 02 de março de 2017, o governo brasileiro publica a Resolução Normativa CNIg Nº 126, que estabelece a concessão de residência temporária por, no máximo, dois anos ao estrangeiro que tenha entrado no país por via terrestre e que seja oriundo de um país fronteiriço. A referida resolução determinava a validade de um ano, podendo ser prorrogada. Nessa resolução, como se nota, os venezuelanos ainda não são identificados como refugiados, embora, segundo o governo, atenda à demanda de ajuda humanitária aos venezuelanos. Há, ainda, a Portaria Interministerial nº 9, de 14 de março de 2018, que “regulamenta a autorização de residência ao imigrante que esteja em território brasileiro e seja nacional de país fronteiriço, onde não esteja em vigor o Acordo de Residência para Nacionais dos Estados Partes do MERCOSUL e países associados”.

Nota-se, a partir da posição do Brasil em não conceder inicialmente o *status* de refugiado ao cidadão venezuelano que as barreiras migratórias também são forjadas no âmbito do Sul para com os seus. A não concessão desse *status* jurídico implica, como já salientei, no acesso, ou não, às políticas públicas e sociais no Brasil. Ter um visto de refugiado implica em aspectos referentes à temporalidade de permanência, ao trânsito pelo país e fora dele, bem como ao acesso às políticas públicas mais básicas.

Quando os nacionais da Venezuela saem de seu país, fugindo dos problemas humanitários que os tolhem o bem-estar social, e vão em busca de uma vida melhor em outro país, no caso o Brasil, nem sempre é o que ocorre. Os governos estaduais e federal, em especial de Roraima, não possuem políticas públicas contundentes e claras de suporte a esse povo, tampouco ao refugiado em geral, há, sim, ações de caráter emergencial e localizado. Os governos, em parceria com a ONU, o ACNUR e ONGs, ajudam com abrigos, imunização/vacinação e no controle das fronteiras, sobretudo em Pacaraima. Outros problemas, ademais, assolam os venezuelanos em território brasileiro: xenofobia,

⁸ Acordo sobre Residência para Nacionais dos Estados Partes do Mercado Comum do Sul – MERCOSUL, Bolívia e Chile. BRASIL (2009).

trabalho escravo, fome, abusos os mais variados, dentre outros. O governo federal, por seu turno, lançou, em 2018, o projeto de interiorização dos refugiados venezuelanos, que consiste em levar esses cidadãos, que estão, em geral, conglomerados em Pacaraima ou Boa Vista, para outras cidades do País. No entanto, o suporte para viver nos estados não tem sido dado como se deveria, alguns migram de cidade com emprego garantido; outros, não.

Segundo Jarochinski-Silva e Baeninger (2021), há alguns elementos que caracterizam o deslocamento de venezuelanos no contexto das migrações Sul-Sul no Brasil. Em primeiro lugar, o fluxo de venezuelanos é regional, seja para ficar, seja para ir a outra nação, porém a maioria permanece em solo brasileiro. Em segundo lugar, os fatores de repulsão dizem respeito às condições sociais e políticas da origem, o que reflete em fluxos mistos, incluídos os econômicos, resvalando nas (in)definições do *status* migratório venezuelano. Em terceiro lugar, intimamente relacionado com a característica anterior, “a dinâmica de permitir a permanência ou não é estabelecida por meio de mecanismo de regularização ad hoc, muitas vezes distantes das normas estabelecidas nas leis migratórias, enfraquecendo enquadramentos protetivos” (JAROCHINSKI-SILVA; BAENINGER, 2021, p. 129), isso se dá pela quantidade de decretos, normas estabelecidas e revogadas por outros decretos e normas, o que não garante segurança social, civil tampouco jurídica, a temporalidade.

Além dessa dinâmica de mecanismos de regularização, há dificuldades para novos ingressos de pessoas nos países de destinos, ou mesmo países de trânsito, em particular na definição dessa imigração como temporária, motivo pelo qual não seria necessário assegurar direitos de forma plena a esses grupos, optando por opções mais precárias e menos protetivas que os institutos que foram desenvolvidos nas legislações migratórias. Destaca-se que essa visão de temporalidade dessa mobilidade também é reforçada pela ação de algumas organizações internacionais, como a OEA, que tem agido como se a mudança do regime político na Venezuela fosse o suficiente para um retorno em massa desses venezuelanos para seu país (JAROCHINSKI-SILVA; BAENINGER, 2021, p. 129).

Por fim, a quarta característica diz respeito a que muitas das mobilidades entre o Sul Global, no eixo Sul-Sul, tem apoio, influência, interesse e financiamento do Norte Global, segundo os autores Jarochinski-Silva e Baeninger (2021). Assim, muitas ações de “acolhida” financiadas pelos órgãos internacionais, na verdade, são ações de filtragem. Se o Norte Global reforçar suas políticas migratórias e financia campanhas no Sul Global, os venezuelanos não chegarão a “bater em suas portas”. Assim, o processo colonial do

poder é reforçado, estabelecendo, mais ainda, as linhas abissais, nos termos de Sousa Santos (2009), entre os eixos. O refugiado é o “mensageiro do colapso”, nos termos de Bauman (2017), com o qual o Norte Global não quer se bater.

As “vítimas colaterais” dessas forças tendem a ser percebidas, por uma lógica viciada, como suas tropas de vanguarda, que agora estabelecem guarnições em nosso meio. Esses nômades - não por escolha mas por veredicto de um destino cruel - nos lembram, de modo irritante, exasperante e aterrador, a (incurável?) vulnerabilidade de nossa própria posição e a endêmica fragilidade de nosso bem-estar arduamente conquistado (BAUMAN, 2017, p. 21)

Desse modo, nota-se que o projeto colonial de estabelecimento de linhas abissais também existiu no passado nos processos de imigração e existe nos contemporâneos, dada a política de restrições migratórias e em determinados chamados projetos de acolhimento.

É importante aclarar, neste momento, o que aconteceu para culminar essa diáspora venezuelana, esse fluxo migratório transnacional forçado na contemporaneidade. Essa tarefa, no entanto, não é simples, haja vista que a polarização política e da mídia sobre a Venezuela é grande. Franklin (2017, p. 3) estabelece três fatores que levaram a toda essa situação: “o sistema partidário concentrador, o papel de guarda pretoriana exercido pela FANB⁹ e o modelo econômico dependente da indústria petroleira”.

Levando em consideração o atual governo do presidente Nicolás Maduro¹⁰, a bipolarização política na República Bolivariana, ou seja, o sistema partidário concentrador, dificulta as relações de negociação entre situação e oposição. Sendo assim,

Para efeito analítico, principiasse que os dois lados são homogêneos, trocam graves acusações como as de golpistas e de lacaios do imperialismo ditas pela situação, e de ditadura dita pela oposição. Certo é que continua o processo centralizador iniciado pelo Presidente Hugo Chávez, seja pelo controle das principais instituições republicanas como a *Corte Suprema de Justicia*, e o esvaziamento da oposição *Asamblea Nacional*. (FRANKLIN, 2017, p. 3, grifos do autor).

Nesse contexto, os militares têm um papel importante nas questões políticas do país. É exclusividade do presidente, por exemplo, dar promoções de oficiais para diversos

⁹ *Fuerza Armada Nacional Bolivariana* – Forças Armadas da Venezuela.

¹⁰ Nicolás Maduro é presidente da Venezuela desde 2013. No entanto, desde 2017, o Parlamento não o reconhece como tal, tendo Juan Guaidó, presidente da Assembleia Nacional, como presidente interino da nação que, por sua vez, não é reconhecido por Maduro. Nessa questão, até então, alguns países reconhecem Guaidó como presidente interino (como é o caso do Brasil, Estados Unidos etc.); outros, não (tais como Cuba, México, Bolívia etc.).

cargos, tais como: capitão e coronel de navio, generais e almirantes. Ademais, o presidente utiliza militares para cargos administrativos e civis. Essa relação de indicação, por sua vez, possibilita a que os nomeados tenham mais prestígio, mais *status* na sociedade e dentro do governo. Assim, os militares que desejam ser promovidos passam a ter um comportamento que demonstre fidelidade a quem possa promovê-lo. Nisso, a FANB é usada política, simbólica e ideologicamente na promoção do sistema, estando incumbida de reconstruir a nação (FRANKLIN, 2017).

No que diz respeito à economia venezuelana, esta é, prioritariamente, baseada na produção de petróleo e os programas sociais de governo são sustentados por essa. Desse modo, quando o setor passou por problemas, os serviços foram precarizados.

A convergência da acentuada queda dos preços do petróleo no mercado internacional, de problemas de gestão e da forte drenagem de receitas para a manutenção dos programas governamentais, comprometeu gravemente a capacidade de investimento na ampliação e na modernização das atividades de extração, refino e comercialização de petróleo e derivados (VAZ, 2017, p.3).

E, nesse contexto, a indústria do petróleo é uma faca de dois gumes, posto que:

Se de um lado, ela pode favorecer arranjos como a PetroCaribe, por outro lado, as oscilações dessa commodity gera um alto grau de incerteza quando do custeio de serviços públicos e a dependência em relação a PDVSA como financiadora de projetos sociais (FRANKLIN, 2017, p. 9).

A Venezuela sofre com a variação contábil do petróleo desde a década de 1980, de modo que as condições sociais básicas de vida se agravaram e a corrupção se instaurou nesse contexto. Tal problemática, por seu turno, levou a duas tentativas de golpe nos anos de 1992, no governo de Carlos Andrés Pérez, uma delas lideradas por Hugo Chávez, fundador do MBR-200 (*Movimiento Bolivariano Revolucionario*). Preso naquele ano, dois anos depois foi solto e, em 1999, tornou-se presidente da Venezuela.

Não é nosso intento, neste momento, contar a História da Venezuela, mas apenas deixar claro o que, segundo teóricos, levou à problemática da diáspora venezuelana no contexto da contemporaneidade, em especial desde 2014, quando a crise política nesse país se agravou, sobretudo no que diz respeito aos aspectos os quais comentei: bipolaridade partidária, uso ideológico das forças armadas e economia majoritariamente

baseada no petróleo alinhada à crise econômica, à alta inflação e ao desabastecimento.

Toda a conjuntura anteriormente descrita levou e tem levado os venezuelanos a emigrarem. Nesta tese, então, é com esses sujeitos venezuelanos em fluxo forçado que trabalho, no intento de relacionar o deslocamento, a memória e re/construção identitária desde o viés indisciplinar da Linguística Aplicada. Após compreender essa conjuntura, na seção seguinte, discuto conceitos importantes no tocante à transterritorialidade, à identidade e à memória, pontos os quais citei de modo geral nas seções anteriores, mas não os desenvolvi, fazendo-o a seguir.

2. PELOS MEANDROS TRANSFRONTEIROS: TRANSTERRITORIALIDADE, IDENTIDADE E MEMÓRIA

Neste capítulo, elucido termos-conceitos caros à pesquisa, em especial, o de identidade com o qual trabalho e a relação desse com o de transterritorialidade identitária no mundo superdiverso do Sul Global, tendo a migração Sul-Sul como contexto. Ademais, trago o conceito de memória e pós-memória, base de um processo identitário, a partir do qual discuto e relaciono com (des/re)território(dade).

2.1 Superdiversidade, linguagens e transterritorialidade

Noutro momento, fiz referência ao fato de que os fluxos transnacionais forçados não podem ser entendidos como um fenômeno social novo, porém, na contemporaneidade, estudiosos de várias áreas, especialmente os da Sociologia, têm discutido, de modo mais contundente, os prejuízos e benefícios de tais fluxos, problematizando as questões sociais, históricas, políticas e econômicas que geraram e têm promovido o deslocamento, maiormente o forçado.

Do ponto de vista da Linguística Aplicada (LA), a mobilidade forçada é uma temática sobre a qual os pesquisadores devem debruçar-se. Compreender os problemas de linguagem e sociedade, para além da sala de aula, é uma frente importante de uma LA comprometida com a relação entre ética, linguagem, Direitos Humanos etc. que afetam, diretamente, a vida das pessoas. No caso em foco, é importante saber até e a partir de que ponto de vista e/imigrar é um *problema*, por que e por quem isso é tido como situação adversa e, para além de outros aspectos igualmente relevantes, como as identidades dos sujeitos envolvidos se re/constroem. Ademais, é imperativo entender de que modo a linguagem é partícipe (ou não) no processo do que chamo de identidade transterritorializada.

Antes, porém, de adentrarmos na seara do conceito de identidade, levando em consideração o olhar da LA para além, não posso deixar de lado a discussão sobre a língua(gem) e a superdiversidade, bem como tratar da des/re/multi/transterritorialidade, uma vez que é dentro dessa estrutura (mas não só), ou seja, língua-território-superdiversidade, igualmente, que se geram e se fluem as identidades e as práticas identitárias.

Neste sentido, para Vertovec (2007), não é possível observar os processos de movimento no mundo se restringindo a aspectos étnicos, visto que tal dimensão analítica já não comporta a variabilidade de características importantes quando se fala em imigração, na medida em que tem havido o que o referido teórico chama de diversificação da diversidade. Desse modo, é preciso acrescentar outros pontos igualmente importantes para caracterizar os fluxos de movimento de pessoas, tais como, o *status* de imigração, os direitos (não) concedidos, mercado de trabalho, os perfis de gênero e identidade, o padrão de distribuição territorial, dentre outros. Assim, essas características, dentro de um mundo chamado globalizado, têm alterado as paisagens social, cultural e linguística, sobretudo as dos países ditos desenvolvidos, posto que possuem fatores de atração migratória. Portanto,

A (super)diversidade é caracterizada por um tremendo aumento nas categorias de migrantes, não só em termos de nacionalidade, etnia, língua e religião, mas também em termos de motivos, padrões e itinerários de migração, processos de inserção nos mercados de trabalho e habitação das sociedades de acolhimento e assim por diante (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011, p.1).¹¹

Nesse contexto, convém ter em mente que a identidade também forma parte das características da superdiversidade, posto que os contextos funcionam por meio de práticas sociais diversas, e são as referidas práticas, inclusa as de linguagem, que farão com que as identidades sejam cada vez mais fluidas. O *status* jurídico que o imigrante possui no país, sua relação com o mercado de trabalho, seu envolvimento com o lugar em que mora, além, claro, dos fatores étnicos, nacionais, linguísticos, tudo isso faz com que a identidade, mas que se desterritorialize e se reterritorialize, se transterritorialize.

Dito isso, a busca pelo refúgio no mundo superdiverso não é apenas um processo de (sobre)vivência, mas também de existência e resistência cultural, social, histórica e linguística, de manutenção e mudanças de territórios e territorialidades, sempre desde o ponto de vista da fronteira, do limiar, não como uma indecisão de não se saber o que se é/foi, não uma justaposição, mas como um entre-lugar, nos termos de Bhabha (1998), uma fruição entre territórios e territorialidades.

Outro ponto importante no que diz respeito à superdiversidade, mas agora

¹¹ Tradução livre minha de: “Super-diversity is characterized by a tremendous increase in the categories of migrants, not only in terms of nationality, ethnicity, language, and religion, but also in terms of motives, patterns and itineraries of migration, processes of insertion into the labour and housing markets of the host societies, and so on” (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011, p.1).

relacionando-a com mobilidade, é a ideia de fronteira. Esta, por seu turno, segundo Augé (2010, p. 19), advém da noção simbólica de “significar o universo, para dar um sentido ao mundo e torná-lo habitável”, resultante de uma lógica dicotômica de mundo que estabelece oposições, tais como as de masculino/feminino, homem/mulher, noite/dia, centro/periferia. Nesse contexto, na contemporaneidade, a essencialidade desse pensamento dual não se sustenta, uma vez que há um esforço, por parte da ciência, e ainda que umas quantas epistemologias preservem tais ideias, em “pôr em dia a continuidade sob a aparência das descontinuidades” (AUGÉ, 2010, p. 20).

No contexto contemporâneo, embora se fale em globalização, em relação ao esmaecimento das várias fronteiras, sejam elas físicas, sejam simbólicas, essas acabam ressurgindo (AUGÉ, 2010). No caso dos deslocados forçados e refugiados, por exemplo, esses se colocam na fronteira, uma vez que o estrangeiro é aquele de fora, que precisa de refúgio. Dentro dessa concepção fronteira, gera-se, assim, o sentimento de não deixar ou dificultar a entrada de pessoas no país, como a Alemanha¹² o fez, ou, ainda, como ocorre nos episódios de xenofobia que guardam similaridade com os do Brasil¹³.

A noção de globalização, nesse contexto, promove a ideia de homogeneização das culturas, de esfacelamento das fronteiras, mas não é isso, em geral, o que ocorre. Concordo com Augé (2010, p. 23,) quanto à afirmação desse autor de que há uma dificuldade tremenda em pensar uma globalização sem fronteira, na medida em que “a imagem da globalidade sem fronteiras [...] serve de álibi a uns, e de ilusão a outros”. De qualquer forma, como álibi ou ilusão, as exclusões são frutos de fronteiras, tal é o caso dos deslocados forçados, quando desejam e acreditam no amparo legal e social por parte do governo do país que os recebe, e, na realidade, pensando no contexto brasileiro, não é o que tem ocorrido com efetividade. O estabelecimento de fronteiras, assim, começa desde o início, quando o Estado regula o *status* jurídico, dentre os vários que há na imigração, do solicitante de refúgio ou residência. A ideia de uma globalização sem fronteiras para o Estado é álibi, posto que a usa como convém, incluindo ou excluindo o solicitante de visto, de refúgio, por exemplo; para o imigrante, é ilusão, porque, em muitas

¹² *Alemanha e Suécia aceleram a expulsão de imigrantes* – Jornal El País (DONCEL, OTERO, 2016) e *Alemanha endurece política de asilo a refugiados* – Jornal O Globo (O GLOBO, 2016).

¹³ *Refugiados: entre a xenofobia e as oportunidades* – Agência Envolverde Jornalismo (MARCONDES, 2017) e *Brasil busca combater xenofobia contra imigrantes venezuelanos* – Revista IstoÉ (ISTOÉ, 2018).

das vezes, busca-se essa globalização, a ideia de “cidadão global”, mas para-se nas rédeas e controles do Estado.

A exclusão, no mundo contemporâneo e globalizado, fomenta outros modos de manutenção de controle, isto é, as fronteiras são mantidas e reconfiguradas. Nesse contexto, Augé (2010) afirma que tal fato promove e reafirma fronteiras físicas e sociológicas. Enquanto aquelas dizem respeito ao endurecimento das leis de migração, por exemplo, estas estão associadas às mazelas sociais pelas quais os imigrantes passam, a exemplo da vida dos refugiados no mundo, quando não têm acesso a benefícios básicos, a riquezas, ainda que o país onde esteja seja desenvolvido e rico economicamente.

A esse processo de exclusão, acrescento, também, as fronteiras linguísticas e culturais. Augé (2010) aborda a existência desses termos separadamente, citando-os, mas não os desenvolve. Aqui, prefiro usar a noção de *fronteiras linguístico-culturais*, por pensar que há, em certo nível teórico, uma relação dialética entre os termos língua e cultura.

No contexto das fronteiras linguístico-culturais, considero que os órgãos do Estado que regem as políticas sociais e públicas, bem como outros setores na sociedade receptora, tais como as Associações sem Fins Lucrativos, que, em geral, promovem ações com e para esse público, desde o ponto de vista da problemática do refúgio, entendem, via de regra, língua como nação. Sendo assim, se valem de um discurso para a promoção social do cidadão refugiado, o que pode gerar barreiras no tocante ao desenvolvimento de uma cidadania fundamentada em uma educação linguística comprometida eticamente com o sujeito e com a sociedade em geral.

Desse modo, uma política calcada, consciente ou inconscientemente, em ideias monolíngues corrobora com a premissa de língua-nação e quando essa é impulsionada, tolhem-se desses sujeitos as práticas translíngues e transculturais, bem como se anula a possibilidade de se usar todo o repertório linguístico-cultural que o imigrante já carrega, no fito de promover a língua do país receptor. Em outras palavras, desconsiderar os repertórios linguístico-culturais do cidadão pode fomentar uma perspectiva assimilacionista de cultura, o que pode ser um problema complexo a se equacionar.

Por práticas translíngues, a partir dos pressupostos de Canagarajah (2013) e García (2013), entendem-se as práticas discursivas de pessoas que se utilizam de seu repertório linguístico e outras semioses para comunicar-se, sobretudo os sujeitos ditos bilíngues e/ou

em mobilidade (transnacional), uma vez que as práticas discursivas e comunicativas dessas pessoas serão reflexos dos contatos estabelecidos com outras culturas, línguas e linguagens, diaspóricas especialmente, uma comunicação linguisticamente híbrida Assim,

Esses modos híbridos de comunicação são encontrados não apenas na comunicação escrita e multimídia, mas também na conversa face a face cotidiana. A conversa não precisa ser em um único idioma; os interlocutores podem usar as respectivas línguas em que são proficientes. Este tipo de prática está se tornando necessário em situações de contacto onde os falantes nem sempre encontram um código comum para a sua conversação (CANAGARAJAH, 2013, p. 4)¹⁴

É de se notar, ainda, que esse tipo de comunicação não é algo novo, sempre houve comunicação híbrida. Desse modo, outro é o olhar que se tem em torno dessas práticas a partir do ponto de vista de uma orientação translíngua, que vai muito além de binarismos, tais como mono/multi e uni/pluri. Historicamente, o paradigma monolíngua, juntamente com outras bases filosóficas, é que sustenta muitas práticas e compreensões acerca dos fenômenos linguístico e de linguagem a partir do século XVIII, sobretudo na Europa Ocidental, consoante esclarece Canagarajah (2013). Conforme esse último autor, de modo objetivo, o paradigma monolíngua, de orientação positivista, disciplinado, possui algumas premissas: relação direta entre língua, comunidade e território; assimilação de uma língua a uma identidade, na forma de relação um para um; entendimento da língua enquanto sistema autônomo; crença na pureza das línguas e que, logo, são separadas uma das outras. Além desses aspectos, entende-se que o lócus da língua é a cognição/mente, ao invés do contexto social/matéria; e, por fim, que a comunicação está baseada na gramática, isolada de sua imersão ecológica.

A partir desse contexto, então, uma orientação translíngua questiona essas premissas, na medida em que, na comunicação, aspectos outros estão envolvidos, tais como outros códigos semióticos, o significado que se atualiza na e a partir do contexto de produção. Lembro, no entanto, que não estou colocando em xeque pesquisas feitas a partir da orientação monolíngua, mas que, a partir de nosso contexto investigativo, essa

¹⁴ Tradução livre minha de: “Such hybrid modes of communication are found not only in written and multimedia communication, but they also feature in everyday face-to-face conversation. Talk doesn’t have to be in a single language; the interlocutors can use the respective languages they are proficient in. This kind of practice is becoming necessary in contact situations where speakers don’t always find a common code for their conversation” (CANAGARAJAH, 2013, p. 4).

orientação se mostra bastante limitada, em especial quando nos referimos à relação entre língua, território, cultura no contexto de mobilidade transnacional, sobretudo a forçada. Assim sendo, translinguar não consiste somente em uma “adaptação passiva a uma ou duas línguas autônomas ou padrão, mas sim a emergência de novas e complexas práticas linguísticas, produto da maior representação dos falantes em um mundo globalizado, pós-colonial e muito diverso” (GARCÍA, 2013, p. 355) e, acrescentaria, superdiverso.

Nas fronteiras linguístico-culturais, igualmente, há quem raciocine que o contato entre as línguas, e também o entre as culturas, é harmonioso; é ingenuidade pensar que essas relações de poder são simétricas; aliás, é difícil compreender relações de poder simétricas, sobretudo quando envolvem cultura e língua. Assim, há uma tendência a analisar o *tu*, o outro, sempre do ponto de vista do *eu*, e se o outro é categorizado como imigrante, em especial refugiado, ou apátrida, a depender do país de origem, inclusive, este pode sofrer mais, ou menos, as consequências das fronteiras linguístico-culturais, por meio do preconceito linguístico, xenofobia, xenelasia¹⁵, dentre outros problemas. Desse modo, o aprendizado de uma língua em sua relação com as culturas, no país receptor,

[...] provoca uma forte, radical e singular experiência de alteridade. Vamos tecendo com ele – o outro – e com ela – a língua – uma relação que antes não sabíamos sequer possível e essa outra língua vai nos estruturando, ao mesmo tempo em que se soma a nossa língua. De modo análogo, essa outra língua também vai desalojando-nos de nossas certezas e vai se instaurando, ocupando, abrindo seu espaço, o que produz, paradoxalmente, um processo de desestruturação na nossa subjetividade (BAPTISTA, 2017, p. 34).

As fronteiras linguístico-culturais, sociológicas e físicas, na contemporaneidade e no contexto de superdiversidade, promovem a exclusão, a morte, a humilhação e põem em xeque a ideia de uma globalização em que a sociedade viva desde uma perspectiva transnacional real. A conveniência da existência – ou não – das fronteiras fica condicionada às (des)vantagens possíveis dentro da sociedade, cujo poder, dentro das assimetrias, apenas alguns o possuem. Assim, a concepção de uma fronteira linguístico-cultural envolve os seguintes aspectos:

¹⁵ A xenofobia consiste na aversão em relação a coisas ou pessoas estrangeiras. Já a xenelasia, por sua parte, era a ação de proibir a entrada de estrangeiros nas cidades-estado da Grécia antiga; por extensão, esse vocábulo designa a política de restrição de direitos civis e sociais a imigrantes.

Quadro 1: Perspectiva de fronteira linguístico-cultural

- Relação entre as línguas: foco no código, estruturas.
- Entendimento de língua como nação.
- Fronteiras rígidas entre códigos e culturas.
- Foco no universal.
- Dicotomias – ex.: centro/periferia.
- Foco no monolinguismo.
- Foco no purismo linguístico.
- Diversidade linguística como problema.
- Promoção de uma língua como integração social.
- Identidades essencialistas.
- Práticas discursivas baseadas na subordinação social.

Fonte: autoria própria

Alinhado aos conceitos de superdiversidade e fronteira, é preciso ter em mente o de território, sobretudo no que concerne à transterritorialidade. Levo em consideração, nesse contexto, os pressupostos de Haesbaert (2005), quando esse autor assevera que o território possui uma acepção material e outra simbólica; ademais, sempre tem relação com o poder, tanto no sentido de dominação – algo mais físico –, quanto no de apropriação – de cunho mais simbólico. Como o território é o espaço do vivido, conforme assevera Milton Santos (1994), esse é sempre múltiplo, complexo e diverso. Assim,

O território é o espaço geográfico visto a partir de um foco nas relações de poder, seja o poder em seus efeitos mais estritamente materiais, de âmbito político-econômico (da “soberania” e da “disciplinarização”, numa linguagem foucaultiana), seja em sua articulação cultural, mais simbólica. Assim, trata-se de abordar o território através das relações de poder que lhe são inerentes – desde um poder mais “tradicional”, de natureza estatal-administrativa, até sua configuração mais simbólica, onde a própria construção identitária é vista, sobretudo, como um instrumento de poder (ou, para utilizar um termo em voga, de “empoderamento”) dos grupos e/ou classes sociais (HAESBAERT, MONDARDO, 2010, p. 30).

Ao entender a concepção de território, nota-se sua complexidade, sobretudo na sua dupla compreensão, qual seja, física e simbólica, de modo que cada especialidade

utiliza o conceito conforme suas prioridades, a exemplo de: a Ciência Política enfatiza os processos de relação de poder no território; já a Antropologia foca no aspecto mais simbólico do território (HAESBAERT, 2004). Em suma, conforme esse autor, os conceitos de territórios estão nos âmbitos da política, da cultura e da economia, além de uma concepção mais naturalista, que estuda e estabelece uma relação entre sociedade e natureza, com foco para o aspecto mais “natural” dos animais, incluído o animal homem.

O amálgama territorial, que no passado era dado pela “energia, oriunda dos próprios processos naturais”, ao longo do tempo vai gradativamente cedendo espaço à informação, “hoje o verdadeiro instrumento de união entre as diversas partes de um território”. O território reúne informações local e externamente definidas, vinculadas a um conteúdo técnico e a um conteúdo político, uma dialética que “se afirma mediante um controle ‘local’ da técnica da produção e um controle remoto da parcela política da produção” (p. 17). O comando “local” do território depende de sua densidade técnica e/ou funcional-informacional (p. 18), enquanto o “controle distante”, global, a “escala da política”, ao contrário do que acontecia “antes do enfraquecimento do Estado territorial” (p. 19), é completamente dissociado, o que acirra os conflitos entre “um espaço local, espaço vivido por todos os vizinhos e um espaço global” racionalizador e em rede (HAESBAERT, 2004, p. 60).

Ainda, há que se observar que o conceito de territorialização remete, efetivamente, à dominação e à apropriação do território, e, sendo assim, a territorialidade se refere ao caráter multidimensional do vivido. A territorialidade, por seu turno, é construída na relação entre sociedade e espaço, e essas ditas relações podem ser funcionais e/ou simbólicas. Nessa relação, porém, de territorialidade, não imperiosamente se construirão territórios, noutros termos, “ainda que todo território implique uma territorialidade, pode existir territorialidade sem que ocorra a construção efetiva do território”, conforme Haesbaert e Mondardo (2010, p. 31) explanam. Nesse contexto,

Os objetivos dos processos de territorialização, ou seja, de dominação e de apropriação do espaço, variam muito ao longo do tempo e dos espaços. Assim, as sociedades tradicionais conjugavam a construção material (“funcional”) do território como abrigo e base de “recursos” com uma profunda identificação que recheava o espaço de referentes simbólicos fundamentais à manutenção de sua cultura. Já na sociedade “disciplinar” moderna (até por volta do século XIX) vigorava a funcionalidade de um “enclausuramento disciplinar” individualizante através do espaço – não dissociada, é claro, da construção da identidade (individual, mais do que de grupo). Mais recentemente, nas sociedades “de controle” ou “pós-modernas” vigora o controle da mobilidade, dos fluxos (redes) e, conseqüentemente, das conexões – o território passa então, gradativamente, de um território mais “zonal” ou de controle de áreas para um “território-rede” ou de controle de redes. Aí, o

movimento ou a mobilidade passa a ser um elemento fundamental na construção do território (HAESBAERT, 2005, p. 6777-6778).

Ademais, a territorialização pode se desfazer, ou seja, ocorre o que se chama de desterritorialização, que supõe sempre numa reterritorialização. Por isso, por meio das vivências, – e podemos falar, igualmente, mobilidades – os territórios podem ser construídos, “destruídos” e reconstruídos; no entanto, esse processo não provoca a destruição total do(s) território(s) antigo(s) e tampouco se pode dizer que, por meio da reterritorialização, volta-se a um território como o era antes.

Pensando na mobilidade contemporânea, seja física, seja virtual, o ser humano vive em múltiplos territórios, não sendo possível viver em uma “bolha territorial”. Com isso, quero dizer que o homem é um ser que vive uma multiterritorialidade, posto que os espaços – físico-biológicos ou simbólico-sociais – pelos quais transita são vários e complexos (HAESBAERT, 2005). No entanto, estar em múltiplos territórios não implica afirmar que o sujeito viveu uma multiterritorialidade no sentido simbólico-cultural.

A manifestação da multiterritorialidade é dada de duas formas: *latu sensu* (sucessiva) e *stricto sensu* (simultânea). A multiterritorialidade *latu sensu* é posta em prática pela mobilidade, isso diz respeito a que estamos vinculados a múltiplos territórios articulados em rede com a possibilidade de haver um trânsito físico. Já a multiterritorialidade *stricto sensu*, segundo Haesbaert e Mondardo (2010, p. 32), “envolve territórios em si mesmos híbridos e/ou que permitem a articulação simultânea com outros territórios (por mecanismos de controle informacional)”.

É importante, assim, destacar que viver em um lugar de diversidade étnico-cultural, por exemplo, não avaliza uma multiterritorialidade. Essa é garantida quando há e se criam vínculos simbólico-afetivos, posto que se pode viver os múltiplos territórios simplesmente desde o viés físico-funcional. Uma viagem de turismo, por exemplo, em geral, não pressupõe ou leva a um vínculo simbólico-afetivo com os múltiplos territórios daquele lugar, ainda que tal situação possa suceder.

O deslocamento, as vivências e vínculos simbólico-afetivos construídos no refúgio estão diretamente relacionados à multiterritorialidade, à transterritorialidade e à (re)construção de identidades. Nesse processo, a relação – física e afetiva – com os territórios antigos e com os novos, as vivências no local do refúgio sustentadas pelas memórias, pelo *devoir* (ir e vir), constituem o contexto ideal para o entre-lugar cultural,

para o viver nas várias fronteiras geradas pelo deslocamento. Nesse contexto, portanto, concordo com Santos (1994, p. 15) quando este argumenta que:

O Território era a base, o fundamento do Estado-Nação que, ao mesmo tempo, o moldava. Hoje, quando vivemos uma dialética do mundo concreto, evoluímos da noção, tornada antiga, de Estado Territorial para a noção pós-moderna de transnacionalização do território.

Nesse devir, então,

Uma forma de territorialização também é aquela que se realiza “no e pelo movimento”. Inúmeros são aqueles que, hoje, identificam-se com essa mobilidade – de tal forma que, para eles, o território, e as identidades aí incorporadas, é construído na multiplicidade, pelo amálgama de múltiplas territorialidades ou – de maneira mais estrita, pelo próprio “estar em movimento” ou transitar entre múltiplos territórios, o que nos leva, também, a pensar numa forma quase constante de trânsito entre territórios ou, em outras palavras, numa “transterritorialidade” (HAESBAERT; MONDARDO, 2010, p. 33).

Considerando o anterior, passo a abordar a concepção de transterritorialidade, por me permitir tornar mais evidente o entendimento assumido sobre a mobilidade, as fronteiras e as identidades nesta pesquisa. O conceito de transterritorialidade tem que ver com os laços afetivos estabelecidos no trânsito nos vários territórios, ou seja, transcende o da multiterritorialidade e o contato com territórios múltiplos, ainda que no sentido *stricto sensu*. O prefixo “trans” ajuda, desse modo, na compreensão das relações do *devir* entre culturas, territórios e memórias.

Sair para refugiar-se, aqui, não é visto como um abandono do passado, e sim como uma necessidade de transterritorialização forçada. Assim, no mundo superdiverso o estabelecimento das diversas fronteiras – físicas ou simbólicas – é imposto a todos os cidadãos, a uns mais, a outros menos. Não há como fugir da hibridização cultural, não há como sustentar uma pureza identitária, linguística, sobretudo quando se fala em imigração. Transterritorializar, para além de um fenômeno natural no contexto dos fluxos migratórios contemporâneos, é uma necessidade, no fito de que as fronteiras, que não deixarão de existir, no mínimo poderão ser menos exclusivistas.

É importante aclarar, não obstante, que a transterritorialidade não pode ser encarada como uma via de mão única, caso contrário os processos de exclusão serão severamente mantidos. Aqui, trago, mais uma vez, as ideias de Homi Bhabha (1996), quando esse autor diz que, desde o ponto de vista da minoria, a articulação social da diferença é um movimento complexo, em curso, que vislumbra um reconhecimento dos

hibridismos culturais.

O hibridismo cultural, por seu turno, deve ser visto, tal e qual a transterritorialidade, num processo constante de *devir*, de trânsito entre diferentes territórios e memórias. A importância que se deve dar aqui é à possibilidade, isto é, a viabilidade do trânsito, uma vez que ao mover-se por territórios alheios e estabelecer relações afetivas, estes também acabam por ser, igualmente, de quem por ali transita. Em suma, nessa relação entre multiterritorialidade, transterritorialidade e identidade, pode-se dizer que

Enquanto a multiterritorialidade pode implicar a passagem de um território (ou territorialidade) para outro, assumindo-se novas condições em momentos diferentes de um mesmo processo – ainda que temporalmente próximos entre si –, a **transterritorialidade** é a manifestação de uma multiterritorialidade em que **a ênfase se dá no estar-entre, no efetivamente híbrido**, produzido através dessas distintas territorialidades. É claro que, diferentemente da distinção analítica aqui realizada, na prática a fronteira entre essas situações é extremamente maleável e fluida – tanto podemos “adotar” uma territorialidade diferenciada para logo depois abandoná-la, quanto incorporá-la na reconstrução dos referentes territoriais que passarão a nos acompanhar de forma indissociável (HAESBAERT, MONDARDO, 2010, p. 35, grifos meus).

A transterritorialidade, por conseguinte, implica não somente um estar-entre, mas um viver entre, na medida em que dito “entre” implica um terceiro lugar, uma fronteira, uma relação entre culturas, línguas de territórios anteriores, pensando na perspectiva dos imigrantes refugiados, com as culturas e línguas dos territórios de “acolhimento”. O processo de transterritorialização não envolve uma soma simples de características sociais, culturais e linguísticas; mais que isso, implica um novo lugar, que não é o dos territórios anteriores tampouco os novos, mas uma mescla entre o que se deixa e o que se ganha no encontro das fronteiras. Isso implica, claro, outras identidades e impacta a re/construção dessas. E é sobre identidade que me detenho nos parágrafos seguintes.

2.2. A re/construção de identidade: conceituações.

Durante alguns trechos dos parágrafos anteriores, em certos pontos, tratei da identidade, mas sem caracterizá-la mais a fundo. Deixo claro, assim, que a perspectiva teórica ora escolhida é uma opção, dentre as várias possíveis, por pensar que é a que se adequa mais à discussão que tenho feito.

A mobilidade na contemporaneidade, seja física, seja virtual, tem proporcionado a re/construção de algumas fronteiras e, assim, a de identidade. A facilidade de acesso à internet, a conexão com as culturas de outros países, a aprendizagem de línguas, as migrações voluntárias e forçadas, todo esse cenário e outras práticas transespaciais fazem com que os territórios não sejam fixos, que algumas fronteiras se esfumem, já outras se reforcem. Ainda que alguém esteja fora de seu território físico, pode se conectar às pessoas de seus territórios antigos, mantendo e alimentando, dessa maneira, os vínculos e os territórios que os constituem, de modo geral. Nesse contexto, diz-se, comumente, que essas pessoas, fora de seus territórios físicos, “perdem” suas identidades, já não são as mesmas; de fato, estas não são e nem tem como serem as mesmas se estão envolvidas em práticas sociais outras. Porém, a meu ver, não ocorre uma perda de identidade e, sim, uma re/construção dessa a partir dos novos territórios físicos e simbólicos.

Há, dentro dos estudos sobre identidade, variadas perspectivas de pensá-la. Aqui, anoro-me nos Estudos Culturais, uma das áreas que se debruça sobre o conceito, que também não possui perspectiva única. No entanto, ainda que haja variados caminhos para refletir e para caracterizar a identidade, de modo geral é aceito que esta não é fixa, noutros termos, é móvel, fluida, não essencialista, sobretudo nas pesquisas em Linguística Aplicada que trazem a perspectiva dos Estudos Culturais. De modo mais abrangente, identidade é entendida como “a fonte de significado e experiência de um povo”, conforme Castells (1996, p. 22). Todo povo possui certos traços de semelhanças e diferenças e tais características são re/construídas nos âmbitos social, histórico, cultural e linguístico. Castells (1996, p. 22) acrescenta, ademais, que a identidade “é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural” e, ainda, é a inter-relação de conjuntos de atributos culturais que sobressaem sobre outras fontes de significado. De modo complementar, Silva (2000) agrega à concepção de identidade, dizendo que:

O conceito de identidade [...] não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional, isto é, de forma diretamente contrária àquilo que parece ser sua carreira semântica oficial, esta concepção de identidade não assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história (SILVA, 2000, p. 108).

Pensando nos atores sociais, estes podem ser individuais ou coletivos. Assim, para esses atores, a identidade pode ser múltipla e, desse modo, essa pluralidade está sempre em tensão e, inclusive, contradição, salienta Castells (1996). Tal fato se dá devido à

relação entre os variados territórios – físicos e simbólicos – que o ser humano transita não ser simétrica, gerando, portanto, a tensão já dita. Nesse contexto, é imperativo estabelecer a diferença entre identidade e papéis.

Os papéis são normatizados, definidos pelas regras estruturadas pelas instituições e organizações sociais. Assim, ser mãe, pai, ator de novela etc. são papéis e não identidades, na medida em que são definidos e negociados pela sociedade. Os indivíduos e as organizações sociais negociam a influência que esses papéis terão no comportamento da pessoa. As identidades, por seu turno, “constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação” (CASTELLS, 1996, p. 23). As identidades são mais fortes que os papéis, posto que estes se relacionam a funções, aquelas têm que ver com significados. Um papel pode ser tido como identidade se, e somente se, o ator social assim o entender, por meio de seu processo de individuação, o que gera, aí sim, significação para si (CASTELLS, 1996).

A mobilidade, no contexto da identidade e dos papéis, influencia no embaralhamento dessas posições no indivíduo em trânsito. Identidades tidas como relativamente estáveis, ao transpassar fronteiras, se re/constroem e outros papéis podem ser estabelecidos. Como os papéis são negociados com a sociedade, estes podem vir a ser entendidos pelos atores sociais como identidade, o que é normal; isso advém, assim, do *estar-entre*, o que pode gerar, porém, os dramas do ser, do pertencer e (re)existir. Portanto, estar no *entre-lugar* socialmente, o que é algo tido como positivo, pois indica uma re/construção identitária, um hibridismo cultural, pode gerar um *não lugar*, para usar o termo de Augé (2010), se certas fronteiras forem reafirmadas. Neste sentido, Irala (2011, p. 20) afirma que “o drama humano se constitui, portanto – e justamente – [na] tensão entre as formulações externas que definem quem cada um pode/deve ser, e o que se é, sem nenhuma garantia ou contenção sobre o que separa esses dois pólos”.

Castells (1996) propõe três formas de origem e construção de identidades, desde o ponto de vista contextual das relações de poder, posto que elas se re/constroem a partir desse âmbito: identidade legitimadora, de resistência e de projeto. Cada modo de construção identitária, por seu turno, gera um resultado diferente no que se refere à constituição da sociedade.

A identidade legitimadora, segundo o autor, favorece as instituições dominantes

na sociedade no intento de potencializar seu poder de dominação. Assim, essas instituições introduzem identidades legitimadoras para fomentar a dominação. Essa identidade origina uma sociedade civil, segundo Castells (1996), pois a estrutura social imposta faz com que os diversos atores sociais – ainda que haja conflitos – internalizem e reproduzam as identidades propostas pelas instituições dominadoras, mantendo, desse modo, o controle.

A identidade de resistência é criada por atores que se encontram no lado fraco das assimetrias sociais de dominação, em geral são desvalorizados, estigmatizados e marginalizados. Esses atores, então, constroem o que Castells chama de “trincheiras de resistência”, para que possam sobreviver desde o ponto de vista diferente e até mesmo contrário ao das instituições sociais de controle. Esse tipo de construção identitária leva à formação de “comunas” ou “comunidades”, pois lutar coletivamente contra a opressão é mais suportável. As identidades construídas, nesse contexto, são de defesa, defensivas, gerando o que o autor chama de “exclusão dos que excluem pelos excluídos”.

Por fim, a identidade de projeto é originada por meio de atores sociais que tomam algum material cultural disponível – que esteja ao seu alcance – e constroem uma nova identidade, no intento de redefinir sua posição ante a sociedade. Dessa maneira, esse tipo de identidade transforma indivíduos em sujeitos e busca modificar a estrutura social. Os sujeitos são, assim, entendidos como “o ator social coletivo pela qual indivíduos atingem o significado holístico em sua experiência” (CASTELLS, 1996, p. 26). A construção identitária de projeto, portanto, foca na ideia de um plano de vida melhor, no fito de uma transformação da sociedade com menos assimetrias sociais.

É importante esclarecer que os tipos de construção identitária propostos por Castells (1996) não são estanques. Por isso, uma identidade de projeto, que pode ser originada de uma de resistência, pode se tornar legitimadora e exercer o papel de controle, pois isso se dá porque não se acredita numa perspectiva essencialista e imóvel de identidade; esta é múltipla e está sempre em mudança dentro das relações sociais de poder.

Levando em consideração a multiplicidade de territórios e a territorialidade que os indivíduos estão sempre em contato, sobretudo os que estão em mobilidade física – como é o caso dos imigrantes –, digo que essas identidades, fluídas por excelência, podem ser chamadas de *identidades transterritorializadas*, ou seja, não apenas se re/constroem,

mas se transterritorializam. Com isso, quero dizer que a relação no devir, entre os territórios, promove a não fixação desses variados territórios que constituem o sujeito em mobilidade forçada, as identidades que se re/constroem são fruto da transterritorialidade. Assim, Haesbaert e Mondardo (2010) desenvolvem a ideia de transterritorialidade no excerto seguinte, a qual se aplica igualmente ao que caracterizo como identidades transterritorializadas. Vejamo-lo:

Transterritorialidade, assim, envolve não apenas o trânsito ou a passagem de um território ou territorialidade a outra, mas a transformação efetiva dessa alternância em uma situação nova, muito mais híbrida. Destaca-se a própria *transição*, não no sentido de algo temporário, efêmero e/ou de menor relevância, mas no sentido de “trânsito”, movimento e do próprio “atravessamento” e imbricação territorial – não um simples *passar-por* mas um *estar-entre* (HAESBAERT; MONDARDO, 2010, p. 35, grifos dos autores).

Nesse contexto, as identidades dos imigrantes – no nosso caso os refugiados e os em fluxo forçado – são re/construídas e transterritorializadas porque a realidade desses indivíduos é viver entre-territórios, e a interseção desses acaba por ser um novo, mas que é nutrido por relações de territórios antigos e novos, por memórias, a partir de um contexto específico: a mobilidade (forçada). O viver entre fronteiras, no devir, desse modo, no contexto de relações de poder, gera identidades de resistências, de projetos, mas também legitimadoras, daí o drama do ser/pertencer/(re)existir para quem se *autoidentifica* como refugiado ou expatriado, por exemplo, mas que precisa, socialmente, ser reconhecido como tal para poder ter direitos e sofrer menos com as diversas fronteiras, com o não lugar no refúgio. *Ser* ou *ser identificado como*, ainda que o produto seja o mesmo, mas a relação transterritorial e identitária que se faz disso é distinta.

Pensando na interface entre construções de identidade, mobilidade e mudança social, corroboro com as ideias de Augé (2010, p 109) quando esse autor diz que:

A educação deve inicialmente ensinar a todos a mudar o tempo para sair do eterno presente fixado pelas imagens em círculo, e fazer mudar o espaço, isto é, a mudar no espaço, a sempre ir ver mais de perto e a não se nutrir exclusivamente de imagens e mensagens. É preciso aprender a sair de si, a sair de seu entorno, a compreender que é a exigência do universal que relativiza as culturas e não o inverso. É preciso sair do cerco culturalista e promover o indivíduo transcultural, aquele que, adquirindo o interesse por todas as culturas do mundo, não se aliena em relação a nenhuma delas (AUGÉ, 2010, p.109).

Portanto, se se toma como positiva a relação entre o universal e o particular, é possível não relativizar a cultura e pô-las em liame, e, dessa forma, será viável construir formas de vida transculturais. Nesse processo, ainda, compreender a relação entre a transterritorialidade e as identidades reconstruídas no devir são processos importantes no refúgio para poder se re/pensar diversas políticas migratórias, dentre as quais as sociais, as linguísticas e as educacionais. A memória, por seu turno, engendra e alimenta a re/construção identitária, conceito por demais importante já referido aqui. E é sobre a memória, portanto, que a subseção seguinte versa.

2.3 O re/lembrar como um devir: memória e pós-memória.

Nesta subseção, aprofundo a discussão acerca da concepção de memória e pós-memória, uma vez que são conceitos-chave para a construção das identidades, de modo geral, e das transterritorializadas, de modo particular.

A memória, como uma complexa organização neurobiológica, é, antes de qualquer conceito mais subjetivo, uma faculdade. Todo ser humano, com exceção dos que possuem alguma patologia, são dotados de memória (CANDAUI, 2012). Nesta investigação, reconheço a memória como faculdade, contudo meu foco de análise, dada a natureza deste trabalho, são os modos pelos quais ela se manifesta, posto que “a memória é [...] uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo”, conforme assevera Candau (2012, p. 9).

Para além da faculdade, portanto, a memória é um fenômeno individual e coletivo. Nesse âmbito, Pollak (1992) propõe que, enquanto fenômeno, a memória possui elementos que a constituem, são eles: os acontecimentos, os lugares e as pessoas/personagens. Caracterizo, a seguir, cada um dos referidos constituintes, com base no citado teórico.

Os “acontecimentos” são entendidos como momentos vividos pessoalmente pelo sujeito ou, ainda, “vividos por tabela”, isto é, acontecimentos que o grupo ou a comunidade ao qual o indivíduo se sente pertencer viveu. Ademais, ainda segundo Pollak (1992, p. 201), estes “são acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não”. Também sobre os acontecimentos vividos por tabela, o sujeito, por vários motivos, quer sejam sociais, quer sejam históricos, projeta,

identifica-se com um passado, de forma que se pode comentar num passado quase herdado.

Um exemplo de acontecimento “vivido por tabela” é o das lutas do movimento negro na contemporaneidade, pensando no caso do Brasil. Os que nos identificamos como tal resgatamos os acontecimentos que nossos ancestrais viveram e promovemos ações para mudar as assimetrias que mantêm o racismo estrutural, por exemplo. Ainda que os atuais negros brasileiros não tenham vivido o início da colonização/colonialismo e suas mazelas, tomamos para nós esses acontecimentos e perseguimos sem cessar nossos objetivos emancipatórios, pois vivemos as variadas situações de colonialidade oriundas da colonização e escravização.

No que diz respeito aos “lugares”, dentro desse elemento, pode-se falar, ainda, em lugares de memória, lugares de apoio da memória e, por fim, de lugares longínquos. Vejamos o que cada um representa.

Em primeiro lugar, quando se fala em “lugares de memória”, a ideia é relacioná-los com a lembrança, que pode ser pessoal e não necessariamente ter um apoio cronológico. Pollak (1992) cita, como exemplo, um lugar de férias da infância, em que o sujeito viveu momentos que lhe marcaram, mas que não necessariamente se recorda da real data em que os eventos ocorreram.

Em segundo lugar, há os “lugares de apoio da memória”, que dizem respeito a aspectos mais público das pessoas, à memória mais pública, de modo que tais lugares são aqueles a que Pollak (1992) chama de comemoração. Esses lugares podem proporcionar lembranças vividas pela pessoa ou “por tabela”. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir como exemplo, por meio do qual a pessoa se recorda de acontecimentos importantes a partir daquele dito lugar.

Por fim, em terceiro lugar, há os “lugares longínquos”: “fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e, por conseguinte, da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo” (POLLAK, 1992, p. 202). Esse teórico, como exemplo, refere-se a alguns europeus com origens nas colônias na África: a memória desse continente pode fazer parte tão fortemente da herança da família, que chega a transformar-se em sentimento de pertencimento.

Por fim, passo, a seguir, ao terceiro e último elemento constitutivo da memória,

que se soma aos dois anteriores (os acontecimentos e os lugares): as “pessoas/os personagens”. Esses podem ter feito parte, realmente, dos acontecimentos singulares de um sujeito ou, ainda, pode haver personagens “por tabela”, nos mesmos moldes dos acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, pessoas que tiveram relação indireta com o indivíduo em questão ou mesmo não tiveram nenhum vínculo com o espaço-tempo da pessoa, mas se tornaram “conhecidos”.

Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos (POLLAK, 1992, p.202).

A partir dos constituintes da memória, é importante ressaltar outras características, dentre as quais, a da seletividade. A memória é seletiva. Nem todos os lugares, acontecimentos e personagens ficam gravados. É preciso que esses tenham tido relevância na vida pessoal de um sujeito ou de um grupo. Candau (2012) assevera esse fato quando comenta que o jogo da memória é fundado na necessária relação entre lembrança e esquecimento, o que, também, Bourdieu (2006) comenta sobre a produção da (auto)biografia. Nesse contexto, não se deve confundir a evocação – as lembranças que são manifestas, verbalizadas – com as lembranças propriamente ditas, posto que aquela também é seletiva. A evocação, por seu turno, não é a totalidade da lembrança, nos termos de Candau (2012). Desse modo, também não se deve pensar que um fato é a lembrança dele, isto é, a realidade não é a evocação, esta é a lembrança daquela.

Ademais, a memória é, em parte, herdada, isto é, não diz respeito apenas à vida física da pessoa. Outrossim, as preocupações – políticas, pessoais – do instante, do presente são elementos estruturantes da memória, daí pensá-la como um devir. O passado, desse modo, não é completamente inacessível, inalcançável, uma vez que é possível fazê-lo reviver por meio das lembranças e essas, nas ideias de Candau (2012), ajudam na compreensão e enfrentamento do momento presente.

A memória, assim como a identidade, também é construída social e individualmente. Do ponto de vista individual, essa construção pode ser consciente ou inconsciente. A partir de um trabalho organizacional, a memória individual seleciona, exclui, grava. No que diz respeito à memória herdada, esta tem uma relação estreita com a identidade, uma vez que é a partir desses mecanismos que um indivíduo, um grupo vai se reconhecer, ou não, como pertencente a uma determinada comunidade, que pode ser

imaginada. Assim, concordo com Pollak (1992, p. 204) quando assevera que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade” e que estas – memória e identidade – são valores disputados.

Nesse mesmo contexto, é importante frisar que identidade e memória se retroalimentam a fim de construir uma história, uma narrativa. Assim, a memória modela os sujeitos e é, ao mesmo tempo, modelada por eles, fortalecendo a identidade. Ainda, afirma Anne Muxel (1996), que o sujeito, para chegar à sua própria individualidade, deve trabalhar na reapropriação e negociação em relação ao seu passado, noutros termos, deve favorecer o trabalho da memória. Ademais, é no interior de um repertório flexível e aberto de acontecimentos que o sujeito construirá seu quadro de estratégias identitárias, ou seja, dentro de um repertório memorialístico (CANDAU, 2012).

Segundo Candau (2012), é clara a ideia de que as memórias constroem o que esse autor chama de sentimento de identidades. Porém, ao mesmo tempo, a depender dos acontecimentos, se traumáticos, por exemplo, as memórias podem, nas palavras desse autor, “ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade”. Avançando e adequando o vocabulário para o contexto desta investigação, as memórias traumáticas, causadas pelo deslocamento forçado, no lugar de “ameaçar, perturbar, arruinar” o sentimento de identidade, uma vez que esses vocábulos denotam uma visão essencialista do fenômeno e de destruição do que se diria fixo, essas geram outras identidades. Sendo assim, são as que tenho chamado de identidades transterritorializadas, que não são fruto de uma “ameaça”, “perturbação” ou “arruição” de identidade na mobilidade, posto que a identidade não pode ser vista como essencial, fixa, imutável, como já salientei noutro momento, e sim desde a perspectiva de re/construção, associada a um processo comum e contínuo, ainda que não harmonioso e passivo.

Desde o ponto de vista antropológico, no qual se alicerça esta discussão, Candau (2012) classifica as manifestações da memória individual em: protomemória – ou memória de baixo nível; memória propriamente dita – ou memória de alto nível; e, por fim, metamemória.

A protomemória diz respeito aos saberes, aos hábitos mais profundos e experiências resistentes de um indivíduo, sendo compartilhada pelo grupo ao qual o sujeito pertence. Em geral, o ser humano, dentro de sua comunidade, possui hábitos que não precisam ser “pensados”, apenas age de acordo com o que foi corporificado, uma

aprendizagem por meio do corpo, das experiências. Assim, a protomemória se refere à “transmissão social que nos ancora em nossas práticas e códigos implícitos” e, ainda, aos “costumes introjetados no espírito sem que neles se pense ou sem que nisso se duvide, traços, marcas e condicionamentos constitutivos do *ethos* e mesmo alguns aspectos que jamais são verbalizados” (CANDAUI, 2012, p. 22, grifo do autor). Aqui, pode-se citar, por exemplo, as maneiras gestuais de se cumprimentar os amigos, como forma de protomemória.

Para explicar a memória propriamente dita, por seu turno, prefiro citar *ipsis litteris* as palavras de Candau (2012), nas quais afirma que esse tipo de memória é:

Essencialmente [...] de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos etc.). A memória [propriamente dita], feita de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral de expansão da memória (CANDAUI, 2012, p. 23).

Durante nosso cotidiano, fazemos sempre o exercício de recordar algo, sejam experiências recentes, sejam antigas, boas ou traumáticas, para mobilizar certas atitudes, ou afirmar-se desde o ponto de vista identitário, por exemplo; aí temos um modelo de memória propriamente dita. Esse tipo juntamente com o próximo – explicado no parágrafo seguinte –, por terem estreita ligação, são base das narrativas de deslocamento que evocamos dos participantes desta pesquisa para compreender suas identidades.

A metamemória é a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que se tem dela e, ainda, o que diz dela. Esse jogo de discussão remete o indivíduo a seu passado, gerando, assim, uma construção explícita de identidade. Como a metamemória e a memória propriamente dita, essa depende, ordinariamente, da faculdade da memória, ela – a metamemória – é uma representação relativa a essa faculdade. Nesse contexto, afirma Candau (2012, p. 24), “cada um de nós tem uma ideia de sua própria memória e é capaz de discorrer sobre ela para destacar suas particularidades, seu interesse, sua profundidade ou suas lacunas”.

Essa mesma classificação, porém, não pode ser simplesmente adotada quando se pensa em grupos, ou seja, em uma memória coletiva. Esse fato se dá porque essa é um discurso produzido por um grupo sobre uma memória, supostamente comum a todos, isto é, uma espécie de metamemória, mas diferente daquela vinculada à memória individual

e que só existe discursivamente¹⁶.

Relacionando identidade, transterritorialidade e memória, sugiro entender que o deslocamento e as experiências vividas por cada sujeito constroem (pós)memórias e identidades diversas. Sendo assim, esse fato corrobora com a perspectiva de superdiversidade já apresentada, de que se deve ater à identidade, para além de outras características, os trajetos feitos pelas pessoas, ou seja, suas experiências, suas memórias propriamente ditas e suas metamemórias. Desse modo, o ato de memória é um ato, também, de resistência do ser, do pertencer e (re)existir.

Outra distinção bastante importante que devo fazer, sobretudo porque estou relacionando identidade, como uma construção de si, à memória em um contexto transterritorial, diz respeito aos seguintes aspectos: i) memória do passado; ii) memória de ação e iii) memória de espera, posto que é esse o movimento de devir que sustenta e constrói as identidades. A memória do passado alude às recordações, avaliações, reflexões, lamentos; já a memória de ação é absorvida no presente, sempre evanescente, efêmera e, por fim, a memória de espera se relaciona com a esperança, alinhada aos projetos (CANDAU, 2012). Nesse contexto, nota-se a importante relação passado-presente-futuro que se deve fazer, uma vez que cada tempo explica o outro, um sustenta as visões do outro, um justifica os pensamentos que se faz do outro. Assim, as identidades são re/construídas no decorrer do tempo, das experiências, do que se entende do passado e do que se esperou e se espera do futuro.

Um ponto importante, para a compreensão da memória, nesta tese, é o conceito de pós-memória que, de forma primária, se distancia da noção usada nos estudos literários¹⁷. Nesta tese, baseado em Candau (2012)¹⁸, uso pós-memória como uma reconstrução do passado, na medida em que essa construção tem uma função social, posto que é a partir desse devir que o sujeito ressignifica o passado, que no caso é traumático, tece críticas sobre o presente e projeta ideias para o futuro.

¹⁶ Não é meu foco explorar mais a fundo em que consiste a memória coletiva nesta tese, ainda que pese sua relevância. Assim, caso o(a) leitor(a) deseje conhecer mais sobre esse tipo, sugiro o texto de Halbwachs (2006). É importante ressaltar que toda memória é social, mas não necessariamente coletiva.

¹⁷ Nos estudos literários, a pós-memória implica a memória de uma segunda ou terceira geração de pessoas que viveram uma experiência traumática. Esse conceito foi elaborado por Marianne Hirsch (1997, 2008, 2012), quando discutia, no contexto dos Estados Unidos da América, sobre a rememoração do Holocausto a partir da geração seguinte a que havia sofrido as barbaridades desse massacre.

¹⁸ Este autor não usa o conceito de pós-memória, mas me baseio nele para desenvolver a noção que utilizo.

O deslocamento forçado, assim, produz pós-memórias, ou seja, evocações de um passado traumático que re/constrói as identidades dos deslocados – refugiados, no caso desta tese – com base em experiências que fazem com que os sujeitos critiquem seu passado e presente e façam avaliações para o futuro do presente com base neste e no passado. Cito Bourdieu (2006, p. 190), a seguir, justamente para mostrar a relação que há entre passado e presente na pós-memória, desde o ponto de vista biográfico, e, acrescento, autobiográfico também:

Os acontecimentos biográficos [e autobiográficos] se definem como *colocações* e *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado. O sentido dos movimentos que conduzem de uma posição (de um posto profissional a outro, de uma editora a outra, de uma diocese a outra etc.) evidentemente se define na relação objetiva entre o sentido e o valor, no momento considerado, dessas posições num espaço orientado (BOURDIEU, 2006, p. 190, grifos do autor).

O movimento, de que fala o sociólogo francês, recai sobre o deslocamento físico, no caso desta tese: o forçado, posto que nessa mobilidade os sujeitos, com base em suas memórias e pós-memórias, reconstroem suas histórias, suas identidades, proporcionando, assim, sentido e valor diferentes a partir do e no deslocamento. Desse modo, dado que os acontecimentos se definem, na biografia, como colocações e deslocamentos, a memória e pós-memória, no contexto de refúgio e fluxo forçado, também assim o fazem, pois nem todos os acontecimentos serão evocados, e é impossível sabê-lo, pois faz parte do repertório memorialístico que o sujeito deseja evidenciar/ocultar, por serem traumáticos, embaraçosos, vergonhosos desde seu ponto de vista.

No que diz respeito às questões de tempo, aproveito o conceito de formas elementares de acontecimento, proposto por Augé (1993), para evidenciar mais uma característica do que chamo de pós-memória no contexto da mobilidade: o tempo não é abalizado desde um ponto de vista cronológico por datas, e sim por acontecimentos centrados no sujeito e isso lhe marca física e psicologicamente e tem por causa um aspecto social. Assim, a partida, os sofrimentos ou alegrias do/no caminho percorrido, a chegada são formas elementares de acontecimento das quais emanam as pós-memórias e estas re/constroem identidades dos sujeitos deslocados. O importante são os fatos ocorridos, e não as marcações ortodoxamente instauradas pelo tempo.

Para fechar esta seção, reitero, mais uma vez, a relação entre identidade, memória

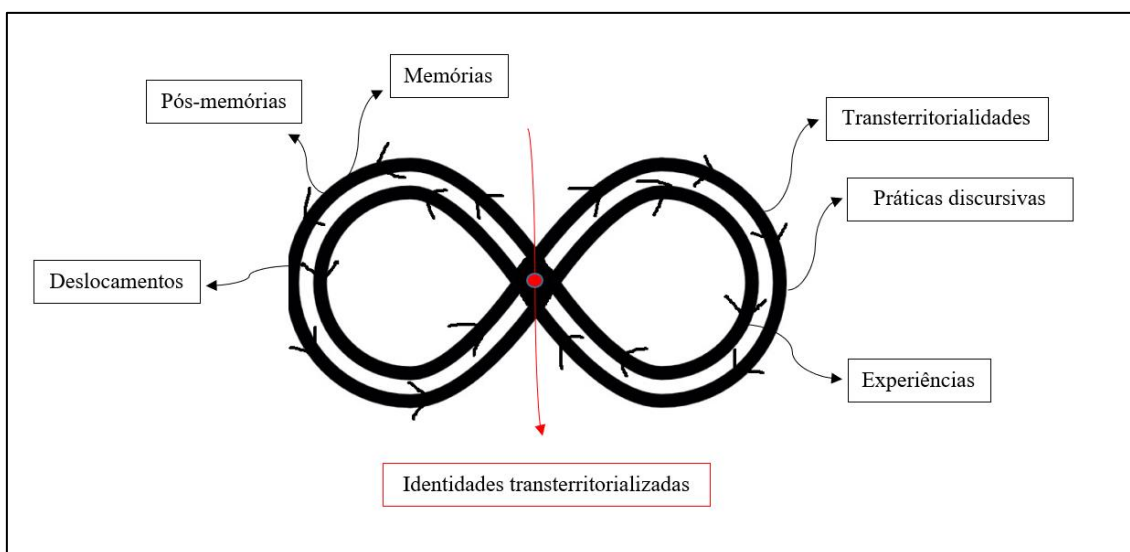
e transterritorialidade. Candau (2012, p.12) argumenta que compreender identidade não é algo simples. Aqui, acrescento a ideia mais clara de território, notadamente a transterritorialidade, porque o contexto da pesquisa é o sujeito em mobilidade. Assim sendo,

As identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de “traços culturais” –vinculações primordiais–, mas são produzidas e se modificam [se reconstróem] no quadro das relações, reações e interações sociosituacionais –situações, contexto, circunstâncias–, de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de “visões de mundo” identitárias ou étnicas. Essa emergência é a consequência de processos dinâmicos de inclusão e exclusão de diferentes atores que colocam em ação estratégias de designação e de atribuição de características identitárias reais ou fictícias, recursos simbólicos mobilizados em detrimento de outros provisória ou definitivamente descartados.

Esses destaques das “dimensões” e das “significações da identidade” são geradores de diferenças ou, mais exatamente, de “fronteiras sociais” [e outras] escorregadias a partir das quais os atores estimam que as coisas e as pessoas –”nós” *versus* “os outros”– são diferentes. Essas variações situacionais da identidade impedem de reificá-la, de reduzi-la a uma essência ou substância (CANDAU, 2012, p. 27, grifos do autor).

Em suma, relacionando as noções de memória e transterritorialidade na re/construção de identidades, sugiro o esquema teórico disposto a seguir na figura 6. Há um fluxo contínuo, ininterrupto entre memórias, pós-memórias, deslocamentos, transterritorialidades, experiências, práticas discursivas, e é na encruzilhada desses pontos que a identidade transterritorializada, entendendo-a como múltipla, reconstrói-se.

Figura 6: fluxo na re/construção de identidades transterritorializadas



Fonte: autoria própria

Na seção seguinte, explico os aspectos metodológicos de desenvolvimento desta pesquisa, caracterizando-a, focando e aclarando os métodos e instrumentos usados. Ademais, elucido em que consistem as narrativas de deslocamento, construto importante para o desenvolvimento deste estudo.

3. CONHECENDO O PERCURSO DE TRAVESSIA: METODOLOGIA

As investigações no campo da Linguística Aplicada, como em qualquer outro, devem possuir um percurso metodológico claro e atender aos objetivos pretendidos pelo estudo. Isso não significa dizer que há uma ortodoxia no processo, porém o percurso a ser seguido tem de estar alinhado às discussões teóricas, a fim de que as estas tenham coerência com as ideias desenvolvidas. Dito isso, apresento, neste capítulo, os percursos e travessias metodológicas pelos quais a investigação se desenvolve. Assim, caracterizo a natureza da pesquisa, delimito o universo do seu *corpus* bem como mostro os instrumentos e técnicas empregados e, por fim, conceituo narrativa de deslocamento.

3.1 Caracterização da pesquisa

Resulta, muitas vezes, complicado encaixar uma investigação nos moldes metodológicos já tradicionais. Não é, também, meu interesse problematizar essa questão nesta tese, porém é importante esclarecer que o percurso metodológico em Linguística Aplicada tende a ser mais flexível do que nas pesquisas no chamado “núcleo duro” da Linguística. Tal fato, no entanto, não quer dizer que não haja rigor no processo, pelo contrário: o tratamento dos dados é por demais importante, tanto que, no caminho de coleta/geração dos dados, pode-se rever, por exemplo, os objetivos da investigação, o método de coleta/geração do *corpus*, a caracterização da pesquisa e, inclusive, a própria pesquisa; nesse contexto, assim, mostro como este estudo se caracteriza. Ademais, concordo com André (2013, p. 96) quando essa autora afirma que “na perspectiva das abordagens qualitativas, não é a atribuição de um nome que estabelece o rigor metodológico da pesquisa, mas a explicitação dos passos seguidos na realização da pesquisa”.

Ainda assim, e, levando em consideração o cânone metodológico, quanto aos objetivos de pesquisa, esta investigação configura-se como sendo descritiva e explicativa de abordagem qualitativa e perspectiva abdução, uma vez que objetivo caracterizar como as identidades são re/construídas e transterritorializadas por meios das memórias, isto é, descrevo esse fenômeno em contexto e o interpreto, com o fim de compreendê-lo desde um viés qualitativo. Nesse sentido, é importante aclarar que a palavra qualitativa, nesse tipo de pesquisa,

Implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos

experimentalmente (se é que são medidos de alguma forma) em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência. Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. Esses pesquisadores enfatizam a natureza repleta de valores da investigação. Buscam soluções para as questões que realçam o *modo* como a experiência social é criada e adquire significado (DENZIN; LINCOLN, 2007, p. 23, grifos dos autores).

Ademais, esta pesquisa é entendida como um estudo de caso de método biográfico, pois, conforme Gil (2008, p. 57), “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”. Ainda segundo Gil (2008, p.58), “é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas”. Sendo assim, no caso interessa compreender como se dá a re/construção da identidade em um grupo de indivíduos específicos e desde uma singular forma, em concreto, por meio das memórias evidenciadas em narrativas de deslocamento. Portanto, busca-se investigar profundamente o aspecto memorialístico no contexto de deslocamento e como esse influencia na re/construção da identidade, isto é, estudar o fenômeno em questão dentro do seu contexto.

O método biográfico se alinha ao estudo de caso e nos permite compreender o processo de re/construção identitária, posto que só podemos ter acesso às memórias por meio das narrativas, e, no caso desta tese, das de deslocamento. Assim,

[...] a reconstrução biográfica emerge essencialmente de uma pessoa e de seu testemunho, seja oral ou escrito, e de sua interação com o que o retoma, interpreta e refaz (ainda que o protagonista dos fatos seja o mesmo que assume o papel de escritor, como no caso das autobiografias), de modo que o jogo de intersubjetividades será uma dinâmica inerente e permanentemente presente (BEHAR-RIVERO, 2008, p. 49)¹⁹.

No contexto de um método biográfico, o registro principal obtido será por meio

¹⁹ Tradução livre minha de: “La reconstrucción biográfica emerge esencialmente de una persona y de su testimonio, ya sea oral o escrito y, de su interacción con el que lo retoma, interpreta y rehace (aún cuando este sea el mismo protagonista de los hechos que asume el rol de escritor como en el caso de las autobiografías), de modo que el juego de inter subjetividades va a ser una dinámica inherente y permanentemente presente” (BEHAR-RIVERO, 2008, p. 49).

da narrativa de deslocamento, a qual detalho na subseção seguinte. Antes, deixo claro, concordando com Denzin e Lincoln (2007), que é inexistente um meio transparente de acesso à vida íntima de alguém, de modo que qualquer observação feita sempre será filtrada pelas lentes da linguagem, da raça, do gênero, da classe social e da etnicidade, de modo interseccionalizado. Assim, “nenhum método é capaz de compreender todas as variações sutis na experiência humana contínua” (DENZIN, LINCOLN, 2007, p. 33), e, sendo assim, não se pode acessar as experiências de outrem, porém filtrá-las por meio de nossas próprias lentes e de nossa subjetividade, configurando-se, portanto, um jogo de interpretações.

3.2 Narrativas de deslocamento

Compreender os processos identitários que envolvem a mobilidade forçada não é tarefa simples. Como temos visto, é preciso relacionar um arcabouço teórico diversificado para compreendermos algumas das subjetividades dos migrantes e, assim, poder refletir sobre seus vários processos de reconstrução identitária. Nesse contexto complexo, as narrativas são o *locus*, o lugar por meio do qual temos acesso aos engendramentos que des/re/constroem identidades, de modo que o processo de biografização, isto é, os atos de se contar, segundo Lechner (2009, p. 5), “trata-se de uma 'práxis humana', que traduz em si mesma o cruzamento que sempre existe entre as histórias individuais e colectivas”.

Estudar os processos identitários, por meio das narrativas de deslocamento, assim, contribui para entendermos os modos pelos quais os migrantes, sobretudo os em fluxo forçado, envolvem-se socialmente na sociedade receptora, lidando com a “integração” (sociocultural, linguística etc.), os silenciamentos e as reconfigurações do ser e estar em relação à mobilidade, em especial no âmbito forçado, bem como outras questões envolvidas. Desse modo, é por meio da linguagem, materializada em narrativas (escritas, orais, visuais etc.), que esse “magma identitário” vem à tona. Assim,

A linguagem é central para a expressão da identidade porque não é um reflexo de nossa apreensão da realidade; não é um “canal” (Reddy, 1979) para o pensamento, mas antes um aspecto constitutivo de nossa experiência do mundo. Não podemos compreender e compartilhar experiências se não as expressarmos linguisticamente. A maneira como expressamos nossas experiências faz parte dessas experiências como

processos materiais e psicológicos que nos motivaram a contá-las (DE FINA, 2003, p. 5).²⁰

Contar, narrar as histórias e experiências da vida, nesse quesito, também não é algo simples, nem do ponto de vista da construção da ideia, nem do teor do conteúdo, em especial quando as experiências são eivadas de momentos traumáticos, tal como no caso dos migrantes em mobilidade forçada, sobretudo os refugiados. Ouvir, por seu turno, igualmente, não é tarefa simples, porque, na ocasião, o ouvinte se torna co-construtor daquelas narrativas. Nesse âmbito, o olhar biográfico nunca conduz apenas a uma simples descrição das realidades vividas e narradas pelos humanos. “É sempre também um exercício reflexivo, daquele que biografiza, sobre si próprio” (LECHNER, 2009, p. 5-6) e, diria, também por parte do ouvinte, que, em meu caso, está envolvido com a pesquisa, porém encontra-se imerso, igualmente, em um mundo marcado pelas mobilidades forçadas e, especificamente, trabalha com esse público, o que requer um exercício constante de pensar/refletir acerca da alteridade.

O contacto directo com os «informantes» faz-nos reconhecê-los como sujeitos de diálogo capazes de surpreender e de suspender formas preestabelecidas de fazer e de pensar; capazes de denunciar também o carácter um tanto opressivo do saber erudito sobre os demais saberes. Estes dois aspectos mencionados – o ilustrativo e o relacional – fazem do trabalho biográfico uma arte de ver e conhecer o outro, que se conta mais para além do «retrato» e, desde logo, no próprio momento do diálogo (LECHNER, 2009, p. 9).

O trabalho com as narrativas, portanto, é vasto e diversificado no âmbito dos estudos da linguagem, especialmente no campo da Linguística Aplicada, com foco nos estudos migratórios e de refúgio. Dentro desse espectro, pode-se escolher o caminho teórico e metodológico de entendimento da narrativa, desde um viés mais voltado à análise do gênero e sua construção, ou à análise de discurso (a partir de uma “linha”) a um estudo mais atrelado às questões voltadas para o social tendo a narrativa como *locus* de construções ideológicas, identitárias, linguísticas etc.

No panorama clássico dos estudos da narrativa, há os labovianos, do qual nos distanciamos nesta pesquisa. Longe de fazer uma resenha exhaustiva sobre o tema, é

²⁰ Tradução livre minha de: “Language is central to the expression of identity because it is not a reflection of our apprehension of reality; it is not a “conduit” (Reddy, 1979) for thought, but rather a constitutive aspect of our experience of the world. We cannot understand and share experience if we do not express it linguistically. The way we express our experiences is as part of those experiences as the material and psychological processes that prompted our telling of them” (DE FINA, 2003, p.5).

necessário deixar clara essa guinada na análise de narrativas, em especial no tocante às categorias de tempo e espaço. Nessa tradição investigativa, focou-se na sequência ordenada de eventos na estrutura narrativa e deu-se pouca atenção à construção narrativa tal como a organização espacial. Ademais, segundo De Fina e Georgakopoulou (2008), dita perspectiva entendia as narrativas como tal apenas aquelas que eram bem organizadas, ou seja, que possuíam começo, meio e fim; e, para que a narrativa fosse passível de ser analisada, teria que estar dentro de um esquema em que o narrador deveria ser ativo, a história teria de ser altamente narrável, ter organização linear temporal e causal e, ainda, postura moral.

Em perspectivas mais recentes, tem-se feito o esforço de dar maior atenção a essas categorias supracitadas, problematizando tempo e espaço por meio de uma recontextualização em termos históricos, de forma que cabe estudar de que modo os contextos sociais interagem com o uso de categorias narrativas (BAYNHAM; DE FINA, 2005).

De Certeau (1988, p. 115), assim, dá uma guinada de foco nos estudos da narrativa, saindo da categoria tempo e se debruçando sobre o espaço. Para esse teórico, “toda história é uma história de viagem – uma prática espacial”. No âmbito desse tipo de estudo da narrativa, a primazia do tempo dá lugar ao espaço, uma vez que a história é entendida como uma prática espacial; assim, “a orientação/desorientação/reorientação, muito longe de ser compreendida como um simples pano de fundo contextual, frequentemente *é* a história”²¹ (BAYNHAM; DE FINA, 2005, p. 2, grifos dos autores). Daí pensar, por exemplo, que as memórias e pós-memórias são deslocadas não somente do ponto de vista temporal, mas também do espacial (o aqui e o lá), na medida em que o contexto de mobilidade as reconstrói de modo singular, em especial com os sujeitos ora tratados, que tiveram, ao mesmo tempo, deslocamentos físicos e psicológicos/simbólicos.

Isso dito, as narrativas de deslocamento, neste trabalho, são entendidas como um misto de narrativas de experiências – em geral traumáticas – e histórias de vida bem como outros discursos. Nesse contexto, e, conforme os pressupostos de Baynham e De Fina (2005), as narrativas de deslocamento podem possuir diversificados atores e contextos sociais, preocupando-se com questões relativas: i) ao movimento de migrantes e refugiados; ii) à marginalização de minorias (sic.) e iii) aos grupos desprestigiados dentro

²¹ Tradução livre minha de: “orientation/disorientation/reorientation, far from being a simple contextual backdrop, often is the story” (BAYNHAM; DE FINA, 2005, p. 2, grifo dos autores).

do espaço social. A essas preocupações, acrescento um quarto ponto, agora mais específico, quanto às questões da linguagem, qual seja, problemáticas relativas às políticas educativas, linguísticas e práticas de linguagem do e para o público minoritarizado, tais como os migrantes refugiados, em contextos formais e não formais.

Quando se fala em narrativas de deslocamento, por um lado, o foco se dá, além das narrativas de pessoas em mobilidade, seja transnacional ou não, forçada ou não, sobretudo as de grupos sociais marginalizados e silenciados, como é o caso dos refugiados e apátridas, também dos discursos/narrativas que falam sobre a mobilidade e seus atores e contexto, como, por exemplo, as falas de líderes nacionais sobre refugiados, imigração, fronteiras etc. Tal fato se dá porque, conforme apontam Baynham e De Fina (2005), migrantes e refugiados são vistos como ameaçadores da estabilidade de fronteiras e identidades nacionais, e essa ideia é criada por meio de uma retórica racista e pelas lentes do nacionalismo e, assim, é fomentada uma atmosfera de pânico social, o qual se nota em discursos de alguns líderes políticos²².

Por outro lado, dá-se especial atenção às narrativas silenciadas e às histórias de vida dentro do contexto do deslocamento, fenômeno que tem tido uma discussão mais acentuada na modernidade. Ademais, elas têm singular cuidado não apenas com os discursos que re/constroem as identidades dos atores deslocados, mas como estes veem os outros.

Ao analisar as narrativas de deslocamento, diferentemente da prática tradicional laboviana, não se está interessado nas verdades dos fatos representados. Aqui, histórias narradas são vistas como experiências “criadas” e a verdade não é um problema, uma vez que todos os eventos representados são vistos como construídos (BAYNHAM; DE FINA, 2005), já que a narrativa, a história, usando os termos de De Certeau (1988), constituem uma “prática espacial”, um ir e vir por/entre espaços, territórios e territorialidades.

É importante aclarar que os movimentos, o cruzar as fronteiras, provocam mudanças de natureza espacial/territorial, cultural, emocional, social e moral, e essa

²² Pode-se citar, como exemplo, a saída, em 2019, do Brasil do Pacto Global para a Migração Segura, Ordenada e Regular da ONU, em que o então presidente Jair Bolsonaro, em sua conta na rede social Twitter, publica uma imagem com suas seguintes palavras sobre o tema: “O Brasil é soberano para decidir se aceita ou não migrantes. Quem porventura vier para cá deverá estar sujeito às nossas leis, regras e costumes, bem como deverá cantar nosso hino e respeitar nossa cultura. Não é qualquer um que entra em nossa casa, nem será qualquer um que entrará no Brasil via pacto adotado por terceiros. NÃO AO PACTO MIGRATÓRIO” (SCORCE, 2019, s/p).

problemática tem sido tematizada pelas narrativas de deslocamento (PEREIRA; DIAS, 2015). É nesse contexto, portanto, que me refiro aos desejos do ser, do pertencer e do (re)existir, posto que as narrativas possibilitam a compreensão do pertencimento, da re/construção de identidades e, assim, da existência para a resistência. Desse modo,

As narrativas contadas no contexto de entrevista de pesquisa trazem os deslocamentos no processo de intercâmbio [e mobilidade forçada, na nossa investigação], que marcam deslocamentos espaciais entre o “aqui” e o “lá”, deslocamentos temporais entre passado, presente e futuro, deslocamentos emocionais relacionados ao distanciamento de familiares e amigos, deslocamentos sociais pela inserção em uma nova nação e em novos espaços de convivência e escolarização (PEREIRA; DIAS, 2015, p. 94).

Ainda nesse contexto, no processo narrativo, o aqui-lá e o ontem-hoje-amanhã possuem relações simbióticas, de modo que, por exemplo, a compreensão das experiências vividas se dá com base nas vivências do presente, isto é, a narrativa, sobretudo a de deslocamento, é construída situadamente e tal processo se materializa no ato de contar. Nesse âmbito, assim, ocorre o que Gabriele Rosenthal (2014) chama de “outra” reconstrução do passado, de modo que

[...] as vivências narradas se referem a lembranças que se apresentam no processo narrativo, essas lembranças não se referem a um estoque de memórias que contenha lembranças firmemente armazenadas ou fixadas. Pelo contrário: o presente da narração ou escrita biográfica define o olhar retrospectivo sobre o passado e gera um passado recordado específico em cada caso. A recordação se baseia, como Edmund Husserl já discutiu, num processo de reprodução em que aquilo que passou está sujeito, de acordo com as condições e exigências do presente da situação recordada e do futuro antecipado, a uma modificação constante (ROSENTHAL, 2014, p. 229).

Essa questão é importante porque, no ato de geração das narrativas com os participantes da investigação, o pesquisador precisa contextualizar algumas situações, sobretudo com relação aos temas tratados, para que o narrador possa ter um processo memorialístico mais engajado no que o pesquisador busca, ou seja, é importante fazer com que o narrador se envolva no processo de narração, a fim de que haja uma maior relação com o passado vivenciado (ROSENTHAL, 2014). Contudo, obviamente que a situação de entrevista é controlada, porque há um roteiro a seguir, um método, mas as experiências contadas não o são e tampouco podem ser cerceadas a troco do dito roteiro. Nas narrativas de deslocamento, as vivências narradas são, via de regra, traumáticas, muitas são difíceis de lidar, de sorte que aquele momento do contar serve não apenas para

expor/repassar o que ocorreu na vida do narrador ou narradora, mas funciona, ainda, como meio de compreender o processo pelo qual se está passando e entender o que o deslocamento transnacional, forçado ou não, proporciona-lhe em seus domínios social, histórico, familiar, político e linguístico.

Para a análise das narrativas de deslocamento, para além dos aspectos relacionados, ressalto a importância de organizar as narrativas em campos temáticos e temas. Essa organização é importante porque o envolver-se no processo recordativo por parte do participante e, assim, narrativo, depende bastante dos objetivos pretendidos pelo investigador. São muitas as variáveis para a fluência desse processo, há relação com o espaço físico/local de geração das narrativas; as mais, ou menos, experiências traumáticas na mobilidade; com a formação do narrador e, ainda, com os campos temáticos desenvolvidos. No nosso caso, ditos campos temáticos foram pré-estabelecidos; dentro deles, os temas surgem, e esses dependem do processo recordativo do narrador, isto é, são mais individualizados. Porém, podem coincidir com os temas das demais narrativas que possam estar sendo analisadas em conjunto e, igualmente, um tema específico que faz parte de um ou mais campos temáticos dentro da mesma narrativa. Há, ainda, o que se chama de “margem”, que são circunstâncias periféricas ao tema que não o influenciam tampouco desconectam do campo temático; no entanto, a margem, a depender da importância que se dê, pode virar tema (ROSENTHAL, 2014).

Rosenthal (2014, p. 241) cita Gurwitsch (1974, p. 4) para elucidar o que entende por campos temáticos e tema, aclarando que existe uma relação dialética entre eles. Assim,

Sob “tema” ele entende aquilo que nos ocupa num instante particular e se encontra no centro de nossa atenção. Os temas estão, em cada caso, inseridos num campo temático. Gurwitsch (1974, p. 4) define “campo temático” como “a totalidade das circunstâncias co-presentes com o tema que são vivenciadas como conectadas materialmente com o tema e que constituem o pano de fundo ou horizonte do qual se destaca o tema como centro”. Por sua vez, as circunstâncias que estão apenas co-presentes temporalmente fazem parte, segundo essa terminologia, da “margem” (ROSENTHAL, 2014, p. 241).

Nesse contexto, como já mencionei, os campos temáticos – ainda que tenham uma relação dialética com os temas – nesta investigação foram pré-estabelecidos; noutros termos, o pano de fundo dos temas que surgiram ao longo das narrativas foi pensado quando da elaboração do roteiro da entrevista. No entanto, isso não significa que não

possam surgir outros campos temáticos ao longo do processo recordatório, ainda que estes já estejam fincados em ideias anteriores.

Nesta pesquisa, que tem as narrativas de deslocamento como lócus de acesso às subjetividades dos participantes, o contexto da entrevista é um estudo sobre migração forçada, que é o primeiro aspecto a ter presente. Isso dito, os campos temáticos, como mencionado, giram em torno do antes, durante e desejos futuros em relação à mobilidade, de modo que ditos campos temáticos são: vida sociocultural; infância e adolescência; família; vida econômica; escolaridade, profissão e trabalho; sociopolítica da Venezuela e do Brasil; religião; refúgio: motivos e processo de mobilidade; estereótipos; linguagem no refúgio e futuro. Cada campo temático possui alguns temas evocados ao longo das narrativas e que possuem estreita relação, justamente, com mudanças que a mobilidade produz no sujeito, quais sejam, câmbios espacial/territorial, cultural, emocional, social e moral.

Do ponto de vista da análise dessas narrativas de deslocamento, utilizo, aqui, a perspectiva do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), uma vez que este lida com questões que estão ligadas aos pequenos detalhes, micro questões que emergem dos fatos, ou seja, “não se baseia nas características mais vistosas da situação pesquisada, porém atenta em indícios, às vezes imperceptíveis, em sintomas, em signos pictóricos, em pormenores, em dados marginais e em pistas”, conforme Leandro e Passos (2021, p. 4) nos dizem.

O precursor da tomada de consciência desse método flexível investigativo, sobretudo no âmbito das Ciências Humanas, foi o historiador italiano Carlo Ginzburg. Este, por meio de suas observações, nota que alguns estudiosos utilizavam o método indiciário, caso do historiador de arte Giovanni Morelli, que investigava quadros originais e identificava, por meio da análise de pormenores, os quadros falsos. Essa mesma ideia é comparada com as práticas de Sherlock Holmes, personagem do escocês Arthur Conan Doyle, cujas façanhas eram, assim, descobrir crimes baseados em pistas, em indícios imperceptíveis para a maioria. Ademais, por ter lido Morelli antes mesmo de conhecer o que se chamaria por psicanálise no futuro, Freud também já se utilizava de muitas características dos indícios para explicar algumas práticas de sua área de estudos. Assim, “nos três casos, pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível. Pistas: mais precisamente, sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Sherlock Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli)”, segundo

ressalta o próprio Ginzburg (1989, p. 150).

A perspectiva indiciária, no entanto, não tem suas origens nesses estudiosos. Ginzburg (1989) sinaliza que o homem foi por anos caçador, e que para essa função é necessário compreender os pequenos sinais que a natureza deixa, tais como as pegadas dos animais, o som que estes emitem, a fim de que se possa prender uma presa ou mesmo não ser morto por certos animais. Desse modo, essa habilidade e conhecimentos desenvolvidos cognoscitivamente passaram de geração em geração, corroborando para o uso indiciário em outras áreas da vida e da ciência, sobretudo nas disciplinas que usam esse paradigma, como a Medicina, que utiliza quadros nosográficos e outros campos, como a História, que precisa reconstruir fatos baseados, justamente, em pistas.

No que diz respeito ao método, o paradigma indiciário é flexível, diferentemente da ciência de núcleo mais tradicionalista, positivista, a exemplo da ciência galileana. Desse modo, não há um modelo canônico a ser seguido nesse tipo de metodologia, posto que é o contexto de investigação, os dados que se tem acesso, a leitura atenta e minuciosa que vão construindo o percurso metodológico, o que de modo algum configura uma investigação sem rigor; este, aqui, é dado por conta das escolhas feitas ao longo do processo investigativo. Ademais, o paradigma indiciário se afina à perspectiva de pesquisa abdutiva²³, uma vez que rompe com abordagens ditas “neutras” de investigação e verdades absolutas, focando em singularidades, idiosincrasias e no processo criativo.

No que tange ao uso do paradigma indiciário na análise de narrativas de deslocamento, a importância se dá porque no processo narrativo, os sujeitos deixam pistas na construção discursiva. E tendo a identidade aqui como eixo importante desse processo, é de suma importância frisar que:

[...] Ao optar pelo paradigma indiciário valorizamos os indícios que permitam traçar a história do sujeito ao vivenciar as experiências [de mobilidade] e os diversos conflitos e questionamentos emergentes, materializados nos seus relatos, nas suas narrativas. Cabe-nos examinar como os sujeitos, [a partir de seu lócus de enunciação], percebem-se por meio da análise de como se designam, como se categorizam ou/e se denominam; por meio das representações que se revelam; do modo como enunciam, reforçando determinadas posições discursivas ou apagando outras. Como analista, por conseguinte, é preciso explorar as

²³ “A abdução é assim como que uma “lei da liberdade”, no sentido em que as ideias são livremente associadas, de forma criativa, para a obtenção/conclusão/estabelecimento de um resultado ou uma “lei da criatividade”. Em termos de raciocínio lógico abduativo, é justamente a associação de ideias gerais que permite a inclusão de inferências criativas necessárias a todo o método investigativo/interpretativo da descoberta” (MOREIRA, 2015, p. 1)

ocorrências que evidenciam um trabalho do sujeito com a linguagem em dois sentidos: quando tomam posição e enunciam e, ainda, quanto aos efeitos de sentido materializados/produzidos nessa tomada de posição e suas implicações para e na construção de suas identidades (BAPTISTA, 2015, p. 577-578).

O uso do paradigma indiciário, portanto, está em curso desde o momento em que estamos em contato com o objeto de pesquisa, em seu processo de construção, passando pelas escolhas e tomadas de decisão das lentes com as quais se analisarão as questões e o levantamento das pistas, indícios e sua posterior análise minuciosa em busca da compreensão da reconstrução identitária relacionado às (pós)memórias e territorialidades.

3.3 Delimitação e caracterização do universo da pesquisa

Neste tópico, abordo dois pontos caros à investigação, quais sejam: os critérios de inclusão dos participantes da pesquisa e a descrição quanto às suas características.

3.3.1 O universo da pesquisa

No que diz respeito à delimitação do universo, esta investigação tem como participantes 3 (três) imigrantes venezuelanos em fluxo forçado radicados na cidade de Salvador, Bahia. A escolha se deu levando em consideração os critérios a seguir, de acordo com os objetivos da pesquisa.

- Ser nacional venezuelano;
- Residir na cidade de Salvador, Bahia;
- Estar, no Brasil, com algum dos seguintes *status* migratórios legais: refugiado, solicitante de refúgio ou residência para nacionais de países fronteiriços;
- Morar, no Brasil, há igual ou mais de 3 (três) meses.

As características anteriormente mencionadas possibilitam ter um perfil relativo do participante, a fim de que seja possível ter uma base mais ou menos homogênea não dos dados, mas das características que ligam os sujeitos e, igualmente, aos objetivos da tese. Quanto à quantidade de participantes, neste tipo de investigação em Linguística Aplicada, a preocupação recai sobre o tratamento qualitativo dos dados, de modo que a quantidade, neste contexto, embora seja importante, não é prioritária. Assim, neste estudo

o viés qualitativo da análise se sobrepõe ao quantitativo, dada à natureza da investigação.

3.3.2 Os participantes

Antes de começar a descrever os participantes desta pesquisa, preciso voltar um pouco no tempo e mencionar como os conheci, o contexto de aproximação, para que pudessem ter a confiança em poder colaborar com minha investigação.

Salvador, como outras cidades do Brasil, é lugar em que há refugiados e migrantes em fluxo forçado, ainda que não aparente ser ou se mencione na mídia. Sendo assim, um dos problemas iniciais enfrentados por essa população é, sem dúvida, a língua, um dos aspectos que é levado em consideração quando da escolha do país para o qual se migra, além das questões políticas e econômicas, claro.

Nesse contexto, entrei em contato, no ano de 2018, com a coordenadora de um projeto de extensão do Curso de Relações Internacionais que dava aulas de português para refugiados na Universidade de Salvador – UNIFACS. À época o projeto se chamava “O refúgio em Salvador”; atualmente, chama-se “Centro de Serviços ao Migrante - CSM”, vinculado à Cátedra Sérgio Vieira de Mello, e atende refugiados e migrantes em geral de todas as partes do mundo, dando suporte linguístico, jurídico e social. Muito solícita e aberta, a coordenadora, Professora Rafaela Lundolf, permitiu que eu conhecesse o projeto e assistisse às aulas para que pudesse me inteirar do que se tratava e conversar com o pessoal que poderia ser participante de minha pesquisa. E assim o fiz.

Após observar algumas aulas, conversei com a professora e me coloquei à disposição para ajudar os voluntários do projeto com suporte didático, uma vez que os professores de português do CSM são, em sua maioria, alunos do Curso de Relações Internacionais (havia e há, também, acadêmicos de Jornalismo, Recursos Humanos, Direito etc.) e estes não têm a formação direcionada para dar aulas. Assim, eu comecei a passar de mero observador de aulas com o objetivo de conhecer e conseguir participantes para a pesquisa a voluntário externo do projeto seis meses depois, tornando-me, também, professor voluntariado do curso de português, servindo como apoio aos demais docentes voluntários por conta de minha formação acadêmica em Letras e, logo em seguida, coordenador do eixo de Educação do projeto, no qual estão alocadas as aulas de português.

As aulas de língua no âmbito de migração forçada, no contexto em que aqui comento, o do CSM, servem também como espaço de escuta, de compartilhamento de experiências e compreensão de outras culturas. São nesses momentos da aula, muitas vezes ancorado em alguma atividade, que nós voluntários começamos a ouvir muitas histórias de tristeza, superação e momentos felizes no país de origem do(a) discente e, também, aqui no Brasil. Essas conversas também se davam e se dão no intervalo, antes ou após as aulas, no presencial e no remoto, de modo que à medida que o(a) aluno(a) ia criando confiança, mais eles e elas contavam sobre suas vidas, dificuldades, alegrias, práticas.

Em algumas das aulas, eu falava de meu envolvimento com a pesquisa na pós-graduação, comentava um pouco sobre meu projeto, do que me interessava investigar e fazia o convite para a turma e deixava aberta a proposta para quem quisesse ser um possível participante. Alguns alunos e alunas queriam ajudar, mas eram de outros países, no entanto deixavam claro que gostariam de participar de outras pesquisas. Os(as) venezuelanos(as), grupo com o qual trabalho, também se dispuseram, de modo que peguei seus contatos para conversar, posteriormente, mais detalhadamente sobre a pesquisa e averiguar se, de fato, se encaixavam nos parâmetros que havia pensado e se gostariam de participar da investigação após conhecê-la mais profundamente, uma vez que na aula não poderia adentrar muito na questão.

Dos(as) alunos(as) que poderiam participar da investigação, oito entraram em contato comigo, informando que gostariam de ajudar. Desde o princípio, não era objetivo trabalhar com muitos participantes, uma vez que a pesquisa é um estudo de caso e já havia estabelecido o número de três pessoas. Desses 8 possíveis participantes, houve alguns problemas com alguns: um trabalhava no comércio e nunca conseguimos marcar uma reunião fora da sala de aula, presencial ou virtualmente, para conversarmos sobre o projeto; uma outra não se encaixava no perfil, pois era aluna intercambista na UFBA; com um outro aluno, perdi o contato, não conseguindo mais falar com ele; havia um, também, que teve que se mudar de Salvador, indo morar em Vitória da Conquista (BA), por conta de melhores condições de trabalho e, por fim, um outro não gostaria de fazer entrevista presencialmente, mas também não tinha recursos tecnológicos para gravação de tela e outros aparatos que possibilitasse o salvamento de arquivos, porém, neste tipo de pesquisa, a conversa presencial é muito importante para que o pesquisador possa ter

mais chances de deixar o(a) participante à vontade e este(a) poder melhor lembrar. Desse grupo, temos os três sujeitos participantes da investigação: Ana, Hélio e Ricardo²⁴.

É importante aclarar que eu dava aula aos sábados no projeto CSM e era o único dia que tínhamos contato com os alunos e alunas. No entanto, não queria ser invasivo e, por vezes, aborrecido falando de minha pesquisa a todo o momento, no intento de angariar participantes, até para que as pessoas que se dispusessem a ajudar na investigação o fizessem por querer, e não por pressão ou troca, já que as aulas eram/são gratuitas.

Nesse contexto, era meu objetivo interagir com os alunos e as alunas e ganhar a confiança deles e delas para que entendessem a seriedade do trabalho que nós voluntários fazíamos ali e para que se sentissem mais à vontade para ajudar um professor em sua investigação. Assim, antes de qualquer coisa, meu papel era ajudá-los no processo de educação linguística em português, tarefa complicada, já que as turmas eram heterogêneas de variados pontos de vista: origem (havia: sírios, venezuelanos, nigerianos, bengaleses, marroquinos, egípcios, argelinos, iemenitas, para citar alguns), escolaridade (havia: doutores; graduados; pessoas com o equivalente ao ensino médio completo, incompleto; que nunca havia estudado), idade (a maioria era adulto, uma menor quantidade de adolescentes e houve, também, crianças, mas essas tinham aulas especiais com outro grupo de voluntários) etc.

Dentro desse panorama, estavam Ana, Hélio e Ricardo, venezuelana e venezuelanos que viriam a ser os participantes desta pesquisa. A seguir, trago mais algumas informações sobre eles e ela de modo mais objetivo, bem como um mapa localizando as cidades de onde são oriundos.

²⁴ Os nomes aqui usados são fictícios. Saliento que a pesquisa está registrada e foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Farmácia da UFBA, sob o nº de protocolo CAAE: 03133418.2.0000.8035 e parecer nº 3.280.343. O documento final de aprovação encontra-se no anexo deste escrito.

Quadro 2: Informações sobre os participantes da pesquisa

Dados	Ana	Hélio	Ricardo
Cidade Natal	Puerto la Cruz, cidade localizada no estado de Anzoátegui.	Valencia, cidade localizada no estado de Carabobo.	Paracotos, cidade localizada no estado de Miranda.
Idade	18 anos	50 anos	48 anos
Data de chegada a Salvador	Maio/2019	Agosto/2018	Novembro/2017
Profissão e ocupação na Venezuela	Estudante	Artista e funcionário público de um museu.	Professor de língua e literatura inglesa na universidade pública
Ocupação no Brasil	Estudante e recepcionista de Hostel (e faz outras funções)	Ajudante de cozinha	Professor de língua e literatura inglesa no Ensino Fundamental em escola privada.
Local e horário de entrevista	Instituto de Letras – UFBA – Por volta das 17h00.	Bonocô Center – Por volta das 18h00.	Casa do participante – Por volta das 19h30.
Data da entrevista	23/agosto/2019	02/setembro/2019	14/novembro/2019
Tempo de entrevista	1h14min31s	49min09s	1h19min10s

Fonte: Autoria própria

Figura 7: Cidades de onde são oriundos os participantes da investigação



Fonte: Produzido pelo autor com a ferramenta *Google My Maps*

Nesse quesito dos participantes, é importante, ainda, fazer algumas considerações: como pesquisador, sempre estive à disposição em relação à disponibilidade, o máximo possível, dos participantes. Assim, marcamos em horário e local sugeridos por cada um, sempre o mais próximo possível do lugar onde moravam, estudavam ou trabalhavam.

Ana, por exemplo, escolheu o Instituto de Letras da UFBA, pois, no dia, teria aula no NUPEL (Núcleo Permanente de Extensão em Letras) e saía do trabalho, no Pelourinho, às 15h00, de modo que a UFBA seria o melhor local. Já Hélio preferiu marcar por volta das 18h00, horário em que já estava livre dos afazeres do trabalho, e próximo de sua casa; assim, sugeri um pequeno centro comercial chamado Bonocô Center, em frente à estação de metrô. Ricardo sugeriu sua casa, porque morávamos na mesma avenida, cerca de 500 metros de distância, e à noite, horário em que já via chegado de seu trabalho.

Ademais, deixei cada participante à vontade para que escolhessem a língua em que queriam ser entrevistados, em que melhor se expressavam, e ressaltei que não

precisavam ter receio de translinguar, poderiam usar as duas línguas indistintamente quando quisessem, sem medo. Todos os três participantes escolheram dar a entrevista em português.

3.4 Instrumentos, técnicas e procedimentos metodológicos empregados

Nesta investigação, utilizo, como instrumentos de geração de dados, especialmente, os seguintes: i) a entrevista semiestruturada (áudio-gravação e transcrição), por meio da qual os participantes narraram suas histórias de deslocamento, memórias, impressões, opiniões e ii) diário de investigação, por meio do qual anotei impressões quando da geração das narrativas. Desse modo, temos as narrativas de deslocamento como *locus* da pesquisa: é nela e a partir dela que podemos ter acesso às memórias e pós-memórias dos participantes e, por conseguinte, compreender, dentro das possibilidades, a re/construção de identidades no contexto de deslocamento.

O contexto desta pesquisa é, desse modo, social; desse modo, foi gravada em áudio uma entrevista com cada participante, por meio da qual focamos as narrativas de deslocamento de cada um. Após, a transcrição do material foi feita tal e qual o(a) participante falava e, ademais, utilizo algumas notas de rodapé para explicar situações ocorridas quando da gravação, para que o(a) leitor(a) possa entender melhor alguns trechos.

As questões exmanentes – ou seja, as que refletem o interesse do pesquisador, conforme salientam Bauer e Gaskell (2002) – que orientaram as entrevistas estão baseadas na investigação de Mejía (2010). A seguir, exponho os tópicos e campos temáticos do roteiro de perguntas que foi base de fomento das narrativas de deslocamento. Tal roteiro está dividido em duas partes: a primeira diz respeito a contextos e informações mais gerais dos participantes e a segunda está focada no processo de deslocamento e outras questões pertinentes à discussão. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 3: Perguntas da entrevista semiestruturada de narrativa de deslocamento

1ª PARTE	Preliminar	<p>1) Quando e onde você nasceu?</p> <p>2) Você poderia fazer uma descrição de como era seu bairro, sua cidade?</p> <p>3) Quais e como eram as festas mais importantes na sua cidade natal?</p> <p>4) Quais são as condições de vida em seu país?</p> <p>5) O que você fazia em seu país?</p> <p>6) Você poderia falar um pouco da sua infância (jogos, convivência com as outras crianças, a escola, o dia a dia na cidade/no campo).</p> <p>7) Você poderia falar um pouco da sua adolescência?</p>
	Família	<p>8) Como era sua relação com a família em seu país? E como é agora?</p> <p>9) Que momentos interessantes, bons, agradáveis você se lembra de ter vivido com sua família? Pode narrar algum fato?</p>
	Vida econômica	<p>10) De que maneira você se mantinha economicamente em seu país? E como se mantém agora?</p>
	Escolaridade, profissão e trabalho	<p>11) Até que nível de escolaridade você cursou no seu país? O que você estudou?</p> <p>12) Como seu conhecimento adquirido em seu país lhe ajuda hoje no Brasil?</p>
		<p>13) Fale um pouco da sua opinião sobre a situação sociopolítica na Venezuela.</p> <p>14) Você participava ativamente na vida política de seu país? Como?</p> <p>15) Você conhece organizações que trabalham com venezuelanos no Brasil? E em Salvador?</p> <p>16) Você participa de organizações que trabalham principalmente com venezuelanos em Salvador? Por quais razões?</p>

	Sociopolítica	17) Você convive com outros venezuelanos refugiados aqui em Salvador? Por que você acha interessante (não) manter essa relação?
	Religião	18) Fale um pouco da importância que tinha a religião em sua vida na Venezuela. E aqui no Brasil, em Salvador, qual a importância?
2ª PARTE	O refúgio: motivos	19) Qual/is foi/foram a/s circunstância/s ou motivo/s que lhe levaram a sair da Venezuela e vir ao Brasil? 20) Quais eram suas expectativas ao vir para o Brasil? 21) Como foi a reação dos seus familiares ante a sua saída para vir ao Brasil? 22) Por Salvador? Foi sua primeira escolha? Foi algo aleatório ou não teve opções?
	O refúgio: processo	23) Quando você migrou para o Brasil? 24) Qual foi seu itinerário e como foi sua viagem? (Horários, alimentação, rotina, descanso, meio de transporte, etc.) 25) Quais foram os procedimentos para sair da Venezuela? (Documentos...) 26) Havia outros possíveis lugares para onde você queria migrar? Quais? 27) De que forma o Brasil se tornou uma opção de refúgio para você? 28) O que sabia sobre o Brasil? 29) O que idealizava da viagem? (Ideais, sonhos, expectativas, aspirações, etc.) 30) Quem veio com você? 31) Você estabeleceu contato com pessoas de outras nacionalidades na viagem? 32) O que você trouxe na mala? (Objetos de memória) 33) Que costumes culturais você mantém aqui? Por quê? Qual a importância?
	Estereótipos	34) Em sua opinião, como são vistos os refugiados no Brasil, em Salvador?

		35) Como é ser um venezuelano refugiado em Salvador? 36) Como você lida com os estereótipos, com os preconceitos? Houve alguma situação que aconteceu com você sobre essas questões?
	Questões linguístico-culturais e usos institucionais das línguas	37) Quais suas dificuldades quanto ao uso no português no Brasil? 38) Para você, como é se expressar em português? 39) Você, com seus amigos venezuelanos, se expressa em que língua aqui em Salvador? Por quê? 40) Em sua opinião, por que aprender português é importante, em Salvador, na situação de refugiado? 41) Você tem alguma dificuldade em relação aos aspectos culturais do Brasil e/ou de Salvador? Se sim, qual/is?
	O Futuro	42) Que tipo de relação você gostaria de manter com a Venezuela? 43) Quais são suas aspirações para o futuro na Venezuela? 44) Quais são suas aspirações para o futuro no Brasil? 45) Quais planos futuros você tem no que diz respeito à vivência familiar, profissional? 46) Quais os planos de futuro você tem sobre regressar à Venezuela?

Fonte: elaborado pelo autor baseado em Mejía (2010)

Quanto às questões exmanentes da entrevista, é importante frisar que nem todas foram feitas diretamente, posto que, na resposta de outras, o participante já respondia algumas, não havendo necessidade de repeti-las e voltar ao mesmo tópico. Ademais, algumas outras questões, as chamadas imanentes (BAUER; GASKELL, 2002), ou seja, as perguntas que surgem no decorrer da narração pelo participante, não foram postas na revisão do roteiro de perguntas exposto acima, precisamente porque divergem de sujeito a sujeito. No entanto, o(a) leitor(a) tem acesso à íntegra das transcrições das entrevistas nos apêndices desta tese.

Ainda nessa fase da entrevista, usei duas imagens retiradas da rede para servir como disparadores de memórias e opiniões, para que os participantes pudessem

rememorar suas trajetórias a partir da imagem de alguns de seus conterrâneos aqui no Brasil. A seguir, mostro as imagens usadas: a imagem 1 foi usada antes do bloco de perguntas sobre “sociopolítica” e a 2 foi utilizada no final do bloco de perguntas sobre “estereótipos”. Vejamos:

Figura 8: Imagem 1 – Venezuelano procurando emprego em Boa Vista (RR)



Fonte: Site da Revista Carta Capital – Scorce (2018)

Figura 9: Imagem 2 – Brasileiros protestando contra uso de ginásio como Casa de Passagem para os venezuelanos



Na terça, manifestantes protestaram em Pacaraima contra uso de ginásio como Casa de Passagem para os imigrantes; no ato, eles fecharam o tráfego a fronteira entre Brasil e Venezuela por meia hora

Fonte: Inaê Brandão/ G1 RR/Arquivo (COSTA, 2018)

Após compreender o roteiro de perguntas que fomentam as narrativas de deslocamento e as imagens disparadoras de memórias, mostro, a seguir, as etapas da pesquisa, a fim de que o percurso metodológico empreendido fique mais bem elucidado.

Quadro 4: Etapas da pesquisa

<p>Etapa exploratória</p>	<p>Período em que o pesquisador entrou em campo para averiguar o(s) contexto(s) de investigação e contatar os possíveis participantes, isto é, buscou-se a base para a geração dos dados. Nesta etapa, também se submeteu o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa, junto à Plataforma Brasil.</p> <p>(http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf).</p> <p>Esse procedimento é importante porque a pesquisa envolve seres humanos e tal procedimento respalda pesquisador e sujeitos de investigação, no que diz respeito à seriedade do estudo.</p>
<p>Etapa de geração de dados</p>	<p>O pesquisador entrevistou os participantes da investigação, gerando o <i>corpus</i>, tendo os objetivos e perguntas de pesquisa como foco.</p>
<p>Etapa organizacional</p>	<p>O pesquisador organizou os dados gerados, focando a construção das dimensões analíticas, bem como fez as transcrições das narrativas de deslocamento.</p>
<p>Etapa analítica</p>	<p>O pesquisador analisou os dados de acordo com as dimensões analíticas emergidas de uma pré-análise e tendo como foco os objetivos pretendidos.</p>
<p>Etapa da escrita</p>	<p>O pesquisador organizou os resultados e elaborou o relatório final.</p>

Fonte: autoria própria

Na seção seguinte, o(a) leitor(a) encontra a análise dos dados gerados com base nas dimensões analíticas elaboradas e com foco nos objetivos da pesquisa.

4 O REFÚGIO: VIVENDO/INTERPRETANDO O DEVIR

No processo pelo qual temos passado na escrita deste texto, chegamos à parte de mostrar como todo o arcabouço teórico desenvolvido e as práticas sociais se imbricam, com foco na discussão da relação entre memória, identidade e território. Com essa finalidade, divido essa reflexão dos dados em duas partes. Na primeira, descrevo o contexto de investigação, localizando-o fisicamente e, ainda, discorro sobre as impressões anotadas no diário de investigação antes, durante e após entrevista. Essa questão é importante para que o(a) leitor(a), ao verificar a segunda parte, qual seja, a das dimensões analíticas, entenda o alicerce das discussões. Já na segunda parte, como antecipado, desenvolvo discussões a partir dos dados apresentados, visando os objetivos da pesquisa e as dimensões teóricas empreendidas. É preciso esclarecer, antes, que as dimensões analíticas construídas a partir dos dados não são estanques, individuais e isoladas, isto é, a divisão visa facilitar a compreensão dos dados evocados, contudo na análise considero os atravessamentos entre essas.

4.1 O contexto de investigação e impressões antes, durante e após entrevista.

Resolvo trazer as impressões que, enquanto pesquisador, tive antes, durante e após a entrevista, antes mesmo de apresentar as dimensões analíticas, porque os referidos contextos, as conversas e reflexões no pré e pós ato de investigar ajudam significativamente a compreender muitos aspectos importantes. Fiz entrevistas em contextos diferentes e esse fato incidiu tanto na desenvoltura dos participantes, como na maneira em que esses perceberam questões relativas às identidades culturais e às práticas sociais. Começo, pois, a seguir, a descrever essas impressões de cada contexto/participante.

4.1.1 Ana

Ana, conforme vimos na seção anterior, é jovem e, à época, tinha pouco tempo morando em Salvador. Foi minha aluna no Curso de Português do CSM, aos sábados, porém também cursava Português no NUPEL/UFBA (Núcleo Permanente de Extensão em Letras da Universidade Federal da Bahia) durante a semana. Como eu também

estudava na UFBA e ela tinha essas aulas no *campus* de Ondina, resolvemos marcar a entrevista no ILUFBA (Instituto de Letras da UFBA).

Figura 10: ILUFBA - Instituto de Letras da UFBA



Fonte: <https://colegiadosdeletras.ufba.br/sites/colegiadosdeletras.ufba.br/files/styles/slideshow/public/instituto%20de%20letras.jpg?itok=-XylLFe4> Acesso em: 07 abr. 2022

A entrevista começou por volta das 17h00, final da tarde, porque era o horário em que ela terminava suas aulas do NUPEL, mas, às 19h00, teria que estar no Pelourinho, pois trabalhava ali, em um Hostel. Ficamos no térreo do ILUFBA conversando enquanto eu preparava o gravador, mas o barulho de entra-e-sai era muito, resolvemos ir para o 2º andar e fizemos a entrevista de modo tranquilo, sem interrupções e barulhos.

Como em geral ocorre em entrevistas, Ana aparentava estar mais tímida no começo, apesar de nos conhecermos, mas ali era outro contexto, não de aula, mas de pesquisa; de minha parte, tentei deixar Ana – e os demais participantes – o mais à vontade possível. Notava-se, no desenrolar da conversa, que muitas perguntas lhe eram mais tranquilas, remoravam-se e se discutiam bem as questões; porém, no caso de Ana, quando se falou no tema “família”, ela chegou a chorar, ápice da conversa para ela, perguntei se gostaria de encerrar, mas ela disse que não, que queria continuar, continuamos.

Após a entrevista, pegamos juntos o mesmo ônibus, pois a rota a deixava para fazer integração com outro ônibus e eu ia em direção à minha casa. No ônibus, ela me comentou acerca do serviço no hostel e que sua amiga, por conta do horário que saía – tarde da noite, por volta das 22h00 – não pode manter-se no emprego. Conversamos, ainda, sobre registro trabalhista no Brasil e como essas questões de trabalho afetam quem tem menos estudos.

À época, eu era muito jovem nos estudos e pesquisa na área do ensino do português para migrantes, apesar de ler muitas coisas. Essa conversa com Ana me fez perceber que, no contexto em que ela se encontrava, apenas a aprendizagem da língua (e culturas brasileiras, no caso) não bastava; tinha que ter uma formação para “(sobre)viver” na cidade, informações de como transformar o novo território em territorialidade. Para além disso, o que toca os três participantes desta entrevista é a sobrevivência no Brasil e as práticas sociais, inclusive as de linguagem, como questões a serem enfrentadas²⁵.

4.1.2 Hélio

Hélio, por sua vez, também era meu aluno de português no projeto e, desde sempre, esteve disposto a ajudar na pesquisa. Era dedicado e gostava muito de questões culturais. Na Venezuela era funcionário público em um museu e, no Brasil, ajudante de cozinha à época da entrevista. Por conta de seu serviço ser bastante cansativo e o dia todo, marcamos a entrevista no final de seu expediente, próximo de sua residência, em um pequeno centro comercial chamado Shopping Bonocô em local ao ar livre, que fica na avenida conhecida por mesmo nome (Bonocô) e de frente à estação do metrô, de mesmo nome também. Sempre dialogava com os participantes para que o local da entrevista fosse o melhor para eles. Nós nos encontramos na estação do metrô e, de lá, fomos para dito shopping, que é perto, cerca de 300 metros da referida estação.

Figura 11: Centro Comercial Bonocô



Fonte: https://lh3.googleusercontent.com/p/AF1QipNnl61NLdeTeiYhH-q3oAxxnVPnr4EjxgIPrZj_A=s1600-w400 Acesso em: 07 abr. 2022

²⁵ Tivemos uma conversa no âmbito do NUPEL/UFBA, cujo título foi “Narrativas e relatos de aprendizagem e ensino de línguas: Venezuela, Guiné-Bissau e Brasil” sobre questões relativa às práticas de linguagens em âmbito formal e, também, não formal. Deixo, aqui, o link do Youtube, como sugestão de outros textos: https://www.youtube.com/watch?v=g7ktjrG_8XY&t=1076s Acesso em: 01 dez. 2021.

Diferentemente do contexto de Ana, ambiente acadêmico e de estudos, a entrevista de Hélio foi às margens da avenida, com carros, sirenes e metrô a cada instante chegando e saindo. Por vezes, eu pedia para que ele repetisse alguma coisa ou, ainda, aquele contexto me fazia refletir sobre possíveis perguntas para além de meu roteiro e, igualmente, as respostas tinham mais produtividade. No começo da conversa, Hélio estava mais, digamos, tímido, mas com o passar das perguntas e o modo como tentei levar a entrevista – mais “informal” sem respostas certas ou perguntas incisivas – ele foi se desenvolvendo e falando cada vez mais, sobretudo quando certos assuntos lhe tocavam de modo mais forte, tais como emprego e dança, pois era algo de que ele gostava muito em seu país.

Após a entrevista, no caminho de volta ao metrô, onde foi me deixar para voltar à minha casa, Hélio comentou outras questões relativas aos seus conterrâneos no contexto da crise social em seu país. Assim, segundo ele, muitos venezuelanos, na fase da bonança, desperdiçavam comida, por exemplo, viviam em bons restaurantes, comiam o que queriam e, com a crise, continuavam com o mesmo sentimento como se tivessem as mesmas condições. No caminho em direção ao metrô, colado à estação, havia muitos autônomos trabalhando, sobretudo vendedores de frutas, de churros, de eletrônicos, baianas de acarajé, e, apontando para essas pessoas, Hélio dizia que um trabalho mais “braçal”, como os que muitos soteropolitanos fazem, muitos venezuelanos não se prestavam a fazer, apesar da situação social.

4.1.3 Ricardo

Ricardo, diferentemente dos outros discentes, foi à aula apenas uma vez com sua esposa, pois teve de trabalhar alguns sábados na escola em que lecionava; no entanto, sempre estava, no final do turno, para buscar a esposa. De umas das vezes que estávamos voltando para casa, descobri que o casal morava próximo a mim e pegávamos o mesmo ônibus, daí tivemos muitas conversas. Em uma delas, perguntei se ele não gostaria de participar da minha pesquisa e ele, prontamente, aceitou.

Ao contrário dos outros contextos de investigação, Ricardo sugeriu que a entrevista fosse feita em sua casa e, como morávamos próximos, na mesma avenida, o deslocamento era mais fácil e rápido. A entrevista foi feita à noite porque Ricardo dava aula o dia todo numa escola bilíngue de ensino fundamental, que também era próxima à

sua casa. No dia da entrevista, fiquei esperando em minha casa sua mensagem informando se já chegara para que eu pudesse sair de casa. E assim foi feito. Cheguei em sua residência, um apartamento, por volta das 19h30, em um dia de véspera de feriado.

Ao chegar em sua casa, Ricardo me recepcionou com sua família: esposa e filhos. Percebi que haviam se preparado para o momento. Sua esposa me convidou para comer algo muito tradicional na Venezuela: *pan de jamón*. Sentei-me à mesa e, ao mesmo tempo em que comíamos, começamos a conversar sobre algumas comidas típicas venezuelanas e brasileiras, sobretudo as da Bahia e as do meu estado, Ceará. Falaram das comidas e bebidas que existiam na Venezuela e no Brasil, tais como o guaraná. Avançando na conversa, também falaram de como o venezuelano via o Brasil e que existiam pessoas lá, ainda, que acreditavam que a capital do Brasil era o Rio de Janeiro; ademais, falaram das festas típicas e do carnaval brasileiro. Eu não tecia comentários a favor ou contra em temas mais sensíveis – tais como essa questão da capital brasileira – porque gostaria de escutá-los mais e podia ser que minhas opiniões influenciassem a conversa, fazendo com que parassem o diálogo e, aí, não teria mais suas impressões gerais e pessoais.

O filho mais velho do casal também falou um pouco de suas experiências na escola no Brasil. Em 2019 o mais velho estava como ovinete, no 9º ano, em uma das escolas que o pai trabalhava; o mais novo, por sua parte, já estava matriculado, mas em outra instituição onde o pai também lecionava. Conversamos muito sobre as oportunidades de educação no Brasil, em especial as que o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) podia abrir para os jovens. Era um tema que muito lhes interessava. Ricardo falou do processo seletivo para ingressar na universidade na Venezuela e eu falei acerca do daqui, notando as semelhanças em ditos processos. O filho mais velho sempre com o olhar atento à conversa, pois, em breve, entraria no Ensino Médio. Enquanto comíamos e conversávamos, o filho mais novo jogava na internet, parava, pegava um pedaço de pão e voltava ao jogo.

Após a comida e a conversa, fomos à entrevista. Nesse momento, os filhos e a esposa deixaram a sala e ficamos apenas Ricardo e eu. Entendi que queriam nos deixar mais à vontade, já que o participante principal era o pai. Na entrevista propriamente dita, Ricardo se sentiu muito a gosto para falar, mostrava as coisas na sala, gesticulava, levantava-se para exemplificar algo. Como já havia trabalhado com entrevista em um projeto governamental de seu país, entendia que o entrevistador gosta de detalhes, e assim o fez, mostrando, inclusive, o PDF desse trabalho feito, o qual versava sobre a

história/memória de sua cidade; mostrou, ainda, seus livros acadêmicos e a bandeira da Venezuela que adornava sua sala.

Após a entrevista, como já era tarde, por volta das 22h30, e eu voltaria andando para casa, apesar de ser perto era uma avenida com pouco movimento à noite, não falamos muito sobre o processo de escuta e diálogo de dita entrevista, os filhos já haviam ido dormir e a esposa saiu do quarto para se despedir e, ainda, me perguntou se eu não queria levar um pouco do *pan de jamón*, eu aceitei.

4.2 As construções de recordação na mobilidade forçada: memória e pós-memória

As memórias, conforme temos visto neste trabalho, constituem uma dimensão importante no construto da identidade, que se evidencia discursivamente. A partir dos dados gerados nas entrevistas, é possível dizer que o ato de rememorar perpassa todo o trabalho. Neste item, por sua vez, discorreremos, de modo mais apurado, sobre os elementos de memória bem como suas manifestações mais reiteradas e pós-memórias por parte dos sujeitos deslocados forçadamente, quais sejam, os venezuelanos participantes deste estudo de caso.

4.2.1 Elementos de memória e suas manifestações

Os elementos de memória perpassam toda a trajetória das entrevistas, de modo que, em um momento ou outro, sempre se comenta sobre os lugares, os acontecimentos, bem como os sujeitos envolvidos em um determinado evento da vida. Neste ponto da pesquisa, destaco alguns acontecimentos, lugares e pessoas que sobressaem nas narrativas como um todo, de sorte que os recortes feitos são para destacar certas questões notadamente mais relevantes enquanto narrativas de deslocamento. Em outras partes deste capítulo, o(a) leitor(a) observará outros recortes de trajetórias, cujas questões levantadas serão outras. Ademais, as manifestações da memória também são recorrentes ao longo de todo o processo enunciativo, uma vez que, em sua maioria, o teor da entrevista era os contextos do passado e suas influências no presente.

Quanto aos acontecimentos marcantes das vidas dos participantes investigados, há aspectos em comum e, ainda, individuais, já que passaram pela mesma força de repulsão migratória, mas possuem suas trajetórias individuais com sua nação, com a mobilidade forçada e com o Brasil. Os aspectos voltados para o mais comum, e que causa

nostalgia, são os momentos ao longo da vida em família, seja a pertencente às suas origens, seja a família construída, como é o caso de Ricardo, que é casado. Ana, Hélio e Ricardo marcam essa instituição social como bastante importante e, também, como uma das forças motrizes para a saída do país, seja porque queriam que construíssem melhor a vida, seja porque queriam dar melhores condições de vida para os familiares. Nesse contexto de acontecimentos importantes da memória do passado, “aniversário” é algo em comum entre Ana e Hélio; vejamos e reflitamos, a seguir, sobre esse ponto:

Ana: você vai fazer que eu *llore*...

Tiago: Algo que você acha que é muito legal. Era legal, sabe.

Ana: Eu acho que meus aniversários.

Tiago: Quais aniversários?

Ana: Eram muito legal.

Tiago: Aquelas festas, festinhas assim de bolo, eram interessantes...!

Ana: O melhor. (...)

Ana: Hum, não sei. Sempre esse dia eu, quando eu era mais maior, mais velha, eu gostava de, de organizar toda a reunião. Assim, eu falava para as minhas amigas, eu falava para o meu pai, e tal, sua mulher, sua esposa. Então, eu ficava muito, muito sorriso todo o dia, sabe, esperando o momento pra o bolo e tal...

Tiago: Era tudo organizado.

Ana: ...era muito legal. Porque quando eu era mais jovem, tinha uns 11 anos, meus avós sempre gostaram que eu tivera essa festa grande por causa da mamãe, ela gostava muito de celebrar minhas festas então... aí...isso²⁶.

Tiago: São momentos bem agradáveis, né?

Ana: Meus, os aniversários de meu irmão também, os aniversários de meus avós também eu gostava muito. Eu gosto muito de sempre tá ali e ficando de olho até esperar chegar esse dia.

Esses acontecimentos são rememorados e importantes porque resgatam momentos agradáveis para Ana, por exemplo, sobretudo porque, em sua fala, nota-se o entusiasmo com essas festas, tanto que ficou, quando já maior, com mais idade, na incumbência de organizá-las. Para além disso, traz outros elementos de memória

²⁶ Aqui, ao falar do aniversário e do quanto sua mãe, já falecida, gostava do momento, a participante chora.

importantes na família, especialmente uma pessoa, sua mãe, quem já era falecida e, quando viva, gostava de aniversários, o que a faz, inclusive, chorar ao rememorar esses acontecimentos.

Hélio, por sua vez, também relata aniversário como um acontecimento importante em família, com destaque, igualmente, para a mãe:

Tiago: Que momentos interessantes, bons, agradáveis, você se recorda de ter vivido com a família?

Hélio: *este...* por exemplo, quando minha mãe estava de aniversário, siempre en diciembre, *este*, nos reuníamos para celebrar el aniversario de minha mãe, o de algum irmão também.

Por sua vez, Hélio foi mais sucinto ao falar desse momento, porém percebe-se que a importância desse acontecimento para sua família, em especial, porque era época de comemorar a vida de sua mãe ou de algum irmão, marcando, inclusive, o mês da ocasião e com um intensificador de tempo: “siempre en diciembre”. Isso faz com que possamos conjecturar a importância do momento, uma vez que era repetido e sempre na mesma data; ora, faz-se aniversário, obviamente, na mesma data, porém o que chamo atenção, aqui, é para o indício da marcação da repetição e ênfase do mês.

Outros dois pontos importantes nas narrativas de deslocamento que destaco em relação aos elementos de memória dizem respeito às condições de vida no país de origem e as saídas de seus locais, os trajetos, os itinerários feitos.

A decisão de deixar o país, o lugar onde se nasceu e morou por muito tempo, não é tarefa simples e envolve múltiplas dimensões. No caso dos deslocados forçados, a opção de deixar a nação envolve a manutenção e bem-estar da vida e a sobrevivência. Vejamos, a seguir, um trecho em que Ana narra suas condições e evoca memórias propriamente ditas:

Ana: É... o primeiro é que eu não ia poder estudar lá na Venezuela, uma faculdade. Eu queria, eu quero estudar. Na verdade, agora só tô estudando só português, mas eu quero estudar e desde que eu saí, desde que eu comecei o último ano da minha escola, eu sabia que não ia estudar lá na Venezuela, porque uma coisa, não sei, não é impossível, só muito difícil... que eu podia, por exemplo, se eu falava com meu tio: “não, olha tio, eu quero que tu me ajude e tal, depois eu vou ter vários desse *dinero*, problema...”, ele ia me

ajudar só que se eu conseguia um aluguel, eu conseguia entrar na faculdade, depois igual *sigue* sendo *peligroso* morar, só morar na Venezuela *sigue siendo peligroso*. Então, eu faço essa *inversão* de meu tio faz, faz essa *inversão* de um aluguel e tal e se depois quando eu ia *caminando* pra a faculdade, chegar uma pessoa e sabe? Tal e aí... só sempre *iba a* ser assim, era difícil pela *inseguridad* e Caracas é uma das cidades mais *peligrosas* do continente, não sei, é verdade, tem *estadística* que é muito *peligroso*. Então, se eu estudava lá, ainda tendo o *dinero*, *iba a ser* bem *peligroso* pra mim.

Tiago: Então, um dos motivos foi estudar.

Ana: Estudar, estudar. Eu não podia estudar lá. E, para pagar uma coisa privada, impossível.

Tiago: Mais cara, né?

Ana: Impossível. Não, não posso, era assim, eu não podia, meu pai não podia, meus avós [inaudível] o que eles recebem do governo que por direito, eles cobram uma *cantidad* de *dinero* mensal, mas isso era apenas para comer, pra pagar uma faculdade não. Impossível. Então aí, não tinha praticamente, não tinha futuro. Eu tenho amigas que elas não estudam, elas terminaram comigo, mas eles não estudam. Tenho várias.

Tiago: Não continuaram os estudos universitários.

Ana: Não. Não continuaram porque não tinham, só tinha oportunidade de estudar na faculdade pública, mas a faculdade pública não tem formas de funcionar, pelos... não tem *suministros*, como que fala?

Tiago: Tipo...materiais.

Ana: Não tem materiais, nada. Então, elas não têm como estudar. Elas estão trabalhando, é bem chato isso. Eu falo pra elas que eu também estou trabalhando só que é bem... Depois, eu posso ir pra faculdade. Elas já tão lá, elas já tão na faculdade lá, mas não estudam porque não tem materiais.

Ana, em sua narrativa, já começa enfática com a noção e importância do estudo. Enfatizando com a expressão “eu quero estudar”, a participante fala das impossibilidades do país em lhe proporcionar melhores condições educacionais. Por um lado, por questões econômicas da família e do país, não podia estudar nas faculdades particulares e, por outro, esse sonho também não podia se realizar na pública por falta de condições materiais desta. Além disso, estudando fora de sua cidade, os perigos com a violência, sendo mulher

e sozinha na capital do país, também não era opção. O não poder estudar no ensino superior, juntamente com a violência de Caracas e a situação econômico-social de sua família e país, evocados em sua memória propriamente dita e do passado, são fortes fatores de repulsão dentro seu processo migratório forçado, o que acontece, ainda, com muitos outros jovens e famílias. Ainda nessa temática, vejamos e reflitamos sobre o que diz Ana:

Ana: É... Tá! Eu morava como meus avós como eu falei. É... era muito tranquilo, eu sempre recebia ajuda do meu tio que ele morava no Chile, então eu sempre recebia sua ajuda. É... também, eu recebia um dinheiro por parte da minha mãe que ela morreu, então eu recebi dinheiro por partes dos direitos e tal, eu fiquei com a parte do dinheiro, que também meus avós que tavam ali e eles me ajudavam também. Então, eu só com meu irmão. Eu estudava na escola e meu irmão estudava faculdade. Então, eu morava lá, muito tranquilo, eu fiquei vários anos com eles, uns quatro anos com meus avós morando.

Tiago: Então, era você e seus avós?

Ana: Sim... Não. Você... Eu, meus avós e meu irmão.

Tiago: Ah, tá. Então, era vocês quatro.

Ana: Sim. Éramos, éramos uma família estranha, porque não eram meus pais, eram meus avós, mas eu gostava muito e me ensinaram muita coisa.

Tiago: É família.

Ana: Sim...É família. Então aí eu morava com eles e isso bem tranquilo tudo a escola, às vezes eu ia pra o curso de inglês também. Eu gostava muito do curso de inglês, porque era uma forma de eu sair, porque de outra forma era muito difícil, sabe? Não era tão fácil assim. Sei que hoje eu vou a comer com minhas amigas e tal, não é normal lá.

Tiago: Não era normal.

Ana: Não, porque, por causa da parte econômica, sabe? Eu não tinha muito, só pra a comida, coisa básica. Então, se você queria ir pra o shopping, ir a comer alguma coisa, não era... eu e minhas amigas era, tinha a mesma quantidade de dinheiro que não era que elas tinha mais dinheiro e que elas podiam não... era o mesmo nível social, econômico, tudo então.

Tiago: Mas, mesmo assim era difícil?

Ana: Sim, por exemplo, quando eu brincava às vezes com elas, às vezes como “eu gostaria de ir pra o shopping, sabe, fazer isso e isso e isso”, mas, elas falaram: “com que dinheiro você vai pra lá assim?”

Tiago: Não é fácil, né?

Ana: Não é fácil. Isso era como uma situação muito especial, assim, que um aniversário, uma coisa assim que...

Como grande parte dos migrantes forçados venezuelanos no êxodo recente, em especial a partir de 2014, Ana passava por problemas econômicos, de modo que tal situação afetava sua qualidade de vida. Aqui, é evocado o problema social da sobrevivência e bem-estar, sobretudo quando Ana faz o movimento entre memória do passado e memória de ação, fazendo um lá-e-cá das vivências nos territórios em dita situação: hoje, ela consegue sair para comer com as amigas, mas, na Venezuela, não era normal. O vocabulário normal, aqui, evoca uma situação para além da relação normal-incomum. Portanto, há indícios de que a vida social era difícil, de modo que a subsistência era mais importante, a vida mais social era complicada, e isso é ratificado quando Ana diz que ir para o curso de inglês era interessante porque era o momento que podia sair de casa.

Nesse trecho, outra questão importante a se comentar é em relação às pessoas de sua narrativa enquanto elemento de memória, as quais perpassam toda a entrevista em sua maioria. Ana relembra os avós, paternos e maternos, sua mãe e, em especial, seu irmão. Quanto à ideia de família, Ana fala de “família estranha”, porque essa instituição, em sua vida, era composta pelos avós e irmão, e não com os pais, ideia que, sabe-se, advém da construção legitimadora, colonial da instituição, em que esta é formada por mãe, pai e filhos, o que não se evidenciava em sua família, e apesar de ir contra esse *status quo*, foi essa formação familiar que lhe ajudou e lhe ensinou muita coisa, conforme comenta.

O irmão e o tio de Ana são bastante citados ao longo da entrevista, personagens importantes e chave em sua trajetória, sobretudo o tio.

Ana: Sim, aí eu lembro que eu comecei a usar as redes sociais, eu amava, é...eu aprendi muito do meu irmão também.

Tiago: Seu irmão era mais jovem ou mais velho?

Ana: Mais velho. Ele, a personalidade dele é muito engraçada. Então, eu ficava muito assim como era um amigo, assim, até agora, só que ele tá lá na

Venezuela então... aí nós sempre ficimos uma relação muito boa, mas...é... como é isso, é isso.

[...]

Ana: Então, porque ele tem 25 anos, então ele já terminou a faculdade. Sim, quando *supuso* assim que já, que a faculdade não dava, meu irmão já saiu, foi assim como o último. Aí ele saiu. Eu lembro que eu fui pra consagração, foi muito boa. É... mas ele não tem como trabalhar agora. Não tem como conseguir alguma coisa que dê pra ele se sustentar.

Tiago: Ele é formado em quê?

Ana: Administração. Licenciatura.

O irmão de Ana, à época da entrevista, seguia na Venezuela e, apesar de ser formado em Administração, também passava por momentos ruins economicamente. No entanto, Ana lembra afetivamente dele, como alguém importante em sua trajetória, evocando dramas do resistir, já que ela está no Brasil e ele na Venezuela, o que a deixa, de certo modo, impossibilitada diante da situação dela, de sorte que ambos, cada um em seu contexto, tenta resistir e existir ante suas situações sociais.

O tio de Ana também é um personagem importante em sua trajetória, em especial na de deslocamento e em seu cuidado:

Ana: Sim, muito. Ele [*o pai de Ana*] fazia de tudo. Eu também quando eu comecei o ensino médio, eu recebi muita ajuda de meu tio.

Tiago: Hum... o pai dele. Ôh... o irmão dele!

Ana: Ele e eu somos muito parecidos.

Tiago: Você e seu tio?

Ana: Sim, somos muito parecidos. A forma de pensar, ele me ensinou muita coisa, ele depois foi como meu pai, porque ele tava ali sempre ficando de olho com o que eu ia fazer, *cuales* são os seus *planes*? O que você quer *facere* com a tua vida?"... Ele sempre ficou de olho com isso. Eu não sei se foi porque ele sabia que ia ser difícil depois pra eu fazer alguma faculdade, alguma *cosa*. Mas, ele sempre ficou assim "o que você quer fazer?", sabe, o que eu gosto, "que você gosta de fazer, o que você não gosta?". Então, aí começou a relação com meu tio, então aí já não era mais só meus avós, meu irmão, agora meu tio... meu pai sempre estava ali, mas não... distante, era só pra a parte

econômica, coisa assim. Então, eu, normal. A princípio sim, você sempre quer o pai sempre com você, mas depois eu acostumei a ficar só com meus avós, com meu tio e meu irmão. Então, aí ele me ajudava muito economicamente, com meu curso de inglês, às vezes como quando que eu precisava, eu sabia que podia falar pra ele. Porque ele *ya* faz tempo que ele mora no Chile, trabalha no Chile, fica bem economicamente, então ele tem como me ajudar.

Tiago: Então, mesmo ele longe de ti, ele conversava...

Ana: Mesmo ele longe. Então aí, eu, eu... *meu primeiro* viagem fora do Venezuela foi a Chile, que eu cheguei a Chile onde que ele mora, foi aí que nós pensando sobre o meu futuro, que depois meu futuro foi uma incógnita que eu não sabia o que eu ia *facere* por toda a situação econômica.

A partir das considerações de Ana sobre seu tio, pode-se notar a relação territorial simbólico-afetiva que este constrói com ela, ainda que em territórios físicos distintos, o que seu pai, próximo, compartilhando o mesmo território físico, não construiu, ficando a cargo, em especial, de questões ligadas ao financeiro, segundo ela mesma. As razões de saída da Venezuela também estão atreladas às conversas que Ana teve com o tio, o que se pode notar por meio do indício que consta quando ela afirma que conversou com ele sobre seu futuro. Mas na frente, quando falarmos acerca da saída da Venezuela, veremos como o tio a ajudou sobremaneira nesse processo.

Assim como Ana, Hélio também passou por problemas econômicos, mas, em sua narrativa, ele enfatiza algo muito pontual: a alimentação. Por meio de sua fala, nota-se a grande preocupação sobre essa temática e, ainda, sobre suas vivências com relação a isso, ainda que fosse funcionário público e, em tese, deveria ter alguma segurança, uma estabilidade em relação a essa questão. Vejamos e reflitamos:

Hélio: En mi caso, este, la... A pesar de ser funcionario en un museo, la situación era difícil para la alimentación. Y, este, de verdad que soy sincero, este, que a mí me gusta conocer lugares, Estados, países, se me presentó la oportunidad de conocer Brasil. Y, este, en la misma situación que Venezuela está... entonces tuve la oportunidad de venir, en este caso, a Salvador y aquí estoy un poco más estable a nivel de alimentación.

É importante, ainda, comentar a relação que Hélio faz entre estabilidade alimentar na Venezuela e no Brasil. Ele usa a expressão “poco más estable” para falar acerca de sua alimentação no Brasil, o que se nota que, apesar de melhor, essa situação está “um pouco mais” estável. Isso se dá porque, no Brasil, Hélio fazia trabalhos que não são de sua área profissional de formação. No discurso como um todo, há indícios de que ele trabalhava com diárias, trabalhos não fixos. Quando perguntei como ele se mantinha economicamente no Brasil, Hélio não explicita a situação, mas fala que tem sido *un reto*, um desafio:

Hélio: Agora é um desafio. Actualmente morando aqui em Bahia, Salvador. Este, mi vida mudó por completo, estaba acostumbrado a trabajar em uma oficina, pesquisando obras de artes, fazendo análisis, este... también... ha sido difícil, pero sin embargo, este, cuando uno tiene madurez, este, no llega a ver estas cosas sino crecer. Aquí ha sido, ha sido un reto, pero sin embargo, este, ha sido como gratificante, logras aprender a vivir, a sobrevivir y te sientes bien.

Tempos depois da entrevista, já em pandemia de coronavírus, quando a cidade de Salvador reabriu seu comércio, eu havia ido ao centro da cidade comprar algumas coisas e, ao passar por uma loja na Avenida Carlos Gomes, no bairro 2 de Julho, que vendia artigos diversos de armarinho, aviamentos e bijuterias, encontrei Hélio trabalhando como vendedor. O dono da loja, provavelmente, era latino-americano, pois tinha sotaque de quem falava espanhol da chamada variedade americana e o nome da loja tinha a palavra “peruano”. Hélio ainda tinha um sotaque falando português bastante atrelado ao espanhol, fazendo com que, nos atendimentos que vi, ele fosse bem objetivo, falando em termos de “sim”, “não” e os preços. Na rápida conversa que tive com ele na loja, que era bem pequena, para não lhe prejudicar, perguntei como estava, como ia a vida, ele respondeu que bem; fiquei feliz por revê-lo, pois ele havia trocado de número de telefone e eu tinha perdido seu contato. Ali, no rápido momento, ele me disse que aquele trabalho, como muitos outros que teve, era temporário, infelizmente; depois, peguei seu número de telefone, mais uma vez, para restabelecer o contato. Como muitos dos trabalhos que os deslocados forçados fazem nos países receptores, em geral, são informais ou temporários, ele, nesse caso, não fugia à regra.

Hélio, na Venezuela, era funcionário de um museu e artista. E, para ele, essa mudança forte de vida foi bastante significativa. Ao longo de muitos pontos da entrevista, ele fala da alimentação, inclusive colocando em relação com a arte, o que, mais uma vez, indicia que essa questão foi muito complicada em seu país, sobretudo para ele, um forte objeto de repulsão de sua migração.

Tiago: Mas a questão da arte... é algo que você tem em mente?

Hélio: En este caso, diría que es algo como muy paralelo. Por ejemplo, aprender un oficio que te va a generar dinero para alimentación, todo lo que requiere para saúde, para tu sobrevivir. El arte queda como un segundo, una segunda opción que ya es tu pasión de crear una obra y quien se interese realmente de comprar... porque el arte tiene un valor, un valor artístico y no todo, todo tiene, este, la disposición de estar comprando obra de artes, todas las personas no... esa no es la cultura que se da a un país, sino hay prioridades: alimentación. Entonces uno busca un medio para sustentarse que sea una necesidad a nivel de la población, entonces con eso uno pueda vivir. Y el arte sería una opción de crear una obra de arte que otras personas en una sociedad sí se van a interesar de comprar y podrías vivir, pero en primer lugar tiene que saber ser equilibrado.

Outra consideração a respeito dessa mudança de vida e falando, ainda, do elemento de memória personagens, no caso de Hélio, a união dos fiéis de sua religião foi bastante importante para o processo de chegada ao Brasil, um fator de atração em relação à sua saída da Venezuela. Vejamos:

Hélio: Yo soy testimonio de Jehová. Y los testimonios de Jehová tanto en Venezuela cuanto en Cuba, en cualquier país del mundo, siempre mantienen el mismo orden, no muda. Y aquí en Brasil sigue manteniendo el mismo principio, no hay una cosa que sea mayor o menor, todos son iguales. Y algo que caracteriza los testimonios de Jehová es que son como una familia mundial que, a pesar de todo, este, que ellos no conocen a uno, por ejemplo aquí en Brasil los brasileiros no conocen a alguien de Venezuela testimonio de Jehová, pero sin embargo hay una buena relación de apoyo a nivel de **alimentación**, a nivel **emocional**, a nivel de, de, este, **económico** sí, la disposición y, este, principalmente **espiritual** de manera que la organización

de testimonios de Jehová es una organización que tanto en Venezuela como en Brasil, en cualquier parte del mundo, siempre mantienen el mismo orden, el mismo modo. (grifos meus)

Na narrativa de Hélio, é muito importante notar e levar em consideração outros aspectos relacionados à recepção de pessoas em fluxo migratório transnacional forçado, fato que está estreitamente relacionado ao que pontuei em relação a que a mobilidade forçada provoca mudanças territorial, cultural, emocional, social e moral. Em seu discurso, o venezuelano deixa claro, em suas memórias de ação, que a recepção que teve, ao que chama de família mundial, seus irmãos fiéis testemunhas de Jeová, proporcionaram-lhe não só uma estabilidade a nível de alimentação, mas também emocional, econômico e espiritual. São por demais importantes essas palavras, sobretudo quando se pensa em políticas públicas no geral e para a promoção linguística dessa população, uma vez o apoio não pode ser prestado, apenas, do ponto de vista da construção frásica em português, no caso do Brasil, ou da língua onde o migrante refugiado se encontre, uma vez que há outras dimensões tão importantes quanto a linguística para proporcionar um, de fato, bem-estar social.

Assim sendo, de modo geral, os(as) professores(as) que lidam com essa população, seja em cursos livres, seja no ensino básico regular, devem ter em mente essas dimensões e outras na formação educacional e linguística do migrante, compreendendo, respeitando e proporcionando práticas sociais de linguagem diversas que possam ir além dos sintagmas e paradigmas da língua. Dito isso, um personagem, então, importante no fator de atração no contexto de Hélio, tem que ver com um personagem ligado à dimensão espiritual, ou seja, a família de sua religião.

Ricardo, por sua vez, nosso outro participante, tem um outro perfil de narrativas. Professor de língua, ele gosta bastante de falar suas experiências. Ao contrário de Ana e Hélio, Ricardo tinha sua família composta de esposa e filhos, personagens bastante frequentes em suas narrativas de deslocamento, importantes na relação entre territórios afetivos, o que o deixou desconfortável em seu primeiro fluxo de saída, tendo deixado sua esposa e filhos na Venezuela. Sua mãe e irmãos também são personagens importantes que ficaram em seu país e que constroem sua narrativa de deslocamento também. Em relação à esposa e ao seu papel na tomada de decisão em sair da Venezuela, vejamos e

reflitamos sobre o que ele narra em dois momentos diferentes em sua narrativa de deslocamento:

Ricardo: Eu cheguei... Essa história é bem interessante. Eu estava dando aulas lá na faculdade, dava aulas de... pré-graduação? [**Tiago:** graduação?] Graduação e pós-graduação. Eu estava já na universidade de [*inaudível*] e fazia graduação e pós-graduação e minha esposa era administradora de uma empresa, tínhamos trabalhos bons, se você tem *esos* trabalhos aqui no Brasil você é classe média. Lá não davam nas contas. E aí foi que minha esposa falou: eu acho que você tem que começar a procurar alguma coisa fora de aqui [...].

Ricardo: [...] Mas esse cara me estava falando, você tem que sair da universidade, você já está... até aqui você não gosta da ideia de que você está formando pessoas para saírem. Eu botei citas de... em português Contos de de Edgar Allan Paul... Cojo? O corvo, que está o corvo falando “never more”, nada vai acontecer, eu falava de eso aí, eu sentia como esse personagem que está sempre falando com você “eles não vão ficar, eles não vão ficar, mas você vai ficar”. Eu falei: nooo, eu não vou ficar. E aí foi o que minha esposa falou, porque eu sempre falava, eu lutava muito pela faculdade, e discutíamos muito por *eso*, eu: ainda sinto que posso fazer alguma coisa, pelos estudantes, pela faculdade... e ela me falava: “e os seus filhos? Eles vão ficar aqui? Todos os seus estudantes estão saindo, eles não vão sair, eles vão ficar?” E aí foi que eu ficava chateado, ela tinha razão. Eu acho que ela ativou o pai e falou para o acadêmico “deixei o pai ser, porque a *academia* não tá dando certo. Deixe o pai fazer”. E foi aí que o pai saiu e aqui está o prof...

A esposa de Ricardo, conforme se nota nas narrativas, foi e é uma personagem importante para a tomada de consciência acerca dos problemas enfrentados pela família. Essa espécie de “epifania”, digamos, se dá, inclusive, pela posta em xeque dos papéis de acadêmico, uma vez que Ricardo era professor universitário, e pai, sua relação social com a família. Por meio dos indícios narrativos, nota-se que Ricardo dava grande importância e tomava para si seu papel e identidade de professor universitário, tendo grandes responsabilidades com seus/suas alunos(as), deixando de lado, provavelmente, o papel social legitimador de pai, de modo que dito papel é “ativado”, nas palavras dele mesmo,

por sua esposa, tornando-se uma identidade importante, porque ele toma para si essa responsabilidade social, o que o faz mudar suas concepções e decidir sair do país. Quando a esposa menciona “e seus filhos?” em relação aos estudantes, isso causa-lhe uma relação identitária em dois territórios importantes para ele, mas que, de um lado, apesar da territorialidade de afeto com sua função de “professor”, esta estava afetando, segundo a esposa, o território familiar ancorado pelo “pai”. Se uma condição social de professor universitário já não lhe dava garantias de bem-estar social, confirmado pelas saídas de seus/suas alunos(as) para outros lugares, a identidade de pai precisou ser “ativada” para que o território afetivo familiar fosse tido como prioridade, um forte fator de repulsão, qual seja, proteger a família das mazelas sociais. Aqui, há, mais uma vez, indícios de que a mobilidade forçada provoca mudanças não só espaciais, mas também de concepções e de entendimentos de si e do outro.

Um acontecimento importante lembrado por Ricardo tem a ver com a reconstrução da memória de seu povo, algo que lhe orgulha bastante, ou seja, falar de suas origens, estando agora no Brasil e podendo transmitir essa história. Vejamos, a seguir, o que ele fala sobre o *Comité de Tierras del Barrio*.

Ricardo: [...] Eu ia botar umas fotos que tenho aqui²⁷. Eu trouxe, eu trouxe. É a memória. Agora com a tecnologia, você não tem que procurar lembrar, você pode mostrar fotos. Mas assim, eu ainda lembro... porque eu tive a possibilidade com um amigo de trabalhar...é... com no que eles chamavam de *Comité de Tierras del Barrio*. É um comitê. É comitê que se fala aqui?

Tiago: É comitê.

Ricardo: Uma organização popular, uma ideia de Chávez. E esse amigo meu era chavista. Eu falei: vamos trabalhar nisso aí, porque a ideia era trabalhar nesse povoado.

Tiago: Na integração do bairro...

Ricardo: Sim, as terras eram todas do Estado. Você não tinha...essa terra não era sua, você construiu uma estrutura, mas se eles precisavam dessa terra para fazer uma rodovia, eles iam pagar a infraestrutura a você tem que ser deslocado, não pode ficar aí. Agora esse projeto de comitê de terras urbanas,

²⁷ Ricardo usa o dêitico “aqui” com referência ao seu notebook.

a ideia era que a gente ia até a terra; a ideia essa do socialismo, vamos dar a terra para você, só tem que fazer medir a terra, fazer isso aí, fazer aquilo.

Tiago: Mas não era dada assim completamente...? Só pra viver...

Ricardo: E na final virou todo uma burocracia. E ele me falou vamos, vamos a nos postular mais uma vez para o comitê. Eu falei, olha, eu vi, eu vi que isso não vai para na... Eles começaram a botar obstáculos, não agora tem que fazer isso aí, agora tem que fazer a história do bairro, o que foi interessante, porque eu comecei a entrevistar *a gente*, como você está fazendo agora, comecei a entrevistar as pessoas mais velhas do povoado e aprendi muito do porquê eu não sabia quando chegou ali, quando chegou a eletricidade, quando chegou o pavimento que era... Eu lembro a rua de terra também quando era pequenininho, eu vi quando chegou o telefone.

Tiago: Você participou dessa mudança...

Ricardo: Eu gostei porque era uma oportunidade para conhecer o lugar onde eu morava, eu não vi o político, não... “era uma coisa chavista e eu não vou trabalhar”... não, eu gostei porque era para o povo mesmo, não era uma coisa que...

Tiago: Ainda que tivessem esses problemas, mas era algo que você acreditava.

Ricardo: Porque sim, você tem que acreditar que isso ia ficar para o povoado, não era uma coisa que eles iam fazer como uma propaganda. No momento que eles falaram “você tem que ir pra Caracas, botar uma camisa vermelha e falar ‘Viva Chávez’” aí eu ia falar não, isso eu não vou fazer, mas estudar meu povoado, trabalhar *pra gente* eu posso fazer.

Nas palavras de Ricardo, recopilar e rememorar a história do lugar no qual desenvolveu territorialidades é de suma importância, e esse trabalho foi feito por meio da escuta aos mais velhos da comunidade. É importante notar, nessa passagem de sua narrativa, que o trabalho, apesar de ter sido uma ideia do então presidente Chávez, algo que poderia ter um valor político segundo a narrativa, para ele, Ricardo, não o era, uma vez que estava trabalhando para recontar a história do povo e isso ia ficar para a população, “meu povo”, conforme diz.

Ricardo: Ainda tenho amigos lá, mas... Nós falamos com minha mãe quase todos finais de semana. E é muito triste. Ela mora lá ainda. Na mesma casa. E é casa da família. Eles transformaram. Agora minha irmã ia fazer uma casa ainda mais, ainda mais forte, mas a... ela ainda mora lá no mesmo lugar. Cadê o comitê? Aqui²⁸... Mas o assunto é esse aí. Sempre que você fala com a mãe, não, não, filho de essa pessoa foi embora, foi para Equador, foi para Peru, foi para Chile, a maioria da gente jovem, estão ficando os velhos.

Fechando essa passagem histórica de Ricardo, ele comenta sobre uma problemática que o deslocamento forçado produz: a saída de pessoas mais jovens que, por conta dos desejos de vida melhor, buscam melhores condições de vida e deixam seus familiares, em geral os mais velhos, para trás. Conforme cita Ricardo, por meio de sua memória de ação, em seu povoado, Paracotos, estão ficando os mais velhos. Assim, o deslocamento, forçado no nosso caso, reconfigura, como já dito anteriormente, âmbitos territoriais, culturais, emocionais, sociais, morais não apenas do lugar onde se chega, mas, também, do território de onde se sai. Assim, os desejos e dramas do ser, do pertencer e do (re)existir não estão latentes em quem sai, mas também nas pessoas que ficam, sobretudo as com quem se possui vínculos afetivos.

Um dos acontecimentos que embasa as narrativas de deslocamento mais importante no caso do fluxo forçado é o trajeto de saída, o percurso que é feito pelos migrantes. Nesse caminho, ocorrem questões que são planejadas, já outras, não; são jornadas que constroem memórias, em geral traumáticas, lugares de memória e de apoio dela. A seguir, trato desse acontecimento rememorado por nossos participantes, iniciando, primeiro, pelas escolhas pelo Brasil e, em especial, Salvador/BA e, a seguir, o referido trajeto. Começamos por Ana:

Tiago: E, assim, quando você pensa em vir pro Brasil, por que Salvador?

Ana: É... na verdade porque eu não sabia. Eu só sabia que eu queria sair, eu gostava do Brasil, mas eu não sabia onde, sabe que... eu soltei no Google e então tava pesquisando ali e você vê que Rio muito bom. Mas você vai pra a economia, sim tem boa economia, mas é tudo mais caro, tem oportunidade, mas tem muita *competencia*. Se você for pra Brasília, capital, mas tem várias

²⁸ Nesse momento, o participante buscava arquivos e fotos em seu notebook.

coisas que não têm outros estados que são melhores pela parte turística, então eu coloquei isso numa balança e pela parte turística tinha muito aqui no Salvador, pela parte... em áreas que eu sabia que eu podia fazer alguma coisa com meu idioma. Eu... tanto o espanhol, quanto o inglês. Então aí falei com meu tio e ele falou “tem uma amiga lá no Salvador que ela estudou comigo afuera, meu tio estudou inglês, mas ele estudou na Europa. Então, ele como conheceu uma brasileira lá e tal, ele conhecia e ela morava aqui. Então...

Tiago: Ela era baiana ou ela morava aqui?

Ana: Não. Ela?

Tiago: Sim.

Ana: Ela morava aqui sim. Ela é baiana. Mas, ela conheceu ele lá na Europa. Então, ele só falou com ela. Ela falou “não, tranquilo. Ela pode estudar aqui, ela pode conhecer muita coisa”. Então, como ele conhecia ela e se sentia alguma coisa... se acontecia alguma coisa comigo ele podia ligar pra ela, entendeu? Aí eu vi muitas fotos do Salvador e eu falei “tá, tá bom. Salvador”.

Tiago: Vou!

Ana: Sim.

Tiago: É... Okay. Então, quando foi que você veio aqui para o Brasil? Já veio direto? Assim, quando foi, assim, sua viagem?

Ana: Eu sempre soube que eu ia vir pra cá. Só que eu comecei no Chile. Eu viajei primeiro pra o Chile porque meu tio queria que eu acostumasse a ficar noutro país com muita coisa, com supermercado, com coisa grande, porque depois a chegar aqui, eu iba a ver tudo, ele não sabia como é que eu iba a reaccionar com isso. Mas, eu só cheguei lá e comi muito, eu lembro (risos) de muita coisa diferente, eu amei muito. Mas, a parte da personalidade do Chile, do chileno, eu não tenho amigos chilenos aqui (risos), como fala que não gosto muito (risos) é muito estranho. Então, ali eu gostava muito da personalidade do Brasil. Então, eu desfrutei muito da parte dos paisagens assim. Conheci muita coisa, três meses, depois já, eu já sabia que iba a chegar aqui.

Tiago: Então, qual foi o seu itinerário? Você veio direto pra Salvador ou você foi pro Chile e depois...

Ana: Eu fui pra o Chile, fiquei três meses lá e depois ali eu viajei pra São Paulo. Não São Paulo, só fiz uma escala no aeroporto, foi umas 8h, aí eu

fiquei oito horas no aeroporto, não saí, nada, aí eu cheguei pra cá, pra Salvador.

Tiago: Pra cá em Salvador.

Ana: Sim. Mas, não sei por quê, mas quando você tá afora, você acha que aonde você vai, você vai encontrar uma pessoa assim, sabe, como não sei...incrível. Mas, quando eu cheguei aqui, tava tudo normal. Eu falei só: tá, tá bom, uma cidade é bela, tem coisas belas, tem coisas novas. Eu gostei. É tranquilo.

Como se nota pela narrativa, Ana, no início, não tinha a certeza da cidade para onde iria migrar, mas sabia que era o Brasil. Ao contrário de Hélio, que nunca havia saído de seu país, Ana ficou no Chile por três meses a pedido de seu tio, a fim de que se acostumassem a ficar em outro país. A questão de territorialidade aqui é interessante, sobretudo porque, para o tio de Ana, morando no território chileno, provavelmente, ela se acostumaria com o território brasileiro, o que não ocorreu porque, como ela própria fala, a personalidade do chileno, para ela, atrapalhou-a, não conseguindo estabelecer conexões e construir territorialidades de fato nesse tempo, apesar de ter conhecido muita coisa, sobretudo a natureza, quando fala de “paisagens”. Porém, as vivências ali proporcionaram-lhe, certamente, experiências de compreensão de si e do outro, muito importante na relação social, em especial, quando sua origem não é daquele lugar. Ana, apesar de não se aprofundar tampouco estender narrativamente suas experiências no Chile, é, aqui, nesse ponto narrativo, que ela reconstrói sua transterritorialidade, compreendendo aspectos territoriais, sociais, emocionais do outro e de si.

A escolha por Salvador, além do conhecimento da amiga do tio, também foi estratégica em relação ao bem-estar, a uma vida melhor economicamente. Como Salvador é uma cidade turística, a participante se envereda por seus conhecimentos de espanhol e inglês, no intento de que isso a ajudaria. De fato, Ana, à época da entrevista, trabalhava em um hostel no Pelourinho²⁹, ponto de bastante visita turística.

²⁹ O Pelourinho, localizado no Centro Histórico de Salvador, provavelmente, é o ponto turístico mais visitado e conhecido da capital baiana. Um lugar que recebe turistas de todo o Brasil e mundo, que é paisagem de cenas de várias obras do cânone literário brasileiro, além de cliques de artistas consagrados mundialmente, tal como Michael Jackson, além de possuir sua arquitetura conservada do período colonial brasileiro, daí a importância do lugar e o fomento turístico nele promovido pelas gestões municipal e governamental.

Outro ponto a se comentar, aqui, é que o trajeto feito por Ana, em relação a outros conterrâneos, sobretudo Ricardo, sobre o qual falamos em breve, foi mais tranquilo. Já Hélio, teve um trajeto um pouco mais complicado em relação à Ana, pois ele entrou pela rota fronteiriça do Norte, em Roraima. Vejamos:

Hélio: Salvador fue el enlace o la relación de conocer, este, por decir la verdad, este, personas que tengamos contacto, en este caso los testimonios de Jehová entonces dieron la oportunidad de donde llegar, entonces fue lo más fácil de conseguir que fue Salvador.

Tiago: Então foi uma escolha e, ao mesmo tempo, uma oportunidade...

Hélio: Foi uma oportunidade.

Tiago: Mas você tinha outras opções?

Hélio: É... quería, por ejemplo, Chile; me gustaba también, por ejemplo, Ecuador.

Tiago: Quando foi que você veio pro Brasil?

Hélio: Yo vine el 27 de agosto de 2018.

Tiago: Qual foi seu itinerário e como foi essa viagem? Foi direto? Porque tem muita gente que passou por Pacaraima...

Hélio: Bueno, para llegar a la frontera tenía que pegar un ómnibus de 12h de Valencia a Ciudad Bolívar. Después 12h más que es un pasar... la parte de...esqueci el nombre, que es en Roraima, todo eso, pasar hasta llegar a la frontera se hacía difícil por el asunto de conseguir la permissão para poder pasar, hasta que logro conseguir todo, pasé todo direitinho.

Tiago: Você passou dias aí esperando?

Hélio: É, fueron 4 días na fronteira da Venezuela con Brasil. Después paso para Boa Vista y ya, este, en Boa Vista ya tenía, este, el boleto comprado de aquí, de un amigo de Brasil, que ya lo había comprado para yo poder venir para aquí. Entonces fue después de Boa Vista, Manaus, Manaus-São Paulo, São Paulo-Salvador.

Tiago: Eu fiquei com uma dúvida: nesses 4 dias que você ficou na fronteira, onde você ficou?

Hélio: Fue... Tenía un contacto de una familia que moraba muy perto ahí a la frontera, entonces yo iba, hacía todas las diligencias, todo el proceso y voltaba a la casa.

Tiago: Quais foram os procedimentos, você até já comentou um pouco, a documentação foi a principal dificuldade?

Hélio: Era... Lo que pasa es que como había demasiada, este, pessoas tratando de sair, entonces se hacía muitas filas y... quizás pasaba el tiempo y ese día no te daban el documento, tenía que esperar otro día

Tiago: Então você ficou sem saber se ia ser amanhã ou com 1 dia ou com 3...

Hélio: Sí, hasta que una persona de la ONU, que estaba allí, que son los que dan apoyo a los extranjeros, este, tuve la oportunidad de falar y ver que ya estaba pasando el tiempo y me dio apoyo y así pude hacer el proceso.

Vir para o Brasil, para além de uma opção, foi uma oportunidade. Hélio pensou em ir a outros países e, nota-se, que de língua espanhola, tal como Chile e Equador, dentre os motivos, quiçá por serem de hispanofalantes e, no caso do Chile, pela boa situação econômica. A oportunidade que se lhe apresentou veio dos Testemunhas de Jeová, já que ele é dessa religião e, assim, havia a facilidade de conexão com outros países e, na ocasião, Salvador foi o lugar mais fácil.

Quanto ao trajeto, nota-se que Hélio o fez parte via estrada e parte via aéreo, uma média de 5 dias de viagem. Aí na fronteira, o participante esperou 4 dias para que sua documentação ficasse pronta. A fronteira em Pacaraima, enquanto território de controle no caso dos migrantes venezuelanos, é onde se tem as narrativas de humilhação e mais sofrimento. Por conta do aglomerado de pessoas e a vagarosa tratativa dada à questão, sobretudo por conta de questões políticas, são as organizações não civis, incluindo aí as ONGs, a ONU juntamente com a ACNUR, que possibilitam e organizam esses espaços de modo que a situação fique menos complicada. Nesse instante, vale recordar as palavras de Bauman (2017, p. 17), quando diz que:

Elas vivem na miséria, humilhação e ignomínia numa sociedade pronta para rejeitá-las, ao mesmo tempo que ostenta a glória de seu inédito conforto e opulência; tendo sido rotineiramente desprezadas, repreendidas e censuradas por essas “outras feras humanas”, nossas “lebres” sentem-se ofendidas e oprimidas, ao serem subestimadas e terem seu valor negado por outras pessoas; e ao mesmo tempo reprovadas, ridicularizadas e humilhadas pelo tribunal de sua própria consciência, em função de sua incapacidade por demais evidente de se nivelar àqueles que lhes estão acima.

Levando em consideração essa situação de humilhação no território fronteiriço e as situações pelas quais os migrantes venezuelanos em fluxo forçado passam, e sobre o qual não se comenta, no geral, vejamos a narrativa de deslocamento de Ricardo, sobre uma situação que vivenciou aí no território fronteiriço.

Ricardo: É... Na fronteira a guardia nacional sempre *están* pesquisando as malas, *todo* que você tem, para ver se você está *sacando* alguma coisa que é da Venezuela. E era ya a Gran Savana. [...] E aí a Gran Savana é na... Quando você vem para o Brasil tem que passar pela Gran Savana. E aí na Gran Savana estava a *guardia*, com um posto da guarda nacional, pedia para você abrir tudo, abrir as malas, a todos os livros, olhavam tudo assim. E pedia para você para entrar em um quarto, você entra nesse quarto aí, e o guarda me perguntou: “eu vou perguntar para você”... Eu tinha o dinheiro dentro de uma sacola plástica e duas meias, botei umas meias, depois a sacola plástica, depois mais umas meias e umas botas. Ele perguntou: “eu vou fazer pergunta para você porque não quero estar olhando muita gente: você tem dinheiro com você?” Eu falei: não. Falei não, menti para ele. “Tá bom, eu vou acreditar em você, mas ainda assim tem que tirar a roupa”. E comecei. Ele me perguntava e me fazia perguntas. Eu tinha carteira, tinha uns pesos mexicanos, porque eu fui pro México com British Council, tinha dólar, de 1 dólar, 5 dólares, mas ele não queria esse aí. Nas meias eu tinha 100 dólares, 50 euros. Essa era boa para ele. E eu estou tirando tudo, ele está olhando minha carteira, está olhando o passaporte, eu estou respondendo às perguntas que ele está fazendo: eu sou professor, faço *eso*, eu viajei para os EUA com uma bolsa, viajei para o México com uma companhia, viajei para a Itália também com uma bolsa... E eu ainda tirando coisas, quando vou tirar as meias já estou, já estou pelado, tiro as meias, procuro tirá-las sem que, sem que a sacola faça “shic-shic”³⁰. E ele fazia assim³¹ com a roupa, toda roupa que eu tirava ele... Não fez com as meias. E deixou as meias aí. Quando viu que eu estava pelado, disse: faça assim³², para ver se tinha alguma coisa. “Pode ir, pode passar”. E *estaban ahí*.

Tiago: Você colocou...

³⁰ Barulho quando se mexe em uma sacola plástica.

³¹ O participante mostra com as mãos que o guarda balançava as peças de roupas.

³² O participante mostra a posição que o guarda o mandou ficar: de cócoras/agachado.

Ricardo: Não, eu coloquei... Botei só a calça e as meias, levei assim³³, as botas levei nas mãos e falei: vou sair rapidinho para que você possa fazer com outro e depois voltei fora, fora foi que eu fiquei. Esses 100 dólares se ele pega, eu fico em Boa Vista, não ia ter reais para pagar a viagem até Boa Vista e a viagem para Manaus. “Se você não tem como justificar esse dinheiro que você tem, fica com a gente”. Estão roubando a gente! Porque você está comprando dinheiro no mercado negro, porque ninguém está vendendo. Na Venezuela você não pode comprar moeda estrangeira. Aqui no Brasil, você vai e “quero comprar 100 dólares” e eles vão vender para você. Lá na Venezuela você não pode, é proibido. E agora eu falei: não quero *eso* pra minha família não, meus filho, esposa... E consegui pagar as passagens para ele para trazer para o Brasil.

Nessas passagens de acontecimentos complexos e tensos no caminho de muitos venezuelanos que cruzam as fronteiras de seu país para entrar no Brasil, nota-se personagens rememorados de ajuda, a exemplo da amiga de Hélio e as pessoas que fazem a ONU, mas também de algozes, tais como a guarda nacional venezuelana, que, conforme assevera, Ricardo, tem indícios de roubo às pessoas, além de humilhá-las em situações vexatórias, como ficar pelado. Essas memórias do passado construídas por meio de traumas no percurso de mobilidade fazem com que as pessoas desenvolvam medos e repensem sobre sua conduta em relação a quem é, onde pertencem e resistências pelas quais têm que empreender para poder (sobre)viver, além de estabelecer a fronteira enquanto lugar de memória a ser evitado e, ademais, construir memórias de espera positivas, a fim de sair das situações que colocam em xeque suas vidas, o que afeta seus territórios emocional, social e moral.

No que diz respeito ao porquê Ricardo escolheu Salvador e, ainda, ao seu trajeto de mobilidade, continuemos lendo o que ele narra sobre esse acontecimento em sua vida:

Ricardo: Eu cheguei... Essa história é bem interessante. Eu estava dando aulas lá na faculdade, dava aulas de... pré-graduação? [**Tiago:** graduação] Graduação e pós-graduação. Eu estava já na universidade de [*inaudível*] e fazia graduação e pós-graduação e minha esposa era administradora de uma empresa, tínhamos trabalhos bons, se você tem *esos* trabalhos aqui no Brasil

³³ O participante mostra que levou as calças e meias nas mãos.

you é classe média. Lá não davam nas contas. E aí foi que minha esposa falou: eu acho que você tem que começar a procurar alguma coisa fora de aqui. E eu comecei, fiz meu currículo, mas interessante, eu comecei a caminhar para Estados Unidos, República Dominicana, a Colômbia, que quase vou lá antes de vir para cá, porque já tinha lá uma faculdade, estava interessado, *sí*, fiz uma entrevista pelo Skype, mas era mais burocrático. Eu comecei com *la Universidad Pontificia Bolivariana de Colombia*, comecei lá, e um mês depois chegou uma antiga estudante minha lá na Venezuela, falando no facebook, eu falei para ela: eu estou procurando algo fora da Venezuela porque a coisa aqui tá ficando ruim...Ela falou: mas, encaminha para mim aqui no Brasil, porque estão procurando gente lá na Gurilândia. Eu falei: mas não falo português, e ela me falou uma palavra que eu sempre vou lembrar: mas você aprende, você gosta de línguas. Eu falei: sim, sim, *pues*, é certo, eu posso fazer isso aí. Porque o venezuelano não, nem olhava para o Brasil... pela barreira linguística, né?! Todo mundo está olhando para os EUA, que também tem uma língua diferente, mas culturalmente é mais perto da gente. A gente tem muito americano lá, é o baseball, é McDonald's, toda essa coisa americana tá sempre lá, o venezuelano conhece muito da cultura americana. E aí eu encaminhei o currículo para ela, o Gurilândia me ligou, pelo skype também um mês, dois meses depois que eu já estava quase lá em Montería, Colômbia, quase lá. Eu falei para ela: tenho isso aí também Colômbia encaminhado, mas vou dar o currículo pra você. Me ligaram, me falaram pelo skype, me disseram: venha para o Brasil! Temos que olhar você na sala, porque você professor de faculdade, não sei como você trabalha com os meninos. E aí falei com minha esposa: estão ligando do Brasil, que vamos fazer, vamos lá... E eu saí...vão fazer 2 anos 20 de novembro. Você está falando de memória...*es un número*, é uma data que eu não vou esquecer, porque foi o dia que eu separei da família e...não gostei. Foi difícil. E... e *eso* foi, foi uma viagem longa, triste.. É... Eu sai desse povoado Paracotos pra Caracas com eles, eles chegaram comigo até Caracas, aí eu peguei um ônibus até Puerto Brás, uma cidade que fica no Sul da Venezuela, um dia, de segunda-feira até terça-feira, cheguei de manhã, mas tinha que esperar até à noite para pegar outro ônibus; peguei outro ônibus para Santa Elena de Uiarén, que está perto já do Brasil, é... terça-feira, quarta-feira... sozinho. De

Santa Elena... para o Brasil, como a antiga estudante me falou, é uma coisa arriscada. E aí nessa trégua peguei um táxi até a fronteira, Pacaraima, aí cruzei a pé para botar o carimbo no passaporte, depois já estou no Brasil com meu saco³⁴, Polícia Federal: “e você o que está fazendo no Brasil?” Não, vou visitar uma amiga que está lá em Salvador. E... vamos lá, e me deram 3 meses de *visa* turística, 90 dias. *Ya* aí, eu tinha 100 dólares, que troquei por...me deram 300 e poucos reais e paguei um táxi até Boa Vista. E eram 2h, mas o motorista ia rápido, rápido, eu achei... eu estou no meio do Brasil eu acho, 2h, esse tempo todo, e quando você olha mapa ainda está aí Boa vista. Depois de Boa Vista foi Manaus, foi também a noite toda, quarta-feira, quinta-feira, cheguei em Manaus e tinha um voo para Salvador, sábado; então foi uma semana para chegar no Brasil, cheguei domingo de manhã e já segunda-feira já tinha prova no quinto ano, para trabalhar no quinto ano. Eu fiz algo ali rapidinho, fiz uma aula de...tinha que ser aula de criativa, não podia ser uma aula tradicional com piloto. Eu fiz uma aula criativa, ela gostou e falou você fica. Ah, porque ela é muito religiosa, eu sempre vou agradecer ela, Denise, porque ela falou que Deus falou com ela: você tem que dar uma oportunidade para esse senhor que quer estudar aqui, e ela falou que tinha muitos candidatos para essa vaga e... não deu. Ia entrevistar um, não tinha computador; ia entrevistar outro, falou “não, não”... e foi você o que eu pude entrevistar.. Deus quer que eu dê para você. Graças Deus ela é religiosa.

No trecho anteriormente citado, há muitas questões a serem tratadas. Neste momento, elucido algumas delas no tocante ao ponto que estamos versando. Na evocação memorialística de Ricardo, nota-se que Salvador se apresentou, assim como para Hélio, como uma oportunidade, no caso, de emprego, de melhores condições financeiras. De mesmo modo que com Hélio, Ricardo pensou em outros territórios antes do Brasil, com foco para Colômbia, mas também pensou na República Dominicana e nos Estados Unidos da América. Ressalta-se, nesse contexto, que a proximidade com a língua configura opção de mobilidade; em tal caso, por ser professor de língua inglesa e pelos fatores históricos de atração migratória, o participante similarmente tinha em mente os EUA. Hélio comenta acerca da hegemonia cultural e linguística dos EUA na Venezuela, de modo que uma

³⁴ Aqui, o sentido é de “saque”, de dinheiro.

multiterritorialidade é esclarecida nesse ponto. Segundo Ricardo, os EUA são mais próximos culturalmente da Venezuela do que o Brasil, outro ponto, para ele, importante. No entanto, segundo dados do ACNUR³⁵, 84% dos venezuelanos deslocados no fluxo forçado são recebidos pelos países latinos, com especial destaque para a Colômbia, Peru e Chile, uma migração Sul-Sul.

Ricardo, além dos problemas da fronteira, também evoca lugares e personagens importantes na sua mobilidade, quais sejam, a escola que o contratou, bem como a responsável por ela, e a sua ex-aluna, que encaminhou seu currículo para a escola em questão. Assim como Ana e Hélio, que tiveram personagens importantes no fluxo migratório, Ricardo também os teve. Nesse processo memorialístico do passado, Ricardo, ainda, traz à tona aspectos da metamemória quando fala sobre seu próprio ato recordativo, com uma data que não se lhe apaga da memória, o dia em que deixou sua esposa e filhos para atrás e foi em direção ao Brasil.

Alguns dos acontecimentos que envolvem a vida na Venezuela são comuns a Ana, Hélio e Ricardo, ainda que vivessem em contextos sociais diferentes, mas, por conta da situação do país, as mazelas sociais e as que envolvem a economia, a renda familiar, a falta de oportunidades assolam a todos com suas respectivas singularidades. Os personagens evocados, de modo geral, estão relacionados às suas famílias, sempre como apoio e lembranças emotivas, mas também há os que conheceram durante o trajeto de mobilidade, alguns configuram-se como pessoas de apoio e, outras, como alagozes de suas experiências. Os lugares recordados, assim como os acontecimentos mencionados, têm que ver com suas origens e os territórios por onde tiveram que passar para poderem chegar ao Brasil, com destaque para os momentos de fronteira de Hélio e Ricardo, que tiveram, aí, situações complicadas de vida, recordações de memórias propriamente ditas, do passado e, isso tudo, com desejos de melhoras, com memórias de espera, de conseguir ares outros de vida. A seguir, seguindo neste tópico da memória, analisemos alguns pontos sobre a pós-memória, processo recordativo importante dentro das narrativas de deslocamento.

³⁵ Fonte: <https://eacnur.org/es/actualidad/noticias/emergencias/venezuela-2022> Acesso em: 12 out. 2022.

4.2.2 Pós-memória

Quando se fala em pós-memória, nesta tese, como já explicado oportunamente, diz respeito às memórias ressignificadas no processo presente, passado e futuro, em geral traumáticas, de mobilidade forçada. Nesse complexo movimento cognitivo da lembrança, ressignifica-se o passado por meio da manifestação memorialística, sobretudo com memórias propriamente ditas de modo crítico, o que se faz, também, com aspectos do presente; essas ideias engendradas e delineadas são o alicerce para pensar e processar o futuro, sobretudo por meio de memórias de espera. Nesse contexto, nas narrativas de deslocamento do estudo de caso aqui empreendido, observam-se construções desse tipo. A seguir, vejamos e reflitamos sobre:

Hélio: La situación política de Venezuela está, está difícil, porque el gobierno que está dirigiendo el país, este, no busca solucionar, no busca la solución de los problemas que están viviendo los venezolanos. Y... A pesar de que se ha tratado de, de que hayan acuerdos con otros países, que se busque una solución inmediata el gobierno no ha buscado, este, resolver ese asunto, sino que sigue allí...pero, no busca resolver.

Tiago: E isso você acha que é o governo atual ou isso já perdura, já faz um tempo que isso ocorre e agora que foi o estopim, algo mais grave?

Hélio: La cuestión fue que se compró la conciencia del povo, se compró la conciencia. Entonces esto fue algo que fue paulatinamente, fue algo que fue progresivo hasta que dominó a tooda la población y... ya ahora tiene todo el dominio, el gobierno tiene todo, todo el gobierno tiene todo el poder y entonces eso fue... al principio ellos... el povo no se daba cuenta de que eso estaba aconteciendo, a partir de mil novecientos... 2014, fue onde el proceso fue atenuándose, poniéndose cada día más difícil, más difícil, hasta que actualmente ya la situación ya es muy ruim, es una situación muy difícil, que la única forma es que ese gobierno tenga que salir.

O movimento pós-memorialístico de Hélio, nesse trecho em questão, tem por temática a questão política. Observa-se um processo crítico do presente, de refletir a situação atual no contexto situado por meio de memórias de ação para, em seguida, construir a narrativa que leu esse presente baseado no passado, por meio das memórias de passado, reavaliando o contexto de dominação da consciência dos nacionais

venezuelanos por parte do governo. Hélio usa expressões ligadas à terceira pessoa, “o povo”, “a população”, “ellos”, indicando que os outros são os que tiveram suas consciências dominadas; no entanto, a ação do governo, ainda que não o domine, também o atinge em nível social. Como memória de espera e, assim, de desejo, a solução, segundo ele, é a saída do governo; o futuro memorialístico se dá, desse modo, ancorado nos acontecimentos do passado. Dentro desse mesmo movimento, Ricardo também expõe pós-memórias importantes, vejamos e reflitamos a seguir:

Ricardo: Obrigado você pela entrevista. Esta oportunidade de lembrar, porque eu acho que importante a memória, como você falou, eu acho que é importante. E sempre falo para eles³⁶: lá é assim, não esqueçam, assim acontecia. Ainda estando lá, eu falava com Amenófis, eu falava para ele: você tem que lembrar que quando você era pequeno, você podia ir para um supermercado e pegar as coisas que você queria, não tinha que aguardar por uma caixa de papelão cheia de coisas que o governo dava para você, porque agora é assim. E muitas gerações só conhecem essa caixa de papelão com comida que o governo dá para você, eu falo para ele: você tem que lembrar que você podia pegar o cereal que você queria, pegar o leite que você queria. Não lembre eso aí, essa caixa, lembre o outro, que é certo, eso aí não é o certo, que você tenha que aguardar que o governo dá coisas para você, quando você pode procurar sozinho, quando deixem que você estude, que você trabalha e busca seus meios. É isso. Pronto, muito obrigado.

Ricardo empreende sua narrativa falando de um processo de metamemória, ou seja, faz reflexões sobre o ato de desejo dele em relação às lembranças do filho mais velho. O jogo entre o esquecer e o recordar, nesse processo, é solicitado dentro da compreensão pós-memorialística: recorda-se do passado traumático, quando não se podia comprar o que se quisesse e esperar a ajuda o governo, de modo que os elementos de memória “lugar”, “personagem” e “acontecimento” são marcados explicitamente para situar o passado. Seguindo essa situação é reavaliada no presente, já que, agora, no Brasil, não precisam passar por esse contexto; portanto, na memória de espera, ainda que Ricardo

³⁶ O “eles” se refere aos filhos.

deseja para o filho - o que também é um desejo seu - que esqueça esses momentos traumáticos e que precisa lembrar do contexto bom, ou seja, que podia ir ao mercado livremente, é importante, conforme ele diz no começo do excerto: “lá é assim, não esqueçam, assim acontecia”. Desse modo, nota-se que a relação entre esquecer e lembrar é complexa e variável. A pós-memória, nesse caso, funciona como um dispositivo para que possamos compreender essa relação aqui-lá e presente-passado-futuro do contexto da mobilidade forçada.

Na narrativa de Ana, por sua vez, também há trechos que se caracterizam como pós-memória. Veja, a seguir, um trecho que fala de estudos, trecho esse já apresentado aqui, mas, neste momento, foquemos nos processos de pós-memória:

Ana: É... o primeiro é que eu não ia poder estudar lá na Venezuela, uma faculdade. Eu queria, eu quero estudar. Na verdade, agora só tô estudando só português, mas eu quero estudar e desde que eu saí, desde que eu comecei o último ano da minha escola, eu sabia que não ia estudar lá na Venezuela, porque uma coisa, não sei, não é impossível, só muito difícil... que eu podia, por exemplo, se eu falava com meu tio: “não, olha tio, eu quero que tu me ajude e tal, depois eu vou ter vários desse dinheiro, problema...”, ele ia me ajudar só que se eu conseguia um aluguel, eu conseguia entrar na faculdade, depois igual sigue sendo peligroso morar, só morar na Venezuela sigue siendo peligroso. Então, eu faço essa inversão de meu tio faz, faz essa inversão de um aluguel e tal e se depois quando eu ia caminhando pra a faculdade, chegar uma pessoa e sabe? Tal e aí... só sempre iba a ser assim, era difícil pela insegurança e Caracas é uma das cidades mais peligrosas do continente, não sei, é verdade, tem estadística que é muito peligroso. Então, se eu estudava lá, ainda tendo o dinheiro, iba a ser bem peligroso pra mim.

Falando de estudos e das possibilidades na Venezuela, Ana empreende recordações ligadas ao fato de que não podia estudar em seu país por conta do alto investimento, o que era algo muito difícil para sua família, e se conseguisse ir para a capital, Caracas, seguiria sendo difícil por conta da insegurança. Para atestar essas recordações violentas do país, Ana reafirma, no presente, que essa situação continua a acontecer e que, por conta de tudo isso, seus desejos, suas memórias de espera, que é estudar na universidade, ao que não havia conseguido ainda à época da entrevista, não

seria possível nesse contexto de instabilidade econômica e social. O processo de compreender o “lá” (Venezuela) como perigoso e difícil para estudar coloca no território do “aqui” (Brasil) seus desejos de melhorar de vida, de estudar e seguir com sua vida. Recordar como era, de certo modo, é “fôlego” para a força da sentença “eu quero estudar”.

No mesmo contexto de estudo, as evocações de Ricardo também manifestam características de pós-memória. A seguir, vejamos e reflitamos sobre o que diz:

Ricardo: No começo, eu tinha essas pretensões. Eu trouxe, eu trouxe os meus diplomas... apostilados, como apostilas, porque são válidos internacionalmente, mas eu não consegui trazer as notas, tudo isso que você precisa para ensinar na faculdade. Eu sempre tinha um plano na minha mente, eu falei: eu vou chegar trabalhar para trazer a minha família, essa era a primeira; depois que trouxe a família, agora tenho que conseguir botar os meninos em escolas. O primeiro que coloquei foi Omar³⁷, que entrou na Gurilândia e foi fácil. Ele³⁸ ficou mais difícil, tinha pessoas falando de São Bento, me falando muitas escolas, Vieira... E foi um canadense, canadense? Que era coordenador na Gurilândia, agora não está mais lá, ele foi que me falou “por que não procura o Sartre?” Esse é bom, e ele conhecia o dono. Aí eu fui, falei com o dono, o dono é contra a esquerda e falou “eu vou ajudar você, vou deixar que seu filho faça ouvinte”. Essa era a primeira ideia... era trazer eles, a segunda ideia era eles estudar, pegar o visto de tudo, agora já ficimos, recentemente ficimos o visto permanente, já temos o visto permanente. E o que quero fazer agora é saúde. Graças a Deus nesses dois anos ninguém tem precisado ir para nada, para um médico, mas tenho que fazer plano de saúde, alguma coisa assim. E ainda sinto que estou em dívida com minha esposa, porque ela fica aqui na casa. Ela foi gerente... e tá na casa dar para ela muita... e porque sempre fica em contato com as notícias, é ela que me fala “está ocorrendo isso aí na Venezuela, está acontecendo aquello. A ponte entre a Venezuela hoje e o Brasil é ela.

³⁷ Nome fictício do filho mais novo de Ricardo.

³⁸ Nesse momento, o filho mais velho estava na mesa da sala, para quem o participante aponta ao falar “ele”.

Ricardo, no movimento de pós-memória, começa por evocar os seus planos que tinha quando ainda não havia chegado ao Brasil, qual seja, o de trabalhar, sobretudo como professor universitário, daí ter trazido todos os seus diplomas, algo que não conseguiu, e, após isso, conseguir escolas para seus filhos e lograr o visto dos meninos. Esses planos são memórias de espera parcialmente concretizadas, são ressignificadas no presente, quando, de fato, ele consegue atingir seus objetivos. A partir dos planos que fez e pensando do contexto do presente, ele evoca outras memórias de espera, que é em relação ao plano de saúde, algo que indica ser importante no Brasil. Ademais, Ricardo faz sua autorreflexão no presente em relação à sua mulher, que tinha um emprego de gerente, mas, no Brasil, está como dona de casa.

É curioso notar, por exemplo, que Ricardo comenta que obteve uma ajuda específica para que seu filho fosse ouvinte em uma escola por conta da posição política do diretor, que era contra a “Esquerda”, que reiteram ser o regime político da Venezuela. Nesse contexto, observamos que os territórios das pessoas do lugar receptor de imigrantes, em mobilidade forçada, ou não, estão em jogo com os das que chegam, fazendo com que determinadas ações sejam facilitadas, ou não. Uma vez mais, os dramas ou desejo do ser e pertencer ficam em dependência, em especial sob custódia do outro, que pode decidir, pelo sim ou pelo não, em determinada tomada de posição.

As narrativas de deslocamento, nesses trechos até aqui estudados, descortinam as mudanças nos âmbitos territorial, cultural, emocional, social e moral em relação às possibilidades de compreender a si, o outro, de entender o seu pertencimento, desejos e suas necessidades de (re)existir, em que para tal ato o primeiro e grande movimento é sair do país que engendrou o sujeito enquanto cidadão, mas que, agora, de certo modo, expulsa-lhe.

4.3 O que trouxe e o que deixei: objetos de memória

O processo de evocação da memória é complexo; quem transforma as memórias em narrativa precisa estabelecer relações entre esquecimento e lembrança, entre o que efetivamente se lembra do vivido e o que pode, e o que quer dizer sobre essa mesma experiência. No contexto das evocações e da mobilidade forçada, a mala que, em alguns casos, pode ser organizada, como é o contexto de nossos participantes, não carrega objetos à esmo. É impossível colocar na mala toda uma vida em objetos, mas os

escolhidos passam por um crivo que leva em consideração âmbitos afetivos, sociais e, ainda, a necessidade. Tais objetos evocam determinadas características psicológicas, sociais e identitárias de quem os traz, de sorte que é pelo ato de falar sobre eles, o processo discursivo e narrativo, que podemos ter acesso às referidas características. A seguir, vejamos alguns trechos oportunos sobre o que falo:

Tiago: [...] Agora uma pergunta assim: o que é que você trouxe na mala? [...] Isso assim eu não posso esquecer. O que você trouxe na mala? Obviamente deve ser roupa, né? (risos) Óbvio, óbvio. Coisas assim que você... “isso aqui eu não posso deixar, eu vou levar”.

Ana: É... Olha... minhas coisas, e meu passaporte (risadas).

Tiago: Muito importante.

Ana: Não. Eu lembro que eu trouxe meu computador, meu computador, meu telefone. As fotos do... uma foto que eu tenho com minha mãe que eu sempre... essa foto tem muita história.

Tiago: Que é a foto ícone.

Ana: Com mamãe, sim. É porque eu acho que se eu ia conhecer uma pessoa importante, eu ia ensinar essa foto, sabe? Como: essa aqui é a minha mãe. Sei que tenho telefone, eu tenho essas fotos. Mas, eu acho que essa foto é bem especial. Aí eu já escaneei a foto, só que eu não sei, eu gosto de ter aí. Eu também tenho essa foto com minha mãe e uma foto com o pai da minha mãe, meu avô por parte... materno. Então, essa foto tem história também. Por isso, tão importante. Eu trouxe essas duas. Eu trouxe também cartas. Meu tio faz pra mim cartas nos dias importantes.

Os objetos que Ana escolhe em sua evocação tem muito a ver com o lado social e afetivo. Em primeiro lugar, ela fala “coisas”, generalizando sua resposta, porém, logo em seguida, especifica o passaporte. Esse objeto é importante em termos legais, é sua identidade jurídica internacional e, ainda, porque foi muito difícil conseguir esse documento, que é importante e necessário tanto para o processo de saída de seu país quanto para a entrada em outro.

Ana: Pra sair, foi o mais difícil foi o passaporte. Eu esperei acho que um ano pra receber o passaporte. Porque a situação, eles não tinham papel, não tinham plástico, não tinham um outro... então, eu não, eu tinha que pagar pra que eles

me deram o passaporte express que em dois semanas que eles falam, mas não é assim. Então, antes era uma coisa que você podia escolher: “Olha, eu quero algo express, eu quero pra agora ou, não, eu vou seguir minhas coisas normais, sabe, os passos normais do passaporte, não vou pagar mais só porque eu quero recibir rápido”. Então, como eu não ia viajar, porque, todavia, eu ainda tava na escola, eu falei: “tá, bom, eu quero o procedimento normal”. Mas, o procedimento tinha já nove meses, dez meses, e falei: “não, não vou ter meu passaporte nunca”. Depois já foi uma obrigação porque o nosso governo... era uma obrigação pagar o passaporte express, já não era uma opção. Então aí eu paguei o passaporte express, meu tio me ajudou. Eu paguei a uns dois, três meses ao receber... ainda pagando o express que são duas semanas pra receber segundo eles. Então, eu recebi e depois eu recebi e foi muito legal assim, eu fiquei... eu só esperando cumprir os 18 para viajar tranquila, eu cumpri os 18 em dezembro [...].

Observa-se, assim, a importância que o documento tem, tanto pela dificuldade em consegui-lo quanto pela importância de ser um *passport* para que ela se livrasse de toda a situação social que lhe afligia. Podemos nos perguntar, também, para refletir sobre a situação do deslocamento, se um documento como o passaporte seria um objeto evocado em outros contextos de migração, em especial, as não forçadas; a modo de reflexão, e levando em consideração o contexto desse tipo de mobilidade, a forçada, o passaporte é tão importante do ponto de vista social. Conforme Bosi (2003, p. 5), “quanto mais voltados ao uso cotidiano mais expressivos são os objetos”, refletimos sobre essa questão, pois, no caso dos migrantes transnacionais em fluxo forçado, muitas vezes indocumentados também, o objeto passaporte garante-lhe, à primeira vista, pelo menos, o direito de poder sair de um país, de uma situação.

Para além dos objetos de uso corrente, tais como o telefone e o computador, necessários numa sociedade tecnológica, e que são o canal que conecta com as pessoas do território de saída, o objetivo de evocação e com produtividade de que fala Ana são fotos, em especial, a com sua mãe e a com o avô materno. A mãe de Ana já havia falecido, a foto, nesse caso, serve-lhe, de certo modo, para lhe conectar com sua mãe e, também, que esta se conecte a uma “pessoa importante” para Ana, pois: “as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade” (BOSI, 2003, p. 5). Ana, apesar da

não existência material de sua mãe, por meio da narrativa, tem a necessidade de mostrar suas origens, de onde veio, seus familiares, em particular as pessoas que evoca como importantes, a mãe, o avô.

As cartas, outro objeto que trouxe na mala, também são de valor significativo. Uma prática discursiva antiga, muitas vezes deixada de lado, trocada pelos e-mails, pelas mensagens instantâneas em aplicativos para celular. As cartas que Ana trouxe são de seu tio, personagem recorrente em suas narrativas de deslocamento. A importância dele e de suas palavras são sempre evocadas no discurso dela; a prática de linguagem em escrever cartas remonta à ideia afetiva que se tem com o papel, com a caligrafia, com o cheiro, muitas vezes, mas, sobretudo, com a materialização dos sentimentos por meio da linguagem ali empreendida. Ana, possivelmente, reforça os âmbitos emocionais que lhe mexem com a mobilidade. As fotos, as cartas, de certo modo, dão uma sobrevida no processo de deslocamento. Tão afetivo quanto Ana, é Hélio, cujos objetos que trouxe veremos a seguir:

Tiago: Agora uma pergunta de objetos... O que você trouxe na sua mala? Algo assim: “isso aqui não vou deixar na Venezuela”. Uma coisa assim “isso aqui não posso deixar, tem que vir comigo”.

Hélio: Este... “tiene que venir conmigo”... Déjame lembrar... No sé cómo decir, zapatos de filhos, zapatos de crianças feitos em cerâmica, para mí, este, por la cuestión de... la temática de mi obra de arte tiene que ver con la contaminación y, para mí, este, si nós seguimos contaminando la tierra, la tierra en el futuro no va, el futuro... crianças, los futuros filhos no van a tener donde morar. Entonces para mí este tipo de zapatos era como para mí... también fue una obra ganadora de premio. Entonces para mí fue de mucho sentimiento traer en la mala.

Tiago: E o que você deixou que gostaria de ter trazido?

Hélio: Todas las obras de arte... Y el cachorro...(risos) Lloro mucho porque me falta el cachorro.

Tiago: Você tinha muita relação com o animalzinho.

Hélio: Aaaai, sim! Un cachorro salchicha.

Tiago: Era companheiro...

Hélio: Eeeso.

Hélio, em seu processo recordativo, evoca uma lembrança de objeto que é, ao mesmo tempo, relacionado ao seu trabalho, mais profissional, digamos, e afetivo, pois tem a ver com o que, na Venezuela, se chama *arte de fuego*, ou seja, objetos que se faz, em geral de barro, e que precisa do fogo para sua construção e modelagem. Quando a memória de Hélio escolhe os *zapatos de filhos*, a identidade artística do participante se estabelece como latente, porque além de poder ganhar dinheiro com o trabalho, era algo que ele gostava de fazer, seu ofício, como diz ao longo de sua narrativa. A arte o constrói enquanto sujeito, na medida em que os sapatos feitos em cerâmica, por meio dos quais ganhou prêmio, inclusive, tem uma relação maior sobre o que pensa em relação ao futuro do mundo. Portanto, os processos identitários envolvidos entre profissão e arte, nesse caso, são evocados a partir da memória do produto de seu trabalho.

Ao falar sobre o que gostaria de ter trazido, Hélio reafirma a arte como ponto chave de sua construção enquanto sujeito, algo que fazia parte de sua vida e que, agora, por causa da mobilidade forçada e falta de recursos, embora tenha mudado de país em busca de melhores condições, não é algo que ele consegue se debruçar. Em outros trechos, vimos que Hélio, no momento, por conta de problemas sociais pelos quais passou, coloca a arte como “paralelo” e também “segundo plano”; essas duas palavras não têm significados similares, de modo que corrobora que a condição de não poder viver de seu ofício, sua arte, ainda não é um ponto resolvido. A identidade artística, ainda, *late*, para usar um termo em espanhol, e se mostra nessas passagens discursivas. A arte é, à vista disso, uma das bases da (re)construção de identidades e de memórias do que ele trouxe e do que ele deixou.

Hélio também comenta acerca de que o cachorro é algo que lhe faz parte e que queria tê-lo trazido. De modo geral, o cão tem a simbologia social e comumente conhecida com relação ao companheirismo, à fidelidade, por exemplo. Hélio diz que chora muito por sua falta, seja de modo enfático, seja real, nota-se a proximidade da relação que tinha com o animal, afirmando ser seu companheiro, quando falei sobre isso: “eeso”. Aqui, a recordação do cachorro desabrocha uma memória mais afetiva, e tal recordação causa-lhe tristeza.

Ricardo, por sua vez, no processo de indagação acerca de objetos que trouxe e que deixou, tem suas escolhas memorialísticas também arraigadas no profissional e no afetivo. Vejamos, a seguir, o trecho em que fala sobre isso:

Tiago: Agora uma pergunta assim: o que você trouxe na primeira viagem, o que você trouxe na mala? Tipo assim: “isso eu não vou deixar na Venezuela, vou trazer comigo”.

Ricardo: Livros! Eu trouxe muitos livros, estão aqui! E como eu tinha a ideia de ensinar literatura, eu ensinava literatura do inglês e em espanhol também. Cadê?³⁹... Trouxe literatura venezuelana. Cadê...? Esse já é do meu filho, que já começou a comprar para a escola, ele precisava. Mas cadê? É esse aqui... De que vuelan, vuelan⁴⁰. Ela é uma antropóloga venezuelana, já morreu, foi minha professora na pós-graduação de literatura do Caribe e es um texto onde ela estuda as religiões venezuelanas duma perspectiva antropóloga, antropológica, muito, muito boa. Ela é boa. Já morreu. Na primeira viagem, eu tinha em mente ensinar na faculdade... Esse livro de Psicologia, esse de reescritura, muita coisa de faculdade, ficam aí, não toco, mas aí *están*. Quando viajei para trazer eles, aí trouxe jogos, esse jogo aqui porque já precisava para meninos... Taboo, conhece? É muito bom, é um jogo que para que os meninos falem... Eu usava lá quando ensinavam para os meninos, eu ensina para meninos lá também. Você fala inglês?

Tiago: Um pouco

Ricardo: Tinha que... o menino tinha que descrever... backpack⁴¹, que é mochila, sem usar essas palavras, essas palavras são taboo. Se ele usar uma das, dessas palavras, ele pedia. Tinha que dar o cartão para o outro time. Eu trouxe... Eu falei, não... Quando fui para a segunda viagem, eu falei: vou levar jogos, que é o que eu preciso, são meninos que estou ensinando agora. Mas no 7º ano eu já estou usando material de faculdade. Agora já estou falando de Beowulf, o primeiro poema em anglo-saxão da Inglaterra, já estou começando a nível diferente.

Tiago: E o que você deixou lá que você queria ter trazido?

Ricardo: Mais livros! (Risos) Deixei muitos livros, CDs, discos... Ah, uma coisa que eu sinto muito, tive que vender por 20 dólares somente, 20 dólares:

³⁹ O participante busca, numa pequena estante no canto da casa, seus livros.

⁴⁰ O título original da obra é *De que vuelan, vuelan: imaginarios religiosos venezolanos*, cuja autora é Michaelle Ascencio, venezuelana de origem haitiana.

⁴¹ O participante mostra uma carta para exemplificar o jogo.

a minha bicicleta. Eu vendi a bicicleta por 20 dólares. E eu falei para minha esposa: este ano eu quero comprar uma bicicleta (risos).

Tiago: Você usava muito? Se deslocava? Ou era algo que você gostava assim?

Ricardo: Eu já nem usava muito... Mas antes do casamento, eu usava muito a bicicleta. E eu ainda tinha, reparava, consertava. Usava, eu fazia muito [inaudível]... Mas vender a bicicleta por 20 dólares, uma bicicleta americano, muito *costoso*, mais no momento em que o dólar não circulava, agora todo mundo tem dólares. Minha irmã ela *faze, faze* bolos, ela recebe dólares. Nesse momento eu não tinha, estava vindo para o Brasil, um amigo me falou “tenho 20 dólares, quer vender a bicicleta por 20 dólares?” Tá, vou vender. *Eso*, eu sempre penso em *eso*, a bicicleta.

Os objetos evocados por Ricardo, assim como o de Hélio, tem que ver com sua profissão. A ideia de trazê-los, conforme relata, era para seguir com seu ofício, o de professor, mas no âmbito universitário, que era seu posto antes de sair da Venezuela, algo que não havia conseguido à época da entrevista. É interessante falar desse contexto porque Ricardo se anima, busca livros, mostra para mim que estou ali entrevistando-o, não basta o dizer, o mostrar a quantidade, onde estão organizados é algo que, visivelmente, é-lhe prazeroso.

A mesma identidade que foi posta à prova quando sua mulher o interroga sobre a importância entre seus/suas alunos(as) e seus filhos para sair da Venezuela e buscar coisas melhores, que o faz repensar como pai de modo mais detido, sempre esteve aí, latente, e faz parte de suas escolhas na mudança de país, já que é sua profissão. Reafirmando essa situação, Ricardo mostra que também trouxe jogos em inglês para crianças, pois tais objetos lhe ajudariam no seu dia a dia de professor, agora para um público que ele estava desacostumado. A mobilidade, assim, reconstrói, também, sua identidade de professor, pois o território profissional continua sendo o educacional, mas o público é outro, as exigências são outras, de sorte que o estar entre o lá-foi (âmbito universitário) e o aqui-é (âmbito da educação básica) deixa-lhe em um processo outro de compreensão de sua identidade profissional. Essa questão é clara e ao mesmo tempo complexa que Ricardo menciona o fato de no 7º ano do ensino fundamental já estar usando material de faculdade.

Os livros, por sua parte, apesar de terem um peso mais profissional, na narrativa de deslocamento de Ricardo, possuem um valor afetivo. Isso se demonstra quando ele cita o livro de antropologia de sua ex-professora já falecida. Quando pergunto o que ele deixou na Venezuela e gostaria de ter trazido, a resposta é categórica e acompanhada de riso: mais livros.

Além disso, no âmbito mais afetivo, de coisas que relembra, estão os CDs, discos. Ricardo rememora esses objetos porque, além de gostar de música, ele, quando mais jovem, possuiu uma miniteca juntamente com seu irmão e cunhado e, ainda, trabalhou como DJ. A bicicleta, outro item rememorando, é evocada na narrativa de Ricardo como uma perda; observa-se que ter a bicicleta era importante afetivamente, porque era costumeiro o seu uso antes do casamento, porém tê-la vendido por 20 dólares, foi-lhe “costoso”, ou seja, muito difícil. Os dólares fazem parte da renda que Ricardo juntou para poder conseguir custear sua mobilidade.

Verificamos, até aqui, que as lembranças evocadas pelos objetos trazidos ao Brasil têm muito a ver com os âmbitos afetivos e profissionais dos participantes, com seu ofício, como no caso de Ricardo e Hélio, fazendo-lhes repensar, ademais, sobre as suas identidades profissionais e o seu lugar na mobilidade. No entanto, as características afetivas transpassam esses objetos, porque, conforme assevera Bosi (2003, p. 5), estes “envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida”. Indo além, esses objetos, os trazidos, tais como as cartas, os livros, o sapato de filho de cerâmica e os que ficaram, como livros, bicicleta, artes, o cachorro que foram rememorados, possuem seu lugar vivo na memória e de destaque, uma vez que, entre a dialética esquecimento-lembrança, eles foram evocados, não à toa, nas narrativas de deslocamento. Os desejos do ser e do (re)existir do migrante em fluxo transnacional forçado são, aqui, mais uma vez, reafirmados discursivamente, pois as identidades enquanto pessoa, artista, professor, estudante são latentes, existentes e resistentes, cada uma à sua maneira, no fluxo migratório, no caso de nossos participantes.

4.4 Território, multi/transterritorialidade e (re)existências social e cultural

Nesta subseção, trato de questões relativas ao território e, assim, aos aspectos de multi e transterritorialidade pelos quais os participantes venezuelanos desta pesquisa rememoram e perpassam em sua experiência de mobilidade forçada para o Brasil. Ademais, tais experiências estão ligadas, de modo geral, a processos identitários que têm

que ver com alguns aspectos, sobretudo sociais e culturais de existências e resistências. É preciso dizer, além disso, que o processo de transterritorialidade que se evidencia nas narrativas de deslocamento é dado do ponto de vista muito mais simbólico que físico. Ao rememorar, os participantes constroem, discursivamente, esses territórios pelos quais passaram e passam e nos quais viveram e vivem, de modo que temos acesso à representação dessas transterritorialidades por meio da memória e narrativas.

4.4.1 O território familiar

A família é uma instituição bastante importante para os participantes da pesquisa. Há vários trechos que rememoram as relações existentes, seja do ponto de vista mais físico, relativo às descrições dos lugares onde viveram, seja do simbólico, das relações próximas ou distantes estabelecidas. Em primeiro lugar, vejamos, a seguir, alguns trechos que evidenciam características do território simbólico familiar:

Ana: Aí, eu morava... a princípio quando eu era mais pequena assim, uns 4 anos, 5 anos *mas* ou menos, eu morava com meu pai e minha mãe. mas, eu sempre morei com meus avós. Mas aí, aí tudo era melhor na verdade.

Tiago: Você morava... Hum... tranquilo, tranquilo.

Ana: Sim.

Tiago: A vida era bem melhor. Isso há quanto tempo mais ou menos?

Ana: Dez anos...⁴²

—

Hélio: Era, era bien, *este*; todos moram na mesma ciudade, por ejemplo, cuando los más adultos, más grandes, mayor, entonces ellos se casaron, y tenían sus casas, pero siempre, *este*, muy perto uno de otros, de, de morar, y bien, todos nos llevan... tenemos una buena relación.

Tiago: E agora com a distância?

Hélio: A pesar de que estamos longe, este, hay mucho, mucho sentimiento, porque, este, no tenemos la disposición de... tenemos que buscar un medio de comunicación, pero están muito preocupados porque yo estoy aqui sozinho y ellos están allá.

—

⁴² Nesse momento, ao responder “dez anos”, a participante chora.

Ricardo: Ainda tenho amigos lá, mas... Nós falamos com minha mãe quase todos finais de semana. E é muito triste. Ela mora lá ainda. Na mesma casa. E é casa da família. Eles transformaram. Agora minha irmã a fazer uma casa ainda mais, ainda mais forte, mas a... ela ainda mora lá no mesmo lugar. Cadê o comitê? Aqui...⁴³ Mas o assunto é esse aí. Sempre que você fala com a mãe, não, não, filho de essa pessoa foi embora, foi para Equador, foi para Peru, foi para Chile, a maioria *da gente* jovem, estão ficando os velhos.

Nos trechos destacados, há uma relação clara entre o aqui e o lá, apesar de estarem no Brasil e manterem contato virtual com seus afetos, as pessoas que lhe trazem emoções, no caso os familiares. Neste sentido, no caso de Ricardo a relação ainda é bastante marcada pelo cuidado e preocupação com os que ficaram na Venezuela e no caso de Hélio a preocupação se dá por parte dos que ficaram lá em relação a quem migrou.

Falar de família é um tema bastante delicado quando estamos gerando narrativas de deslocamento, porque, a depender dos episódios de vida da pessoa, essa questão pode ser mais, ou menos, dolorosa. No caso de Ana, ela chora ao falar da relação com seus avós, lembrando que “lá” na época de mais jovem a vida era muito melhor. O choro, pode-se falar, advém do rememorar um passado em um território cujas territorialidades foram construídas ao longo de 18 anos, e que com a mobilidade forçada, já não se pode (re)viver esses momentos, pelo menos por enquanto.

Ricardo, por sua vez, ao falar da família que ficou, toca no assunto de que o território e suas construções sociais, à época, eram os responsáveis por expulsar as pessoas, ficando apenas os mais velhos. A partir de outros trechos mostrados a seguir, nota-se a preocupação que Ricardo tem com sua família, sobretudo sua mãe, embora não mantenha relação de distância afetiva com outras pessoas, vejamos:

Tiago: Como que era a relação com a família lá no seu país até antes de vir para cá na verdade?

Ricardo: Muito boa, muito boa, com o meu pai, sim, mudou muito, o meu pai deixou a gente quando, quando eu já, já estudava na faculdade é... coisa de velhos também, esses velhos de antes que não só, só ficavam juntos só pra ter uma relação, mas depois não tinham nada. Ele procurou outra mulher e

⁴³ Nesse momento, o participante buscava arquivos e fotos em seu notebook.

deixou a gente, o meu irmão maior ele já tinha casado, depois a menor também tinha casado e fiquei eu com minha mãe e o irmão do meio que foi... nós sempre falamos, esse foi o irmão que chegou quando eles procuraram melhorar a situação e chegou mais um menino. Ele deixou a minha mãe, éramos eu e o menino, eu falei: eu vou cuidar de você, esse irmão ainda tá lá. E quando eu mando dinheiro para ele, eu falo: você agora tem que cuidar mãe, porque você que ficou, ainda está solteiro.

Tiago: E essa relação agora, continua ainda a mesma, ainda que distante, muito próxima?

Ricardo: Muito boa, muito boa. Eu sempre escribo para ele, eu falo: encaminha dinheiro para a mãe, lembre tem que procurar que ela fique contenta, não queremos que ela caia de depressão ou coisa que ela pode... Eu sou, na minha família, eu sou o único que saiu nessa família, minha mãe, meu irmão maior, depois eu, depois a irmão e finalmente Rainer, que é o menor. Ele ainda tá lá, todos eles ainda están lá. Mas na minha tia, que é irmã dela, a filha foi para Itália já há muito tempo, dois mil... anos 2000 ela já mora na Itália, foi uma situação diferente que ela saiu e... Você pergunta para minha mãe, ela sempre va a falar: todas as famílias de Los Lirios têm alguém fora, Colômbia, Equador, Peru, mas a relação ainda é boa, nós temos um grupo com a família, um grupo de WhatsApp e sempre están postando cosas.

Ricardo, no território afetivo familiar, fala da relação com o pai, que mudou por conta de ter deixado sua mãe. Porém, a maior preocupação é com a mãe, que, pelos indícios discursivos e idade de Ricardo, já deve ser uma senhora idosa, cuja responsabilidade de cuidado presencial ficou para o irmão, a quem Ricardo chama sua atenção para que cuide dela, a fim de evitar questões psicológicas, sobretudo por conta da situação da Venezuela e da distância do filho.

Nesse trecho, ademais, mais uma vez, agora pela fala indireta da mãe de Ricardo, este fala das características de “expulsar” que a cidade tem. Percebe-se isso, ao longo de toda a narrativa de Ricardo, isto é, os fatores repulsores de sua cidade se dão e se davam pelo fato de ser muito pequena e pouco desenvolvida, de modo que as pessoas buscavam melhores condições de vida fora dali, como no exemplo citado de sua prima. Já no contexto mais moderno, além dessas características, agravam-se as questões sociopolíticas, reforçando e endossando os fatores repulsores.

4.4.2 O território do medo

Outro território que podemos dar atenção, aqui, é o do medo, e isso se evidencia de vários modos, em relação às territorialidades construídas no país de origem e no de destino, assim como outros aspectos simbólicos. Vejamos alguns exemplos:

Tiago: Você participava ativamente na questão política lá [na Venezuela]?

Ana: Na verdade não. Porque eu... minha família não gostava de que eu colocara ainda foto assim de coisas políticas que podem ser contraproducentes pra uma futura oportunidade ou trabalho ou então uma coisa assim. E, se eu queria trabalhar em algum lugar, eu então... e o lugar é do governo e, se eles pesquisavam minha informação, e viam esse tipo de coisa, eu não ia poder trabalhar com eles, entendeu?! Então é um medo assim que eles colocam nas pessoas que... assim, meio chato... Mas, e também de medo de que esse tipo de coisa quando você vai afora pras...como fala...

Tiago: Protestos?

Ana: Protestos. Quando você protesta é perigoso. As pessoas sim... as pessoas brigam, feio isso. Então, meu avô, meu avô não gostava.

Ana constrói, discursivamente, a ideia de que a Venezuela, nesse caso, torna-se um território do medo e da falta de liberdade. Assim, não falar sobre política, não se manifestar é a oportunidade de existência e resistência naquele lugar, muito diferente das questões que temos tratado, geralmente, sobre (re)existência, de modo que não se manifestar, seguir os protocolos do governo hegemônico era, para Ana, o território da segurança, do manter-se viva, do sobreviver em meio à situação. Isso se dá porque as territorialidades construídas, segundo Haesbaert (2005, p. 6776),

[...] além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar”.

O território do medo também se dá sobre o país receptor, de modo distinto, mas há aspectos importantes. Vejamos o que diz Hélio em relação ao Brasil:

Tiago: O que você idealizava da viagem? Ideias, ações, perspectivas... Por exemplos nessas 12h que você estava no ônibus em que você pensava?

Hélio: Con que uno se va a encontrar, la expectativa también que ya uno manejaba el miedo, el miedo de cómo uno me van a entender, cómo yo voy a entender el idioma... Y también, este, la intención era conseguir un trabajo para uno buscar una estabilidad.

Esse é um ponto por demais importante de se tratar, ou seja, os anseios, os medos dos migrantes. Antes de qualquer aspecto mais “bondoso” do país receptor, há as representações acerca do que virá. Hélio tinha medo de como as pessoas iriam entendê-lo, de como iria entender os outros, o que queria era, apenas, conseguir um emprego e se manter estável. As territorialidades que Hélio gostaria de construir nos espaços estão ligadas, de modo inicial, a pontos físico-funcionais. O território do medo, ademais, está ligado não necessariamente ao espaço físico em si nesse caso, mas a como se dariam as relações simbólico-afetivas no território receptor, a ponto de construir territorialidades mais profundas e, assim, conseguir sobreviver de modo mais digno no país, no caso, o Brasil. Esse aspecto, no entanto, pode-se reconfigurar quando das relações de multi/transterritorialidades que se estabelecem com o novo território, que foi o que ocorreu com Hélio:

Hélio: Es bastante triste ver esta situación como que, *este*, la persona tiene que buscar, *este*, los medios para sobrevivir. Sin embargo, es digno de admirar que no ficó en la casa, triste, sino que está buscando los medios para mantenerse.

Tiago: Você já se sentiu assim aqui em Salvador? Não exatamente dessa forma, mas buscando alguma coisa ali sem encontrar...?

Hélio: É... De verdad que al principio fue, fue bastante difícil, no conocer la ciudad, no conocer a ninguém, entonces, *este*, es un reto, pero cuando ya, por ejemplo, en mi caso que ya tengo un año, entonces uno ya tiene, se podría decir, otra forma de pensar, ya uno ha socializado, ha conocido persona, entonces uno... siempre hay un apoyo de alguien para conse...apoyar a uno conseguir un trabajo, así que sea diarias, pero uno se siente como un poco más calmado.

As relações sociais que os migrantes estabelecem, de fato, presencialmente, com o povo do país receptor fazem com que algumas representações anteriormente construídas sejam reconfiguradas. Hélio comenta que era claro que estabelecer territorialidades seria um desafio, daí os medos, mas que com o tempo, possivelmente porque estabeleceu relações sociais mais complexas, efetivas e afetivas com os soteropolitanos, tal situação foi se abrandando. E isso é ratificado mais ainda no seguinte trecho:

Tiago: Em sua opinião, como são vistos os Venezuelanos no Brasil? O que você acha? Toda essa situação que você conhece...

Hélio: É, Brasil... “Brasil”⁴⁴, como dice você, este... siento que es un país muy noble, este... porque, principalmente, aquí en Salvador siento que las personas son muy bondadosas, son muy nobles, lo que pasa es que también, este, no es una población muy grande de venezolanos que moran en Salvador. Pero sin embargo, este, cuando la persona se dan cuenta que no somos brasileiros, ellos no manejan preconceitos, sino que más bien “bem-vindo”, “que bom que está aqui, va a traer la familia?” Percebemos que es digno de admiración que, no sé si será todo Brasil o si será Salvador que son unas personas muy, este... dan apoyo, en este caso, a los venezolanos. Y están muy informados de lo que está aconteciendo en Venezuela, entonces ellos son... ellos le dan la bienvenida, el bem-vindo aquí.

Apesar dos medos que se estabelecem antes da vinda ao Brasil e das possíveis rejeições, Hélio, tomando de modo geral o Brasil e, depois, particularizando Salvador, fala da receptividade positiva que têm os soteropolitanos para com os venezuelanos deslocados forçadamente. É importante ressaltar que essa é uma opinião particular, são as vivências de Hélio com as multiterritorialidades onde viveu e vive que o fazem ter essa percepção. O território do medo, para Hélio, depois, configura-se como território do acolhimento, apesar de questionar se essa questão é apenas de Salvador, ou do Brasil por completo, pois não conhecia, à época, outras localidades de modo mais profundo. Nota-se, assim, que, nesse trecho de sua narrativa de deslocamento, Hélio estabelece, na conexão sociedade *versus* espaço, relações mais simbólicas que funcionais, nos termos de Hasbaert (2004).

⁴⁴ Aqui o participante pronuncia a palavra “Brasil” mais parecido com a pronúncia brasileira, focando o som vocálico da letra “L” na sílaba “SIL”.

Já para Ricardo, além do território do medo ser seu país de origem, a fronteira e a travessia também são esses lugares que lhe fizeram construir memórias traumáticas. Já observamos, em outro momento da análise, seu trajeto pela fronteira Venezuela-Brasil, porém, vejamos a cena, agora, de modo mais situado sobre essa questão que levantamos, quando Ricardo sai da revista com a guarda bolivariana:

Ricardo: Não, eu coloquei... Botei só a calça, e as meias levei assim [nas mãos], as botas levei nas mãos e falei: vou sair rapidinho para que você possa fazer com outro e depois voltei fora, fora foi que eu fiquei. Esses 100 dólares se ele pega, eu fico em Boa Vista, não ia ter reais para pagar a viagem até Boa Vista e a viagem para Manaus. “Se você não tem como justificar esse dinheiro que você tem, fica com a gente”. Estão roubando a gente! Porque você está comprando dinheiro no mercado negro, porque ninguém está vendendo. Na Venezuela você não pode comprar moeda estrangeira. Aqui no Brasil, você vai e “quero comprar 100 dólares” e eles vão vender para você. Lá na Venezuela você não pode, é proibido. E agora eu falei: não quero *eso* pra minha família não, meus filho, esposa... E consegui pagar as passagens para ele para trazer para o Brasil.

Além de toda situação que Ricardo passou na fronteira, como já mostrado anteriormente, inclusive ficado desnudo, esta é construída, discursivamente, como um lugar de medo, de revista, podemos dizer, inclusive, resguardadas as devidas divergências, como um não lugar, de modo que não se deve estabelecer territorialidades nesse tipo de espaço com as características descritas. É importante ressaltar que, aqui, não estou falando de fronteiras de trânsito mais livre ou que se construiu toda uma vida social entre países, como é o caso da Tríplice Fronteira do Iguaçu. Aqui, falo de uma faixa controlada pelos exércitos e com uma produção econômica e social superbaixa, para não dizer inexistente. Os territórios e as territorialidades, assim, são construídos discursivamente por meio das narrativas de deslocamento e com base, sobremaneira, nas (sobre)vivências em um espaço particular.

4.4.3 *O território funcional*

Como já mencionamos, o território tem sua contraparte física e simbólica, de mais, ou menos, sempre um aspecto e outro. Do ponto de vista mais naturalista, ligado ao

funcional, entende-se o espaço vivido como recurso, como lugar de troca, em favor da sobrevivência, do lucro (HAESBAERT, 2004, 2005).

Nesse contexto, antes de chegar ao Brasil, os migrantes, sobretudo os forçados, fazem conjecturas do novo território a deslocar-se, essas conexões podem ser de cunho mais simbólico ou funcional. Assim, também podemos falar do que, de início, representa o espaço-território do Brasil para Ana, Hélio e Ricardo, pois essa questão está ligada diretamente às construções e práticas sociais. Vejamos, a seguir, alguns excertos de suas narrativas de deslocamento:

Tiago: E, quais eram suas expectativas em vir para o Brasil? Eu vou pro Brasil...

Ana: Eu queria... Eu queria estabilidade na verdade. Isso foi o que... eu quero ter estabilidade. Ter um aluguel, estudar, trabalhar. Eu não tô assim...

Tiago: Que é o que você não tinha.

Ana: Isso mesmo. Eu só quero estudar, trabalhar pra fazer meu *dinero*, morar, morar num lugar digno, só isso. Eu não tô pedindo, não sei, sabe...um futuro incrível. Só o normal.

[...]

Ana: Eu sempre soube que eu ia vir pra cá. Só que eu comecei no Chile. Eu viajei primeiro pra o Chile porque meu tio queria que eu acostumassem a ficar noutro país com muita coisa, com supermercado, com coisa grande, porque depois a *llegar* aqui, eu *iba a* ver tudo, ele não sabia como é que eu *iba a reaccionar* com isso. Mas, eu só cheguei lá e comi muito, eu lembro (risos) de muita coisa diferente, eu amei muito. Mas, a parte da personalidade do Chile, do chileno, eu não tenho amigos chilenos aqui (risos), como fala que não gosto muito (risos) é muito estranho. Então, ali eu gostava muito da personalidade do Brasil. Então, eu desfrutei muito da parte dos paisagens assim. Conheci muita coisa, três meses, depois já, eu já sabia que *iba a* chegar aqui.

Na narrativa de Ana, nota-se uma intensa relação em compreender os territórios como funcionais e com alguns toques simbólicos. Explico: em princípio, o que Ana necessita é sair da situação sociopolítica negativa que afligia seu país de modo geral e, claro, a ela, de modo específico e contundente. Desse modo, o primeiro aspecto que se

evidencia é estabelecer o outro território para qual se migra de modo mais físico-funcional, o que se quer é viver, é comer, é trabalhar para sobreviver, ou seja, estabelecer, de certo modo, uma espécie de “territorialização”, resguardadas os devidos aspectos específicos (HAESBAERT, 2004). O Chile, no começo de sua mobilidade, também funcionou nesse mesmo aspecto, note que, no trecho, Ana comenta que comeu muito e de tudo ao chegar nesse país; portanto, em princípio, além de aspecto de território físico-funcional, o Brasil e o Chile, para Ana, são/foram territórios de subsistências. Isso fica claro, também, quando ela comenta o seguinte acerca da escolha do país para onde iria migrar:

Ana: Eu, eu... pensei em Argentina. Só que depois eu pesquisei e vi que na Argentina também tava acontecendo coisas bem chatas. Aí depois quando eu falei, eu coloquei numa balança, Brasil tem uma oportunidade econômica turística maior, prefiro Brasil.

Já quando Ana toca no aspecto mais simbólico dos territórios, constata-se conexões multiterritoriais, já que ela fala acerca da personalidade do chileno e do brasileiro, daí, em sua narrativa, aspectos mais funcionais, sobretudo de paisagens naturais, sobressaem no discurso. O multiterritório de tipo sequencial, nos termos de Haesbaert (2004) se estabelece aqui, uma vez que esse comentário é feito a partir do Brasil depois de passar pelo Chile e, ainda, o comentário localiza num contínuo contrário as personalidades em discussão. Quando Ana comenta acerca da personalidade do chileno e do brasileiro, uma relação mais simbólica é construída pelas conexões sociais que se estabelecem *in loco* ou virtual ou, ainda, por meio de terceiros, assim, ela esclarece discursivamente que não gostou, mas também não explica o porquê e acrescenta que gostou da personalidade do brasileiro, ainda que, à época, nunca tivera no território físico do Brasil, de modo que estabelece territorialidade sem território (território simbólico).

A narrativa de Hélio também ilustra a questão do território funcional, vejamos, a seguir, um excerto:

Tiago: Agora partindo para questões de sua saída da Venezuela. Qual ou quais foram as circunstâncias, motivos que levaram você a sair da Venezuela?

Hélio: En mi caso, este, la... A pesar de ser funcionario en un museo, la situación era difícil para la alimentación. Y, este, de verdad que soy sincero, este, que a mí me gusta conocer lugares, Estados, países, se me presentó la

oportunidad de conocer Brasil. Y, este, en la misma situación que Venezuela está... entonces tuve la oportunidad de venir, en este caso, a Salvador y aquí estoy un poco más estable a nivel de alimentación.

A migração forçada, como se nota, geralmente, está ligada a questões de sobrevivência, de melhoramento de vida, de oportunidades para poder crescer, sobretudo, social e economicamente. Hélio, por sua vez, assim como Ana, tinha a pretensão de melhorar de vida e, no caso dele, estar “más estable a nivel de alimentación”. Mudar, assim, é um drama do resistir ao território de origem e desejar melhores condições de vida no território de chegada. Evidencia-se, assim, uma predominância em compreender o Brasil, a princípio, como território de subsistência. Essa mesma ideia também perpassa a narrativa de deslocamento de Ricardo. Vejamos:

Ricardo: A amiga minha? Não, mas ela estudou português-inglês. Ela veio para o Brasil, chegou... Ela falou que estava antes em Aracaju, esteve também em São Paulo e chegou a Salvador com essa oportunidade da Gurilândia. Ela foi quem me falou “tem que vir para Salvador”, não sabia muito de Salvador, só que ela... Aquele filme de Disney em que estaban os três amigos... você assistiu esse filme? “Como vai você, já has estado em Bahia?” É isso aí... A única coisa que conhecimos de Salvador era isso aí.

Tiago: Você não pensou: eu vou para Salvador, mas pode ser que eu vá pro Rio de Janeiro; você pensou nisso?

Ricardo: Sabe o que eu conhecia? Você gosta de rock? Eu sempre gostei de Paralamas do Sucesso. Antes de Paralamas, eu tinha ouvido uma, uma...

Ricardo, assim como Ana e Hélio, também tinha o Brasil como território funcional, pois o entende como a oportunidade que se lhe apresentou para sair de uma situação social, política e econômica ruim. Porém, diferente de Ana e Hélio, ele conhecia um pouco a cultura musical do Brasil e sua relação com as línguas, por ser um professor de língua inglesa e italiana e por ter morado por diversas vezes fora do Brasil, o que ajuda-o nesse processo. Mais à frente, dedicaremos mais uma seção para análise e falaremos, de modo particular, sobre a relação língua, linguagem e migração.

4.4.4 Os territórios de resistências, existências e transterritorialidades

Ao falar de resistência e existência social, cultural, é preciso também falar das territorialidades que se constroem na relação espaço versus sociedade. Resistir, aqui, não está diretamente ligado à ideia de manutenção de suas raízes culturais, sociais a ponto de negar a existência e as resistências do outro. Sendo assim, aqui, sim, falamos da construção da compressão da alteridade, das possibilidades que os territórios dão, ao respeito em relação às vivências e existências do outro. As transterritorialidades se dão, justamente, nesse *in between*, para usar os termos de Bhabha (1998), cuja essencialidade é o produto das relações entre territórios, que, via de regra, estão, sempre, desterritorializando-se e se reterritorializando, de modo que “isso se dá porque “des-reterritorializa-se num espaço onde a multiplicidade não é apenas um estorvo ou um resquício, é uma condição de existência e de recriação não-estabilizadora do novo”, nas palavras de Haesbaert (2012, p. 33). Ademais, resistência e existência se dão quando uma sociocultura hegemônica, para se manter, perpetuar com e no poder, tenta eliminar uma outra sociocultura, por meio de apagamentos históricos, culturais, políticos, econômicos etc. Vejamos, a seguir, alguns trechos por meio dos quais podemos refletir sobre essas questões trazidas à baila:

Tiago: Alguma coisa que te incomoda?

Ana: Tem coisas igual, tem, por exemplo, os homens são, tem uma, não sei... um padrão?

Tiago: Padrão.

Ana: Sim, tem um padrão, igual, que eles são assim bem de uma forma igual a todas as mulheres. Você sabe o que eu tô tentando...

Tiago: Uhum, em que sentido?

Ana: Não é como um *machismo* porque eles não querem ir em cima delas, não sei, só que eles veem elas como um objeto, não sei, acho, eu penso isso.

Tiago: Então, não aconteceu nenhum episódio assim em relação a... por você ser venezuelana, falar diferente...?

Ana: Tem muitos *estereótipos*. Eles falam que as venezuelanas são tão, que as venezuelanas são bonitas, que as venezuelanas são tranquilas sabem.... cê fala: “não, tem muitos tipos de venezuelanas, tem muitos tipos de brasileiras,

não posso colocar uma caixa todos os brasileiros, assim como você não pode colocar uma caixa todos as venezuelanas”. Fala muito aqui, no Chile, em muitos lugares que as venezuelanas somos muito trabalhadores, mas na verdade é que temos que ser trabalhadores para conseguir o que queremos.

Ana, no trecho anterior, toca em questões caras em relação aos estereótipos que ela identifica, sobretudo em relação a que o homem brasileiro, generalizando, vê a mulher como objeto. Ainda que ela não comente se algo lhe ocorreu neste sentido, no mínimo, pode-se inferir que ela observou essa ação ou se deu conta por meio de conversas. Pode ser algo que não tenha ocorrido com ela ou pode ter sido pauta de discussão em outros momentos de suas vivências anteriores à mobilidade ou, o mais provável, quando já tenha migrado.

A situação de resistência ocorre, em primeiro lugar, porque Ana questiona essa atitude dos homens brasileiros e, em segundo lugar, constrói discursivamente a narrativa de diferença, ou seja, que existem muitos tipos de venezuelanas. Para tanto, se vale de seu repertório sociocultural e das multiterritorialidades, comparando com o Chile o que dizem sobre a personalidade da mulher venezuelana. Isso é importante porque, enquanto mulher, ela rechaça a ideia de homogeneização humana. Para além disso, o discurso de que “a mulher venezuelana é trabalhadora” é questionado por Ana de modo positivo, não na perspectiva da negação do fato, mas porque, para seguir com seus sonhos, seus desejos de liberdade e de uma vida socialmente respeitada e economicamente boa, trabalhar se lhe apresenta como uma necessidade, caso contrário não terá essas boas condições de que fala.

Se refletirmos sobre essa questão, essa é justamente a força e o querer de Ana quando deixa sua casa e sua família na Venezuela e parte para buscar novos rumos para a vida. Durante suas narrativas de deslocamento, ela é sempre enfática quando diz que quer trabalhar, que quer o “normal”, nada demais, apenas uma vida digna. Resistir, nesse caso, funciona para que exista enquanto mulher, migrante e latino-americana no contexto brasileiro. Assim, além de acolhedor, o Brasil é território de resistência e existência, em que ela confronta os dramas e desejos do ser, do pertencer e do reexistir social e culturalmente.

Outro aspecto importante e merecida a pontuação, diz respeito a algumas questões culturais. Vejamos, a seguir, alguns excertos:

Tiago: Que costumes culturais você mantém aqui em Salvador?

Hélio: Por ejemplo: aquí en Salvador... En Venezuela noso... Los venezolanos somos, nos gusta dançar mucha salsa. Aquí nós somos dançarinos de Salsa. Entonces, este, tengo esa pasión muy marcada y cuando me ha convidado a... a fiesta aquí, este, trato de que... mostrar mi, mi forma de dançar, y esto ha llamado la atención porque, este... he pensado que si más adelante podría dar aula de dançar. Entonces, este, algo que es muy marcado. Para mí es muy cultural y muy marcado en mí.

Hélio se identifica, além de artista de *artes de fuego*, como dançarino. Ele gosta de dançar e mantém essa prática no Brasil, pois é algo que lhe marca bastante e, quando pode, trata de mostrar sua arte, enfatizando que é muito cultural. A salsa é um dos ritmos caribenhos mais tocados e difundidos na Venezuela, sobretudo a partir da década de 1960. Assim, Hélio viveu grande parte de sua vida em práticas sociais que envolviam a salsa. Lembro-me que, em uma das aulas de língua portuguesa no projeto da UNIFACS, em que falávamos sobre os ritmos e sabores brasileiros, Hélio, assim como os(as) outros(as) alunos(as), falou sobre suas raízes musicais, mostrando-nos músicas e, inclusive, dançando em sala, ensinando o ritmo a mim e aos(às) demais colegas.

Na narrativa de Hélio, nota-se o orgulho que ele tem em mostrar o “seu” jeito de dançar, porque isso lhe marca enquanto pessoa, dançarino, latino-americano e venezuelano. As identidades transterritorializadas de que tenho argumentado nesta pesquisa evidenciam-se, também, aqui, pelo prazer de, na mobilidade, o migrante asseverar e mostrar suas raízes, sem menosprezar as do outro, no fito de construir no território simbólico do país receptor territorialidades diversas, transterritórios. A relação cultural no território é muito importante para o migrante em mobilidade, ao mesmo tempo em que é o estímulo para a desterritorialização e reterritorialização; nesse âmbito, concordo e endosso as palavras de Haesbaert (2004, p. 71), quando este teórico diz que, baseado nas ideias de Bonnemaïson e Cambrezy,

A lógica territorial cartesiana moderna, pautada no “quebra-cabeça” dos Estados nações, que não admite sobreposições e dá pouca ênfase aos fluxos, ao movimento, é suplantada hoje pela “lógica culturalista,

ou, se preferirmos, pós-moderna, que a geometria não permite medir e a cartografia, menos ainda, representar. Nesta (...) perspectiva o pertencimento ao território implica a representação da identidade cultural e não mais a posição num polígono. Ela supõe redes múltiplas, refere-se a geossímbolos mais que a fronteiras, inscreve-se nos lugares e caminhos que ultrapassam os blocos de espaço homogêneo e contínuo da 'ideologia geográfica'" (termo de Gilles Sautter para definir a visão de espaço cartesiano moderno).

Essas construções também são percebidas quando Ricardo fala de seus hábitos alimentares, vejamos:

Ricardo: Eu acho que a nossa dieta não mudou muito aqui no Brasil. Quando nós vamos no Centro Comercial, shopping, vamos para a Barra, aí comemos tapioca, acarajé na frente, quando queremos comer, mas na dieta é sempre arroz, carne, salada, uma comida muito venezuelana. É que eu falei... farinha é uma coisa que... aqui não se cozinha muito comida baiana ou brasileira... Faço, gosto muito de fazer suco, eu vou no centro eu compro cajá, umbu...

Tiago: Que não tinha lá...

Ricardo: Que não tinha lá... Eu faço suco de *eso* e gosto. Mas, assim que nós ainda fazemos *eso* muito *venezolano* o jeito de comer. Não sei conhece arepa...

Tiago: Conheço, gostei muito!

Ricardo: É como **nosso** acarajé!

Tiago: Eu lembro que quando fui pra Colômbia eu amei aquilo.

Ricardo: Para nós é muito difícil porque essa farinha de milho a gente tinha lá não tem aqui.

Tiago: A gente chama cuscuz aqui.

Ricardo: Essa de cuscuz é diferente, é diferente... É milho mesmo, nós compramos de cuscuz, de fubá pra tentar fazer e ainda não dá. O que conseguimos foi eu e minha esposa foi comprar o milho branco, o saquinho de milho branco, e depois moer aquilo, que nós chamamos de *arepa de maíz pilado*, fazer o milho, depois fazer a farinha, *coser*, e aí que saem uns pães mais ou menos iguais. e também nós podemos comprar o que nós usamos lá

a harina pan, una harina que produz na Venezuela, estão trazendo para São Paulo, mas fica muito caro, 25 reais um quilo de harina pan.

Tiago: E dá para comer quantas vezes, 5 ou 6 vezes?

Ricardo: Isso... Mas eu acho que ainda não mudou foi a dieta, nós ainda comemos do jeito dos venezuelanos. E também só porque minha esposa e Omar gostam de feijão, feijão preto, que é muito venezuelano. Os outros feijões que vocês têm aqui não eram muito por lá não, mas o feijão preto sempre está fazendo, para ela e para o menino, para Omar.

Nesse excerto, há alguns pontos importantes a se comentar. Apesar de a família de Ricardo sair para comer comida típica brasileira, sobretudo do Nordeste e em especial da Bahia, como é o caso da tapioca e do acarajé, um indício de que há o querer comer e, assim, os transterritórios ligados aos hábitos alimentares se evidenciam aí, o cotidiano alimentar continua “venezuelano” e o reduto desse território é a casa da família. Eles tentam manter alguns hábitos alimentares tal como comer arepa em algumas refeições, comprando farinhas que se assemelham à original para tentar fazê-la mais parecida. A arepa é uma espécie de bolinho feito com massa de milho típico, choclo, em que se recheia com queijo, hogao, chorizo etc. Ademais, Ricardo comenta que sua família come bastante feijão preto, muito típico na Venezuela, além de algumas frutas, tais como o cajá e o umbu, que não existem na Venezuela, segundo ele.

As práticas alimentares da família de Ricardo, apesar da comida típica venezuelana, estão eivadas de componentes típicos brasileiros, em especial do baiano, como é o caso da fruta e do acarajé. Um ponto importante nesse transterritório é quando Ricardo fala da arepa e compara com o acarajé, utilizado o pronome de primeira pessoa plural “nosso” para falar dessa iguaria baiana. Nota-se, nisso, que ele, pelo menos discursivamente, já tem o acarajé como um componente alimentar que faz parte não só do território baiano de modo físico e simbólico, mas que ele, por viver a cultura soteropolitana, já o toma para si essa característica. A existência e a resistência se dão, aqui, no transterritório, na composição e ampliação dos repertórios socioculturais e em hábitos sociais comuns, como é o de se alimentar.

Outro episódio importante a ser comentado diz respeito aos encontros culturais que a mobilidade proporciona e o que os deslocados fazem com esses novos repertórios

disponíveis. A Bahia é um dos estados com mais adeptos do Candomblé, e isso se dá porque houve um intenso tráfico de negros africanos escravizados para a região, que trouxeram seus repertórios socioculturais, incluindo, obviamente, sua fé, para o “Novo Mundo”, a despeito do grande preconceito à época (e nos dias de hoje também) que sofriam. A cidade de Salvador, em especial, possui muitos fiéis candomblecistas, onde se localizam, por exemplo, os terreiros matrizes dessa religião.⁴⁵ O calendário de festas populares de Salvador são festividades religiosas, em que, na maioria delas, há sincretismo entre o catolicismo e a cultura de Axé. Em 04 de dezembro, celebra-se o dia de Santa Bárbara. Vejamos o que diz Hélio sobre essa festa em um trecho de sua narrativa:

Hélio: Por ejemplo, este, en el caso de Salvador, de Bahía, este... primero yo manejo principios que también en Venezuela mantenía mi posición, también ahí por tu [*inaudível*] religiosa que uno participa, por ser testimonio de Jehová, aquí, este...

Tiago: Qual, por exemplo?

Hélio: Todas las fiestas religiosas, todas las fiestas religiosas que tiene que ver con imágenes, este... Aquí también hay, está muy marcado lo que tiene que ver con, con... este... En Venezuela se diría espiritismo, aquí... la palabra...

Tiago: Candomblé?

Hélio: Candomblé. Entonces uno trata de respetar, lo primero que uno tiene que aprender, aprende el principio que uno maneja es respetar. Entonces uno trata de mantenerse al margen con respeto a esas costumbres y no le falta el respeto a las personas, pero siempre manteniendo la misma posición. Entonces aquí en Brasil, en el caso de Salvador, es muy marcado todo eso, por eso uno trata de tener mucho cuidado para no tener esas influencias en uno.

Tiago: E aconteceu alguma coisa assim, você já está aqui há um ano, de questões culturais que foram um choque?

⁴⁵São alguns: Terreiro Casa Branca do Engenho Velho (fundado em 1830), Ilê Axé Opô Afonjá (fundado em 1910) e o Terreiro do Gantois (fundado em 1849), todos de Nação Ketu, em que se cultuam os Orixás. Há, também, o Terreiro do Bate-folha (fundado em 1916), de Nação Congo-Angola, em que se cultuam os Nkisis, e o Terreiro do Bogum (fundado em 1835), de nação Jeje-Mahim, em que se cultuam os Voduns.

Hélio: Bueno, fue...El 5 de... creo que fue el 5 de diciembre que estaba allí en el Pelourinho, y yo no sabía, esto para mí... quería pasear por Pelourinho y estaban... creo que estaban celebrando Santa Bárbara. Entonces, era una población, era una asistencia mucho mayor, caminada por la rua, era... me generaba incomodidad estar en un lugar donde no debería estar. Pero eso tampoco era para atormentar mi mente, sino de una manera muy respetuosa salir de allí de ese lugar, pero fue un impacto porque no sabía lo que me iba a encontrar ese día, fue fuerte... Fue normal para mí al final.

Santa Bárbara é considerada padroeira do Corpo de Bombeiros e dos Mercados. Em Salvador, a festa se dá, em especial, no Pelourinho, onde ocorre missa campal e, em seguida, um cortejo com a imagem da santa, que passa pelo Batalhão do Corpo de Bombeiros e segue pela Baixa do Sapateiro, voltando para o Pelourinho. A santa é sincretizada com Iansã/Oyá/Matamba, Orixá/Nkisi dos ventos, tempestades, de modo que os candomblecistas, durante a festa, distribuem acarajés, que é uma das principais comidas da divindade, além de tocar tambores ao som do ritmo daró e ijexá⁴⁶, como também das cantigas católicas e trombetas⁴⁷. Durante o cortejo, sempre muito cheio, é possível ver algumas pessoas em transe com Iansã.

⁴⁶ Daró: toque de Candomblé, ritmado, dentre outros contextos, quando se toca e canta cantigas dedicadas ao Orixá Iansã/Oyá. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=HArLFWpVeeE>. Já o ijexá também é típico toque de terreiro e é dedicado a vários Orixás: <https://www.youtube.com/watch?v=vpydvWVOiQ4&t=16s> Acesso em 12 out. 2022.

⁴⁷ Para assistir e conhecer um pouco dessa festa, acesse o seguinte link, em que está disponível o documentário “Tradição e fé: festa de Santa Bárbara”, produzido por Eudes Benício e Tássia Lopes, publicado no Canal TV UFBA: <https://www.youtube.com/watch?v=dFbPA8fWqVA> Acesso em 12 out. 2022.

Figura 8: Festa de Santa Bárbara, Salvador, 2019.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Hélio conta sua experiência quando passa por essa quantidade de pessoas mostrada na imagem anterior. E, aqui, é importante esclarecer que não é porque um território simbólico se apresenta que a pessoa se permite vivenciá-lo, construir territorialidades, nos termos de Haesbaert (2010, 2004). Hélio é adepto da religião de Testemunhas de Jeová que, dentre muitas de suas doutrinas, está a não adoração a imagens e símbolos, e as religiões de matriz africana são, em especial o Candomblé, bastante simbólicas. No entanto, Hélio fala em respeito, que é o que primeiro alguém precisa ter, segundo ele, porém “mantenerse al margen”, ou seja, afastado, já que não é um costume de sua doutrina. Ele acrescenta que é preciso ter bastante cuidado para não ter essas influências e que, na ocasião, deixava-lhe muito incomodado um lugar “donde no debería estar”; desse modo, Hélio estabelece claramente as fronteiras socioculturais que não está disposto cruzar, é o território simbólico ligado à fé, construída em seu país, que, apesar de se falar em respeito, as territorialidades ligadas a essa questão são evitadas, mantidas em seu lugar, não proporcionando multi/trans/territorialidades.

Em contrapartida, o mesmo não ocorre com Ricardo, que tenta conhecer as fronteiras socioculturais ligadas à fé de Salvador, do ponto de vista muito mais cultural

que religioso. Vejamos o que comenta sobre o 2 de fevereiro, única festa popular do calendário soteropolitano não sincretizada com o catolicismo, dedicada exclusivamente ao Orixá Iemanjá, a mãe de todos os Orixás, a Ìyá Orí (mãe da cabeça), protetora de todas as águas, sobretudo as dos mares e oceanos, e dos pescadores. Assim, Iemanjá é o Orixá do domínio das águas salgadas, na religiosidade afro-brasileira, em especial no Candomblé. As oferendas são feitas ao longo da orla de Salvador, mas a festa tradicional ocorre no bairro Rio Vermelho, onde os pescadores construíram uma pequena casa à beira-mar em sua homenagem. A festa em honra à Iemanjá⁴⁸ começa na noite do dia 01/02 indo até à noite do dia 02/02. Vejamos o que narra Ricardo sobre o dia em que conheceu essa festa:

Tiago: [...] E você tem alguma dificuldade em relação aos aspectos culturais no Brasil? Alguma coisa que você tem resistência ou que você achou muito diferente?

Ricardo: Eu acho que não, acho que não, porque eu sempre fui muito aberto às questões culturais, e eu ensinava cultura, praticamente, na faculdade, cultura inglesa, mas também... Em Itália eu estudei cultura italiana, em EUA eu fiz literatura contemporânea estadunidense, literatura negra, literatura gay, esses cursos que você olha aqui eu já conhecia na prática e na leitura, não é novo; mas sou muito curioso, *esto* é o que estou fazendo. Eu falei para minha esposa: no dia de Iemanjá, temos que ir para conhecer. Na Venezuela a ideia de Candomblé, que lá chamam de Santería, não é boa, você... se você é católico, você não tem nada que ver com Candomblé. Mas nós somos curiosos...

Tiago: E aqui você viu...

Ricardo: É, eu fui para lá, muita gente, tranquilo. E eu sou também muito... *Escéptico?*

Tiago: É... cético?

⁴⁸ Para conhecer um pouco dessa festa, assista ao documentário “Festa de Iemanjá”, no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=aStCWKCjMsM> Acesso em: 12 out. 2022.

Ricardo: Cético! No sentido de que você não tem que acreditar em tudo que você vê. Preciso conhecer. Eu vi... muito curioso... Eu vi uma mulher como se tivesse um espírito, eu falei: não sei se é certo, mas é parte do assunto que estamos a...no dia de Iemanjá. Fuimos para a Lavagem de Bonfim também e eu acho interessante, sobretudo, esse assunto de Iemanjá e Igreja Católica, que estão juntas e não tem problemas. Lá na Venezuela é impossível, impossível. Os padres já não faziam água bendita por os santeros, que são a gente do Candomblé, pegava água bendita para fazer seus rituais. Ele falou “não vou dar mais água bendita para ninguém, porque não quero que façam eso que vocês fazem”. Aqui eu acho que estão a um nível que estão... tranquilos. Não sei se é certo, mas o que você consegue ver lá embaixo⁴⁹ não tem problema.

Figura 9: Festa de Iemanjá, Salvador, 2020



Fonte: arquivo do pesquisador

⁴⁹ O “embaixo” que o participante menciona diz respeito a que a festa de Iemanjá ocorre na orla do bairro que ele também reside. A avenida em que mora dá na orla e, assim, se desce uma ladeira para chegar à referida orla.

Figura 10: Festa de Iemanjá, Salvador, 2020



Fonte: arquivo do pesquisador

Diferentemente de Hélio, Ricardo estabelece fronteiras e deseja cruzá-las a título de conhecimento, de ampliação de seu repertório sociocultural. Isso se dá, também, porque ele já morou em outros países e, ainda, trabalha com a cultura das línguas adicionais que ensina, o inglês e o italiano, sobretudo com as literaturas. Movido também pela curiosidade, apesar de ser cético, Ricardo estabelece conexões do aqui-lá, comparando o Candomblé com a Santería, que é o culto ancestral ligado aos Orixás que ocorre em alguns países da América Latina de fala hispânica e Caribe, sobretudo Cuba e Venezuela.

Na relação entre territórios, os que ele traz e os que se conecta aqui no Brasil, Ricardo fala da construção social negativa que se tem em relação à Santería em seu país, cujo culto é apartado do Catolicismo, o que, em geral, não ocorre no Brasil, em que os negros escravizados estabeleceram as relações sincréticas a fim de, de modo oculto,

louvar suas divindades, daí Ricardo estranhar essa relação entre religiões em Salvador. Para que se tenha ideia dos transterritórios ligados ao campo religioso que existem em algumas práticas em Salvador, em algumas tradições, quando a pessoa é iniciada no Candomblé, nos ritos pós-iniciação, é necessário pedir a bênção a um padre católico.

Quando falamos em multiterritorialidade e transterritorialidade (HAESBAERT, 2012; HAESBAERT; MONDARDO, 2010) não estamos afinados com a ideia de conversão, definitivamente, este não é o ponto. Na verdade, falamos sobre os territórios nos quais as pessoas estão em trânsito e que, com eles, constroem territorialidades, ou seja, promovem relações sociais que possibilitam conhecer, envolver-se socialmente, a fim de que se possa reconfigurar suas práticas, comportamentos, pensamentos etc. Assim,

Não podemos esquecer que uma forma de territorialização também é aquela que se realiza “no e pelo movimento” – inúmeros são aqueles que, hoje, identificam-se com esta mobilidade de tal forma que o território, para eles, tal como suas identidades, é construído pelo amálgama entre múltiplas territorialidades ou – de maneira mais “radical”, pelo próprio “estar em movimento” ou “transitar entre múltiplos territórios”, o que nos leva, também, a pensar numa espécie de “transterritorialidade” (HAESBAERT, 2012, p. 36).

E isso é o que ocorre com Ricardo, por permitir-se conhecer outros territórios, no intento de comparar com os que ele já conhece e, a partir disso, enriquecer seu repertório sociocultural. Ele faz isso, inclusive, quando cita que conheceu a festa da Lavagem do Senhor do Bonfim, que ocorre na segunda quinta-feira após o Dia de Reis, em Salvador/BA, no mês de janeiro. A celebração consiste, além de outras coisas, em cortejo que sai da Igreja da Conceição da Praia até a Igreja do Bonfim, um trajeto de em média 8km. Como muitas festas religiosas baianas, ela é sincrética, relaciona católicos e o povo de santo, estabelecendo relações entre Jesus e Oxalá, Orixá do branco, associado à criação do mundo.

Figura 11: Lavagem do Bonfim, Salvador, 2020.



Fonte: arquivo do pesquisador

Outra situação de transterritório que ocorre com Ricardo, em sua disponibilidade a viver o transterritório evidencia-se no seguinte trecho:

Ricardo: [...] Uma coisa da diáspora que é difícil é que a diáspora fica sempre na cultura que deixou atrás: “Eu quero só comer arepa, eu quero só falar espanhol, eu quero só ouvir música venezuelana”. Eu peguei... Pitty eu conheci aqui, gosto, eu boto Pitty... É... Charlie Brown Jr., Los Hermanos. Eles eu conheci aqui. Uma coisa interessante... Legião Urbana também não conhecia... Nós temos uma banda dos anos 80 muito parecida, eu falei: “esses são os anos 80 que eu não vivi”, estou pegando agora com Legião Urbana, e eu gosto da cultura [...].

Ricardo, ao que parece, não gosta da ideia de ficar enraizado em apenas um território, seja físico ou simbólico. Os anos de 1980 que ele não viveu na Venezuela - por outras questões pessoais, que não foi pelo contexto ruim no âmbito social, econômico do país - está vivendo “agora”, à época da entrevista, por meio da música, do rock nacional brasileiro. É importante comentar isso porque, em nenhum momento de sua narrativa, em relação a ele, este tem “medo” de “perder” suas identidades, pelo contrário, o que lhe

constrói enquanto professor venezuelano de língua e literatura em inglês e italiano é a diversidade de suas vivências na Venezuela e fora do país, é poder ter contato com outras culturas que reforçam a dele, que reconfiguram gostos, sabores e conhecimentos outros, ou seja, construir diversas territorialidades, para Ricardo, é preciso.

Portanto, as relações de multi/transterritórios podem ocorrer, ou não, no processo de mobilidade, o que está relacionado diretamente aos territórios vividos e territorialidades construídas anteriormente na vida dos deslocados. Assim, os processos de resistência às fronteiras socioculturais podem acontecer deliberadamente, conforme vimos em relação a Hélio. Contudo, outros podem se impor de tal forma que a pessoa em mobilidade já incorpora para si essas vivências (quase) sem notar, como é o caso de Ricardo, em relação a se permitir conhecer o que falam tanto mal na Venezuela, aqui no Brasil chamado de Candomblé, e, ainda, quando usa, discursivamente, o “nosso” em relação ao acarajé, em sua narrativa analisada.

Partindo dessa mesma temática de multi/transterritórios, vejamos algumas práticas discursivas em que revelam pontos importantes para falarmos sobre identidade nesse aspecto de resistência e existência.

Tiago: O que é que você... você teve uma trajetória diferente, você teve um diferencial. Mas, outros, outros, seus conterrâneos, nem tanto. Então, o que você sente como venezuelana também, eles também, nessa situação do país?

Ana: Não, mas eu sei, eu sinto de alguma forma identificada com isso, sabe?! Que em algum momento eu também tava procurando assim, só que em outro contexto. Eu acho que ele não tem ajuda, ele tem que fazer isso pra conseguir, mas, em algum momento, eu tive essa ajuda que eu tava procurando assim igual, não assim como eles, mas eu tava procurando, queria, eu senti assim como medo a não encontrar, ao tempo eu ficava, não sei, esperança que algum momento eu ia conseguir alguma coisa. Eu tô aqui já, muitas pessoas não têm a oportunidade de tá aqui e agora que eu tô aqui, eu vou fazer o que eu posso. Então assim é uma coisa parecida, só que aí, meu contexto é diferente, eu pelo menos eu tenho uma ajuda de *afora* que eles não têm. Então, eu agradeço muito a isso, mas aí eles não têm. Por alguma forma, eu sinto isso.

Tiago: Alguma identificação, né?

Ana: *Siento* alguma identificação.

Tiago: Buscando isso, buscando também...

Ana: Não só por ele, tem muitas pessoas venezuelanas também que tão na mesma situação ainda tendo alguns estudos, ainda tendo... fica assim. Ele não tem estudos, eu acho. Mas tem muitas pessoas com estudo que tão assim igual, procurando algo de pintor, de qualquer coisa só pra sustentar suas coisas, o que precisa deles.

Os desejos de ser, de pertencer e de existir perpassam tanto o migrante venezuelano deslocado forçadamente que cruza a fronteira de Pacaraima a pé, como os que vimos na imagem que utilizamos na pesquisa para suscitar discussão, quanto os que chegam ao país por outras vias, que é o caso de Ana, que teve uma parada no Chile antes. Os territórios simbólicos nacionais, de conterrâneos, aproximam suas vivências de deslocamento porque, ao fim e a cabo, no começo, ambos passaram pela origem da problemática que os expulsou da Venezuela.

Ademais, conforme ressalta Ana, ter estudos, e aqui estamos falando do superior, não é sinônimo de pertencer e construir territorialidades no campo mais profissional. Um dos venezuelanos, que foi meu aluno no projeto e seria participante nesta pesquisa, não o foi por questão de incompatibilidade de horários, porque ele tinha que trabalhar muito, era graduado em medicina veterinária, mas, em Salvador, só conseguiu trabalho de ajudante de cozinha, nos bares do bairro Rio Vermelho. Conseguir a revalidação de diplomas, no Brasil, desse modo, é outra fronteira fechada, difícil de se abrir para os venezuelanos que, por conta da urgência de comer, de viver, e da demora no processo, além de ser um trâmite caro, trabalham no que se lhes aparece.

A identificação e alteridade relacionadas à mobilidade forçada, nesse caso, independe do itinerário migratório e das penumbras que passam no intento de resistir e existir, elas são, de alguma forma, relacionadas entre os venezuelanos, os dramas clivam todos de alguma forma, em algum território, seja físico, seja simbólico. Não é à toa que esses venezuelanos constroem uma identidade de resistência, nos termos de Castells (1996), pois levantam uma trincheira de resistência, para que possam (sobre)viver em meio ao *mar com maré contra*.

4.5 Língua e linguagem na mobilidade forçada

Neste momento da tese, chegamos à última dimensão analítica que compus a partir das narrativas de deslocamento geradas. Assim como as outras dimensões, esta também é complexa e diversa, de modo que subdividimos os tópicos tratados em algumas subcategorias temáticas, conforme igualmente fizemos anteriormente.

4.5.1 Dificuldades com o Português

A mobilidade forçada requer do migrante transnacional, no novo país de morada, coragem para empreender em muitas práticas sociais, e isso se dá porque essas são urgentes, necessárias para a sobrevivência das pessoas. A comunicação, nesse caso, é uma das práticas sociais mais importantes nesse processo, uma vez que se o migrante não sabe a língua ou as línguas daquele lugar, conseguir trabalho, ser atendido em um posto médico, por exemplo, são práticas bastante complicadas, até porque muitos desses estabelecimentos sociais para atendimento ao público não dispõem sempre de pessoas que falam outros idiomas ou, mesmo, não possuem intérpretes e/ou tradutores disponíveis e que saibam línguas variadas.

No caso dos deslocados forçados venezuelanos no Brasil, que têm o espanhol como língua materna, e esta possui seu sistema linguístico assentado próximo ao do português, essa situação se torna um pouco menos complexa, do ponto de vista do venezuelano, porque este, com mais ou menos esforço, consegue compreender, de modo geral, o que brasileiros falam, ou os textos escritos. Aqui, claro, estou falando de textos simples e falas do cotidiano. Porém, não é porque há uma certa semelhança que os venezuelanos não tenham dificuldades à hora da comunicação, sobretudo quando não recebem aulas de português para a finalidade específica de fluxo forçado, quando as práticas comunicativas são mais urgentes. Vejamos, a seguir, algumas das dificuldades relatadas pelos participantes:

Tiago: [...] Em questões linguísticas assim... é... qual foi a sua dificuldade em relação ao português?

Ana: Minha dificuldade com...

Tiago: ... com o uso do português. Você já tinha estudado português?

Ana: Não, não. Só o básico, eu acho. Ela, ele, ela, ele. É normal, sabe?

Tiago: Lá na Venezuela?

Ana: Não, em, no Chile.

Tiago: Ah, então fez um cursinho básico...

Ana: Sim, mas foi assim, sabe, eu mesma com a internet, eu mesma...

Tiago: Autodidata.

Ana: Sim.

Tiago: Então, qual... então, pra você, quais as maiores dificuldades ao falar português?

Ana: Às vezes, os tempos verbais. Eu tenho uma dificuldade, por exemplo, super que, eu não sei, eu não tenho total certeza de como é que é no português, tem algumas palavras que são totalmente diferentes. Por exemplo: “guardanapo”. Aqui é guardanapo, lá na Venezuela é “servilleta”. Totalmente diferentes. Mas, ainda sim tem palavras que são iguais. Então, muito fácil.

Ana corrobora com a ideia de que, pela proximidade das línguas, sobretudo no campo léxico, ela não tem grandes dificuldades, a não ser com alguns vocábulos que são bastante diferentes ou, ainda, quanto à morfologia, com a conjugação de verbos. Ana revela que por si só aprendeu o português, o básico, antes de vir ao Brasil. Ademais, à época da pesquisa, ela tinha aulas de português no projeto em que eu dava aula, cujo foco era a migração forçada, sobretudo refugiados, na UNIFACS, e, ainda, fazia o curso de português para estrangeiros do NUPEL/UFBA. Hélio, ao contrário de Ana, não havia estudado a língua portuguesa antes de vir ao Brasil, vejamos o que diz sobre o tema:

Tiago: Agora sobre questões linguísticas, por exemplo: quais são suas dificuldades quanto ao uso do português no Brasil?

Hélio: Este... Por ejemplo cuando la “L” en “Brasil”, “BrasiU”...

Tiago: O “L” com som de “u”

Hélio: BrasiU, BrasiU...

Tiago: Então a pronúncia é algo que é dificuldade para você...

Hélio: Yo entiendo... ya en el tiempo que estoy aquí morando, podría decir que, este, un 90% entiendo, este, lo que llegan a falar. Ahora, formular en mi mente la palabra que tengo que dar resposta es donde se me hace difícil porque ellos no me van a entender, entonces ahí donde yo tengo que trabajar un poco más, estudiar, pesquisar, disciplinar para tener más el vocabulario y aprender un poco más.

Hélio comenta suas dificuldades, em primeiro lugar, do ponto de vista fonético. Ele cita o caso da vocalização do fonema /l/ em posição de final de sílaba, cuja produção se torna um /w/, como é o caso de Brasil - /bra'ziw/, na maioria dos dialetos do português brasileiro. A propósito, esse ponto fonético nas aulas de português era bastante perguntado pelos alunos latinos falantes de espanhol do nível básico, o que explicávamos e exercitávamos sempre que oportuno. Além disso, Hélio esclarece que consegue entender bem as pessoas, mas à hora de produzir seus discursos em sua fala ainda lhe é difícil, embora ele já estivesse, à época da entrevista, com mais de um ano no Brasil.

A dificuldade de Hélio em não conseguir comunicar-se de maneira satisfatória, do ponto de vista de sua produção, é algo que acomete muitos imigrantes refugiados, em especial quando buscam emprego ou precisam de ajuda em algum serviço, público ou privado. Não conseguir comprar o que realmente se quer, ou não conseguir falar ao médico suas dores ou contar, em um banco, por exemplo, sua situação migratória. Faltam, assim, políticas públicas, de educação e linguísticas, para esses tipos de contextos sociais. Os desejos de Hélio do ser, do pertencer e do resistir também são agravados por não lograr comunicar-se como ele deseja, como lhe é de direito.

A seguir, vejamos o que diz Ricardo sobre suas dificuldades:

Tiago: Nessa parte linguística... Quais são as dificuldades com o português que você tem?

Ricardo: Eu tenho, tenho muitas. Eu acho que é difícil falar os sons que são muito nasais. Ficam difícil pra mim.

Ricardo, assim como Hélio, também comenta sobre os sons nasais. Isso se dá porque, de modo geral, o espanhol tem bem menos sons nasais que o português. No caso do português, a nasalização ocorre quando uma vogal assimila o som nasal da consoante seguinte (MENDONÇA, OLIVEIRA, 2019), já no espanhol há regras específicas para uma vogal ser considerada nasal ou não (RODRIGUES-ALVES, 2014). Assim, esse ponto também era bastante solicitado enquanto dúvida pelos alunos falantes de espanhol em sala de aula, daí a recordação da dificuldade por Ricardo.

Os participantes também narraram suas dificuldades no momento de expressar-se em português, vejamos o que falam Ana e Hélio:

Ana: É muito parecido com as expressões em espanhol. Muito, muito parecido. Sí, eu acho que não tô tendo muita dificuldade.

Tiago: Você fala bem, não sei. Você fala bem em relação alguns outros que estão há mais tempo.

Ana: Mas aí, eu acho que também depende da pessoa. Depende da pessoa e eu acho que pra mim pode ser um pouquinho mais fácil o português, mas para eles... mas para mim também pode ser difícil algumas coisas que para eles são fáceis, sabe.

—

Hélio: Expressar em português? Ai, Jehová!

Tiago: Quando você quer dizer algo e não sai...

Hélio: Claro, uno trata de, este... de armar como la idea para poder expresarse y pa... va trabajando con las *senais*, las mãos, este, busca símbolos, para que vaya... hay relación de lo que se está falando.

Em virtude da proximidade linguística entre o português e o espanhol, Ana considera que consegue se desenvolver bem em português, logo, compreende-se que, do ponto de vista dela, ela entende e faz-se entender. O português lhe é “um pouquinho mais fácil”. Já para Hélio, por meio da locução interjetiva “Ai, Jehová”, já se percebe que expressar-se em português não lhe é algo fácil. Porém, ele busca de outros recursos semióticos, tais como os sinais, ou articula a ideia da forma que consegue, para tentar passar a informação, ou seja, utiliza-se de translíngua para poder comunicar-se com eficiência. Essa questão é tocada também por Ricardo, vejamos:

Ricardo: Eu sinto *sí*, sinto mais tranquilo. Fazer, por exemplo, o visto, *eso* foi muito difícil na primeira vez. Carteira de trabalho, eu não conseguia falar sem botar espanhol ou italiano. O inglês não entrava. Eu não sei se você conhece, quando você aprende uma segunda língua, a primeira foi o inglês, ela fica tranquila, não entra na discussão, e o espanhol que é a língua, língua nativa também não. Mas se tiver uma terceira e *va* aprender uma quarta, essas começam a brigar. E hoje eu tenho que falar, quando eu falo italiano, é o português que entra, o meu italiano já tem dois anos sem falar. Mas eu procuro ficar com o italiano cantando, eu ainda leio em italiano, eu sigo muitos jornais

em italiano no twitter, sempre estou lendo em voz alta para ouvir, porque eu não quero perder essa língua.

À época da entrevista, expressar-se em português já lhe era algo mais fácil, segundo Ricardo. No entanto, ele compartilha da divisão sistemática das línguas nomeadas, e isso fica claro em seu exemplo, quando comenta que, no início, ao falar português vinham-lhe palavras de outros idiomas, porque seu repertório linguístico-cultural é mais amplo. Nesse contexto, as práticas translíngues são uma realidade em falantes em mobilidade transnacional, e é sobre esse ponto que a subseção seguinte se detém.

4.5.2 Práticas comunicativas: reflexões translíngues

As práticas translíngues, como já salientado em momento oportuno, é fruto da variabilidade do repertório linguístico-cultural do falante. Em se tratando de migrantes deslocados forçadamente, a urgência de falar, de se comunicar é bastante requerida; sendo assim, o migrante recorre ao seu repertório linguístico-cultural, que pode ser mais, ou menos, ampliado e é de posse desses conhecimentos que ele/ela empreende suas práticas comunicativas, utilizando semioses várias em conexão com os contextos e culturas para poder ter sucesso na ação (CANAGARAJAH, 2013; GARCÍA, 2013).

Nas narrativas de deslocamento geradas pelos participantes desta pesquisa, há muitos trechos em que podemos observar esse fenômeno, pois todas as narrativas produzidas estão permeadas de práticas translíngues, além de fatos propriamente narrados pelos participantes, como é o caso de Hélio, já dito e mostrado, que se utiliza de conhecimentos vários para poder comunicar-se efetivamente.

Nesse contexto de práticas translíngues, ao falar um pouco sobre sua vida em Paracotos, Ricardo comenta sobre os tipos de casa que havia em seu bairro:

Ricardo: Era um bairro sí. Tinha muito de colonial mesmo, ainda ficavam muitas casas que tinha uma estrutura de... eu vi que vocês também têm aqui... de... como fala *eso* de... lama? Lama e... galho.

Tiago: rodapé diferente...

Ricardo: Não, a casa mesmo feita de lama e galho...

Tiago: Ah, sim, a gente chama aqui de... Tem gente que chama pau a pique, tem gente que chama de casa de taipa.

Ricardo: Nós chamamos de *casa de bahareque*. *A casa de minha mãe era de bahareque*, depois...

Tiago: Tem dois, tem duas... tem... não sei se duas madeiras, ou uma coisinha assim e barro no meio.

Ricardo: E barro no meio, que era assim que faziam as paredes. E tinha... ainda tem muitas casas assim. O povoado já cresceu, nossa casa, a casa de minha mãe depois virou de tijolo. Mas começou assim. E é isso, é um povoado ainda...ainda muito ...é... ficou no tempo, como é que se falava em Paracotos *un pueblo que se mantiene en el tiempo*, um povoado que fica no tempo.

Ao falar sobre o tipo de casa de sua mãe, Ricardo, como não sabia como se dizia aquela palavra em português, e após eu explicá-lo as possíveis palavras, diz: “A casa de minha mãe era de bahareque”; assim, ele se utiliza do léxico que já existe em seu repertório, notadamente o vindo de suas práticas linguísticas em espanhol, para compor a frase em língua portuguesa, uma prática translíngue por excelência. Esse uso faz sentido na comunicação porque, no momento da explicação, estabeleceu-se que, por exemplo, para aquele tipo de casa construído com madeiras e barro pode-se chamar “pau a pique”, “taipa” ou “bahareque”, os interlocutores, no caso Ricardo e eu, teríamos acesso ao sentido com base na prática discursiva contextualizada ali empreendida. Nesse momento, não estabelecemos fronteiras rígidas entre línguas e culturas, tampouco temos por foco práticas monolíngues. Isso se dá porque, com base nos pressupostos de Canagarajah (2013) e avançando, Ricardo recontextualiza o transterritório para fazer com que sua prática discursiva indexe novos valores e significados.

No fim de sua narração descritiva, para reforçar sua ideia acerca da cidade de Paracotos, Ricardo fala que este é “un pueblo que se mantiene en el tiempo”, asseverando a forma como se fala em seu lugar primeiro, na língua espanhola, para, depois, lançar a correspondência em português, deixando clara a mensagem. O espanhol venezuelano, de modo geral, é uma das línguas que lhe forja enquanto cidadão da Venezuela do povoado de Paracotos, daí colocar esse pensamento, em espanhol, porque a força pragmática advém dessa língua do seu ponto de vista e, em seguida, para efeito de compreensão do

interlocutor ele a repete na prática de linguagem compartilhada naquele momento, em que usa o português.

Ocorre esse mesmo fenômeno quando Ricardo explica sobre os conucos:

Ricardo: ...não sei como vocês chamam quando tem gente que va para um...uma terra onde ele só planta frutas e vegetais...

Tiago: Funciona como subsistência. Ele vive daquilo?

Ricardo: É sim; ele depois volta para o povoado e vende essa comida no povoado. Mas lá na montanha é que ele tem a terra, os vegetais e todo eso. Nós chamamos isso aí conuco. Conuco, terra que você tem, você vai lá, sembrá, pega depois a fruta, depois vai vender no povoado ou vai vender em Caracas. Essa gente começou a ficar nos conucos. Porque às vezes tava chovendo muito, não tinha ruas, tinha que ficar, começaram a construir casas e aí, Los Lírios, que tinha muito que decían povoado, que se chama Los Lírios porque tem muito dessa... esse flor, né?! Tinha muito lá, agora não tem! (risos). Na construção, o crescimento do povoado, eso mudou, mas o nome ficou. A história d'Os Lírios, eso que eu fiz, e as entrevistas e tudo eso aí. Essas são as pessoas que eu entrevistei quando nasceram [*mostrando no computador um arquivo de fotos*].

Ricardo, para prosseguir com a narrativa de explicação sobre o povoamento de *Los Lírios*, precisa explicar que o que possibilitou esse fato foi os conucos. Ele esclarece o que significa, que são terras doadas a famílias para agricultura familiar, e, em seguida, continua seu discurso utilizando o vocábulo típico da variante espanhola venezuelana no discurso cuja língua nomeada mais expressiva é o português, além de utilizar outros vocábulos também. Assim, nota-se que a identidade linguística do migrante, no nosso caso o deslocado forçado, perpassa por características transculturais e translíngues, e que ele necessita acessar todo o seu repertório linguístico-cultural para efetivar o processo comunicativo, sem correr o risco de ser tolhido, silenciado ou repreendido por isso.

Diferentemente de Ricardo, cuja língua preponderante em sua narrativa tende ao português, Hélio, em seu discurso, proporciona uma fronteira fluida entre as línguas nomeadas português e espanhol, às vezes variando bastante para o código espanhol, mas sempre no limiar. É importante lembrar que os participantes ficaram livres para dar a

entrevista na língua que se sentissem mais à vontade, e todos escolheram o português. Vejamos, a seguir, um trecho da narrativa de Hélio.

Hélio: Primero, este... es una experiencia de ya no solamente *falar* un idioma, sino ya no sería uno, sino dos... é... es un beneficio. La otra es también tener, este... mayor fluidez para la comunicación en cualquier lugar que te encuentres, en el metrô, en el aeropuerto, en el mercado...este... para conseguir también una fuente de trabajo, este... y vivir una vida social porque, este... todos los seres humanos necesitamos comunicación. Entonces es tan importante, este... aprender a *falar* el portugués porque eso va a ayudar a que tengas mayor seguridad contigo mismo.

Excetuando-se as palavras que fazem parte deliberadamente do espanhol e do português, no excerto anterior, marco alguns poucos vocábulos que fazem parte da língua nomeada português. Para Hélio, ele deu a entrevista exclusivamente em português, e isso deve ser respeitado do ponto de vista de sua identidade linguística performada na prática social. Claramente, observamos uma prática translíngue, cujo maior objetivo é proporcionar a comunicabilidade da entrevista. Hélio argumenta que é importante saber com fluência o português para que isso se reverbere como retorno financeiro, social, pessoal, argumentando que isso proporciona, também, autoconfiança. A opinião de Hélio sobre sua performatividade identitária linguística está ancorada em um paradigma monolíngue, uma vez que o “domínio” pleno do português é que lhe dará confiança consigo mesmo.

Assim, a busca pela fluência em português, no caso dos deslocados forçados nesta tese, não pode apagar o processo de mobilidade e ordem comum com que as línguas constroem o repertório linguístico-cultural do migrante. Se se faz isso, estamos dando prioridade a uma “integração” social e linguística, porém com generosas doses de aculturação, de *melting pot*, em que para que o migrante se veja “inserido”, “integrado”, “acolhido”, precisa saber, “com fluência”, o português, deixando de lado seus aspectos linguísticos, culturais e identitários já desenvolvidos ao longo de sua vida; desse modo, sobressai nessa ideia uma ideologia monolíngue e monocultural. Esse discurso é bastante perigoso do ponto de vista de quem ensina língua portuguesa no Brasil para o público em mobilidade forçada, sobretudo os refugiados ou com *status* jurídicos congêneres. Assim, concordo e endosso com García (2013, p. 353), quando diz que “o uso translíngüístico,

ou seja, a translíngua bilíngue, é o que caracteriza o cidadão do século XXI, por um lado liberto do jugo colonial, por outro, em relações e posições sociais dinâmicas, produto da globalização”⁵⁰.

Desse modo, é importante respeitar o processo, o estar *in between*, nos termos de Bhabha, e a identidade linguística dos migrantes, seja qual for seu *status* jurídico, sobretudo quando este é refugiado, em que urgências comunicativas são requeridas muito prontamente e o falar translíngue é sua natural forma de compartilhar suas territorialidades, seus desejos de ser, de pertencer e de resistir e existir socialmente.

Apesar da resistência que é para o migrante existir no contexto de mobilidade forçada, Ana e Hélio nos contam que não tiveram grandes problemas com o processo de comunicação, vejamos o que dizem:

Hélio: Por ser extranjero, este, la parte más difícil es el idioma, pero sin embargo, este, las personas no te, no te rechazan, sino más bien son muy considerados, tratan de apoyarte y escucharte y de buscar la manera de ayudarte, pero no ha habido situación difícil.

Ana: Não, não. A princípio era bem engraçado que eu tentava falar português, mas as pessoas sempre veem que... ainda agora que eu tento falar melhor, as pessoas já sabem que sou da fora. Então, a princípio, quando eu não sabia, eu só sabia falar “não sei”, “onde é que fica isso?” “Onde fica outro?” “Onde que é que posso pegar ônibus para não sei onde?”. Quando eu só sabia falar isso, as pessoas tentavam me ajudar. Eu ficava muito agradecida. Eu gostava muito, eu gosto muito da personalidade do baiano com as pessoas do exterior. Não sei se você vê isso, acho que não porque você é daqui ou é brasileiro, mas eles sempre tentam ajudar. Se tu tiver um problema, ele sempre vai tá ali pra te ajudar. Eu gostei disso do brasileiro. [...]

Do ponto de vista da intercompreensão, os baianos, segundo Hélio e Ana, esforçavam-se para ajudar quando estes queriam comunicar-se para algo. Essa questão está bastante parelha ao que Canagarajah (2013, p. 5) fala de que nós entendemos mais

⁵⁰ Tradução livre minha de “El uso translíngüístico, es decir, el translenguar bilingüe, es lo que caracteriza al ciudadano del siglo XXI, por una parte librado del yugo colonial, por otra, en relaciones y posiciones sociales dinámicas, producto de la globalización” (GARCÍA, 2013, p. 353).

idiomas do que temos a capacidade de falar e que “usando nossas habilidades receptivas podemos entender a linguagem do interlocutor, da mesma forma que o interlocutor usa sua competência para entender a nossa própria linguagem. E a conversa prossegue”⁵¹. Salvador é uma cidade que “respira” o turismo, litorânea, recebe muitos turistas nacionais e de fora do país. É comum vermos, sobretudo nos pontos turísticos, as práticas translíngues ocorrendo, seja para ajudar em alguma informação, seja para a prática comercial, muito comum nas praias e nos locais de maior visitação, como é o caso do Pelourinho. Porém, essa é uma percepção de Ana e Hélio, não se pode generalizar os fatos, até porque a experiência da mobilidade é individual. Vejamos o que ocorreu com Ricardo em duas situações em Salvador:

Ricardo: [...] mas agora vou falar desse incidente que tive quando morava na Barra. Um amigo brasileiro lá, namorado de Cristi, professora da Gurilândia: a geladeira quebrou lá na Barra, ele me falou “eu vou mandar para você uma pessoa para consertar a geladeira”. E de ele encaminhou um print screen do celular da comunicação com a pessoa, ele falou “ele mora na Barra” e a pessoa perguntou o nome, “Ricardo”⁵², o cara respondeu: “Meu Deus, esse cara fala minha língua?”. Ele falou: “não... sim, fala, ele fala português”. O cara não foi, o cara não foi a consertar a geladeira, ele não veio. “Na verdade, ele ficou muito preocupado que você não entendesse o que ia falar”. E é isso aí. “Quando a gente percebe que você é estrangeiro, fica com medo, não é raiva, não é ‘tem que ir embora do meu país’, é o medo de ele não entender você ou você entender ele”. E também aconteceu no Mix Bahia⁵³ aqui perto, que é onde eu faço as compras. Uma senhora começou... Eu estou comprando carne, começou uma senhora a falar... e estamos falando. O açougueiro, eu e ele estamos falando em português, até que perguntou que eu sou professor, porque tinha a farda do Gurilândia, eu falei “eu sou venezuelano”. A mulher não falou mais. Mas tinha 5 minutos falando comigo. Parou de falar. Medo? Não sei como explicar isso aí, mas... E eu falei pra meu amigo, Eduardo, eu

⁵¹ Tradução livre minha de: “Using our receptive skills we can understand the interlocutor’s language, in the same way that the interlocutor uses his/her competence to understand our own language. And the conversation proceeds (CANAGARAJAH, 2013, p. 5).

⁵² O nome “Ricardo”, como já salientado, é fictício aqui na narrativa, logo não causa estranhamento. Porém, o nome real do participante é incomum em relação aos típicos nomes de brasileiros.

⁵³ Mix Bahia é uma rede de supermercados que há na cidade de Salvador e região metropolitana.

falei: eu não sendo brasileiro, o sotaque não sendo brasileiro... Não entendi isso aí, mas eu não vejo como están... rechaço?

Tiago: Rechaçando, rejeitando...

Ricardo: Eu não sinto isso aí. Eu sinto esse medo a não poder comunicar com você. Porque tem outros exemplos, sejam as pessoas que falam “sejam bem-vindos”... motorista, as pessoas que estão vendendo para você sempre falam “seja bem-vindo”.. Eu acho que isso a Venezuela perdeu, e que muito do problema que agora temos é pensar só em você e não esse sentido de pertencer “esse país é meu, e vou compartilhar com você”. Lá... eu já falei, tem venezuelano que fala “eu sou metade europeu”, esse já não gosta da Venezuela, porque não fala dessa parte venezuelana, só fala... “Os meu avós são italianos, eles não conhecem a Itália, não falam a língua, mas são diferentes, são melhores que você porque já tenho passaporte europeu, quando quiser, posso ir na Europa”... Não tem dinheiro, mas ele é europeu.

Ricardo, diferente de Hélio e Ana, teve um certo problema em relação à prática comunicativa, mas não necessariamente por não ser compreendido. Pelo que relata, não houve um problema na falta de interpretação dos contextos. No primeiro fato, o rapaz que havia sido contactado para consertar sua geladeira não foi, porque, segundo ele, provavelmente não conseguiria se comunicar, ainda que tivesse sido avisado que Ricardo falava português. Em um outro contexto, no supermercado, ele conversava normalmente com o açougueiro e uma senhora, até esse momento não há relato de Ricardo em relação a possíveis desencontros comunicativos; porém, em dado momento quando diz que é venezuelano, a senhora para de conversar. Ricardo argumenta sobre a problemática de que, nesses casos, não é um processo xenofóbico, e sim, de “medo” de não conseguir efetivar as práticas comunicativas. Ainda que Ricardo queira explicar, não podemos contabilizar com certeza caso de xenofobia, assim também como não podemos descartá-lo. São fatos difíceis de serem analisados e dado um veredicto, algo que também não é nosso papel; o fato é que, no segundo caso, ao falar que é “venezuelano” a prática comunicativa foi interrompida pela senhora brasileira.

As experiências comunicativas, portanto, são individuais de cada migrante. Nota-se que os participantes se utilizam de seu repertório linguístico e cultural para empreender

o processo comunicativo com os brasileiros, de sorte que se nota um esforço por parte dos venezuelanos aqui investigados e os brasileiros de sua narrativa em favorecer o processo de comunicação, por meio de práticas translíngues certamente. Percebe-se, no entanto, que, no caso de Ricardo, o processo comunicativo foi interrompido por outro motivo, que não a falta de acesso ao sentido da conversação, ainda que Ricardo diga que seja por um pretenso medo de comunicar-se por parte da brasileira citada na narrativa. Aqui, o desejo do ser e do pertencer são forjados em Ricardo e, assim, a existência dele é posta em xeque de modo situado.

Na segunda parte desse excerto em questão, Ricardo alude a uma possível fala do brasileiro em relação a “esse país é meu, e vou compartilhar com você”, para evidenciar o lado receptivo que, segundo ele, o brasileiro tem para com os estrangeiros. A partir disso, ele faz uma crítica aos venezuelanos que possuem ascendência europeia e, assim, menosprezam a identidade venezuelana, rechaçando sua própria construção de ser em detrimento da ideia colonizada do parentesco europeu. Ademais, o discurso de Ricardo, de certo modo, possui uma orientação monolíngue/monocultural em certos pontos acerca dos fatos da língua, quando a atrela ao território no exemplo dos ítalo-venezuelanos, quando afirma que o território brasileiro “é” ou “pertence” aos brasileiros e que, por compaixão, talvez, “nós vamos compartilhar com vocês”, numa relação binarista nós-vocês, “abrindo-se” a fronteira, mas mantendo o *status quo* acerca de quem pertence a que.

Ainda dentro do mesmo contexto em relação a algumas ideias do paradigma monolíngue na fala translíngue de Ricardo, vejamos outro caso que ele conta acerca da relação entre as línguas na mobilidade:

Ricardo: [...] Mas é interessante, na barbearia, onde eles⁵⁴ cortam o cabelo... eu faço corte sozinho, mas eu levo eles, lá tem um venezuelano que chegou de Puerto Brás.... Eu acho que, ele é... como que chama... *Peluquero?*

Tiago: Cabeleireiro.

Ricardo: Cabeleireiro.

Tiago: Tem também quem chame de barbeiro, há o negócio das barbearias aqui.

⁵⁴ O “eles” faz referências aos filhos - um dos meninos, o mais velho, estava na sala.

Ricardo: É...Ele chegou, porque Puerto Brás, como já falei, é muito perto do Brasil, ele chegou... Quando ele fala e ele acha que está falando espanhol, e está falando portunhol. Eu falo pra minha esposa, o problema é que ele não tem as ferramentas que tenho de linguísticas. Eu sei separar uma língua da outra, ele acha que está falando espanhol conosco e, depois, quando português, ele acha que está falando português, mas ele está botando as duas juntas, acontece. Só com ele falamos assim que a gente sente que ele está falando outra coisa. E que é o que pensamos que pode acontecer com o pequenininho se a gente não falar espanhol com ele, vai começar a falar um portunhol e vai esquecer a língua. Eu acho que é importante que...pegue o português, também o inglês, mas manter o espanhol, um menino que vai ter três línguas...

Tiago: Por quê? Manter a língua por ser uma terceira língua ou por que é a língua do seu país?

Ricardo: Não, porque é a língua de *su* país. Eu não sou muito patri... Você pode ver tem a bandeira lá. Tem também aquela boné. Mas eu não vou pra rua com... sim, tenho muita farda da faculdade, Universidad Central, você vai olhar, aí tem uma farda da faculdade, e que... lá não tinha farda para a faculdade, são camisas que comprava, porque gostava muito do meu campus, ainda eu falo: esse é meu campus. E... Mas não somos esses patriotas, que vamos pela rua com um boné... Mas você pode perguntar “e isso aí?”⁵⁵ Porque eu quero que eles saibam que você saiu de lá, não esqueça. Porque eu acho que às vezes quando você faz as diferenças dos países, nós estamos no Brasil, “mas esse aqui é território venezuelano, só fala espanhol, só vai olhar essa bandeira aí”, acho que não é certo também não, porque ele está no Brasil, ele tem que conhecer, ele já conhece... Temos uma bandeira do Brasil, mas lá dentro, pequenininha assim. E ele está aprendendo lá o hino do Brasil, ele está aprendendo coisas que são a História do Brasil, e nós temos que fazer essa parte aqui que é da Venezuela. Porque eu acho que é identidade, né, uma pessoa, é língua, né, eu trabalho com línguas... Uma menina mexicana que foi levada para os EUA, os pais, para proteger ela da imigração, da Polícia de Imigração dos EUA, só falavam em inglês, botaram ela em uma escola onde

⁵⁵ O participante aponta para a bandeira que está hasteada na sala de casa.

só se falava inglês; a menina depois de adulta, porque ela ainda tinha o rosto de mexicana, mas agora era uma mexicana que não falava espanhol. Ela começou a pagar aulas de espanhol, o que não é justo, não é justo você tem que pagar por uma língua que você tinha direito de quando era menina, mas você não pode botar culpa nos pais, os pais estão protegendo você da imigração lá, ou da discriminação... É difícil, é um dilema, né?! Aqui eu estou fazendo *eso* de outro jeito, eu estou falando: eu não vou negar pra você de onde você vem, mas aí tem que pegar boas notas, tem que aprender o que tem que fazer. E...assim... estudamos todos com eles, se tem que fazer estudar os Estados todos do Brasil, vamos, eu tenho para estudar, vou estudar também. Esse comprei eu⁵⁶, vou ler isso aí, porque é um país diferente, tenho que conhecer, e aí já conheço os presidentes, como começou tudo, a cana de açúcar, depois ouro, o café, tudo isso aí.

No excerto em questão, há um emaranhado de orientações acerca da relação entre línguas e da aprendizagem de línguas no contexto de mobilidade transnacional. No princípio da fala, Ricardo alude ao fato de que seu cabeleireiro, segundo ele, fala “portunhol”, uma mescla entre português e espanhol e que ele, Ricardo, por ter formação em línguas sabe muito bem separá-las, perspectiva contrária a proposta por Canagarajah (2013, p. 6):

As “línguas” estão sempre em contato e se influenciam mutuamente. Nessa perspectiva, a separação de linguagens com rótulos diferentes precisa ser problematizada. A rotulagem é um ato ideológico de demarcação de certos códigos em relação a certas identidades e interesses.

A fala do cabelereiro, certamente, assim como a dele e a de muitos outros migrantes deslocados é translíngua, prática de linguagem que é normal e comum, uma vez que as línguas se influenciam mutualmente e, com o passar do tempo, o falante vai internacionalizando novas formas de dizer, ou seja, vai compondo seu repertório linguístico e cultural por meio das práticas sociais diversas.

⁵⁶ O participante mostra o livro *A História do Brasil para quem tem pressa*, do historiador Marcos Costa.

O processo de aprender uma nova língua, na narrativa de Ricardo, perpassa a questão da memória, também, das origens de seus territórios, sobretudo os simbólicos, os ligados à identidade. Assim, há as vantagens de se aprender o português e o inglês, mas deve-se manter o espanhol, ou seja, lembrar-se, sempre, de onde veio e para onde foi/vai, deixando demarcado, por meio da língua, no caso, sua identidade nacional. Nesse contexto, falar línguas é por demais importante, nesse discurso, seja por motivos sociais, seja por motivos identitários. Portanto, as identidades forjadas desses deslocados são transterritorializadas, há uma relação forte do aqui-lá e do recordar-esquecer ao mesmo tempo em que se tenta “manter” aspectos relacionados à demarcação do espanhol venezuelano como traço territorial, físico e simbólico, de origem na ideia de língua como um direito. Essa questão complexa é reforçada na seguinte fala de Ricardo:

Ricardo: Eu acho que a identidade da gente tá lá. E também na língua. Eu lembro que Rafaela falava “vocês têm que falar português até na casa, é importante para que vocês peguem o português”. Minha esposa nesse momento não falava muito. E Rafaela falava “vocês têm que falar português até na casa, com Omar”, que falava mais que nós, até mais que Amenófis. “Fala com Omar para que fale português com vocês”. Mas aqui quando nós falamos, não, porque depois vai perder o espanhol. A gente fala espanhol aqui, lá fora a gente fala português quando vai pras lojas, isso aí. E até o inglês, eu já comecei a falar inglês com ele, com Omar, porque ele gosta muito do inglês, gosta muito do português. Você está estudando duas línguas, para que ele estude duas línguas na Venezuela, duas línguas estrangeiras, tinha que fazer a faculdade que eu fiz. Só adultos. *Están*, têm oportunidade agora que eu estou dando para eles, eu falo que: vocês têm que *valorar* muito isso aí.

Ricardo territorializa suas identidades na Venezuela pelo meio memorialístico, de modo que no trecho, muito provavelmente, aluda à identidade nacional e à linguística, de maneira que a língua também carrega aspectos identitários. No entanto, na mobilidade forçada essas identidades são desterritorializadas ao mesmo tempo em que se reterritorializam de modo transcultural, translinguístico e transterritorial, ainda que ele, por meio de suas construções epistêmicas, localize, situe essas identidades no “lá”. Ademais, não “perder” o espanhol, segundo ele, significa, também, não perder suas identidades nacionais, culturais e linguísticas; a casa acaba sendo o lugar onde essas

identidades são trabalhadas para que não se “percam”, é o território venezuelano, onde se fala espanhol e se tenta comer comida do país de origem, por exemplo. Por seu turno, Ana comenta também sobre o “não perder” costumes e, para tanto, ainda faz coisas que fazia em sua terra, e a língua tem papel relevante nisso:

Ana: [...] também quero manter meu cultu... meus costumes. Isso, eu quero manter vivo isso. Mais...as músicas que eu escutava lá.

Tiago: Você tentar manter isso aqui no Brasil?

Ana: Eu tento sim.

Tiago? O que você escuta, por exemplo?

Ana: Eu escuto sempre música de lá que eu gostava, não *tuda*. Não, na verdade tinha músicas da Venezuela que eu não gostava, mas tinha outras que eu cantava muito também. Então, eu tento sempre escutar esses tipos de coisas, é...

Tiago: Além da música, o que mais?

Ana: Tem gírias da, de lá da, de lá da Venezuela que eu tento também sempre. Tem frases que eu gosto também da Venezuela que eu tento sempre falar, é isso.

Tiago: Comida, coisas assim também?

Ana: Comidas, também, tento fazer algo igual.

No intento de conhecer um pouco as práticas comunicativas que os participantes empreendiam com os conterrâneos venezuelanos em Salvador, perguntei em que língua eles se comunicavam e se esse contato ajudava em algo no processo de mobilidade, e as respostas foram as seguintes, vejamos, primeiro, o que Ana diz:

Tiago: Mas, isso de alguma forma te aproxima um pouco mais, por exemplo, da sua nação ou você acha que é indiferente?

Ana: Eu acho que por causa del do idioma... ya eu já sinto que tô lá. Sim, porque eu conheci, eu lembro que conheci um venezuelano de lá mesmo do Puerto La Cruz onde eu morava e ele falava igual a todos meus amigos da escola, eu fiquei assim: “não posso acreditar, eu tô lá em Puerto La Cruz”. Então, eu amei falar com ele. Eu tava assim que eu queria, eu queria escutar tudo que ele iba falar, já sabia, mas eu gostei muito. Que eu sentia que eu tava lá. Muito massa, eu acho.

[...]

Tiago: E quando você está com seus amigos venezuelanos, vocês falam em que língua?

Ana: Espanhol (risos). Eu tenho um amigo lá no trabalho que ele é cubano. Então, sempre o chefe fala que nós temos que falar português no trabalho. Ainda assim é uma coisa de nós, por exemplo, eu falo assim: “tu tem que fazer isso, tem que fazer isso às vezes para não recibir algum comentário do chefe ou a chefe”. Quando eu falo isso, eu falo em espanhol, não falo em português. Então, sempre ele escuta quando tô falando ou se escrevo algo na planilha alguma coisa que eu escrevo em espanhol, ele não gosta.

Tiago: Por que ele não gosta?

Ana: Não sei, eu acho que são regras. Ele não vai entender, mas ele não gosta.

Tiago: Acaba dominando aí, né?

Ana: Sim, sim. Aí ele falou isso. Mas, depois quando ele vai embora, nós falamos em espanhol. Es que é difícil falar, sabe? Você acha que você é palhaço (risadas) pra mim sim, por que... não sei.

Tiago: Uma coisa é você falar português comigo que não tem... que falo português. Outra coisa é...

Ana: Você fala português, pra que eu vou falar espanhol, se eu sei que você fala português? Eu tenho que falar português. Mas, se eu sei que é uma pessoa que fala espanhol, às vezes tem... eu conheci um argentino que eu sabia que ele era argentino. Aí eu vou falar espanhol, mas ele falou em português. Aí eu falei: fala em espanhol, pode falar espanhol. Então eu falava em espanhol, ele falava em português. Então, eu falei que tudo bem, que ele tava no personagem e queria falar no Brasil, sou brasileiro. (risadas)

O contato com venezuelanos, para Ana, faz com que ela sinta que está em seu país de origem. A língua, o sotaque, as expressões faladas ajudam nesse processo. O amigo que encontrou da mesma sua cidade fez com ela sentisse esse sentimento territorial simbólico. Essa reflexão é importante porque, por meio dessas falas, sabemos que a língua, além de constituir nossas identidades, ajuda no processo de rememoração e

trânsito simbólico do aqui-lá do sujeito em deslocamento forçado. Ana ficou tão contente ao falar com o amigo de Puerto La Cruz que não importava a temática, o que ela queria era escutá-lo, o que a fez “viajar” sem sair do Brasil.

Quando pergunto em que língua Ana fala com seus conterrâneos, a resposta é categórica: espanhol. O não falar espanhol com um hispânico, para Ana, é estar performando algo/alguém que não se é, ela se sente, inclusive “palhaça”, ou seja, sente-se ridicularizada em situações como essa, como o fato que conta acerca do argentino. A língua, assim, não está afixada a um território, como já argumentado; porém, é inegável que uma vez construídas territorialidades desde um espaço em que se fala uma língua demarcada, a pessoa a carrega juntamente com todas as construções ideológicas, culturais, sociais e históricas que forjam o contexto em que a língua foi institucionalizada e, logo, a pessoa foi criada, desenvolveu-se enquanto sujeito, daí, assim, que Ana se sente uma personagem “fingindo” ao falar em português com o colega argentino, por exemplo, ou, ainda, consiga se “teletransportar” a Puerto La Cruz quando fala com alguém dessa cidade no território brasileiro.

Esse mesmo sentimento de pertencimento e deslocamento simbólico perpassa a fala de Hélio, vejamos a seguir:

Tiago: Você acha interessante essa relação, manter essa relação?

Hélio: Sí, es interesante porque primero se fala el mismo idioma y... Hay un... hay una manera de tener una relación sentimental del país, podemos conversar de mucha cosa, algunas experiencias, recordar, lembranças de..., entonces... es bien la relación.

[...]

Tiago:[...] quando você está com os amigos venezuelanos, vocês falam em que idioma?

Hélio: (Risos) Infelizmente, este, deberíamos... yo trato de falar “vamos a falar en portugués para que aprendamos más rápido”, pero, este... no, todos quieren hablar con fluidez y quedan, terminan falando español.

Tiago: Falar em espanhol com os amigos venezuelanos no Brasil para você é voltar, é recuperar alguma coisa do passado, da vida que você tinha na Venezuela?

Hélio: No, no es voltar ni nada, sino es como la comodidad para hablar más fácil. Así lo veo.

Assim como Ana, Hélio também fala em espanhol quando está com seus amigos conterrâneos. No entanto, em sua narrativa de deslocamento, nota-se uma contradição: em primeiro lugar, ele diz que falar na mesma língua com os venezuelanos possui um lado sentimental do país, de recordações; em segundo lugar, porém, um pouco mais adiante na narrativa, Hélio diz que falar em espanhol com os venezuelanos é uma questão de comodidade, de fluidez, provavelmente, nas práticas comunicativas, e isso não tem relação com “voltar ni nada” ao país. É muito complexo levantar hipóteses seguras acerca dessa divergência, o que podemos dizer, no entanto, é que Hélio, ao longo de sua narrativa, é bem objetivo, suas ideias tendem sempre à funcionalidade das coisas. O falar com seus conterrâneos pode ser um processo rememorativo interessante quando se põem em evidência “algunas experiencias, recordar, lembranças de...”, e isso independe do espanhol, a língua, nesse caso, possui papel funcional, e não necessariamente e substancialmente simbólico-rememorativo.

Para finalizar e ratificar a questão da relação língua, território e identidade, Ricardo, assim como Ana e Hélio, também possui a mesma prática comunicativa com os colegas venezuelanos no Brasil:

Tiago: Você até já comentou, mas quando você está em família ou com os amigos [venezuelanos], que língua vocês falam?

Ricardo: Aqui na casa falamos espanhol seeempre. Omar, às vezes, tem a iniciativa de falar inglês comigo. Eu gosto de *eso*, porque está começando a pegar o jeito. E minha esposa quando quer praticar o português, também, começa a falar em português.

Tiago: E quando estão os venezuelanos, exemplo, na igreja do CAB⁵⁷...?

Ricardo: Espanhol! Só se fala espanhol.

⁵⁷ A Igreja do CAB a que faço referência diz respeito à Paróquia Ascensão do Senhor, que fica localizado no CAB (Centro Administrativo da Bahia), na qual a Pastoral do Migrante, por meio do Centro Comunitário Monsenhor José Hamilton, desenvolve trabalho social com migrantes e refugiados que chegam a Salvador. Aos domingos, antes da pandemia de Coronavírus, havia uma feira em que os venezuelanos podiam vender, entre uma missa e outra, produtos que fabricavam, tais como: bolsas, adornos, comida, a fim de conseguir dinheiro para subsidiar sua vida social na cidade. Essa era uma das várias iniciativas da paróquia.

A complexa relação entre território, língua e identidade, em alguns aspectos, dá-se de maneira muito particular em alguns sujeitos e de modo menos heterogêneo com algumas outras pessoas, isto é, a experiência linguística, identitária, cultural que se tem na mobilidade forçada não pode ser generalizada de maneira categórica. Há tendências e práticas que são mais claras, porém há outras que não o são. A prática translíngua, no entanto, é realidade desse público, em virtude da questão comunicativa emergencial que se impõe a essas pessoas de maneira cruel. As características que constroem as práticas translíngues, no entanto, são individuais e diz respeito a cada vivência de modo particular, não somente apenas as do refúgio/mobilidade forçada, mas as anteriores, sejam em seus territórios de origem, sejam em outros pelos quais passaram ao longo da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática da migração, nos mais variados campos de estudo e pesquisa, tem sido abordada por meio de distintos pontos de vista, como o político, o social, o cultural, o linguístico etc. Nesta tese, porém, situada nos estudos da Linguística Aplicada, tive um olhar para as questões relativas à (pós)memória, ao (multi/trans)território/dade, identidade e linguagem, tendo como fonte geradora as narrativas de deslocamento.

O público escolhido para a investigação foi o da migração forçada no Eixo do Sul Global, tendo os venezuelanos que migraram em fluxo forçado para o Brasil, sendo recebidos no país, sobretudo na capital soteropolitana, cenário da maioria de suas experiências no Brasil, e que, aqui, receberam *status* migratório de residente, solicitante de refúgio ou refugiado. É importante ter essa questão em mente, pois os processos de identificação que se dão com esse público, em geral, na fronteira, influenciam as práticas identitárias dos sujeitos em mobilidade. Algo é ter o *status* jurídico de refugiado e, outra situação, a de ter o visto de residente. Para um caso ou para outro, os processos de ser, pertencer e (re)existir no território de chegada variam bastante, e tais procedimentos têm forte relação com o território e as (pós)memórias.

Os venezuelanos, nos últimos anos, segundo dados do relatório de *Tendências Globais* produzido pelo ACNUR, constituem a população latino-americana que mais migra no continente e o diferencial dessa diáspora é que, apesar de a cultura norteamericana exercer forte influência no país bolivariano e esse estar rodeado de países que têm o espanhol como principal língua de comunicação, muitos nacionais escolhem o Brasil para poderem ressignificar o seu passado de sofrimento e poder repensar e reorganizar a vida, a fim de que possam (re)começar e/ou dar vasão a seus sonhos pessoais, profissionais etc.

Enquanto sujeito também em mobilidade, cearense, morador da periferia de Fortaleza, estando na terra do dendê e do Açaí, Salvador, tive a oportunidade de trabalhar como professor de português para migrantes e refugiados de várias nacionalidades, inclusive os venezuelanos. É desse contexto que nasce o desejo por investigar nessa seara da migração, mas não apenas de um ponto de vista científico em que a humanidade e a compreensão da alteridade sejam alheias. Nesta tese, para além de estudo científico, há muito envolvimento social, o andar junto, a escuta atenta, o compartilhamento de ideias, dúvidas, crescimento; o pesquisador que deseja empreender pelos mares da migração

forçada não deve, a meu ver, ter os participantes apenas como meros sujeitos, mas como pessoas que constroem saberes, com suas construções e desconstruções em móvel, com seus territórios, desterritorializando-se e se reterritorializando ou, melhor, transterritorializando-se.

Considerando esse viés e a partir de tal contexto, este trabalho teve por objetivo geral compreender como as identidades de imigrantes venezuelanos em deslocamento forçado, no eixo do Sul Global, no contexto brasileiro, são re/construídas e transterritorializadas. Ademais, houve um especial foco na memória, no território e na linguagem, a fim de compreender, a partir dessas lentes, o processo de reconstrução de identidades desse público em particular.

Para tanto, foi feita uma revisão acerca de pontos teóricos cruciais para a compreensão das situações dadas na migração, cujas temáticas estavam ligadas à noção de memória. No caso particular desta tese, desenvolvi o que entendo por pós-memória, processo que ocorre em trechos das narrativas de deslocamento geradas; território e os entendimentos derivados, tais como territorialidade e territorialização, desterritorialidade, reterritorialidade, multiterritorialidade e transterritorialidade, dando especial atenção a esses dois últimos processos. Ademais, foram desenvolvidas e problematizadas ideias ligadas à linguagem na mobilidade, sobretudo quanto às práticas translíngues, fenômeno bastante comum nas práticas sociais dos migrantes. De modo geral, essas foram as lentes que nos fizeram enxergar os dados gerados e, desse modo, tratá-los, problematizá-los e analisá-los.

Conectar essas discussões foi importante para que se pudesse dar mais evidência ao que chamei de identidade transterritorializada, cuja ideia perpassa por compreender que características ligadas às identidades do migrante, sobretudo os em fluxo forçado, são uma estreita encruzilhada epistêmica, dentre outros aspectos já tratados, entre os territórios vividos, as (des/re/trans)territorialidades forjadas no aqui-lá, as memórias e as pós-memórias evidenciadas, bem como as práticas sociais de linguagem, em geral, translíngues, que se assomam nas relações sociais e fazem parte do dia a dia do sujeito migrante transnacional.

Para melhor ilustrar os resultados, em forma de síntese, a seguir, trago cada objetivo da tese e a discussão sobre os pontos, entrelaçando os achados e o que foi discutido ao logo da análise.

O primeiro de nossos objetivos foi “compreender qual o papel da memória para a reconstrução das identidades dos deslocados forçados venezuelanos no contexto brasileiro”. Nesse sentido, a memória é parte fundante de aspectos ligados à conexão do aqui-lá, pois dão vazão a que o migrante possa recordar os personagens importantes de sua história, os lugares pelos quais passou e os que constroem enquanto sujeito deslocado e, ainda, os acontecimentos relevantes em seu processo migratório. É ela que dá “corpo” ao cenário do passado, que possui direta relação com o presente dos sujeitos e, assim, com os desejos do futuro. Os venezuelanos, ao rememorem suas histórias, não os fatos em si, mas o que seu cognitivo ressignifica do que ocorreu, dão indícios de seus costumes, suas tradições, suas práticas sociais no país de origem, resignificadas, agora, refletidas a partir do território onde se vive, no caso de nossos participantes, a cidade de Salvador. Rememoram-se a família, instituição recorrente nos dados; os lugares de vivências boas e traumáticas, tais como a fronteira nacional Brasil-Venezuela; e, ainda, acontecimentos diversos ligados à infância, à adolescência e à própria travessia, seja no contexto de fronteira territorial migratória, no caso de Hélio e Ricardo, seja no de experiências “entre” países origem-destino, como ocorreu com Ana, que passou pelo Chile antes de chegar de voo comum ao Brasil.

Além disso, são empreendidas o que chamei de pós-memórias. É no devir e com o rememorar que os participantes ressignificam o passado a partir das vivências no país de origem e destino, tecem críticas sobre o presente, seja das condições de vida atual no território de destino, seja no território de origem, e, por fim, projeta ideias para seu futuro, que pode ser continuar no país de destino ou outro e, ainda, empreender uma migração de retorno, o que não é o caso de nenhum dos venezuelanos participantes desta investigação. A pós-memória é chave nesse processo de reconstrução identitária porque o migrante transnacional, por si, faz essas conexões passado-presente-futuro, mas já a partir de suas vivências e construções afetivas no território de destino, depois de vivência sociais, culturais, políticas, econômicas e linguísticas na última mobilidade transnacional forçada, mas também é construída por todas as outras mobilidades (forçadas ou não) vivenciadas pelos sujeitos.

O segundo objetivo da pesquisa foi o seguinte: “analisar como as memórias são ressignificadas pelos sujeitos no deslocamento e quais as implicações para a re/construção e transterritorialidade de suas identidades”. Muito ligado ao objetivo anterior, é por meio das memórias e pós-memórias que temos acesso aos territórios e territorialidades nos

quais as identidades dos sujeitos foram construídas e reconstruídas. É a memória, como disse, que dá “corpo” e acesso a esses conhecimentos. Vimos que alguns territórios, desde os mais físicos aos mais simbólicos, são evocados e construídos discursivamente nas narrativas, a exemplo dos territórios familiar, do medo e o funcional, todos oriundos da relação *in between*, nos termos de Home Bhabha, ou seja, são refletidas no e por meio do fluxo.

Por sua parte, os territórios de existência e resistência, acessados por meio das narrativas, são os que mais possuem relação com as transterritorialidade, porque forçam uma reflexão mais apurada dos acontecimentos, lugares e personagens do lugar de destino, Salvador. Aqui, por meio das narrativas, as identidades mais que se desterritorializam e se reterritorializam, elas se transterritorializam, pois os sujeitos se veem enredados nas práticas sociais culturais de Salvador e, por meio de suas vivências e construções anteriores, tentam “manter-se” mais distante culturalmente ou deixam-se enredar mais, ou menos, pelas práticas sociais locais. As resistências, aqui, estão diretamente cruzadas com as existências, um fio bastante tênue entre o ser em si e os desejos do ser, do pertencer e do resistir e existir. Nesse contexto, querendo, ou não, nota-se que, discursivamente, as identidades dos sujeitos se transterritorializam, na medida em que certos territórios são amalgamados às suas vivências, isto é, o viver híbrido, entre o lá e o cá, as vivências de lá e de cá, os costumes de aqui e de lá, mas que não se confundem com uma integração *melting pot*, digamos, e sim com o fato de, comumente, o sujeito deslocado transnacional estar ligado a multiterritórios que se fluem, tornando-se transterritórios, e isso é estabelecido pelas práticas sociais empreendidas.

O terceiro objetivo versou sobre: “investigar como as línguas, no deslocamento forçado, desde o ponto de vista do migrante em fluxo forçado, são subsídios ou obstáculos nas relações transculturais no contexto do refúgio”. De acordo com os dados, as línguas, sobretudo a portuguesa e a espanhola, não eram tidas como obstáculos para o favorecimento de práticas sociais, transculturais e linguísticas; ademais, os participantes apontaram questões ligadas à formalidade, à estrutura da língua como pontos que lhes eram difíceis.

Do ponto de vista das práticas transterritoriais, todos os participantes, na entrevista, utilizaram práticas translíngues, ou seja, utilizaram-se todos os conhecimentos de seu repertório linguístico-cultural para empreender nas narrativas de deslocamento. A partir disso, foi notado que o paradigma monolíngue ainda é bastante presente no discurso

desses deslocados, apontando, por vezes, para visões monoculturais, purismo linguístico, compreensão da língua como código rígido etc. É importante ressaltar, aqui, que essas questões não são categóricas nas narrativas. Em muitos pontos observa-se, sim, uma visão mais transcultural de algumas práticas sociais, assim como a linguística também, porém discursivamente, ainda são retratadas visões reducionistas em outros pontos.

O quarto e último objetivo estava dedicado a sobre: “discutir a relação do contexto de refugiado, da memória e das narrativas de deslocamento para a (re)construção identitária desses sujeitos”. A memória tem papel fundamental no processo de construção das narrativas de deslocamento. Observa-se que não é qualquer tipo de narrativa, mas aquelas em que há um processo de mobilidade, no caso, transnacional, de sorte que o sujeito rememora, reflete e projeta objetivos de vida. É nesse processo de devir, de la-cá, de lembrar-esquecer que o migrante se vê conversando sobre suas práticas sociais empreendidas no país de origem e no país de destino, de maneira que o deslocado se põe a refletir sobre seus dramas e desejos de ser, de pertencer e de (re)existir no local onde é recebido, o que, nesta tese, foi a cidade de Salvador.

O fluxo transacional forçado, como vimos, faz com que relações transterritoriais, transculturais e translíngues estejam no eixo de movimentação das práticas sociais nas quais esses sujeitos se enveredam. Para além disso, é importante respeitar as identidades que se reconfiguram nesse e por meio desse processo. Assim, os achados desta pesquisa podem subsidiar o trabalho dos órgãos públicos quanto à compreensão das realidades territoriais, culturais e linguísticas que o migrante deslocado forçado passa, fazendo com que possam repensar políticas públicas nas variadas esferas governamentais, bem como políticas linguísticas voltadas para esse público, que necessitam, por vezes, a depender das línguas e linguagens já de seus repertórios linguísticos, de adicionar conhecimentos de língua portuguesa, no nosso caso, a fim de que possam participar da sociedade ativamente, mas esse ponto, em momento algum, pode tolher as identidades sociais e linguísticas desses cidadãos.

Por motivos de tempo, esta tese fez o recorte transterritorial, transcultural e translíngue para analisar o processo de mobilidade forçada de venezuelanos para o Brasil, em Salvador em particular. De modo algum, as problemáticas envolvendo esses sujeitos se esgota aqui, tampouco foi nosso objetivo. Outras pesquisas podem focar o processo de aculturação, *melting pot* que os migrantes em fluxo forçado passam nas aulas de língua, em nome de uma pretensa “integração”; pode-se investigar de que modo os territórios

físicos e simbólico-afetivos (des)constroem fronteiras linguístico-culturais nas práticas sociais, sobretudo as de linguagem, no país de destino migratório; outro ponto que se pode pesquisar é acerca do processo educativo de crianças, jovens e adultos refugiados e/ou deslocados forçadamente, focando pontos como: a educação linguística, apoios institucionais de acesso e permanência nas escolas, faculdades etc. O caminho ainda é longo e a travessia é complexa nessa temática.

O processo de pesquisa com o público refugiado e deslocado forçadamente não é um caminho simples. Não são sujeitos apenas que respondem a perguntas, mas pessoas que falam de si, de suas histórias, angústias, alegrias, felicidades, tristezas, desejos. O recordar é reviver situações, que podem ser positivas ou traumáticas. É importante evidenciar, assim, que a memória é parte importante para lutas internas e externas. Acordar e decidir mudar, para os refugiados e deslocados forçados, não é uma escolha de vivência, e sim de sobrevivência. *De um dia para o outro*, a alternativa única é migrar, é fomentar em terras alheias uma outra vida, por meio dos desejos do ser, do pertencer e do existir e resistir. Encerro este texto, deixando aos(às) leitores(as), o poema “7”, de *Catorce formas de melancolía*, de Eduardo Chirinos para reflexão:

*Llegar a alguna parte no significa
abandonar otra parte.*

Arraigar

*en un país no cura las heridas
del país que abandonamos.*

*Balbupear otras lenguas no
nos impide balbupear la nuestra.*

*La palabra que elegimos
no borra la palabra que ocultamos.*

REFERÊNCIAS

- ACNUR. **Protegendo refugiados no Brasil e no mundo**. Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. ONU. 2018.
- ACNUR. **Tendências Globais: Desplazamiento forzado en 2013**. La agencia de la ONU para los Refugiados, 2014.
- ACNUR. **Tendências Globais: Desplazamiento forzado en 2014**. La agencia de la ONU para los Refugiados, 2015.
- ACNUR. **Tendências Globais: Desplazamiento forzado en 2015**. La agencia de la ONU para los Refugiados, 2016.
- ACNUR. **Tendências Globais: Desplazamiento forzado en 2016**. La agencia de la ONU para los Refugiados, 2017.
- ACNUR. **Tendências Globais: Desplazamiento forzado en 2017**. La agencia de la ONU para los Refugiados, 2018.
- ACNUR. **Tendências Globais: Desplazamiento forzado en 2018**. La agencia de la ONU para los Refugiados, 2019.
- ACNUR. **Tendências Globais: Desplazamiento forzado en 2019**. La agencia de la ONU para los Refugiados, 2020.
- ACNUR. **Tendências Globais: Desplazamiento forzado en 2020**. La agencia de la ONU para los Refugiados, 2021.
- ACNUR. **Tendências Globais: Desplazamiento forzado en 2021**. La agencia de la ONU para los Refugiados, 2022.
- ALISSON, Elton. Cresce número de cidades que recebem imigrantes, diz “atlas da imigração”. **Exame**. Online. 12 abr. 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/ciencia/cresce-numero-de-cidades-que-recebem-imigrantes-diz-atlas-da-imigracao/> Acesso em: 29 set. 2018.
- ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em Educação? **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.
- AUGÉ, Marc. L’ethnologie et le fait religieux. In: SCHEPS, Ruth. **La Science sauvage: des savoirs populaires aux ethnosciences**. Paris: Le Seuil, 1993. p.136-148.
- AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL/UNESP, 2010.
- BAPTISTA, Lívia Márcia Tiba Rádis. Lócus de enunciação e coletivo mexicano Batallones Femeninos: cartografando uma pedagogia decolonial no Sul Global, **Gragoatá**, Niterói, v.26, n.56, p. 1115-1147, 2021a.
- BAPTISTA, Lívia Márcia Tiba Rádis. Lócus de enunciação, decolonialidades e produção de saberes: algumas inflexões a partir do Sul Global, **abehache**, n. 20, 2021b.
- BAPTISTA, Lívia Márcia Tiba Rádis. Minha pátria é minha língua: algumas questões sobre a (de) colonização das línguas e dos sujeitos no ensino de espanhol. **Abehache**. v.1, n. 2, 2017.

- BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis. Paradigma indiciário: contribuições para a investigação da construção das identidades de futuros professores de línguas. **Signótica**, Goiânia, v. 27, n. 2, 2015.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BAYNHAM, Mike; DE FINA, Anna. **Dislocations/relocations: Narratives of Displacement**. Abingdon: Routledge, 2005.
- BECKER, Howard. A escola de Chicago. **Mana** [online], v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.
- BEHAR RIVERO, Daniel Salomán. **Metodología de la investigación**. Buenos Aires: Editorial Shalom, 2008.
- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BIONDI, Luigi. Imigração. In: ABREU, Alzira Alves. **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)**. São Paulo: Editora FGV, 2015.
- BLOMMAERT, Jan; RAMPTON, Ben. Language and Superdiversity. **Diversities**. v. 13, n. 2, p.1-21, 2011.
- BÓGUS, Lucia Maria M.; FABIANO, Maria Lucia Alves. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. **Ponto-e-Vírgula**. n. 18, 2015, p.126-145.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.M.; AMADO, J. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BRASIL. Decreto nº 6.975, de 7 de outubro de 2009. **Acordo sobre Residência para Nacionais dos Estados Partes do Mercado Comum do Sul – Mercosul, Bolívia e Chile**. Brasília, DF, out 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6975.htm. Acesso em: 29 set. 2018.
- BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. **Lei de Migração**. Brasília, DF, mai 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm Acesso em: 29 set. 2018.
- BRASIL. Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997. **Estatuto do Refugiado**. Brasília, DF, Jul 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9474.htm Acesso em: 29 set. 2018.
- BRASIL. Senado Federal. **Lei 13.445**, de 24 de maio de 2017. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13445-24-maio-2017-784925-publicacaooriginal-152812-pl.html>>. Acesso em: 18 jun. 2017.
- CANAGARAJAH, Suresh. **Translingual practice**. New York: Routledge, 2013.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. v.2. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.
- COSTA, Debora Cristina. **Constituição identitária no espaço entre-línguas: marcas**

discursivas em narrativas de imigrantes haitianos. 2016. 106f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira do Sul, Chapecó-SC, 2016.

COSTA, Emily. Defensoria alerta polícias para risco de confronto entre brasileiros e venezuelanos durante protesto em Boa Vista. **Portal G1 RR**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/defensoria-alerta-policias-para-risco-de-confronto-entre-brasileiros-e-venezuelanos-durante-protesto-em-boa-vista.ghtml> Acesso em: 24 jul. 2021.

DE CERTEAU, Michel. **The Practice of Everyday Life**. Berkely/Los Angeles/London: University of California Press, 1988.

DE FINA, Anna. **Identity in narrative: A study of immigrant discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2003.

DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Analysing narratives as practices. **Qualitative research**, v. 8, n. 3, p. 379-387, 2008.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DONCEL, Luis; OTERO, Lara. Alemanha e Suécia aceleram a expulsão de imigrantes. **Jornal El País**. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/28/internacional/1453969259_416765.html Acesso em: 21 jul. 2021.

FERNANDES, D. MILESI, R. FARIAS, A. Do Haiti para o Brasil: o novo fluxo migratório. **Caderno de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania**, v.6, 2012. p. 73-97.

FRANKLIN, Cléber Batalha. A crise na Venezuela e os desdobramentos para o Brasil. **Anais do XVI Congresso Internacional da FoMerco**. Salvador, setembro de 2017.

FUSARO, Diego. **Immigrazione, cioè deportazione di massa per sostituire il popolo europeo**. Youtube, 10 mar. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=q_rBoJ2fUDM&t=72s Acesso em: 10 mar. 2022.

GARCÍA, Ofelia. El papel del translenguar en la enseñanza del español en los Estados Unidos. In DUMITRESCU, D; PIÑA-ROSALES, G (Org.) **El español en los Estados Unidos: e pluribus unum? enfoque multidisciplinar**. New York: Academia Norteamericana de la Lengua Español. p. 353-374. 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Método e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

GINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia. das Letras 1989.

GOMARASCA, Paolo. Multiculturalismo e convivência: uma introdução. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 20, p. 11-26, 2012.

GOMES, Ângela de Castro. Imigrantes italianos? entre a italianità e a brasilidade. In: IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2007.

GREGORY, Valdir. Imigração alemã: formação de uma comunidade teuto-brasileira. In: IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2007.

GRINBERG, Keila. Nova língua interior: os judeus no Brasil. In: IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2007.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal; VAINFAS, Ronaldo. Sonhos galegos: os espanhóis no Brasil. In: IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2007.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: Encontro dos Geógrafos da América Latina. **Anais do X Encontro dos Geógrafos da América Latina**. São Paulo: USP, 2005. p. 6774 – 6792.

HAESBAERT, Rogério. Hibridismo cultural, “antropofagia” identitária e transterritorialidade. In: BARTHE-DELOIZY, Francine; SERPA, Ângelo. (Org.). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 27-46.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.

HAESBAERT, Rogério; MONDARDO, Marcos. Transterritorialidade e antropofagia: territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileiro-latino-americana. **GEOgraphia**, v. 12, n. 24, p. 19-50, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006 [1968].

HIRSCH, Marianne. **Family frames: photography, narrative, and postmemory**. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

HIRSCH, Marianne. The generation of postmemory. **Poetics today**, v. 29, n. 1, 2008. p. 103-128.

HIRSCH, Marianne. **The generation of postmemory: writing and visual culture after the Holocaust**. New York: Columbia University Press, 2012.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Razões da emigração italiana**. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos/razoes-da-emigracao-italiana.html> Acesso em: 23 set. 2018.

IRALA, Valesca Brasil. **Redesenhando identidades: coletânea de ensaios**. Porto Alegre: Simplíssimos livros, 2011.

ISTOÉ, Revista. Brasil busca combater xenofobia contra imigrantes venezuelanos. **Revista IstoÉ**. 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/brasil-busca-combater-xenofobia-contra-imigrantes-venezuelanos/> Acesso em: 21 jul. 2021.

JAROCHINSKI-SILVA, João Carlos; BAENINGER, Rosana. O êxodo venezuelano como fenômeno da migração Sul-Sul. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 29, n. 63, dez. 2021, p. 123-139.

KRUG, Marcelo Jacó. **Identidade e comportamento lingüístico na percepção da comunidade plurilíngüe alemão-italiano-português de imigrante-RS**. 2004. 131f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2004.

LAMSAL, Tika R. **Globalizing literacies and identities: translingual and transcultural**

literacy practices of Bhutanese refugees in the US. 2014. 311f. Tese (Doutorado em *Philosophy*). Departamento de Inglês da Faculty of the College of Arts and Sciences da Universidade de Louisville- Kentucky, EUA, 2014.

LEANDRO, Everaldo Gomes; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglioni. O paradigma indiciário para análise de narrativas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, 2021.

LECHNER, Elsa. Introdução: o olhar biográfico. In: LECHNER, Elsa (Org.). **Histórias de vida: Olhares interdisciplinares**. Porto: Edições Afrontamento, 2009.

MARCHAO, Talita. Transporte caro ou dias a pé: como é a travessia dos venezuelanos para viver no Brasil. **UOL Notícias**. 26. Fev. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/02/26/fronteira-venezuela-pacaraima.htm> Acesso em: 02 out. 2018.

MARCONDES, Dal. Refugiados: Entre a xenofobia e as oportunidades. **Agência Envolverde Jornalismo**. 2017. Disponível em: <https://envolverde.com.br/refugiados-entre-xenofobia-e-as-oportunidades/> Acesso em: 21 jul. 2021.

MASSEY, Douglas. The social organization of migration. In: MASSEY, Douglas *et al.* **Return to Aztlan: The social process of international migration from Western Mexico**. Univ of California Press, 1990.

MEJÍA, Rafael Ignacio Estrada. **Desterritorialização e resistências: viajantes forçados colombianos em São Paulo e Barcelona**. 354f. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciência Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2010.

MENDONÇA, Ana Maria Santos de; OLIVEIRA, Alan Jardel de. Nasalização fonética no português brasileiro: uma revisão sistemática de literatura. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 43–58, 2019.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, 2017.

MOREIRA, António. **O método abduutivo ou a lei da liberdade**, 2015. Disponível em: <https://pontotga.wordpress.com/2015/11/25/o-metodo-abduutivo-ou-a-lei-da-liberdade/> Acesso em: 07 abr. 2022.

MOREIRA, Julia Bertino. Pesquisando migrantes forçados e refugiados: reflexões sobre desafios metodológicos no campo de estudos. **Sociedade e Cultura**, v. 20, n. 2, p. 154-172, 2017.

MORIN, Edgar. Para um pensamento do Sul. In: MORIN, Edgar. **Para um pensamento do sul: diálogos com Edgar Morin**. Rio de Janeiro: SESC/ Departamento Nacional, 2011.

MOTT, Maria Lúcia. Imigração árabe: um certo oriente no Brasil. In: IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2007.

MUXEL, Anne. **Individu et mémoire familiale**. Paris: Nathan, 1996.

O GLOBO. Alemanha endurece política de asilo a refugiados. **Jornal O Globo**. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/alemanha-endurece-politica-de-asilo-refugiados-18567072> Acesso em: 21 jul. 2021.

OIM. **Tendencias migratorias en las Américas: República Bolivariana de Venezuela –**

Septiembre de 2018. Organização Internacional para as Migrações. 2018.

OLIVEIRA, T; CAVALCANTI, L; MACEDO, M. **Dados Consolidados da Imigração no Brasil 2020**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento de Migrações, DF: OBMigra, 2021.

OLIVEIRA, Wagner. **Haitianos no Brasil: Hipóteses sobre a distribuição espacial dos imigrantes pelo território brasileiro - Análise das implicações para o mercado de trabalho e para a gestão estratégica no Brasil do maior fenômeno migratório da década no país**. 2017. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/haitianos-no-brasil-hipoteses-sobre-distribuicao-espacial-dos-imigrantes-pelo-territorio-brasileiro/> Acesso em: 25 ago. 2018.

PARK, Robert; BURGESS, Ernest. Competição, conflito, acomodação e assimilação. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 13, n. 38, p. 129, 2014.

PEIXOTO, Mariana Rafaela Batista Silva. **Identidades em trânsito: ser-estar entre línguas-culturas e pobreza**. 2013. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2013.

PEREIRA, Giselda Fernanda. **Práticas para o ensino de português como língua de acolhimento em contexto escolar não formal: uma pedagogia intercultural**. 2016. 245f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo-SP, 2016.

PEREIRA, Maria das Graças; DIAS, Fernanda Henrique. Narrativas de deslocamento de jovens em intercâmbio internacional: construções de identidades nas "fronteiras" em cidades do interior de Minas Gerais. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 92–115, 2015.

PERES, Gabriela Pereira. **Situação linguística de refugiados sírios no Brasil: o ensino de português como língua de acolhimento**. 2015. 52f. Monografia (Graduação em Letras - Português). Curso de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, 2015.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales - Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

REIS, Cacilda Estevão dos; ANDRADE, Solange Ramos de. **A imigração europeia nos discursos da elite política brasileira**, 2008. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_cacilda_estevao_reis.pdf Acesso em: 04 abr. 2022.

RICHMOND, Anthony. **Immigration and ethnic conflict**. London: MacMillan Press, 1988.

RODRIGUES-ALVES, Maria Silvia Pereira. **A nasalidade vocálica em português e em espanhol**. 2014. 157 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/123254>. Acesso em 09 out. 2022.

ROJAS-FERNANDEZ, Vanessa Paola. **Dilemas da construção de identidade imigrante: história oral de vida de chilenos em Campinas**. 2011. 222f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade

de São Paulo, São Paulo-SP, 2011.

ROSENTHAL, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada: a interrelação entre experiência, recordar e narrar. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 14, p. 227-249, 2014.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio: e outros ensaios**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adelia; SILVEIRA, Maria Lauda (Org.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SÃO BERNARDO, Mirelle Amaral de. **Português como língua de acolhimento: um estudo com imigrantes e pessoas em situação de refúgio no Brasil**. 2016. 206f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos-SP, 2016.

SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teorias das migrações internacionais. **Anais do XII Encontro Nacional da ABEP**, 2000, p. 1-19.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar. 2011, p. 225-242.

SCORCE, Carol. Ao culpar venezuelanos, autoridades estimulam xenofobia, diz pesquisador. **Carta Capital**. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ao-culpar-venezuelanos-autoridades-estimulam-xenofobia-diz-pesquisador/> Acesso em: 24 jul. 2021.

SCORCE, Carol. Brasil abandona Pacto Internacional de Migrações na ONU. **Carta Capital**. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/brasil-abandona-pacto-internacional-de-migracao-na-onu/> Acesso em: 01 abr. 2020.

SENE, Lúgia Soares. **Objetivos e materialidades do ensino de português como língua de acolhimento: um estudo de caso**. 2017. 207f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília. Brasília-DF. 2017.

SEYFERTH, Giralda. As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 143-176, nov. 2000.

SILVA, Daniela Florêncio da. O fenômeno dos refugiados no mundo e o atual cenário complexo das migrações forçadas. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 34, n. 1, p. 163-170, 2017.

SILVA, G. J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; COSTA, L. F. L; MACEDO, M. **Refúgio em Números**, 6ª Edição. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

SILVA, Renata Orcioli da. **A língua portuguesa no processo de construção da identidade do professor imigrante de língua estrangeira**. 2014. 94f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima, Boa vista-RR, 2014.

- SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENEZES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Toward a New Common Sense: Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition**. New York: Routledge, 1995.
- TILLY, Charles. Transplanted Networks. In: YANS-Mc LAUGHLIN, Virginia. **Immigration reconsidered**. Oxford: Oxford University Press, 1990, p.79-95.
- VAZ, Alcides Costa. A crise venezuelana como fator de instabilidade regional. **Centro de Estudos Estratégicos do Exército: Análise Estratégica**, v. 3, n. 3, p. 1-7, 2017.
- VELASCO, Clara; MANTOVANI, Flávia. Em 10 anos, número de imigrantes aumenta 160% no Brasil, diz PF. **G1 notícias**. 25. Jun. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html> Acesso em: 29 set. 2018.
- VENÂNCIO, Renato Pinto. Presença portuguesa: de colonizadores a imigrantes. In: IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2007.
- VERTOVEC, Steven. Super-diversity and its implications. **Ethnic and racial studies**, v. 30, n. 6, p. 1024-1054, 2007.
- WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi. As políticas migratórias brasileiras do século XIX ao século XXI: uma leitura biopolítica do movimento pendular entre democracia e autoritarismo. **Revista Direito e Práxis** [online]. v. 11, n. 04, p. 2330-2358, 2020.
- ZANFORLIN, Sofia Cavalcanti. Migração e Escola de Chicago: caminhos para uma comunicação intercultural. **Esferas**, v. 1, n. 3, 2013.

APÊNDICES

Transcrição 01 – Entrevista Ana

Tiago: Só para escutar melhor.

Ana: Tá.

Tiago: E aqui o meu só para... Cadê, meu Deus, aqui do meu...gravador de voz... gravador de voz... achei. Tá aqui, tá aqui... Bom, Ana, então, você prefere falar português ou espanhol? No que você se expressar melhor, tá bom? Eu prefiro. Porque aí você vai conseguir... ou então você pode até misturar também, não tem problema nenhum.

Ana: tá, tá bem, vou tentar falar em português

Tiago: Tá! Pode ser que se cê diga "ah, eu não vou conseguir falar isso aqui bem", pode pular pro espanhol que não tem problema nenhum. Eu quero que você se expresse o melhor possível.

Ana: Tá.

Tiago: Tá bom? Então a gente vai fazer um jogo, por exemplo, de...do que era, do que tá sendo, de como é que era antes, assim, sua vida e tudo mais, tá bom?

Ana: Tá

Tiago: E depois eu vou mostrar para você, no meio do caminho, uma imagem, aí você vai me dizer o que você sente com isso, mas vai tudo dentro de um contexto já.

Ana: Tá

Tiago: Tudo bem? Então, quando e onde você nasceu?

Ana: Quando e onde... Eu nasci no dia 16 de dezembro de 2000, é... Nasci em Puerto La Cruz, Anzoátegui, perto da costa de Venezuela.

Tiago: Legal! E você poderia fazer alguma descrição de como era seu bairro, a sua cidade assim?

Ana: É...

Tiago: Como é que era assim?

Ana: Era assim tipo uma cidade, mas ficava perto da praia, era muito legal. Eu morava com meus avós. É... mas, era assim tipo uma cidade, não era um povo.

Tiago: Tudo bem construído.

Ana: Sim, tudo bem construído. Eu morava num prédio muito bom também, muito legal.

Tiago: Ah!

Ana: Sim, sabe não era muito caro assim, mas...

Tiago: Vida boa!

Ana: Sim, mas eu gostava muito sim.

Tiago: Quais e como eram, por exemplo, as festas mais importantes nessa cidade assim?

Ana: As festas? Normalmente, o carnaval era muito legal sim. Também a sem**Ana** santa. Não sei se vocês têm aqui também.

Tiago: Sim.

Ana: É... A gente ia pra praia, fazia dias muito legal também.

Tiago: No carnaval?

Ana: Sim, pra as ilhas. É... também a *navidad*, como é que no...?

Tiago: Natal.

Ana: Sim, aqui é natal... também, é...

Tiago: Festas cristãs assim, né? É...

Ana: Sim, tem bastante sim. É isso, eu acho. Não tenho muita coisa, só o normal só.

Tiago: E, assim, as condições: quais eram as condições de vida, a sua vida lá?

Ana: É... tá! Eu morava como meus avós como eu falei. É... era muito tranquilo, eu sempre recebia ajuda do meu tio que ele morava no Chile, então eu sempre recebia sua ajuda. É... também, eu recebia um *dinero* por parte da minha mãe que ela morreu, então eu recebi *dinero* por partes dos direitos e tal, eu fiquei com a parte do *dinero*, que também meus avós que tavam ali e eles me ajudavam também. Então, eu só com meu irmão. Eu estudava na escola e meu irmão estudava faculdade. Então, eu morava lá, muito tranquilo, eu fiquei vários anos com eles, uns quatro anos com meus avós morando.

Tiago: Então, era você e seus avós?

Ana: Sim... Não. Você... Eu, meus avós e meu irmão.

Tiago: Ah, tá. Então, era vocês quatro.

Ana: Sim. Éramos, éramos uma família estranha, porque não eram meus pais, eram meus avós, mas eu gostava muito e me ensinaram muita coisa.

Tiago: É família.

Ana: Sim...É família. Então aí eu morava com eles e isso bem tranquilo tudo a escola, às vezes eu ia pra o curso de inglês também. Eu gostava muito do curso de inglês, porque era uma forma de eu sair, porque de outra forma era muito difícil, sabe? Não era tão fácil assim. Sei que hoje eu *vou a comer* com minhas amigas e tal, não é normal lá.

Tiago: Não era normal.

Ana: Não, porque, por causa da parte econômica, sabe? Eu não tinha muito, só pra a comida, coisa básica. Então, se você queria ir pra o shopping, *ir a comer* alguma coisa, não era... eu e minhas amigas era, tinha a mesma *cantidad* de *dinero* que não era que elas tinha mais *dinero* e que elas podiam não... era o mesmo nível social, econômico, tudo então.

Tiago: Mas, mesmo assim era difícil?

Ana: Sim, por exemplo, quando eu brincava às vezes com elas, às vezes como “eu gostaria de ir pra o shopping, sabe, fazer isso e isso e isso”, mas, elas falaram: “com que dinheiro você vai pra lá assim?”

Tiago: Não é fácil, né?

Ana: Não é fácil. Isso era como uma situação muito especial, assim, que um aniversário, uma coisa assim que...

Tiago: Uma ocasião assim específica.

Ana: Sim. Mas então, eu estudava na escola, eu curso o inglês, às vezes eu ia correr ali na praia, normal, tudo tranquilo graças a Deus.

Tiago: Ótimo. Então, assim... E assim, bora voltar na memória, e o que é que você lembra da sua infância? Dos jogos, das brincadeiras, da convivência?

Ana: Aí, eu morava.... a princípio quando eu era mais pequena assim, uns 4 anos, 5 anos *mas* ou menos, eu morava com meu pai e minha mãe. mas, eu sempre morei com meus avós. Mas aí, aí tudo era melhor na verdade.

Tiago: Você morava... Hum... tranquilo, tranquilo.

Ana: Sim.

Tiago: A vida era bem melhor. Isso há quanto tempo mais ou menos?

Ana: Dez anos...⁵⁸

Tiago: E o seu pai se mudou?

Ana: Sim, ele agora mora com sua outra família depois é que minha mãe ela *murrío* e tal, então ele começou a sair com uma mulher, eu não gostei muito dela, mas nem meu irmão nem eu gostamos dela.

58 Nesse momento, ao responder “dez anos” a participante chora.

Tiago: você foi a morar com ela...

Ana: Não é como que eu *odio* ela, é normal, sabe... Só não gosto dela. Então, aí eu só decidi não ficar com ele, porque ele se queria ficar com ela, eu não queria então, ele falou tá bom.

Tiago: Respeitou, né?

Ana: Tu pode...Teus avós querem ficar contigo, vai ficar com eles e tudo bem.

Tiago: Esses seus avós são os pais da sua mãe?

Ana: Sim. E, então eu fiquei: tá bom! Aí, mas, quando minha mãe ela tava viva tudo ficava melhor, porque a situação econômica era melhor; a situação social também, mas... é... depois tudo foi mudando, não quando ela *murrió*, antes sim, mas na parte econômica seguiu, foi depois que ela *murrió* também. Então... aí, isso. Depois foi mudando tudo a pouco.

Tiago: Pouco a pouco você foi crescendo, a vida também foi mudando...

Ana: Sim, sim. Mas agora eu fico tranquila. Só quando eu me lembro desse tipo de coisa que acontece.

Tiago: claro, claro.

Ana: Mas agora, depois eu fiquei mais tranquila com meus avós. E assim...

Tiago: E, quando você se mudou assim para seus avós, você tinha dez anos, era novinha ainda? Era jovem?

Ana: Sim. Tínhamos dez anos, exatamente, mais ou menos sim. Porque eu lembro que eu comecei, quando eu comecei tinha 11 anos *o* escola... não sei como é a diferença aqui.

Tiago: Fundamental e médio.

Ana: Sim, quando era... eu comecei... dez anos é ensino fundamental, dez anos. Sim. Então, eu comecei com meus avós e eles me ensinaram muitas coisas. Eles já foram meus pais *casi* assim, eu acho...

Tiago: ... uma segunda etapa assim.

Ana: Sim, sim.

Tiago: Então, você já tinha dez anos e foi ficando mais adolescente, né?

Ana: hum, hum

Tiago: E, na adolescência como é que era assim? Seus avós eram diferentes, né?

Ana: Ah, claro.

Tiago: Um pouco mais velhos...

Ana: Sim, aí eu lembro que eu comecei a usar as redes sociais, eu amava, é...eu aprendi muito do meu irmão também.

Tiago: Seu irmão era mais jovem ou mais velho?

Ana: Mais velho. Ele, a personalidade dele é muito engraçada. Então, eu ficava muito assim como era um amigo, assim, até agora, só que ele tá lá na Venezuela então... aí nós sempre *ficimos* uma relação muito boa, mas...é... como é isso, é isso.

Tiago: Sim, mas era tranquilo, a adolescência e tudo...

Ana: Sim... eu acho que eu ia falar sobre a minha relação com os amigos da escola, mas acho que isso é normal também.

Tiago: É tranquilo pra mim. Ainda que você fosse criada com os avós, porque aqui no Brasil, por exemplo, a gente, assim, os filhos que eram criados com os avós... são cheios de quererem, faz o que quer...era mais ou menos isso? Não.

Ana: Não, comigo não era assim não.

Tiago: eles eram mais...

Ana: Sim, eles *son* mais, até mais que meu pai

Tiago: Pegavam no pé.

Ana: Eu acho que é diferente. Depende da família, mas...

Tiago: Que dizem que aqui o avô estraga o neto, ou seja, come o que quer, faz o que quer... não era assim.

Ana: Sim. tem, tem. Sim, sim. *Nosotros* avós por parte da mãe... é porque eu morava quando eu mudei a situação de vida, eu comecei a morar com meus avós de por parte de minha mãe, depois de um ano, dois anos, meu pai queria que fosse morar com eles, queria morar no outro estado com meus outros avós por parte de meu pai.

Tiago: Os pais dele.

Ana: Aí que eu comecei a morar com meus avós por parte de meu pai. Então, ao final, eu fiquei foi com os pais do meu pai.

Tiago: Os avós paternos.

Ana: Sim, paternos. Então aí meus avós paternos são esses que eu tô falando que são assim bem, sabe, que gosta de tudo a seu jeito. Então, sim.

Tiago: Bem regrado.

Ana: Mas, os meus avós maternos são assim como você falou.

Tiago: Mais abertos, passa a mão na cabeça...

Ana: Eu gostava muito deles, mas agora eu acho que eu *valoro* um pouco mais os...

Tiago: ...Os pais paternos.

Ana: Sim, que me ensinaram muito, o que eu faço agora é graças a eles.

Tiago: Tem isso também, né? Quando não é uma coisa é outra, né? Você já falou um pouco da sua relação com a família, com o país e tinha essa coisa da relação com eles lá. E a sua relação agora, como é que é? Por exemplo, com os avós... tá distante né, mas...?

Ana: Não. Eu acho que eu tento falar com eles sempre.

Tiago: Vocês têm esse contato ainda?

Ana: Sim. Às vezes, eu não sei que se sou eu, eu não sei se é a etapa que tô acontecendo agora com minha vida, não sei, mas eu tento falar com eles sempre, eu tento toda sem**Ana**, eu tento falar ao menos uma vez, duas vezes. Mas às vezes, eu vejo minhas amigas daqui que também são venezuelanas, que fala que fala todos os dias com sua família, mas eu não sou assim. Eu falo com eles umas duas, três vezes...

Tiago: Isso é o seu jeito de ser, né? Ou por que você tá aqui ou o que você acha?

Ana: Não sei, não sei se é preguiça! É que é meio estranho, porque na verdade, o que eu quero muito eles, eu *valoro* muito eles como eu já falei, mas é só que eu tento sempre falar “essa sem**Ana** não foi bem, essa sem**Ana** falou isso, tal...” mas, não pra falar todos os dias.

Tiago: E assim, que momentos interessantes, agradáveis, coisas felizes, você se recorda de ter vivido, por exemplo com a sua família? Digamos, assim, que são seus avós que viveu mais, né?

Ana: você vai fazer que eu *llore*...

Tiago: Algo que você acha que é muito legal. Era legal, sabe.

Ana: Eu acho que meus aniversários.

Tiago: Quais aniversários?

Ana: Eram muito legal.

Tiago: Aquelas festas, festinhas assim de bolo, eram interessantes...!

Ana: O melhor.

Tiago: Se você quiser contar um pouquinho assim, um fato legal, interessante...

Ana: Hum, não sei. Sempre esse dia eu, quando eu era mais maior, mais velha, eu gostava de, de organizar toda a reunião. Assim, eu falava para as minhas amigas, eu falava para o meu pai, e tal, sua mulher, sua esposa. Então, eu ficava muito, muito sorriso todo o dia, sabe, esperando o momento pra o bolo e tal...

Tiago: Era tudo organizado.

Ana: ... era muito legal. Porque quando eu era mais jovem, tinha uns 11 anos, meus avós sempre gostaram que eu tivera essa festa grande por causa da mamãe, ela gostava muito de celebrar minhas festas então... aí...isso.⁵⁹

Tiago: São momentos bem agradáveis, né?

Ana: Meus, os aniversários de meu pai também, os aniversários de meus avós também eu gostava muito. Eu gosto muito de sempre tá ali e ficando de olho até esperar chegar esse dia.

Tiago: Aniversário então é bem especial né?

Ana: Sim. Esses são o melhor.

Tiago: Okay, ótimo. Então, vamos partir para outras coisas, por exemplo, de que maneira, por exemplo, você se mantinha economicamente lá na Venezuela?

Ana: Êta. Meu pai, ele me ajudava muito com a parte, com os trabalhos que ele fazia sempre.

Tiago: Ele era o quê?

Ana: Ele trabalhava com tudo. O que ele encontrava, ele trabalhava.

Tiago: Como a gente diz aqui no Brasil, ele era trabalhador.

Ana: Sim, muito. Ele fazia de tudo. Eu também quando eu comecei o ensino médio, eu recebi muita ajuda de meu tio.

Tiago: Hum... o pai dele. Ôh... o irmão dele!

Ana: Ele e eu somos muito parecidos.

Tiago: Você e seu tio?

Ana: Sim, somos muito parecidos. A forma de pensar, ele me ensinou muita coisa, ele depois foi como meu pai, porque ele tava ali sempre ficando de olho com o que eu ia

⁵⁹ Aqui, mais uma vez, ao falar do aniversário e do quanto sua mãe gostava do momento, a participante chora.

fazer, “*cuales* são os seus planes? O que você quer “facer” com a tua vida?”... Ele sempre ficou de olho com isso. Eu não sei se foi porque ele sabia que ia ser difícil depois pra eu fazer alguma faculdade, alguma cosa. Mas, ele sempre ficou assim “o que você quer fazer?”, sabe, o que eu gosto, “que você gosta de fazer, o que você não gosta?”. Então, aí começou a relação com meu tio, então aí já não era mais só meus avós, meu irmão, agora meu tio... meu pai sempre estava ali, mas não... distante, era só pra a parte econômica, coisa assim. Então, eu normal. A princípio sim, você sempre quer o pai sempre com você, mas depois eu acostumei a ficar só com meus avós, com meu tio e meu irmão. Então, aí ele me ajudava muito economicamente, com meu curso de inglês, às vezes como quando que eu precisava, eu sabia que podia falar pra ele. Porque ele *ya* faz tempo que ele mora no Chile, trabalha no Chile, fica bem economicamente, então ele tem como me ajudar.

Tiago: Então, mesmo ele longe de ti, ele conversava...

Ana: Mesmo ele longe. Então aí, eu, eu... *meu primeiro* viagem fora *do* Venezuela foi a Chile, que eu cheguei a Chile onde que ele mora, foi aí que nós pensando sobre o meu futuro, que depois meu futuro foi uma incógnita que eu não sabia o que eu ia *facer* por toda a situação econômica. Eu lembro que eu fiz um teste pra uma faculdade.

Tiago: Lá no Chile?

Ana: Não, lá na Venezuela. “Que são os *planes*?” Eu vou estudar, vou pra *o* faculdade e depois trabalhar, normal, o mais linear. Depois, então eu fiz isso. Fiz um teste pra entrar uma faculdade, eu lembro que eu saí uma boa faculdade lá na Venezuela. Só que aí a faculdade ficava lá na capital da Venezuela. Então aí eu não podia nem pagar um aluguel, também a comida era muito difícil, ainda estudando na minha cidade é difícil, imagina noutro lugar.

Tiago: E, é longe da capital?

Ana: Sim, 5h.

Tiago: Distante.

Ana: Então, era bem difícil.

Tiago: Bem difícil. E, agora como é que você se mantém aqui?

Ana: Agora, eu trabalho, eu faço meu *dinero* assim.

Tiago: Você trabalha em que aqui?

Ana: Aqui, eu trabalho na, numa pousada lá no Pelourinho como recepcionista.

Tiago: Ah, legal.

Ana: Mas, eu faço muita coisa, não só recepção. Eu faço recepção, eu faço cursinho...

Tiago: Mas te contrataram como recepção.

Ana: Sim. (risos)

Tiago: De antemão é recepcionista.

Ana: Sim...

Tiago: Mas na hora...

Ana: Muitas pessoas falaram que aqui trabalho era bem forte, agora eu sei por quê..., mas tá bom.

Tiago: É tem dessas coisas.

Ana: É bom que eu aprendo outras coisas.

Tiago: outras coisas.

Ana: Sim.

Tiago: Até que nível de escolaridade você cursou lá na Venezuela?

Ana: Até o ensino médio completo.

Tiago: Terminou o ensino médio completo.

Ana: Sim. Depois, fiz um curso de inglês, que era tipo desses cursos que era na faculdade do idioma completo, mas não é como uma licenciatura, como...

Tiago: Como o NUPEL.

Ana: Tipo assim. Então, eu fiz um de inglês, aí eu terminei até o avançado três, eu terminei e recebi meu certificado e depois eu só falei eu não vou... que apenas eu podia pagar esse curso que era o mais barato. Então, imagina uma faculdade, uma carreira maior...Impossível.

Tiago: Sim, sim... E, esse conhecimento que você teve na Venezuela, por exemplo, do ensino médio também, mas dos cursos e tudo, te ajuda aqui no Brasil?

Ana: Sim. O inglês foi o diferencial na verdade. Foi assim... eu fiquei muito *tranqui*, muito tranquila, quando eu, não sei, quando eu... *supe*?

Tiago: quando eu soube...

Ana: quando eu soube que o inglês ia ser algo diferencial. Eu fiquei tranquila assim, eu falei: isso é muito bom, porque eu sei que aqui o turismo, a parte turística é uma parte importante. Então, eu falei tá. Aí também, eu coloquei no meu currículo “Inglês, eu sei falar inglês, sabe!”. (Risos).

Tiago: Isso eu sei!

Ana: (Risos) Então, sabe que posso falar inglês. Sim, foi muito legal isso e na parte de ensino médio também, eu acho.

Tiago: Conhecimento de forma geral.

Ana: Sim, sim.

Tiago: Okay, okay. Então, eu vou mostrar uma imagem agora, tá bom? Aí você vai me dizer o que é que você sente com isso, claro, com toda a situação que você veio como venezuelana para o Brasil e tudo o mais, tá bom? A imagem é essa⁶⁰.

Ana: (murmúrios)

Tiago: Isso é em Pacaraima, lá né na fronteira. Isso é mais ou menos o que...

Ana: Isso é na Venezuela?

Tiago: Isso.

Ana: É... que eu acho?

⁶⁰ Neste momento, mostro a imagem 1.

Tiago: O que é que você... você teve uma trajetória diferente, você teve um diferencial. Mas, outros, outros, seus conterrâneos, nem tanto. Então, o que você sente como venezuelana também, eles também, nessa situação do país?

Ana: Não, mas eu sei, eu sinto de alguma forma identificada com isso, sabe?! Que em algum momento eu também tava procurando assim, só que em outro contexto. Eu acho que ele não tem ajuda, ele tem que fazer isso pra conseguir, mas, em algum momento, eu tive essa ajuda que eu tava procurando assim igual, não assim como eles, mas eu tava procurando, queria, eu senti assim como medo a não encontrar, ao tempo eu ficava, não sei, esperança que algum momento eu ia conseguir alguma coisa. Eu tô aqui já, muitas pessoas não têm a oportunidade de tá aqui e agora que eu tô aqui, eu vou fazer o que eu posso. Então assim é uma coisa parecida, só que aí, meu contexto é diferente, eu pelo menos eu tenho uma ajuda de *afora* que eles não têm. Então, eu agradeço muito a isso, mas aí eles não têm. Por alguma forma, eu sinto isso.

Tiago: Alguma identificação, né?

Ana: *Siento* alguma identificação.

Tiago: Buscando isso, buscando também...

Ana: Não só por ele, tem muitas pessoas venezuelanas também que tão na mesma situação ainda tendo alguns estudos, ainda tendo... fica assim. Ele⁶¹ não tem estudos, eu acho. Mas tem muitas pessoas com estudo que tão assim igual, procurando algo de pintor, de qualquer coisa só pra sustentar suas coisas, o que precisa deles.

Tiago. Ótimo. E aí então a gente vai falar da situação do país que você viveu e tudo isso, por exemplo. Qual é sua opinião um pouco da situação política da Venezuela?

Ana: É... Eu acho que a situação política é... bem difícil, eu acho. Agora, normalmente as pessoas podem falar “não, que ficou chato, sabe. Ficou chato sempre.” Mas você quando, já você tem tempo mesmo, já não é que você fica chato, *sino* triste. *Ya* não é como isso não vai mudar se algo de *afora* tenta mudar isso de alguma forma. Se é Estados Unidos ou se é qualquer coisa. Não somos nós. Porque lá a força a maior é a de governo. Então é o governo que tem a convicção que vai mudar isso. O povo muito difícil. Olha... sabe... já é como... sabe, já não vai mudar assim de fácil. Então, pra que eu vou ficar chato se sei não vai mudar igual.

Tiago: E, você participava ativamente da política lá?

Ana: Oi?

Tiago: Você participava ativamente na questão política lá?

Ana: Na verdade não. Porque eu... minha família não gostava de que eu *colocara* ainda foto assim de coisas políticas que podem ser contraproducentes pra uma futura oportunidade ou trabalho ou então uma coisa assim. E, se eu queria trabalhar em algum lugar, eu então... e o lugar é do *gobierno* e, se eles pesquisavam minha informação, e viam

⁶¹ Referente ao homem que aparece na imagem.

esse tipo de coisa, eu não ia *podir* trabalhar com eles, entendeu?! Então é um medo assim que eles colocam nas pessoas que... assim, meio chato... Mas, e também de medo de que esse tipo de coisa quando você vai *afora* pras...como fala...

Tiago: Protestos?

Ana: Protestos. Quando você protesta é *perigoso*. As pessoas sim... as pessoas brigam, feio isso. Então, meu avô, meu avô não gostava.

Tiago: Então, você conhece alguma organização, por exemplo, que trabalha com venezuelanos aqui no Brasil?

Ana: Eu acho que ali na UNIFACS. Tem essas pessoas que... tem também uma... da religião que também fazem, não lembro. Eles são uma igreja, mas também eles têm uma parte de refugiados.

Tiago: A igreja do CAB⁶² aqui em Salvador.

Ana: Ah sim, sim, *es*.

Tiago: Ali perto do metrô.

Ana: Sim, eu conheci muita gente boa lá. Eu acho que eu ia ter um trabalho e esse trabalho ia ser pra eles, só que nesse momento apareceu essa nova oportunidade na pousada, eu preferi a pousada, mas fiquei muito agradecida quando ela falou, olha, eu agradeço, na verdade, pela oportunidade, foi muito legal, mas essa oportunidade aqui é mais conveniente pra mim, agora. Então, ela falou: “tranquilo, fica tranquila”.

Tiago: Foi pra melhor, né?!

Ana: É.

Tiago: E, você participa hoje de alguma organização que trabalha com venezuelanos, assim?

Diana: Não. Só...

Tiago: Ajuda em algo espaço, assim?

Diana: ... Non, agora só conheço assim, se eles, por exemplos, quiserem alguma ajuda que eu pudera ir, sim eu vou.

Tiago: Aí você tá lá.

Diana: Sim. Yes, com certeza. Só que, por exemplo, eles têm cerimônia, coisas assim deles, eles “invitam” a gente, mas eu, por exemplo, eu não posso porque trabalho.

Tiago: Sim.

Diana: Mas, eu sempre tento escrever no grupo, sabe? assim...

⁶² CAB (Centro Administrativo da Bahia)

Tiago: Mas aí você trouxe uma pergunta, por exemplo: como é que é sua convivência com essas pessoas, essas pessoas que você conheceu? Outros venezuelanos, né? na mesma situação que você aqui

Diana: Primeiro, você vai ver muitos tipos de venezuelanos.

Tiago: Ah, ótimo.

Diana: Tem vários tipos.

Tiago: Como assim tem vários tipos?

Diana: Porque, por exemplo, eu não sou uma pessoa que sente orgulho, não sei, que estranho. Porque tem venezuelanos que tão aqui e eles querem ficar o tempo todo falando que tá aqui e tal, tô no Brasil.

Tiago: Tô no Brasil. Tá, tô entendendo.

Diana: Eles estão muito orgulhosos que estão aqui. Colocam na suas redes sociais. Eu, pessoalmente, não sou assim. Não gosto. Porque minha vida pessoal é outra coisa. É...Como eu falo, eu apenas que falo com minha família. Eu tenho manter essas comunicações com eles. Pra que eu vou colocar coisas que são da minha vida pessoal? Tem muitos venezuelanos que te conhecem.... A mim, pelo menos aconteceu uma coisa muito engraçada que eu foi que eu conheci alguns venezuelanos e eu primeiro que eles falaram foi uma foto pra colocar no grupo. Eu falei “por quê? ”. Eu falei “Oi, meu nome é Diana, sabe? Tudo bem? Meu primeiro dia aqui”; aí eles falaram “não, uma foto, uma foto”. Eu fiz “não precisa, tá bom?!”.

Tiago: tá bom

Diana: Se então tem esses tipos de venezuelanos, tem outros. Também tenho amigas que são assim como eu que elas compartilham coisas daqui, mas não sempre e não vai conhecer um venezuelano no mesmo dia e vai pedir uma foto pra ele, é bem estranho.

Tiago: Mas, você acha interessante manter essa relação?

Diana: Sim, eu acho. Não é que vou sabe, não vou falar eles, falo, mas não eu mesmo. Só por isso, por esse tipo de coisa.

Tiago: Mas, isso de alguma forma te aproxima um pouco mais, por exemplo, da sua nação ou você acha que é indiferente?

Ana: Eu acho que por causa *del* do idioma... *ya* eu já sinto que tô lá. Sim, porque eu conheci, eu lembro que conheci um venezuelano de lá mesmo do Puerto La Cruz onde eu morava e ele falava igual a todos meus amigos da escola, eu fiquei assim: “não posso acreditar, eu tô lá em Puerto La Cruz”. Então, eu amei falar com ele. Eu tava assim que eu queria, eu queria escutar tudo que ele *iba* falar, já sabia, mas eu gostei muito. Que eu sentia que eu tava lá. Muito massa, eu acho.

Tiago: E, assim, eu não sei se você tem alguma religião. Você é católica...?

Ana: Católica, sim. Eu estudei numa escola católica e tal.

Tiago: Era importante isso pra você, por exemplo, lá na Venezuela, a sua religião?

Ana: Não tanto. Não como aqui, eu acho que aqui é bem, bem... A religião é muito importante para muitas pessoas. Mas para mim pessoalmente... não é que eu não gosto, só que não tô acostumado a ir pra igreja, só nos dias importantes assim... uma festa, um familiar, alguma coisa que ele *murrió* e faz “una missa?” Assim eu vou. Uma missa, tá bom, tem problema não, mas todos os domingos não.

Tiago: Aqui também continua do mesmo jeito. Os mesmos costumes de também não ir.

Ana: Eu acho que... aqui tem igreja pra todo lado, acho que não pode não. Lá tem igreja, mas aqui...

Tiago: Dizem que Salvador tem uma igreja para cada dia. Parece que é quase uma igreja pra cada dia, quase trezentos e sessenta e alguma coisa de igreja... você imagina, né? Tá bom, então agora sim. É... falando agora do refúgio vindo pra cá, quais foram os principais motivos e circunstâncias que te levaram a vir, a sair da Venezuela e vir para o Brasil?

Ana: É... o primeiro é que eu não ia poder estudar lá na Venezuela, uma faculdade. Eu queria, eu quero estudar. Na verdade, agora só tô estudando só português, mas eu quero estudar e desde que eu saí, desde que eu comecei o último ano da minha escola, eu sabia que não ia estudar lá na Venezuela, porque uma coisa, não sei, não é impossível, só muito difícil... que eu podia, por exemplo, se eu falava com meu tio: “não, olha tio, eu quero que tu me ajude e tal, depois eu vou ter vários desse *dinero*, problema...”, ele ia me ajudar só que se eu conseguia um aluguel, eu conseguia entrar na faculdade, depois igual *sigue* sendo *peligroso* morar, só morar na Venezuela *sigue siendo peligroso*. Então, eu faço essa *inversão* de meu tio faz, faz essa *inversão* de um aluguel e tal e se depois quando eu ia *caminando* pra a faculdade, chegar uma pessoa e sabe? Tal e aí... só sempre *iba a ser* assim, era difícil pela *inseguridade* e Caracas é uma das cidades mais *peligrosas* do continente, não sei, é verdade, tem *estadística* que é muito *peligroso*. Então, se eu estudava lá, ainda tendo o *dinero*, *iba a ser* bem *peligroso* pra mim.

Tiago: Então, um dos motivos foi estudar.

Ana: Estudar, estudar. Eu não podia estudar lá. E, para pagar uma coisa privada, impossível.

Tiago: Mais cara, né?

Ana: Impossível. Não, não posso, era assim, eu não podia, meu pai não podia, meus avós [inaudível] o que eles recebem do governo que por direito, eles cobram uma *cantidad* de *dinero* mensal, mas isso era apenas para comer, pra pagar uma faculdade não. Impossível. Então aí, não tinha praticamente, não tinha futuro. Eu tenho amigas que elas não estudam, elas terminaram comigo, mas eles não estudam. Tenho várias.

Tiago: Não continuaram os estudos universitários.

Ana: Não. Não continuaram porque não tinham, só tinha oportunidade de estudar na faculdade pública, mas a faculdade pública não tem formas de funcionar, pelos... não tem *suministros*, como que fala?

Tiago: Tipo...materiais.

Ana: Não tem materiais, nada. Então, elas não têm como estudar. Elas estão trabalhando, é bem chato isso. Eu falo pra elas que eu também estou trabalhando só que é bem... Depois, eu posso ir pra faculdade. Elas já tão lá, elas já tão na faculdade lá, mas não estudam porque não tem materiais.

Tiago: Imagino, imagino. Então, a principal circunstância foi porque...

Ana: Sim.

Tiago: foi por questão de estudo mesmo.

Ana: Definitivamente.

Tiago: E, quais eram suas expectativas em vir para o Brasil? Eu vou pro Brasil...

Ana: Eu queria... Eu queria estabilidade na verdade. Isso foi o que... eu quero ter estabilidade. Ter um aluguel, estudar, trabalhar. Eu não tô assim...

Tiago: Que é o que você não tinha.

Ana: Isso mesmo. Eu só quero estudar, trabalhar pra fazer meu *dinero*, morar, morar num lugar digno, só isso. Eu não tô pedindo, não sei, sabe...um futuro incrível. Só o normal.

Tiago: Okay. E, qual foi a reação dos seus familiares quando você: “eu vou pro Brasil”?

Ana: Foi muito inesperada pra mim que, pessoalmente, eles me querem muito, são minha família. Mas, eu achei que eles iam falar “não, Ana, tu não tá preparada pra isso, tu não pode, tu só tem 18 anos, tu não vai conseguir”. Mas, eles não, eles só falaram “tá bom. É pra seu futuro”. Eu falei “Quê? Vocês não me querem? Sabe, eu vou pra lá e não sei quando eu vou voltar”. Então, eles, meus avós falaram para mim “Aqui não tem, não tem oportunidade aqui de estudar”. Eu falei: “É verdade!” Aí eu só falei:” sim, tá bom”.

Tiago: E seu irmão também?

Ana: Meu irmão, ele, ele... quando eu *iba a* começar, ele já tá saindo da faculdade na verdade.

Tiago: Ah, tá.

Ana: Então, porque ele tem 25 anos, então ele já terminou a faculdade. Sim, quando *supuso* assim que já, que a faculdade não dava, meu irmão já saiu, foi assim como o último. Aí ele saiu. Eu lembro que eu fui pra consagração, foi muito boa. É... mas ele não tem como trabalhar agora. Não tem como conseguir alguma coisa que dê pra ele se sustentar.

Tiago: Ele é formado em quê?

Ana: Administração. Licenciatura.

Tiago: E essa seria, seria a área que você quer estudar também?

Ana: Não. Eu quero estudar Nutrição.

Tiago: Ah, tá. Bem diferente.

Ana: Bem.

Tiago: Administra, né, mas a alimentação (risos)

Ana: Sim. Mas eu gosto muito da Nutrição.

Tiago: E, assim, quando você pensa em vir pro Brasil, por que Salvador?

Ana: É... na verdade porque eu não sabia. Eu só sabia que eu queria sair, eu gostava do Brasil, mas eu não sabia onde, sabe que... eu soltei no Google e então tava pesquisando ali e você vê que Rio muito bom. Mas você vai pra a economia, sim tem boa economia, mas é tudo mais caro, tem oportunidade, mas tem muita *competencia*. Se você for pra Brasília, capital, mas tem várias coisas que não tem outros estados que são melhores pela parte turística, então eu coloquei isso numa balança e pela parte turística tinha muito aqui no Salvador, pela parte... em áreas que eu sabia que eu podia fazer alguma coisa com meu idioma. Eu... tanto o espanhol, quanto o inglês. Então aí falei com meu tio e ele falou “tem uma amiga lá no Salvador que ela estudou comigo *afuera*”, meu tio estudou inglês, mas ele estudou na Europa. Então, ele como conheceu uma brasileira lá e tal, ele conhecia e ela morava aqui. Então...

Tiago: Ela era baiana ou ela morava aqui?

Ana: Não. Ela?

Tiago: Sim.

Ana: Ela morava aqui sim. Ela é baiana. Mas, ela conheceu ele lá na Europa. Então, ele só falou com ela. Ela falou “não, tranquilo. Ela pode estudar aqui, ela pode conhecer muita coisa”. Então, como ele conhecia ela e se sentia alguma coisa... se acontecia alguma coisa comigo ele podia ligar pra ela, entendeu? Aí eu vi muitas fotos do Salvador e eu falei “tá, tá bom. Salvador”.

Tiago: Vou!

Ana: Sim.

Tiago: É... Okay. Então, quando foi que você veio aqui para o Brasil? Já veio direto? Assim, quando foi assim, sua viagem?

Ana: Eu sempre soube que eu ia vir pra cá. Só que eu comecei no Chile. Eu viajei primeiro pra o Chile porque meu tio queria que eu acostumassem a ficar noutro país com muita coisa, com supermercado, com coisa grande, porque depois a *llegar* aqui, eu *iba a* ver tudo, ele não sabia como é que eu *iba a reaccionar* com isso. Mas, eu só cheguei lá e comi muito, eu lembro (risos) de muita coisa diferente, eu amei muito. Mas, a parte da personalidade do Chile, do chileno, eu não tenho amigos chilenos aqui (risos), como fala que não gosto

muito (risos) é muito estranho. Então, ali eu gostava muito da personalidade do Brasil. Então, eu desfrutei muito da parte dos paisagens assim. Conheci muita coisa, três meses, depois já, eu já sabia que *iba a* chegar aqui.

Tiago: Então, qual foi o seu itinerário? Você veio direto pra Salvador ou você foi pro Chile e depois...

Ana: Eu fui pra o Chile, fiquei três meses lá e depois ali eu viajei pra São Paulo. Não São Paulo, só fiz uma escala no aeroporto, foi umas 8h, aí eu fiquei oito horas no aeroporto, não saí, nada, aí eu cheguei pra cá, pra Salvador.

Tiago: Pra cá em Salvador.

Ana: Sim. Mas, não sei por quê, mas quando você tá *afora*, você acha que aonde você vai, você vai encontrar uma pessoa assim, sabe, como não sei...incrível. Mas, quando eu cheguei aqui, tava tudo normal. Eu falei só: “tá, tá bom, uma cidade é bela, tem coisas belas, tem coisas novas”. Eu gostei. É tranquilo.

Tiago: E, quais foram os procedimentos para você sair da Venezuela? Foi tranquilo assim?

Ana: Pra sair, foi o mais difícil foi o passaporte. Eu esperei acho que um ano pra receber o passaporte. Porque a situação, eles não tinham papel, não tinham plástico, não tinham um outro... então, eu não, eu tinha que pagar pra que eles me deram o passaporte express que em *dois* sem **Anas** que eles falam, mas não é assim. Então, antes era uma coisa que você podia escolher: “Olha, eu quero algo express, eu quero pra agora ou, não, eu vou seguir minhas coisas normais, sabe, os passos normais do passaporte, não vou pagar mais só porque eu quero *recibir* rápido”. Então, como eu não ia viajar, porque, todavia, eu ainda tava na escola, eu falei: “tá, bom, eu quero o procedimento normal”. Mas, o procedimento tinha já nove meses, dez meses, e falei: “não, não vou ter meu passaporte nunca”. Depois já foi uma obrigação porque o nosso governo... era uma obrigação pagar o passaporte express, já não era uma opção. Então aí eu paguei o passaporte express, meu tio me ajudou. Eu paguei a uns dois, três meses ao receber... ainda pagando o express que são duas sem **Anas** pra receber segundo eles. Então, eu recebi e depois eu recebi e foi muito legal assim, eu fiquei... eu só esperando cumprir os 18 para viajar tranquila, eu cumpri os 18 em dezembro. Meu tio comprou a passagem em janeiro, eu viajei acho que foi em março, que eu viajei, fiquei um mês ali para saber os outros papéis que eu precisava, meu tio me ajudou esse momento.

Tiago: E, quando foi que você chegou aqui em Salvador?

Ana: Aqui em Salvador, eu cheguei faz uns três meses, maio acho.

Tiago: Então, mas assim, na sua cabeça havia outros lugares para você querer migrar assim? Você já comentou que pesquisou que tinha o Rio, tinha Brasília assim, mas era... outro país assim?

Ana: Eu, eu... pensei em Argentina. Só que depois eu pesquisei e vi que na Argentina também tava acontecendo coisas bem chatas. Aí depois quando eu falei, eu coloquei numa balança, Brasil tem uma oportunidade econômica turística maior, prefiro Brasil.

Tiago: Você já respondeu outra pergunta que eu ia fazer do povo. Então, o que você sabia sobre o Brasil antes? Vamos ver o que você sabia.

Ana: Eu sabia muito do carnaval, sabia muito do português.

Tiago: Em Salvador?

Ana: Eu escutava mais sobre Rio, sobre São Paulo. Eu queria conhecer muito São Paulo e Rio, mas depois Salvador.

Tiago: Assim, o que você mais conhecia sobre as coisas culturais, era mais carnaval mais, essas coisas que... gerais.

Ana: Acho que eu vou tossir.

Tiago: Não tem problema. Pode ficar tranquila. É o que as pessoas conhecem mais pelo Brasil, carnaval, futebol... Essa aqui: o que você idealizava mesmo da viagem? Sonhos, expectativas, aspirações? Eu vou pro Brasil, vou conseguir o que eu não consegui.

Ana: Sim, eu achei uma coisa assim na verdade, só que eu achei que ia ser difícil para o idioma, mas aqui eu fiquei mais tranquila depois.

Tiago: Então, você veio sozinha, né? E aqui depois você estabeleceu contato com pessoas de outras nacionalidades nessa viagem?

Ana: Agora, eu tô tendo muita pelo trabalho. Sim, na verdade muita italiano, francês.

Tiago: Imagino.

Ana: Muita.

Tiago: Imagino. Salvador é uma capital muito turística. Talvez uma das mais...

Ana: De Espanha, Galícia...

Tiago: ... talvez, uma das mais turísticas do Nordeste. Fortaleza também que é uma cidade de onde eu vim, Recife, mas Salvador...

Ana: Eu não que tão famoso é Chapada Diamantina, mas tem muitos franceses e europeus que vão pra lá.

Tiago: É por conta da natureza, né?

Ana: Então, a cidade mais perto da Chapada é o Salvador. E também tem o aeroporto em Salvador. E as pessoas que procuram a Chapada vem pra Salvador. Eu sempre falo “Por que Salvador?” Eu acho que eles vão falar: “Não, porque é isso, porque quero conhecer essa igreja...”. Não é porque fica o aeroporto. Eu falei “ah, ok, que bom. Mas, aqui tem um centro histórico, pode conhecer também”.

Tiago: A chapada é um lugar muito... muito bonito da Bahia. É bem diferente de Salvador. Salvador tem... tem Salvador sertão, Salvador praia, Salvador montanha.

Salvador, não. Na verdade, Bahia. Bahia-praia, Bahia-sertão, montanha. Agora uma pergunta assim: o que é que você trouxe na mala? Vou organizar minha mala... por exemplo, tem gente que viaja, tenho um colega que viaja que pode esquecer de tudo menos uma foto que tinha lá de toda a família dele. Isso assim eu não posso esquecer. O que você trouxe na mala? Obviamente deve ser roupa, né? (risos) Óbvio, óbvio. Coisas assim que você...“isso aqui eu não posso deixar, eu vou levar”.

Ana: É... Olha... minhas coisas, é meu passaporte (risadas).

Tiago: Muito importante.

Ana: Não. Eu lembro que eu trouxe meu computador, meu computador, meu *teléfono*. As fotos do... uma foto que eu tenho com minha mãe que eu sempre... essa foto tem muita história.

Tiago: Que é a foto ícone.

Ana: Com mamãe, sim. É porque eu acho que se eu ia conhecer uma pessoa importante, eu ia *ensinar* essa foto, sabe? Como: essa aqui é a minha mãe. Sei que tenho *teléfono*, eu tenho essas fotos. Mas, eu acho que essa foto é bem especial. Aí eu já escaneei a foto, só que eu não sei, eu gosto de ter aí. Eu também tenho essa foto com minha mãe e uma foto com o pai da minha mãe, meu avô por parte... materno. Então, essa foto tem história também. Por isso, tão importante. Eu trouxe essas duas. Eu trouxe também cartas. Meu tio faz pra mim cartas nos dias importantes.

Tiago: Do Chile pra cá.

Ana: Sim. Eu aprendi isso dele. Eu faço cartas pra as pessoas também. Só quando elas são, sabe... por exemplo, eu fiz carta pra o hostel que me recebeu quando cheguei, eu fiz uma carta pra ela.

Tiago: Pra quem?

Ana: Para o dono do hostel. Ele é bem jovem, mas ele me aceitou no seu hostel como voluntária nas primeiras três semanas. Então, eu fiquei muito agradecida com ele, então eu escrevi uma carta para ele por isso. Eu aprendi muito nessas três semanas. Eu aprendi muito, experimentei muitas emoções. Então, eu senti que essa parte da minha vida, eu tinha que escrever. Então, eu trouxe, eu não sei se eu falo de tudo. Mas, eu trouxe essas cartas, trouxe cadernos, cadernos também onde eu escrevo coisas minhas, da minha vida e tal, escrevo listas que eu tenho que fazer, que eu já fiz e que vou fazer depois.

Tiago: Os planos.

Ana: Sim. Coisa normal, só pra levar um *registro* das coisas.

Tiago: Interessante. Agora assim, em relação aos estereótipos. Em sua opinião, óbvio. Como você acha que é visto os venezuelanos nessa situação que está acontecendo agora né, de refúgio aqui no Brasil?

Ana: Eu gosto. Eu acho legal. É... eu gosto de que tem pessoas com iniciativas de *aportar* uma coisa boa de trazer pessoas que na verdade precisam, porque eu acho que não é culpa

deles que o nosso país está ficando com essa situação. Então, se você recebe uma pessoa que só quer levar uma vida normal, se você pode ajudar com isso é legal. Aí quando as pessoas... o que eu não gosto muito é quando as pessoas querem *sacar* alguma coisa *de* isso, publicidade, sabe, “eu ajudo, eu sou boa”, pode me, não sei, comprar alguma coisa, não sei, pode me apoiar com alguma coisa, porque você tá vendo que tô ajudando, então eu recebo também por isso, né?”

Tiago: Em relação aos brasileiros que você tá falando?

Ana: Sim. Às vezes eu vejo isso. Porque é muito estranho que eles sempre querem mostrar que eles estão fazendo.

Tiago: Tô entendendo.

Ana: Não é preciso. Se tu vai ajudar uma pessoa, não tem que mostrar que tá.

Tiago: Publicizar

Ana: Sim. Então, não sei, estranho isso.

Tiago: Entendi, entendi. Então, pra você por exemplo, como é ser uma venezuel**Ana**, mulher nessa situação, por exemplo, em Salvador? Por exemplo, você não é uma pessoa que veio como a maioria das pessoas que você recebe lá na pousada né? Que vem se divertir, que vem pra Chapada, conhecer, você veio em uma situação diferente. Então, para você como que é ser uma venezuel**Ana**, digamos, uma refugiada aqui em Salvador? Porque não é igual como se fosse no Rio de Janeiro, né?

Ana: Como é minha situação aqui?

Tiago: Sim. Pra você, como é que é ser uma venezuel**Ana** na situação que você veio aqui em Salvador?

Ana: É, eu acho que ter uma vida, quando você tá aqui, você só pensa que tem uma oportunidade nova pra fazer uma vida nova, melhor da que você tinha antes. Você recebe muito apoio da sua família, pelo menos assim é o meu caso. Eles falam que sou bem corajosa sempre, eles mudaram sua impressão de mim agora, que eles acham que sou corajosa e tal. Eu não acho que eu sou corajosa, eu só acho que eu fiz o que tinha que *fazer*. Na verdade, se você... falam para você: tem uma oportunidade onde você vai poder estudar, porque aqui não vai poder, que você escolhe? Escolhe isso, entendeu?! Não é que vou decidir se vou ser corajosa ou não. Só que era minha única oportunidade. Mas, eles acham que eu sou corajosa, eles sempre me falam que... que muita sorte pra você, *te quiero* muito, no *te quiero* muito, tão muito sabe, assim, meus avós, meu irmão.

Tiago: Então, como você lida com os preconceitos aqui, com os estereótipos? Com os preconceitos contra os venezuelanos, se você já sofreu alguma coisa assim ou alguma situação por você ser estrangeira aqui em Salvador?

Ana: Não. Na verdade, eu não tenho.

Tiago: Tentou enganar, uma coisa assim.

Ana: Não, não. A princípio era bem engraçado que eu tentava falar português, mas as pessoas sempre veem que... ainda agora que eu tento falar melhor, as pessoas já sabem que sou da fora. Então, a princípio, quando eu não sabia, eu só sabia falar “não sei”, “onde é que fica isso?” “Onde fica outro?” “Onde que é que posso pegar ônibus para não sei onde?”. Quando eu só sabia falar isso, as pessoas tentavam me ajudar. Eu ficava muito agradecida. Eu gostava muito, eu gosto muito da personalidade do baiano com as pessoas do exterior. Não sei se você vê isso, acho que não porque você é daqui ou é brasileiro, mas eles sempre tentam ajudar. Se tu tiver um problema, ele sempre vai tá ali pra te ajudar. Eu gostei isso do brasileiro. Mas, sobre outra coisa, não.

Tiago: Alguma coisa que te incomoda?

Ana: Tem coisas igual, tem, por exemplo, os homens são, tem uma, não sei... um padrão?

Tiago: Padrão.

Ana: Sim, tem um padrão, igual, que eles são assim bem de uma forma igual a todas as mulheres. Você sabe o que eu tô tentando...

Tiago: Uhum, em que sentido?

Ana: Não é como um *machismo* porque eles não querem ir em cima delas, não sei, só que eles veem elas como um objeto, não sei, acho, eu penso isso.

Tiago: Então, não aconteceu nenhum episódio assim em relação a... por você ser venezuelana, falar diferente...?

Ana: Tem muitos *estereótipos*. Eles falam que as venezuelanas são tão, que as venezuelanas são bonitas, que as venezuelanas são tranquilas sabem.... cê fala: “não, tem muitos tipos de venezuelanas, tem muitos tipos de brasileiras, não posso colocar uma caixa todos os brasileiros, assim como você não pode colocar uma caixa todos as venezuelanas”. Fala muito aqui, no Chile, em muitos lugares que as venezuelanas somos muito trabalhadores, mas na verdade é que temos que ser trabalhadores para conseguir o que queremos.

Tiago: Sim, sim. Ótimo.

Ana: Então é isso.

Tiago: A outra imagem que eu vou te mostrar é essa daqui.⁶³ Você pode ver aqui pra você entender. Estamos terminando, viu? Tá no fim.

Ana: Que é “ginásio”? Contra uso de ginásio, que?

Tiago: Ginásio é tipo um estádio onde você joga, tipo uma quadra, como se fosse uma “cancha”, não sei se em espanhol, na Venezuela, falam “cancha”.

⁶³ Neste momento, mostro a imagem 2.

Ana: “cancha”.

Tiago: “cancha”.

Ana: Sim, *pero* eles fecharam o tráfego. Eles não querem que nós da Venezuela fique lá?

Tiago: Por exemplo, você disse que aqui em Salvador você não teve essa resistência, mas em outros lugares... E você falou assim também que não se pode colocar todos os brasileiros numa caixa nem todos os venezuelanos. Tem essa situação também. O que você acha?

Ana: É... na verdade, eu só tô vendo um povo que, que não querem outras pessoas ali, literalmente, interferindo em seu espaço. Então, é difícil, acho. Tem esse problema, mas, se elas não entendem o que na verdade está acontecendo na Venezuela e se eles tiverem os mesmos problemas que tem as pessoas que tão ficando no ginásio... não fizeram esse tipo de coisa.

Tiago. Está bem, ótimo. Agora em questões linguísticas assim... é... qual foi a sua dificuldade em relação ao português?

Ana: Minha dificuldade com...

Tiago: ... com o uso do português. Você já tinha estudado português?

Ana: Não, não. Só o básico, eu acho. Ela, ele, ela, ele. É normal, sabe?

Tiago: Lá na Venezuela?

Ana: Não, em, no Chile.

Tiago: Ah, então fez um cursinho básico assim...

Ana: Sim, mas foi assim, sabe, eu mesma com a internet, eu mesma...

Tiago: Autodidata.

Ana: Sim.

Tiago: Então, qual... então, pra você, quais as maiores dificuldades ao falar português?

Ana: Às vezes, os tempos verbais. Eu tenho uma dificuldade, por exemplo, super que, eu não sei, eu não tenho total certeza de como é que é no português, tem algumas palavras que são totalmente diferentes. Por exemplo: “guard**Anapo**”. Aqui é guard**Anapo**, lá na Venezuela é “servilleta”. Totalmente diferentes. Mas, ainda sim tem palavras que são iguais. Então, muito fácil

Tiago: Então, para você como é que é se expressar em português?

Ana: É muito parecido com as expressões em espanhol. Muito, muito parecido. Sí, eu acho que não tô tendo muita dificuldade.

Tiago: Você fala bem, não sei. Você fala bem em relação alguns outros que estão há mais tempo.

Ana: Mas aí, eu acho que também depende da pessoa. Depende da pessoa e eu acho que pra mim pode ser um pouquinho mais fácil o português, mas para eles... mas para mim também pode ser difícil algumas coisas que para eles são fáceis, sabe.

Tiago: E quando você está com seus amigos venezuelanos, vocês falam em que língua?

Ana: Espanhol (risos). Eu tenho um amigo lá no trabalho que ele é cubano. Então, sempre o chefe fala que nós temos que falar português no trabalho. Ainda assim é uma coisa de nós, por exemplo, eu falo assim: “tu tem que fazer isso, tem que fazer isso às vezes para não *recibir* algum comentário do chefe ou a chefe”. Quando eu falo isso, eu falo em espanhol, não falo em português. Então, sempre ele escuta quando tô falando ou se escrevo algo na planilha alguma coisa que eu escrevo em espanhol, ele não gosta.

Tiago: Por que ele não gosta?

Ana: Não sei, eu acho que são regras. Ele não vai entender, mas ele não gosta.

Tiago: Acaba dominando aí, né?

Ana: Sim, sim. Aí ele falou isso. Mas, depois quando ele vai embora, nós falamos em espanhol. *Es que* é difícil falar, sabe? Você acha que você é palhaço (risadas) pra mim sim, porque... não sei.

Tiago: Uma coisa é você falar português comigo que não tem... que falo português. Outra coisa é...

Ana: Você fala português, pra que eu vou falar espanhol, se eu sei que você fala português? Eu tenho que falar português. Mas, se eu sei que é uma pessoa que fala espanhol, às vezes tem... eu conheci um argentino que eu sabia que ele era argentino. Aí eu vou falar espanhol, mas ele falou em português. Aí eu falei: fala em espanhol, pode falar espanhol. Então eu falava em espanhol, ele falava em português. Então, eu falei que tudo bem, que ele tava no personagem e queria falar no Brasil, sou brasileiro. (risadas)

Tiago: E, por que você acha que é importante saber português nessa situação aqui? Qual a importância do português assim? Você poderia, por exemplo, se expressar em espanhol em muitos cantos né?

Ana: Sim.

Tiago: Mas, por que é importante saber o português?

Ana: Isso vai ser muito estranho, mas...por exemplo, na área que eu quero estudar na parte de nutrição, na parte de saúde; minha meta é chegar a muitas pessoas. Então, se você coloca numa *estadística* quantas pessoas falam português só na parte sul da América, você vai ver que tem muitas e em um só país. Então falei: assim como é importante falar inglês e acho que se eu quero no dia de amanhã falar alguma coisa para muitas pessoas, eu quero que todo mundo entenda.

Tiago: Então, falar português aqui no Brasil para você é atingir...

Ana: Pode me abrir muitas portas depois para alguma coisa, algum projeto. Então, eu falei: se eu já aprendi inglês, tenho que melhorar muito, mas se eu já aprendi o básico de inglês, posso me comunicar com muitas pessoas; e o português ele me abriu muitas oportunidades, tá me abrindo muitas oportunidades, eu quero também isso, mas com o português.

Tiago: E você tem alguma dificuldade em relação aos aspectos culturais do Brasil? Pode dizer.

Ana: Estranho, estranho.

Tiago: Pode dizer.

Ana: Não sei, mas eu gosto muito de levar a vida bem relaxada, sabe? em muitos aspectos porque, às vezes, eu fico muito ansiosa em algumas coisas, eu sou assim. Mas aqui eu vejo que as pessoas são bem relaxadas, mas às vezes muito, às vezes são muito relaxadas. (Risadas)

Tiago: Como assim relaxadas?

Ana: Relaxadas com a vida.

Tiago: “Ah, a vida tá boa...”.

Ana: Não sei, “eu perdi meu cartão de crédito, sabe? Mas, tá bom, eu já fui pro banco e depois *me va a llegar*”. Sim, *pero* quanto tempo você vai conseguir seu cartão? Um mês, dois mês? “Não sei. Eu só sei que vai chegar já, eu vou ficar aqui esperando. Então tu fala: “ah, tá bom”. Aí eu vou fazer um documento, eu tenho que entregar um documento para o 30 desse mês. Então é 20, 25, ela fala assim: “Ah, não, vou conseguir, fique tranquilo, tranquilo”. Mas você não falou ainda, não sei, com o *abogado*, ainda. “Sim, mas eu vou conseguir, fique tranquila. Eu vou pra lá, ele assina, tranquilo. Eu falo: “não, tu tem que ir, pelo menos, não sei, pra lá duas sem **Anas** antes pelo menos para ver se tem. “Não, eu vou pra lá e faço”. Eu fico: “ah, tá bom”. Eu também eu gosto muito da festa... eu gosto, mas...

Tiago: Isso são coisas parecidas com o que você tinha...?

Ana: Sim, mas às vezes eu acho que é muito. Às vezes, por exemplo, eu conheci dois brasileiros, não sei se é geral, acho que não, mas eu conheci dois brasileiros que eles falam, eu tentava falar com eles sério, assim como “eu tenho um *plan* pra depois”, mas eles sempre tentavam rir com o que eu tava falando, brincavam com isso, e eu falei: não, eu tô falando sério. Como se você *tivera* fazendo uma entrevista agora e eu *tivera* brincando... Você acha que é verdade? Não, não é verdade. Outra coisa que eu fiquei assim que eu não gostei, são muito... então a personalidade é muito tranquila assim. “tudo vai ficar bem, fique tranquila...” Sim, mas você já planejou que você vai fazer? “Não, mas você vai ficar bem, com certeza”

Tiago: E, você, por exemplo, na rua ou outras situações já teve alguma coisa que você não soube reagir assim, algum aspecto cultural que “como é que eu vou reagir a isso aqui?”

Ana: Como é que vou....?

Tiago: Reagir. “Reaccionar”. Aconteceu alguma coisa assim, por exemplo?

Ana: Não sei. Tem pessoas que, não sei que, falam assim de repente, tem vezes que falam assim, como se *foram* sua amiga. Então, eu falo “ah, tudo bem sim”. Por exemplo, às vezes, eu peço endereços. Como é que posso chegar para lá? Isso é normal pra mim. Mas, às vezes, fazem comentários assim como brincando. Eu falo: “ah sim, legal”.

Tiago: como se conhecessem você há muito tempo.

Ana: Sim. É muito estranho às vezes. E também isso vai parecer bem estranho, a princípio quando vi, quando eu... a primeira vez que eu vi uma pessoa de sandálias, sabe? Daquelas *havaianas*, mas eu via eles na faculdade, eu via eles no shopping, eu via eles em todas partes, eu fiquei: “sério que tem sandálias aqui?” Eu fiquei com a blue... com aquele jeans, *uma* camisa e *unos* sapatos. Mas as outras pessoas com shorts, eu fiquei: “mas você não tá na praia!” (risadas) E, assim, foi bem estranho, mas eu gostei também. Os cabelos também são tudo muito diferentes. Eu falei: se você tá assim na Venezuela, eles falam qualquer coisa.

Tiago: Tipo assim, o cabelo...

Ana: Eu não sei.

Tiago: Do jeito que acordou.

Ana: Sim, sim. Mas aqui é muito normal. Eu acho isso muito legal.

Tiago: Dá uma certa... Você acha que tem um pouco mais de liberdade?

Ana: Sim. É muito legal isso. Por exemplo, antes eu sempre ficava com medo de sair assim, não sei, não coloquei algo no meu cabelo, meu cabelo vai ficar... mas aqui fico tranquilo.

Tiago: Entendi, entendi. Legal. Agora, a última parte. Vamos falar do futuro, por exemplo, que tipo de relação você gostaria de manter com a Venezuela?

Ana: Relação?

Tiago: Que tipo de relação assim com o país no caso, com a nação? Relações, assim, que conexões?

Ana: É... Com minha família, sempre, minha família. Meus amigos, eu acho que eu fiz um laço muito grande com as minhas amigas lá, e eu acho que não vou conseguir agora...acho que sim no futuro, mas é difícil conseguir agora, às vezes eu tenho saudades disso, sabe? Mas, é isso, eu quero manter essa relação com minhas amigas, também quero

manter meu cultu... meus costumes. Isso, eu quero manter vivo isso. Mais...as músicas que eu escutava lá.

Tiago: Você tentar manter isso aqui no Brasil?

Ana: Eu tento sim.

Tiago? O que você escuta, por exemplo?

Ana: Eu escuto sempre música de lá que eu gostava, não *tuda*. Não, na verdade tinha músicas da Venezuela que eu não gostava, mas tinha outras que eu cantava muito também. Então, eu tento sempre escutar esses tipos de coisas, é...

Tiago: Além da música, o que mais?

Ana: Tem gírias da, de lá da, de lá da Venezuela que eu tento também sempre. Tem frases que eu gosto também da Venezuela que eu tento sempre falar, é isso.

Tiago: Comida, coisas assim também?

Ana: Comidas, também, tento fazer algo igual.

Tiago: Você se acostumou com comida brasileira?

Ana: Não. Na verdade, não gostei.

Tiago: Bem diferente, né? (risos)

Ana: Eu estou sendo bem honesta aqui, na verdade. (Risos) Porque tem pessoas que sim, que falam que amei acarajé. Eu sempre falo: eu recomendo o acarajé. Não é que eu fale: “Não, não tentem isso. Isso é horrível”. Não! Tu pode até experimentar, mas eu não gostei. Se tu gosta de isso, isso e isso e isso e não gosta de isso, que é o mesmo meu caso, então não experimenta. Mas se você gosta de outra coisa e quer experimentar outra coisa, ok. Mas, eu não gostei.

Tiago: É bem diferente mesmo.

Ana: É bem diferente. Tem uma textura então bem diferente.

Tiago: Bem diferente. Então, você...

Ana: Mas, eu já quero tentar experimentar outras coisas daqui do Brasil, mas eu fiquei com medo, sabe, do acarajé, sabe, eu fiquei com medo. Agora vou... ver se tem alguma coisa pior que acarajé? Sim? Não tem. (Risos)

Tiago: Então, você tenta manter essa relação com a Venezuela através da música, da comida, o que mais?

Ana: Falar sempre com meus tios, com meus avós. Porque ali quando eu falo, eles sempre falam alguma coisa que me lembra ou que eu falava lá, como ele falava, como é que eles veem as coisas, então *eso* sempre tento manter aqui.

Tiago: E que costumes, por exemplo, você mantém, você tenta manter coisas que você fazia lá, coisas culturais mesmo?

Ana: Culturais? Eu acho que o café com leite e o pão, café com leite com o pão.

Tiago: Molhando e comendo.

Ana: Sim. Isso é muito da minha avô. Tem isso... Aqui eu acho que é igual. Mas, tem um arroz com carne, no meu caso, feijão, é... b**Anana** da terra que lá é “plátano”, b**Anana** da terra, tem essa combinação, essa mistura, tem essa mistura que é muito de lá também.

Tiago: Arroz, feijão e b**Anana** da terra.

Ana: No meu caso feijão, que eu não como muito carne, mas tem... pois é arroz, carne, b**Anana** da terra, feijão aquele preto, igual, é muito de lá. Uma coisa que nós chamamos que é empada, emp**Anada**.

Tiago: Emp**Anada**.

Ana: Isso é bem de lá também.

Tiago: Arepa não tem?

Ana: Arepa não. Nem me fale. É horrível. É como eu não sei, como um baiano sem tapioca...

Tiago: Um baiano sem acarajé.

Ana: Um baiano sem acarajé, imagina isso? Horrível.

Tiago: Uma venezuel**Ana** sem arepa.

Ana: Sim. E arepa é da Venezuela.

Tiago: Eu pensei que fosse colombi**Ana**.

Ana: Não, arepa é venezuel**Ana**.

Tiago: Os outros copiaram.

Ana: Tem essa...

Tiago: Essa briga.

Ana: Sim, os colombianos falam “não que é colombiano e tal”. Eu falo que pra mim, você sabe que, por exemplo, na minha casa o café da manhã sempre é arepa. Sempre. Não

pode ser pão, não pode ser bolo, não pode ser.... é arepa, só arepa. Então, quando você cresce com isso, você sabe que é seu. É impossível. Como é que eu vou tomar café todos os dias uma comida e você vem me falar que essa comida não é minha? É minha! (risos)

Tiago: Tem quem diga que não é, né? Imagino.

Ana: Eu lembro que uma vez eu comi pão, eu falei “não, eu já comi pão”. “Não, você não tomou café da manhã ainda. É arepa que você vai comer. Você não comeu bem. Pão? Que pão? Tem que comer arepa”. Eu falei: Tá bom! (risos)

Tiago: E, aqui não tem como fazer isso, né? Difícil.

Ana: Não. O cuscuz é o mais parecido.

Tiago: Cuscuz é bem nordestino.

Ana: Então, eu faço o cuscuz com a forma da arepa.

Tiago: Acho que é “Chócolo” que chama, né?

Ana: Não. Chócolo é no Chile.

Tiago: Ah, é no Chile.

Ana: Sim. “Maíz”.

Tiago: Também tem isso. Para a gente é o nosso cuscuz que também é feito de milho. Okay. Então, quais são as suas aspirações para o futuro lá na Venezuela?

Ana: Lá na Venezuela, eu não sei. Na verdade, eu nem penso isso. Eu sempre penso com meu irmão, o reencontro com minha família, depois já quando que eu tiver algum trabalho, depois da faculdade, é.... mas, vai fazer muitos anos pra isso.

Tiago: E quais são as suas aspirações para o seu futuro, aqui no Brasil?

Ana: Aqui no Brasil, pô, estudar, uma faculdade; começar meus *proyectos* pessoais, sabe, da parte da Nutrição, por enquanto vou ganhando conhecimento na parte da Nutrição, vou fazendo algo até, sabe, nada linear. Mas, também gosto de fazer duas coisas.

Tiago: A vida tá assim, né?

Ana: Sim. (risos)

Tiago: E, quais são os planos no futuro para você regressar pra Venezuela, você já pensou nisso?

Ana: Eu quero regressar lá na Venezuela quando eu tiver algo bom pra trazer para eles. Chegar num lugar onde eu possa ajudar eles com suas coisas. Eu quero muito ajudar a minha família lá na Venezuela. Porque você já não é, não sei se você acha, como... Que tal, já vou começar sozinha, não, você tem sempre a metade da sua cabeça lá também, porque você sabe que sua família, com a qual você cresceu, tá lá com as mesmas

dificuldades que você em algum momento tinha. Então, o que você quer *vivir, viver* e morar na sua casa, sua vida, mas ao *mesmo* tempo você quer dar para a sua família o mesmo, só que você não pode trazer sua família com você [inaudível]. Então, de alguma forma, por isso que tem muitos venezuelanos que mandam dinheiro para lá. Então, para mim, por exemplo é bem difícil tentar ter essa, esse equilíbrio. Porque eu quero fazer minha vida, mas também quero ajudar eles, só que não tenho dinheiro para as duas. Entendeu? Então, eu também não sei se sou eu que tenho que fazer isso. Se é realmente a minha responsabilidade. Porque assim como eles não tem culpa por essa situação, eu também não. Então, por que eu vou fazer tanto esforço, eu vou deixar de fazer coisas minhas, e só que não, acho que você vai pensar “**Ana**, você está sendo bem egoísta”, mas eu não sei, eu acho que vou dar pra eles tudo o que eu posso, se eu tenho, eu quero que minha família tenha também. Só que eu sinto um peso um pouquinho mais lá, mas não sei. Mas, a profundidade da situação, tu pensa: eu não tenho porque fazer isso. Eu vou fazer porque eu quero. Tem pessoas que falam que “eu tenho que fazer”. Não, não é assim.

Tiago: Então, está nos seus planos voltar.

Ana: Voltar...

Tiago: Mas com outro, digamos, outra forma.

Ana: *Ofreecer* alguma coisa pra eles. Ter uma estabilidade e não pra ser um peso para eles. Para *ofreecer* mais para eles.

Tiago: Ótimo, então. Obrigado, **Ana**, por ter me concedido a entrevista.

Ana: De nada, foi muito estranho porque eu comecei *llorando* (risos) sempre que você fala do passado...

Tiago: Claro, claro.

Ana: Mas, gostei que eu comecei fazendo uma, não sei...fiz eu mesma. Fiz um texto da minha vida. Então, foi bem legal.

Tiago: Isso é mito bom. Ótimo.

Ana: É como eu falei, eu comecei *llorando*, mas terminei rindo ao final.

Tiago: A vida tem que ser isso.

Ana: Sim.

Tiago: Ótimo, vou parar aqui a gravação.

Transcrição 02 – Entrevista Hélio

Tiago: A gente vai começar, você pode ficar tranquilo com as perguntas, eu vou falar em português, mas você pode falar em espanhol, ou português também, como você queira, ou os dois ao mesmo tempo, como você queira. Então, a primeira é: quando e onde você nasceu?

Hélio: Eu nasci em Valencia, Venezuela.

Tiago: Valencia. Fica mais ou menos onde?

Hélio: É... fica... *este*... a dos horas de la capital que es Caracas.

Tiago: É litoral? Serra?

Hélio: No, é centro, é centro de la ciudad.

Tiago: Geograficamente é no meio da Venezuela...

Hélio: É... Sí.

Tiago: Você poderia fazer uma descrição de como era o bairro que você morava lá, a cidade, como é que era a cidade por exemplo?

Hélio: La ciudad es...uma ciudad moderna, se dividia em dois... é... em norte e sur. Las personas del norte era personas de posesión, que tenía dinero, moravam bem. E las personas del sur, eram las personas que viviam en el barrio, é... trabajadoras. Es una ciudad em que estão todas las empresas de factura de vehículos, de producción de materia prima. É... todo lo que es alimentación, productos limpieza, todas las empresas, industrias... Valencia se identifica como la, la ciudad de industrial.

Tiago: E quais eram, por exemplo, as festas mais importantes da cidade?

Hélio: La fiesta más importante... Por ejemplo, día natal, que sería nacimiento de Jesús. *Este*... Carnaval, *este*... Semana Santa... Esos son las más...

Tiago: Festas cristãs...

Hélio: Sí, e... *este*... Dias feriados, que también são muitos.

Tiago: E quais as condições de vida antigamente?

Hélio: Venezuela... *este*... Toda la vida... *este*... lo que a identifica ha sido el petróleo... El petróleo. Y Venezuela era muito rica, y las personas vivían... *este*... se puede decir que moravam bem, tranquilas... E había mucho, mucho *este*... alimentación, mucho mercado, no había problema de nada... *este*... los venezolanos que tenían más dinero podían... *este*... ir de viaje a otro país... *este*... y los venezolanos... *este*... vivían un estilo de vida de fiesta, de hacer... aquí sería churrasco, allá se llama parrilla, y tomamos la cerveza, un estilo de vida bien, muito bien.

Tiago: E em sua infância em Valência como que era, como foi sua infância, a convivência com a família, com os amigos?

Hélio: Por exemplo... este... minha mãe, mi madre... este... ella tuvo 8 filhos, 4 mulheres e 4 hombres. E *este*... Ella no tenía marido, sino que la, la responsabilidad solo era de ella, de la mãe. Foi uma infância este.. muy simple, assim, porque éramos muito pobres, porque éramos mucho e... este... era difícil también a pesar de que había dinero pero también como todo existe también pobreza. Y bueno, *este*, vivíamos bien, no teníamos TV, recuerdo que no teníamos televisión, teníamos que ver que si queríamos ver la televisión teníamos que ir a la casa del vecino

Tiago: Aqui também no interior acontecia isso, as pessoas iam pra, pra casa de um vizinho para, naquela regiãozinha, naquela rua, ia todo mundo pra casa do mesmo vizinho pra assistir.

Hélio: Allí también assistia todo, había *este*, por ejemplo, algunos programas que aquí también... por ejemplo... Zorro, el que usava la máscara, y también el chavo del ocho, entonces eran como los más recordados. Y bueno mi infancia...este... linda.

Tiago: E na adolescência assim, você vivia a vida toda na mesma cidade?

Hélio: Sí, en la misma ciudad. Allí se llama hacienda, aquí se llama fazenda, hubo una etapa viví en una fazenda, morava em uma fazenda.

Tiago: Em Valência ainda...

Hélio: Era en Valencia, pero era como el interior, el interior de Valencia. Y este... vivi una adolescencia bien, tranquila.

Tiago: Como era sua relação com a família em seu país? Todos os seus irmãos e irmãs vivem na mesma cidade?

Hélio: Era, era bien, *este*; todos moram na mesma ciudad, por ejemplo, cuando los más adultos, más grandes, mayor, entonces ellos se casaron, y tenían sus casas, pero siempre, *este*, muy perto uno de otros, de, de morar, y bien, todos nos llevam... tenemos una buena relación.

Tiago: E agora com a distância?

Hélio: A pesar de que estamos longe, este, hay mucho, mucho sentimiento, porque, este, no tenemos la disposición de... tenemos que buscar un medio de comunicación, pero están muito preocupados porque yo estoy aqui sozinho y ellos están allá.

Tiago: Dos seus irmãos, só você que saiu da Venezuela?

Hélio: Sí, sí.

Tiago: Que momentos interesantes, bons, agradáveis, você se recorda de ter vivido com a família?

Hélio: este... por exemplo, quando minha mãe estava de aniversário, siempre en diciembre, *este*, nos reuníamos para celebrar el aniversario de minha mãe, o de algum irmão também.

Tiago: De que maneira você se mantinha economicamente lá na Venezuela?

Hélio: *Este*, en los últimos años yo trabajé 16 años en un museo, era funcionario público y, *este*, tenía esa, esa, esa oportunidad de ganar dinero de esa forma y me mantenía bien.

Tiago: E agora?

Hélio: Agora é um desafio. Actualmente morando aqui em Bahia, Salvador. Este, mi vida mudó por completo, estaba acostumbrado a trabajar em uma oficina, pesquisando obras de artes, fazendo análisis, este... también... ha sido difícil, pero sin embargo, este, cuando uno tiene madurez, este, no llega a ver estas cosas sino crecer. Aquí ha sido, ha sido un reto, pero sin embargo, este, ha sido como gratificante, logras aprender a vivir, a sobrevivir y te sientes bien.

Tiago: Até que nível de escolaridade você cursou no seu país?

Hélio: Este, yo estudié Artes, licenciatura. Y después, este, entonces ahí tuve la oportunidad de conseguir empleo en el museo.

Tiago: É tipo concurso, como é aqui no Brasil? Uma seleção?

Hélio: Sí, una selección, y entonces, este, un grupo de personas fuimos llamados para trabajar en el museo.

Tiago: E é fixo?

Hélio: Sí, fixo.

Tiago: Como diz aqui no Brasil, é pra vida toda!

Hélio: Para toda la vida.

Tiago: Seria para a vida toda...

Hélio: Sí.

Tiago: Esse conhecimento que você adquiriu na universidade, no trabalho na Venezuela, isso te ajuda aqui no Brasil hoje?

Hélio: Aquí, aquí se hace difícil porque.... É... Por ejemplo aquí la persona tiene que por ser extranjero no... creo que no tengo la disposición o la oportunidad de ser un funcionario público, porque son cargos que ya tienen las personas allí... Y, este, creo que por ser extranjero no tengo esa oportunidad.

Tiago: Então não te ajuda.

Hélio: No, no ayuda en nada.

Tiago: Não tem ajudado em nada.

Hélio: Nada, nada.

Tiago: Ok! Agora eu vou te mostrar uma imagem⁶⁴ e você vai me dizer o que você sente, o que você acha...

[...]

⁶⁴ Neste momento, mostrei a imagem 1

Aqui, essa imagem é “Venezuelanos em Pacaraima”.

Hélio: Es bastante triste ver esta situación como que, *este*, la persona tiene que buscar, *este*, los medios para sobrevivir. Sin embargo, es digno de admirar que no ficó en la casa, triste, sino que está buscando los medios para mantenerse.

Tiago: Você já se sentiu assim aqui em Salvador? Não exatamente dessa forma, mas buscando alguma coisa ali sem encontrar... ?

Hélio: É... De verdad que al principio fue, fue bastante difícil, no conocer la ciudad, no conocer a ninguém, entonces, *este*, es un reto, pero cuando ya, por ejemplo, en mi caso que ya tengo un año, entonces uno ya tiene, se podría decir, otra forma de pensar, ya uno ha socializado, ha conocido persona, entonces uno... siempre hay un apoyo de alguien para conse...apoyar a uno conseguir un trabajo, así que sea diarias, pero uno se siente como un poco más calmado.

Tiago: Agora vamos mais para uma questão sociopolítica da Venezuela. Qual sua opinião sobre a situação política de lá?

Hélio: La situación política de Venezuela está, está difícil, porque el gobierno que está dirigiendo el país, este, no busca solucionar, no busca la solución de los problemas que están viviendo los venezolanos. Y... A pesar de que se ha tratado de, de que hayan acuerdos con otros países, que se busque una solución inmediata el gobierno no ha buscado, este, resolver ese asunto, sino que sigue allí...pero, no busca resolver.

Tiago: E isso você acha que é o governo atual ou isso já perdura, já faz um tempo que isso ocorre e agora que foi o estopim, algo mais grave?

Hélio: La cuestión fue que se compró la conciencia del povo, se compró la conciencia. Entonces esto fue algo que fue paulatinamente, fue algo que fue progresivo hasta que dominó a tooda la población y... ya ahora tiene todo el dominio, el gobierno tiene todo, todo el gobierno tiene todo el poder y entonces eso fue... al principio ellos... el povo no se daba cuenta de que eso estaba aconteciendo, a partir de mil novecientos... 2014, fue onde el proceso fue atenuándose, poniéndose cada día más difícil, más difícil, hasta que actualmente ya la situación ya es muy ruim, es una situación muy difícil, que la única forma es que ese gobierno tenga que salir.

Tiago: Você participava ativamente da política lá da Venezuela?

Hélio: Este, no sé qué palabra será en portugués siempre he sido apolítico, siempre me ha gustado, este, la libertad como artista, y entonces no era, no era afecto a ninguno de los partidos políticos, siempre me he mantenido como neutral.

Tiago: Você fala que é artista, o que você fazia?

Hélio: Como artista, trabajé, este, principalmente, aquí... allá en Venezuela se llama Arte de Fuego, y las artes de fuego es todo los elementos que pasan por el fuego, como la cerámica, el vidrio. Y tuve la oportunidad de participar de muchas exposiciones, de ganar premios también.

Tiago: E hoje, então, você segue com a mesma consciência política...

Hélio: Sí, soy apolítico también aquí.

Tiago: Você conhece algumas organizações que trabalham com venezuelanos aqui no Brasil?

Hélio: De verdad que no, no conozco ninguna.

Tiago: E em Salvador também não...

Hélio. Não.

Tiago: E lá na Venezuela você participava de alguma organização que trabalhava com Venezuelanos?

Hélio: *Este..* .Sí, existía, pero, *este*, sí existían algunas personas que... que por ejemplo tenía que ver con alimentación, con remedios, sí también existe.

Tiago: E aqui em Salvador você convive com venezuelanos na mesma situação que você? Que saiu da Venezuela... Você convive com essas pessoas?

Hélio: Yo al principio, este, estaba morando sozinho y, este, después de aproximadamente 6 meses, tuve contacto con unos venezolanos y actualmente vivo con... moro con unos venezolanos.

Tiago: Você acha interessante essa relação, manter essa relação?

Hélio: Sí, es interesante porque primero se fala el mismo idioma y... Hay un... hay una manera de tener una relación sentimental del país, podemos conversar de mucha cosa, algunas experiencias, recordar, lembranças de..., entonces... es bien la relación.

Tiago: Você tem alguma religião?

Hélio: Sí.

Tiago: Qual a importância que essa religião tinha, por exemplo, na sua vida na Venezuela?

Hélio: Yo soy testimonio de Jehová. Y los testimonios de Jehová tanto en Venezuela cuanto en Cuba, en cualquier país del mundo, siempre mantienen el mismo orden, no muda. Y aquí en Brasil sigue manteniendo el mismo principio, no hay una cosa que sea mayor o menor, todos son iguales. Y algo que caracteriza los testimonios de Jeová es que son como una familia mundial que, a pesar de todo, este, que ellos no conocen a uno, por ejemplo aquí en Brasil los brasileiros no conocen a alguien da Venezuela testimonio de Jehová, pero sin embargo hay una buena relación de apoyo a nivel de alimentación, a nivel emocional, a nivel de, de, este, económico sí, la disposición y, este, principalmente espiritual de manera que la organización de testimonios de Jehová es una organización que tanto en Venezuela como en Brasil, en cualquier parte del mundo, siempre mantienen el mismo orden, el mismo modo.

Tiago: E aqui em Salvador, essa importância segue sendo a mesma? Você tem essa mesma relação com os testemunhos de Jeová aqui em Salvador?

Hélio: Muy... Pero yo diría muy marcada, muy, muy fuerte, muy... Sí, la relación es más, porque el apoyo ellos brindan es sincero y verdadero, sí.

Tiago: Agora partindo para questões de sua saída da Venezuela. Qual ou quais foram as circunstâncias, motivos que levaram você a sair da Venezuela?

Hélio: En mi caso, este, la... A pesar de ser funcionario en un museo, la situación era difícil para la alimentación. Y, este, de verdad que soy sincero, este, que a mí me gusta conocer lugares, Estados, países, se me presentó la oportunidad de conocer Brasil. Y, este, en la misma situación que Venezuela está... entonces tuve la oportunidad de venir, en este caso, a Salvador y aquí estoy un poco más estable a nivel de alimentación.

Tiago: Que foi o motivo principal...

Hélio: Sí.

Tiago: E quais eram suas expectativas antes de vir para o Brasil?

Hélio: Antes de venir a Brasil... era, este, por ejemplo que... Morar en mi casa, que yo tengo una casa, este, estar estable, tener la oportunidad de seguir proyectando con los trabajos artísticos y, este, tener la oportunidad de tener dinero para uno... este...conocer otros países, en mi caso.

Tiago: Você segue fazendo esses trabalhos artísticos?

Hélio: En este momento, por no tener, por no tener espacio o lugar, una casa, porque para eso se requiere como tener un atelier, un taller, entonces se me ha hecho muy difícil.

Tiago: Qual foi a reação de seus familiares ante a sua saída da Venezuela para vir ao Brasil?

Hélio: La reacción? Este... fue así como sorprendido, “¿por qué se va?”, “¿por qué quiere irse?”, pero también ellos estaban conscientes de que uno se va porque... uno quiere algo un poco, un poco mejor.

Tiago: E por que Salvador?

Hélio: Salvador fue el enlace o la relación de conocer, este, por decir la verdad, este, personas que tengamos contacto, en este caso los testimonios de Jehová, entonces dieron la oportunidad de donde llegar, entonces fue lo más fácil de conseguir que fue Salvador.

Tiago: Então foi uma escolha e, ao mesmo tempo, uma oportunidade...

Hélio: Foi uma oportunidade.

Tiago: Mas você tinha outras opções?

Hélio: É... quería, por ejemplo, Chile; me gustaba también, por ejemplo, Ecuador.

Tiago: Quando foi que você veio pro Brasil?

Hélio: Yo vine el 27 de agosto de 2018.

Tiago: Qual foi seu itinerário e como foi essa viagem? Foi direto? Porque tem muita gente que passou por Pacaraima...

Hélio: Bueno, para llegar a la frontera tenía que pegar un ómnibus de 12h de Valencia a Ciudad Bolívar. Después 12h más que es un pasar... la parte de...esqueci el nombre, que es en Roraima, todo eso, pasar hasta llegar a la frontera se hacía difícil por el asunto de conseguir la permissão para poder pasar, hasta que logro conseguir todo, pasé todo direitinho.

Tiago: Você passou dias aí esperando?

Hélio: É, fueron 4 días na fronteira da Venezuela con Brasil. Después paso para Boa Vista y ya, este, en Boa Vista ya tenía, este, el boleto comprado de aquí, de un amigo de Brasil, que ya lo había comprado para yo poder venir para aquí. Entonces fue después de Boa Vista, Manaus, Manaus-São Paulo, São Paulo-Salvador.

Tiago: Eu fiquei com uma dúvida: nesses 4 dias que você ficou na fronteira, onde você ficou?

Hélio: Fue... Tenía un contacto de una familia que moraba muy perto ahí a la frontera, entonces yo iba, hacía todas las diligencias, todo el proceso y voltaba a la casa.

Tiago: Quais foram os procedimentos, você até já comentou um pouco, a documentação foi a principal dificuldade?

Hélio: Era... Lo que pasa es que como había demasiada, este, pessoas tratando de sair, entonces se hacía muchas filas y... quizás pasaba el tiempo y ese día no te daban el documento, tenía que esperar otro día

Tiago: Então você ficou sem saber se ia ser amanhã ou com 1 dia ou com 3...

Hélio: Sí, hasta que una persona de la ONU, que estaba allí, que son los que dan apoyo a los extranjeros, este, tuve la oportunidad de falar y ver que ya estaba pasando el tiempo y me dio apoyo y así pude hacer el proceso.

Tiago: Antes de vir para o Brasil, o que você sabia do Brasil?

Hélio: De Brasil... Se caracteriza por dos cosas muy importantes: el carnaval y por el...que son muy aficionados ao fútbol... De la samba, obviamente.

Tiago: O que você idealizava da viagem? Ideias, ações, perspectivas... Por exemplos nessas 12h que você estava no ônibus em que você pensava?

Hélio: Con que uno se va a encontrar, la expectativa también que ya uno manejaba el miedo, el miedo de cómo uno me van a entender, cómo yo voy a entender el idioma... Y también, este, la intención era conseguir un trabajo para uno buscar una estabilidad.

Tiago: Você veio sozinho ou alguém veio com você?

Hélio: No, yo vine sozinho.

Tiago: Agora uma pergunta de objetos... O que você trouxe na sua mala? Algo assim: "isso aqui não vou deixar na Venezuela". Uma coisa assim "isso aqui não posso deixar, tem que vir comigo".

Hélio: Este.. "tiene que venir conmigo"... Déjame lembrar... No sé cómo decir, zapatos de filhos, zapatos de crianças feitos em cerâmica, para mí, este, por la cuestión de... la temática de mi obra de arte tiene que ver con la contaminación y, para mí, este, si nós seguimos contaminando la tierra, la tierra en el futuro no va, el futuro... crianças, los futuros filhos no van a tener donde morar. Entonces para mí este tipo de zapatos era como para mí... también fue una obra ganadora de premio. Entonces para mí fue de mucho sentimiento traer en la mala.

Tiago: E o que você deixou que gostaria de ter trazido?

Hélio: Todas las obras de arte... Y el cachorro...(risos) Lloro mucho porque me falta el cachorro.

Tiago: Você tinha muita relação com o animalzinho.

Hélio: Aaaai, sim! Un cachorro salchicha.

Tiago: Era companheiro...

Hélio: Eeeso.

Tiago: Que costumes culturais você mantém aqui em Salvador?

Hélio: Por ejemplo: aquí en Salvador... En Venezuela noso... Los venezolanos somos, nos gusta dançar mucha salsa. Aquí nós somos dançarinos de Salsa. Entonces, este, tengo esa pasión muy marcada y cuando me ha convidado a... a fiesta aquí, este, trato de que... mostrar mi, mi forma de dançar, y esto ha llamado la atención porque, este... he pensado que si más adelante podría dar aula de dançar. Entonces, este, algo que es muy marcado. Para mí es muy cultural y muy marcado en mí.

Tiago: Comida, essas coisas você não mantém ou já se acostumou com a comida baiana?

Hélio: No... el estilo, este, baiano me gusta aquí... Noo, ya había preparado esa parte mental.

Tiago: Ah, é que tem gente que sente falta do abacate na comida...

Hélio: Ah, no, pero aquí el aguacate... lo que pasa es que el aguacate aquí uno no puede hacer ensalada, aquí no es costume para los baianos comer ensalada de aguacate.

Tiago: Eu acho que no Brasil... pra nenhum brasileiro, na verdade (riso)

Hélio: Nãaaoo puede ser... (risos)

Tiago: No se come aguacate con...

Hélio: Con tomate, con cebolla...

Tiago: No, llamamos “vitamina”, con leche.

Hélio: En Venezuela, al hacer esto no le va a gustar.

Tiago: Abacatada. (risos)

Hélio: No le va a gustar la vitamina de aguacate.

Tiago: Em sua opinião, como são vistos os Venezuelanos no Brasil? O que você acha? Toda essa situação que você conhece...

Hélio: É, Brasil... “Brasil”⁶⁵, como dice você, este... siento que es un país muy noble, este... porque, principalmente, aquí en Salvador siento que las personas son muy bondadosas, son muy nobles, lo que pasa es que también, este, no es una población muy

⁶⁵ Aqui o participante pronuncia a palavra “Brasil” mais parecido com a pronúncia brasileira, focando o som vocálico da letra “L” na sílaba “SIL”.

grande de venezolanos que moran en Salvador. Pero sin embargo, este, cuando la persona se dan cuenta que no somos brasileiros, ellos no manejan preconceitos, sino que más bien “bem-vindo”, “que bom que está aqui, va a traer la familia?” Percebemos que es digno de admiración que, no sé si será todo Brasil o si será Salvador que son unas personas muy, este... dan apoyo, en este caso, a los venezolanos. Y están muy informados de lo que está aconteciendo en Venezuela, entonces ellos son... ellos le dan la bienvenida, el bem-vindo aquí.

Tiago: E como que é ser um venezuelano nessa situação aqui em Salvador? Teve algum problema? Você teve algum problema por ser venezuelano aqui em Salvador?

Hélio: É... No, hasta lo' momento', este, en mi caso no he escutado ningún venezolano por alguna situación, principalmente en Salvador, no he escuchado ninguna situación difícil.

Tiago: E por ser estrangeiro assim?

Hélio: Por ser extranjero, este, la parte más difícil es el idioma, pero sin embargo, este, las personas no te, no te rechazan, sino más bien son muy considerados, tratan de apoyarte y escucharte y de buscar la manera de ayudarte, pero no ha habido situación difícil.

Tiago: Tem pessoas que contam que, por ser estrangeira, na hora de alugar, a pessoa meio que se aproveita... Ok. Então você não passou por nenhum tipo de preconceito aqui em Salvador...

Hélio: Hasta el momento não... Yo no lo he vivido, no sé si lo han vivido, pero yo no lo he vivido.

Tiago: A outra imagem é essa...⁶⁶ Que é mais ou menos o que você disse que não viveu, e ainda bem, mas algumas outras pessoas viveram. É em Pacaraima também... O que você acha disso?

Hélio: É... La diferencia es una cosa que tiene lógica, por ejemplo, los venezolanos que no tienen la situación económica de viajar más longe, a conocer otros lugares de Brasil, este, tienen que ficar en la frontera, aquí estamos hablando de Pacaraima. Pacaraima es, este, a donde todos van a llegar, entonces la población ahí es mucho maior. Entonces que sucede que la personas que, en este caso los brasileiros que moran allí le ha generado incomodidad y es razonable. Si hablamos de otros lugares de Brasil, no va a haber esa situación porque... es un porcentaje muy, pero muy mínimo de que no va afectar la población de Brasil. Mientras que allí sí hubo un cambio, sí mudó el estilo de vida del brasileiro, porque ahora fue una invasión de venezolano. Você entendeu la...?

Tiago: Sim, perfeitamente!

Tiago: Agora sobre questões linguísticas, por exemplo: quais são suas dificuldades quanto ao uso do português no Brasil?

Hélio: Este... Por ejemplo cuando la “L” en “Brasil”, “BrasiU”...

Tiago: O “L” com som de “u”

⁶⁶ Nesse momento, mostro a imagem 2.

Hélio: BrasiU, BrasiU...

Tiago: Então a pronúncia é algo que é dificuldade para você...

Hélio: Yo entiendo... ya en el tiempo que estoy aquí morando, podría decir que, este, un 90% entiendo, este, lo que llegan a falar. Ahora, formular en mi mente la palabra que tengo que dar resposata es donde se me hace difícil porque ellos no me van a entender, entonces ahí donde yo tengo que trabajar un poco más, estudiar, pesquisar, disciplinar para tener más el vocabulario y aprender un poco más

Tiago: Então como que é se expressar em português?

Hélio: Expressar em português? Ai, Jehovah!

Tiago: Quando você quer dizer algo e não sai...

Hélio: Claro, uno trata de, este... de armar como la idea para poder expresarse y pa... va trabajando con las *senais*, las mãos, este, busca símbolos, para que vaya... hay relación de lo que se está falando.

Tiago: Essa você já respondeu, mas só para você confirmar: quando você está com os amigos venezuelanos, vocês falam em que idioma?

Hélio: (Risos) Infelizmente, este, deberíamos.. yo trato de falar “vamos a falar en portugués para que aprendamos más rápido”, pero, este... no, todos quieren hablar con fluidez y quedan, terminan falando español.

Tiago: Falar em espanhol com os amigos venezuelanos no Brasil para você é voltar, é recuperar alguma coisa do passado, da vida que você tinha na Venezuela?

Hélio: No, no es voltar ni nada, sino es como la comodidad para hablar más fácil. Así lo veo.

Tiago: Na sua opinião qual a importância de se aprender português no seu caso como venezuelano, estrangeiro nessa situação, aqui no Brasil?

Hélio: Primero, este, es una experiencia de ya no solamente falar un idioma, sino ya no sería uno, sino dos... é... es un beneficio. La otra es también tener, este, mayor fluidez para la comunicación en cualquier lugar que te encuentres, en el metrô, en el aeropuerto, en el mercado...este... para conseguir también una fuente de trabajo, este... y vivir una vida social porque, este, todos los seres humanos necesitamos comunicación. Entonces es tan importante, este, aprender a falar el portugués porque eso va a ayudar a que tengas mayor seguridad contigo mismo.

Tiago: Em relação aos aspectos culturais do Brasil, em Salvador, especificamente: você teve alguma dificuldade? Alguma coisa, por exemplo, que você... “isso aqui eu não faria” ou, por exemplo, “essa prática aqui é diferente do que eu fazia antes, de como é na Venezuela”...

Hélio: Por ejemplo, este, en el caso de Salvador, de Bahía, este... primero yo manejo principios que también en Venezuela mantenía mi posición, también ahí por tu [*inaudível*] religiosa que uno participa, por ser testimonio de Jehovah, aquí, este...

Tiago: Qual, por exemplo?

Hélio: Todas las fiestas religiosas, todas las fiestas religiosas que tiene que ver con imágenes, este... Aquí también hay, está muy marcado lo que tiene que ver con, con.. este... En Venezuela se diría espiritismo, aquí... la palabra...

Tiago: Candomblé?

Hélio: Candomblé. Entonces uno trata de respetar, lo primero que uno tiene que aprender, aprende el principio que uno maneja es respetar. Entonces uno trata de mantenerse al margen con respeto a esas costumbres y no le falta el respeto a las personas, pero siempre manteniendo la misma posición. Entonces aquí en Brasil, en el caso de Salvador, es muy marcado todo eso, por eso uno trata de tener mucho cuidado para no tener esas influencias en uno.

Tiago: E aconteceu alguma coisa assim, você já está aqui há um ano, de questões culturais que foram um choque?

Hélio: Bueno, fue...El 5 de... creo que fue el 5 de diciembre que estaba allí en el Pelourinho, y yo no sabía, esto para mí... quería pasear por Pelourinho y estaban... creo que estaban celebrando Santa Bárbara⁶⁷. Entonces, era una población, era una asistencia mucho mayor, caminada por la rua, era... me generaba incomodidad estar en un lugar donde no debería estar. Pero eso tampoco era para atormentar mi mente, sino de una manera muy respetuosa salir de allí de ese lugar, pero fue un impacto porque no sabía lo que me iba a encontrar ese día, fue fuerte... Fue normal para mí al final.

Tiago: Agora, para finalizar, em relação ao futuro... Que tipo de relação você gostaria de manter com a Venezuela?

Hélio: É... con Venezuela, este, por ejemplo, tener los medios económicos, para asistir o por lo menos viajar a ver a mi familia y...este... ya compartir con ellos y tener la oportunidad de cuando se termine el tiempo voltar a Brasil.

Tiago: E quais são suas aspirações para o futuro na Venezuela?

Hélio: Que Venezuela que... Que el gobierno actual mude, ya que tenga que cambiar y que venga otro que pueda mejorar un poco la situación.

Tiago: Mas você vê as suas aspirações, os seus desejos vivendo, no futuro, na Venezuela? É algo que você pensa?

Hélio: Vivir en Venezuela... Por la misma situación que se está viviendo en este momento, actualmente... É... la situación para volver nuevamente a poner Venezuela en un estatus, en una situación estable, este, eso... pasaría muchos años que eso se pueda resolver, no es una cosa de meses ni de pocos años, sino de muchos años para volver a estabilizar un país.

⁶⁷ Santa Bárbara é celebrada no dia 04 de dezembro. É considerada padroeira do Corpo de Bombeiros e dos Mercados. Em Salvador, a festa se dá, em especial, no Pelourinho, onde ocorre missa campal e, em seguida, um cortejo com a imagem da Santa, que passa pelo Batalhão do Corpo de Bombeiros e segue pela Baixa do Sapateiro, voltando para o Pelourinho. A santa, ademais, é sincretizada com Iansã/Oyá, Orixá dos ventos, tempestades, de modo que os candomblecistas, durante a festa, distribuem acarajés, que é uma das principais comidas da divindade, além de tocar tambores com toques das divindades. Durante o cortejo, sempre muito cheio, é possível ver algumas pessoas em transe com Iansã.

Tiago: E sobre suas aspirações no futuro aqui no Brasil?

Hélio: Buen... este... por ser una persona sociable, que me gusta conversar, compartir, ya es una cosa muy particular en mi caso...este... conozco tantas personas ya que tenemos buena, buena relacionamiento...este... y hay, en ese momento, conozco a una familia que están siendo un contacto, ya no es Salvador, sigue siendo fuera de Salvador, un contacto de conseguir un terreno para regalarme y yo construir una casa.

Tiago: Que ótimo! Que bom! E quais os planos futuros no que diz respeito à família e à profissão? Quando digo família, digo em relação a esse contato...

Hélio: Bueno si, si... por ejemplo tener el, el medio, el sustento, una estabilidad económica que uno pueda...este...guardar dinero, que uno tenga la oportunidad de que conozca Brasil... y a quien quiera ficar, que lo pueda hacer y quien quiera voltar... entonces, bueno, ya es una decisión personal. Y también tener esa estabilidad económica que uno pueda ir a Venezuela, pero sabiendo que uno ya tiene una estabilidad en Brasil.

Tiago: E em relação ao profissional?

Hélio: Este... Bueno, en mi caso muy particular, soy una persona ya de 53 años y es un reto, en este momento, ir a una facultad para mí. Con todo respeto que merecen las personas que son ya adultas, para mí como sería perder el tiempo, que para mí está como una conta represiva. Entonces trataría de aprender un oficio, que también es un medio de sustento, que con eso pueda sobrevivir aquí en Brasil.

Tiago: Mas a questão da arte... é algo que você tem em mente?

Hélio: En este caso, diría que es algo como muy paralelo. Por ejemplo, aprender un oficio que te va a generar dinero para alimentación, todo lo que requiere para saúde, para tu sobrevivir. El arte queda como un segundo, una segunda opción que ya es tu pasión de crear una obra y quien se interese realmente de comprar... porque el arte tiene un valor, un valor artístico y no todo todo tiene, este, la disposición de estar comprando obra de artes, todas las personas no... esa no es la cultura que se dá a un país, sino hay prioridades: alimentación. Entonces uno busca un medio para sustentarse que sea una necesidad a nivel de la población, entonces con eso uno pueda vivir. Y el arte sería una opción de crear una obra de arte que otras personas en una sociedad sí se van a interesar de comprar y podrías vivir, pero en primer lugar tiene que saber ser equilibrado.

Tiago: Mas, esse pensamento que você tem hoje é o mesmo pensamento que você tinha trabalhando no museu lá na Venezuela? Tinha a arte como paralelo?

Hélio: Sí! Por eso trabajaba en el museo, porque el museo tenía un salario, tenían los beneficios que le da el gobierno, tanto para salir de vacaciones... ¿Cómo llama aquí vacaciones?

Tiago: Férias.

Hélio: Férias. También en diciembre... en Venezuela tenemos costumbre, el gobierno da 4 meses de salario, entonces con eso tú podrías sobrevivir. Si alguien se interesaba en una obra, entonces tú tenías esa opción, porque es algo que, este, es tu pasión y tú lo haces bien.

Tiago: E por último: quais os planos pro futuro você tem sobre voltar para Venezuela?

Hélio: Regresar a Venezuela... es como comenzar de nuevo. Voy a terminar diciendo algo así como poético, de reflexión. La vida cambia, ya la vida muda, ya la vida no va a ser igual. Aquella planta que dejaste pequeña, ya no es una planta, es un árbol. Aquellas crianças que tú dejaste pequeñas, ya no están pequeñas, ya crecieron. Otras personas murieron. Otras personas se fueron a otros países. Entonces ya...este... nada es igual. Al regresar, es como comenzar de nuevo.

Tiago: E por último, último, porque me veio essa pergunta agora: o Helío de antes, o **Hélio** que morava na Venezuela, na cidade de Valência, trabalhando no museu, é o mesmo **Hélio** que é hoje?

Hélio: Não. En ningún momento. Porque aquella persona, este, era como...tenía una estabilidad económica, una casa donde morar, entonces...este... tienes que vivir el día a día... este... La vida te cambió por completo, la vida te mudó, pero eso no quiere decir... sí... Es una persona positiva y optimista, uno no va a vivir del pasado, sino que vivimos del presente, de la mejor manera y con la mayor felicidad, que es lo que estamos viviendo aquí en mi caso.

Tiago: Perfeito! É isso! Obrigado, **Hélio**.

Transcrição 03 – Entrevista Ricardo

Tiago: A gente vai fazer um ir e vir, algumas perguntas, eu vou lhe mostrar algumas imagens, mas são perguntas assim de forma geral. Então, a pergunta primeira é quando e onde você nasceu.

Ricardo: Eu nasci num povoado, lá na Venezuela, o Estado se chama Miranda. O povoado se chama, chama Paracotos.

Tiago: Fica no Norte...

Ricardo: Fica 40km da Caracas. Nordeste não, fica no Noroeste. É perto... depois... Paracotos, que é perto da Caracas nós chamamos de...é... cidade dormitório. Vocês têm esse término? Esse termo?

Tiago: Não, não...

Ricardo: Uma cidade dormitório é um povoado pequenininho onde a gente ia para Caracas a estudar, trabalhar. Entences a gente se deslocava de manhã e voltava à noite. Eu só ia dormir para casa, eu fazia isso aí, eu saía muito cedo com meu filho para estudar em Caracas, depois voltamos à noite... e é isso aí... Paracotos. Eu nasci um 21 de fevereiro de 1971, que interessante porque depois minha mãe me falou, porque eu nem sabia, que eu nasci na casa onde ela morava com uma... como você fala uma mulher que ayuda outra mulher para...

Tiago: uma parteira

Ricardo: Uma parteira, nós também temos parteira. Eu nasci aí na casa, não foi hospital, não foi clínica...

Tiago: Era mais difícil, era longe...

Ricardo: Era, porque aí Paracotos, na época, não era perto da Caracas, era um povoado... Depois Caracas cresceu, transporte cresceu, fizeram uma rodovia que passa da Caracas, Paracotos, depois valencia, cidades...cidades grandes. E aí foi que Paracotos virou... Mas ainda o povoado hoje, um povoado que não tem banco, não tem... só tem 2 escolas públicas, 1 privada, não tem centro comercial, é assim... Se você quer fazer um saque num caixa, tem que ir para outra cidade. Paracotos não tem.

Tiago: Isso era antigamente.

Ricardo: Isso é ainda hoje. Ainda hoje. Porque é um povoado de montanha, que interessante também, porque quando nós moramos na frente da praia, para a gente ir à praia lá em Paracotos, tinha que pagar um ônibus, planejar uma viagem, tinha uma pessoa que planejava uma viagem e falava com 30 pessoas, essas 30 pessoas pagavam, e eles levavam a gente para a praia nesse ônibus. A gente ficava o dia depois voltava.

Tiago: E como era assim o bairro que você morava na época? Era um bairro? Era conhecido como bairro?

Ricardo: Era um bairro sí. Tinha muito de colonial mesmo, ainda ficavam muitas casas que tinha uma estrutura de... eu vi que vocês também têm aqui.. de... como fala eso de... lama? Lama e... galho.

Tiago: rodapé diferente...

Ricardo: Não, a casa mesmo feita de lama e galho..

Tiago: Ah, sim, a gente chama aqui de... Tem gente que chama pau a pique, tem gente que chama de casa de taipa.

Ricardo: Nós chamamos de casa de bahareque. A casa de minha mãe era de bahareque, depois...

Tiago: Tem dois, tem duas... tem... não sei se duas madeiras, ou uma coisinha assim e barro no meio.

Ricardo: E barro no meio, que era assim que faziam as paredes. E tinha... ainda tem muitas casas assim. O povoado já cresceu, nossa casa, a casa de minha mãe depois virou de tijolo. Mas começou assim. E é isso, é um povoado ainda...ainda muito ...é... ficou no tempo, como é que se falava em Paracoutos *un pueblo que se mantiene en el tiempo*, um povoado que fica no tempo.

Tiago: Um povoado que parou no tempo...

Ricardo: Parou no tempo! Ainda você.... hoje ainda você vê homens que vão de cavalo, que estão cavalgando pelo... pelo povoado e vão fazer as compras no seu cavalo, depois voltam pra sua casa. Tem muito *de eso* aí.

Tiago: E as festas assim, como que eram as festas na época?

Ricardo: festas...

Tiago: As festas que tinham...

Ricardo: Sim, tinham, não sei como chamam vocês ...as festas patronais?

Tiago: Festas de santos?

Ricardo: De santos, *sí*, que nós chamamos *patrón*. Agora essa festa era *San Juan... San Juan Evangelista*. São João Evangelista?

Tiago: São João Evangelista.

Ricardo: É... Ele era o *patrón, el patrón*...

Tiago: A gente chama aqui o padroeiro.

Ricardo: O padroeiro da igreja do povoado.

Tiago: Geralmente eram festas religiosas?

Ricardo: Eram religiosas, mas tinha também a festa popular, tinha música ao vivo...

Tiago: Eram as duas coisas ao mesmo tempo...

Ricardo: As duas coisas, sí...como o sagrado e o profano. Sim, tinham as duas.

Tiago: Como aqui na Bahia também.

Ricardo: Também, também.

Tiago: E as condições de vida na época?

Ricardo: Na época quando eu era pequeno?

Tiago: Sim.

Ricardo: É... Eu acho... O que lembro era muito tranquilo, né?! A minha deixava que eu fosse andando pra escola, uma coisa que hoje você pensa não, não deixo ir sozinho para a escola. Mas a gente sempre ia andando, era um 1km [*inaudível*] era de montanha, tinha ladeiras e descidas, sempre assim. E não tinha celular, não tinha nada disso, sua mãe deixava que os meninos fossem na escola e os meninos voltavam.

Tiago: Tranquilo.

Ricardo: Tranquilo.

Tiago: E com essa situação hoje na Venezuela, é mais ou menos a mesma coisa, era diferente e se tornou como antigamente?

Ricardo: Ainda tem meninos que *van* sozinhos, mas porque *a gente* não tem pra pagar o transporte, tem transporte público, diferentes, são ônibus, antes chamavam de jeep, esses toyota [*inaudível*], porque é montanha mesmo.

Tiago: E antes de vir pra cá, na cidade, você morava lá ainda?

Ricardo: Eu morava ainda lá. Eu morei em Caracas quando era solteiro. É... porque eu trabalhava lá e tudo isso aí, mas depois casei e eu voltei para Paracotos. Eu conheci ela [a esposa] em Paracotos, mas ela é de Los teques, que era capital de, do Estado de Miranda. Paracotos era ainda um povoado, Los teques era cidade grande. Capital do Estado. Era perto de Caracas também.

Eu ia botar umas fotos que tenho aqui. Eu trouxe, eu trouxe. É a memória. Agora com a tecnologia, você não tem que procurar lembrar, você pode mostrar fotos. Mas assim, eu ainda lembro... porque eu tive a possibilidade com um amigo de trabalhar...é... com no que eles chamavam de *Comité de Tierras del Barrio*. É um comitê. É comitê que se fala aqui?

Tiago: É comitê.

Ricardo: Uma organização popular, uma ideia de Chávez. E esse amigo *mío* era chavista. Eu falei: vamos trabalhar nisso aí, porque a ideia era trabalhar nesse povoado.

Tiago: Na integração do bairro...

Ricardo: Sim, as terras eram todas do Estado. Você não tinha...essa terra não era sua, você construiu uma estrutura, mas se eles precisavam dessa terra para fazer uma rodovia. Eles iam pagar a infraestrutura a você tem que ser deslocado, não pode ficar aí. Agora esse projeto de comitê de terras urbanas, a ideia era que a gente ia até a terra; a ideia essa

do socialismo, vamos dar a terra para você, só tem que fazer medir a terra, fazer isso aí, fazer aquilo.

Tiago: Mas não era dada assim completamente...? Só pra viver...

Ricardo: E na final virou *todo* uma burocracia. E ele me falou vamos, vamos a nos postular mais uma vez para o comitê. Eu falei, olha, eu vi, eu vi que isso não vai para na... Eles começaram a botar obstáculos, não agora tem que fazer isso aí, agora tem que fazer a história do bairro, o que foi interessante, porque eu comecei a entrevistar *a gente*, como você está fazendo agora, comecei a entrevistar as pessoas mais velhas do povoado e aprendi muito do por que eu não sabia quando chegou ali, quando chegou a eletricidade, quando chegou o pavimento que era... Eu lembro a rua de terra também quando era pequenininho, eu vi quando chegou o telefone.

Tiago: Você participou dessa mudança...

Ricardo: Eu gostei porque era uma oportunidade para conhecer o lugar onde eu morava, eu não vi o político, não.. “era uma coisa chavista e eu não vou trabalhar”..não, eu gostei porque era para o povo mesmo, não era uma coisa que...

Tiago: Ainda que tivessem esses problemas, mas era algo que você acreditava.

Ricardo: Porque sim, você tem que acreditar que isso ia ficar para o povoado, não era uma coisa que eles iam fazer como uma propaganda. No momento que eles falaram [falassem] “você tem que ir pra Caracas, botar uma camisa vermelha e falar ‘Viva Chávez’” aí eu ia falar não, isso eu não vou fazer, mas estudar meu povoado, trabalhar pra *gente* eu posso fazer.

Tiago: E na infância, assim, como era a convivência com os colegas, na escola... como era a convivência com essas pessoas? E você ainda tem contato com esses amigos?

Ricardo: Ainda tenho amigos lá, mas... Nós falamos com minha mãe quase todos finais de semana. E é muito triste. Ela mora lá ainda. Na mesma casa. E é casa da família. Eles transformaram. Agora minha irmã a fazer uma casa ainda mais, ainda mais forte, mas a... ela ainda mora lá no mesmo lugar. Cadê o comitê? Aqui... [Nesse momento, o entrevistado buscava arquivos e fotos em seu PC] Mas o assunto é esse aí. Sempre que você fala com a mãe, não, não, filho de essa pessoa foi embora, foi para Equador, foi para Peru, foi para Chile, a maioria *da gente* jovem, estão ficando os velhos.

Tiago: Antigamente as pessoas iam embora pra Caracas.

Ricardo: É... Interessante. Tem uma literatura, se você gosta de literatura espanhol... é... como é que se chama... é... Oficina Número 1... Miguel Otero Silva, Miguel Otero Silva, Oficina número 1, ele escreveu Oficina Número 1, que era do, quando chegou petróleo, que era quando acharam o Petróleo na Venezuela. E... era a promessa da, do, desse movimento pelo petróleo, *a gente* queria ir para Caracas, trabalhar na empresa do petróleo, PDVSA, isso aí. Depois escreveu *Casas Muertas*, Casas Mortas, um nome forte, e começa com um enterro, um povoado que tem só gente velha. Quando estou falando com minha mãe, todo final de semana, eu lembro essa, esse romance, Casas mortas, eu falo terrível, porque está acontecendo o mesmo só estão ficando os velhos no povoado, uma coisa terrível.

Tiago: E na adolescência também continuou a mesma vida...

Ricardo: Lá sim, eu... Interessante, porque eu era um menino de povoado. Eu fiz educação pública, a primária eu fiz perto da casa. Porque eu morava em um lugar chamado Líríos, Los Líríos era ainda mais longe de Paracotos. Paracotos ficava perto da rodovia, depois para você ir para Os Líríos você tinha que pegar um jeep, 3km para a montanha, era montanha mesmo. E o que eu descobri com esse estudo da história do lugar onde morava, com o Comitê de Terras Urbanas, é que começou como... não sei como vocês chamam quando tem gente que *va* para um...uma terra onde ele só planta frutas e vegetais...

Tiago: Funciona como subsistência. Ele vive daquilo?

Ricardo: É sim; ele depois volta para o povoado e vende essa comida no povoado. Mas lá na montanha é que ele tem a terra, os vegetais e *todo eso*. Nós chamamos isso aí *conuco*. Conuco, terra que você tem, você vai lá, *sembrá*, pega depois a fruta, depois vai vender no povoado ou vai vender em Caracas. Essa gente começou a ficar nos conucos. Porque às vezes tava chovendo muito, não tinha ruas, tinha que ficar, começaram a construir casas e aí, Los Líríos, que tinha muito que *decían* povoado, que se chama Los Líríos porque tem muito dessa... esse flor, né?! Tinha muito lá, agora não tem! (risos). Na construção, o crescimento do povoado, *eso* mudou, mas o nome ficou. A história d'Os Líríos, *eso* que eu fiz, e as entrevistas e tudo *eso* aí. Essas são as pessoas que eu entrevistei quando nasceram [mostrando no computador um arquivo de fotos].

Tiago: Isso foi um trabalho acadêmico que você fez...

Ricardo: É... Um trabalho de entrevista às pessoas mais velhas do povoado, para que eles lembrassem como que era a história, para que ficasse escrita e poder botar nesse documento que o governo queria para dar os papéis da propriedade *pra gente*. Era uma das coisas que tinha que fazer. Como eu gosto de escrever, gosto da história, estudei a literatura, *entonces* eu falei: eu faço isso aí. O meu amigo é geógrafo, ele fez Geografia, os dois fazíamos muito pelo povoado, ele fez as mapas, tudo isso, as ruas, começou a botar nomes nas ruas, fazer umas, umas regras de convivência, *todo eso ficimos*. E eu falava, ah, tá dando certo, tudo está funcio... No final, você perguntar, ah, mas, agora precisa isso aí, o que é isso? Ah, um documento novo, que tem que fazer, sempre tinha uma coisa. E eu falei, ah, não, toda a vida *va a estar* assim. Entrevistei *a gente*, pendentes que não consegui entrevistar, as que já fiz, e comecei a pegar documentos, recibos de pagos de serviço elétrico, 1961 [Mostrando a foto de documentos no computador] *Eso* é o mais velho que achei, 61, já tinha eletricidade nessa época. Mas telefone chegou nos anos 80. Agora *eso* de adolescência que eu era, chegou o telefone com a adolescência pra mim, ia ligar pras pessoas, falar, e era discar mesmo, não era esse de digitar. Fui para ensino fundamental 2 e aí gostei do inglês. *Primer* dia, aí, wow, que isso aí, eu gostava já da música em inglês, o rock, anos 80, tudo isso ai, gostei muito do inglês e depois quando [inaudível] faculdade, e era pra estudar inglês num instituto pedagógico ou na faculdade, UCV, Universidade Central de Venezuela. eu fiz essa prova de, prova de *aptitud* acadêmica e como tinha uma pontuação muito boa, eu entrei direitinho para a *Universidad Central de Venezuela*.

Tiago: Como que era a relação com a família lá no seu país até antes de vir para cá na verdade?

Ricardo: Muito boa, muito boa, com o meu pai, sim, mudou muito, o meu pai deixou a gente quando, quando eu já, já estudava na faculdade é... coisa de velhos também, esses velhos de antes que não só, só ficavam juntos só pra ter uma relação, mas depois não

tinham nada. Ele procurou outra mulher e deixou a gente, o meu irmão maior ele já tinha casado, depois a menor também tinha casado e fiquei eu com minha mãe e o irmão do meio que foi... nós sempre falamos, esse foi o irmão que chegou quando eles procuraram melhorar a situação e chegou mais um menino. Ele deixou a minha mãe, éramos eu e o menino, eu falei: eu vou cuidar de você, esse irmão ainda tá lá. E quando eu mando dinheiro para ele, eu falo: você agora tem que cuidar mãe, porque você que ficou, ainda está solteiro.

Tiago: E essa relação agora, continua ainda a mesma ainda que distante, muito próxima?

Ricardo: Muito boa, muito boa. Eu sempre *escribo* para ele, eu falo: encaminha dinheiro para a mãe, lembre tem que procurar que ela fique *contenta*, não queremos que ela caia de depressão ou coisa que ela pode... Eu sou, na minha família, eu sou o único que saiu nessa família, minha mãe, meu irmão maior, depois eu, depois a irmã e finalmente Rainer, que é o menor. Ele ainda tá lá, todos eles ainda *están* lá. Mas na minha tia, que é irmã dela, a filha foi para Itália já há muito tempo, dois mil... anos 2000 ela já mora na Itália, foi uma situação diferente que ela saiu e... Você pergunta para minha mãe, ela sempre *va a falar*: todas as famílias de Los Lirios tem alguém fora, Colômbia, Equador, Peru, mas a relação ainda é boa, nós temos um grupo com a família, um grupo de WhatsApp e sempre *están* postando *cosas*.

Tiago: E de momentos interessantes, assim, se você se recorda, esses momentos que eram legais na época, antigamente “na minha adolescência a gente fazia isso e era muito bom, que momento ou que momentos você lembra assim?

Ricardo: Eu lembro de momentos de amizades, os jogos, a gente jogava mais baseball do que futebol lá, Gostávamos de futebol, jogávamos também, mas era baseball que...o venezuelano sempre gostou mais do baseball... E eram esses momentos com as amizades que eram muito legal a gente não tinha esse problema de.. vou pra, a gente falava *voy a salir con los muchachos*, vou sair com os amigos e a gente ficava fora o dia todo depois voltava e a mãe perguntava *tiene hambre*, era eso, era muito gostoso. Chegava e sabia que a mãe vai dar alguma coisa, perguntava o que fizeram, com quem está você... E tudo muito tranquilo.

Tiago: E de que maneira você se mantinha economicamente antes de vir para cá? Onde que você trabalhava...

Ricardo: Na adolescência, né?

Tiago: Não, agora...

Ricardo: Na adolescência era difícil pedir dinheiro para o pai, porque o pai era o único que trabalhava e ele falava “não vou dar pra você só pra você sair por aí, você tem que trabalhar e eu comecei a trabalhar nos 15 anos, porque eu queria sair, preciso de dinheiro, tenho que fazer alguma coisa. E trabalhava como garçom nos finais de semana, estudava de segunda-feira até sexta-feira, finais de semana trabalhava como garçom. Depois meu irmão, cunhado e eu *ficimos*, nós chamamos de miniteca. Era uma... como uma discoteca, tínhamos... não sei como chamam vocês, mas... botamos discos de acetato e começamos a... Dj, eu era dj também. E *ficimos* eso para... e foi um bom negócio, a gente... Acho que tenho fotos aqui [olhando nos arquivos do computador, passando as fotos]... Vai ter fotos por aqui... Ah, *eso* é araguaney, a árvore nacional da Venezuela, estava perto da minha casa [Mostrando a foto no PC]. Essa é uma árvore de laranja que está na minha

casa [Mostrando uma outra foto]. Nós chamamos isso aí de taparra, não sei se existe isso aqui não. Esse sou eu quando fui para os Estados Unidos [T fala: 94]. Esse foi o casamento... Estou procurando... Eso para mostrar... A capela? Capela. Lá nos Lírios tem uma capela, depois no povoado de Paracotos, sim, tem uma igreja. Esse é meu pai que fazia...era motoqueiro... *Es un amigo* [mostrando fotos...]. Estou procurando... Ah, essa! Casa de bahareque, essa casa ainda existe, é uma vizinha, ainda mora lá. Essa é outra, mais velha ainda... *A gente da época* [mostrando fotos]. Essa casa é de minha mãe, de minha avó para ser honesto, e depois ficou com minha mãe. Minha avó, meu vô [mostrando fotos]. Estou procurando... Essa é uma celebração venezuelana cultural, que chamamos de *Los Diablos de Yare*. *Eso* praticava na escola, a gente fazia *esos* atos culturais. Cadê? Ah, carnavais venezuelanos. Esse sou eu! Essa é a miniteca. Onde você botava as músicas, fazia as festas... E assim, a gente fazia dinheiro com isso aí. Eram os períodos de 17, 18 anos, você fazia contrato, falava com adultos, vamos organizar *su* casamento e era muita responsabilidade. E aí já comecei a ser independente, depois na universidade a vontade de estudar línguas que já.. quando você está no terceiro ano, você tem cursos de extensão, eles pegam os melhores estudantes e você já pode começar a dar aula de inglês. Eu estudei inglês e italiano. E fazia as duas.

Tiago: Então antes antes de vir para o Brasil, agora, recentemente, você se mantinha assim, você dava aula.

Ricardo: Dava aulas. Eu dava aulas..., de língua inglesa, de italiano e até espanhol.

Tiago: Mas você foi graduado em..?

Ricardo.: Eu fui graduado em línguas modernas, é o nome da graduação, inglês e italiano, que são línguas estrangeiras. E, paradoxalmente, a gente estudava mais literatura estrangeira do que venezuelana ou latinoamericana. Eu posso falar de Dante Alighieri, posso falar de Shakespeare, mas não falo muito de Neruda. Ou eu conheço Miguel Otero Silva, Rómulo Gallegos, *esos venezolanos pues*, o *canon* você tem que conhecer o *canon* venezuelano, mas *canon* latinoamericano fica mais difícil falar deles.

Tiago: E hoje, como é que você se mantém aqui no Brasil?

Ricardo: Eu cheguei... Essa história é bem interessante. Eu estava dando aulas lá na faculdade, dava aulas de... pré-graduação? [**Tiago:** graduação] Graduação e pós-graduação. Eu estava já na universidade de [*inaudível*] e fazia graduação e pós-graduação e minha esposa era administradora de uma empresa, tínhamos trabalhos bons, se você tem *esos* trabalhos aqui no Brasil você é classe média. Lá não davam nas contas. E aí foi que minha esposa falou: eu acho que você tem que começar a procurar alguma coisa fora de aqui. E eu comecei, fiz meu currículo, mas interessante, eu comecei a caminhar para Estados Unidos, República Dominicana, a Colômbia, que quase vou lá antes de vir para cá, porque já tinha lá uma faculdade, estava interessado, *sí*, fiz uma entrevista pelo Skype, mas era mais burocrático. Eu comecei com *la Universidad Pontificia Bolivariana de Colombia*, comecei lá, e um mês depois chegou uma antiga estudante minha lá na Venezuela, falando no facebook, eu falei para ela: eu estou procurando algo fora da Venezuela porque a coisa aqui tá ficando ruim...Ela falou: mas, encaminha para mim aqui no Brasil, porque estão procurando gente lá na Gurilândia. Eu falei: mas não falo português, e ela me falou uma palavra que eu sempre vou lembrar: mas você aprende, você gosta de línguas. Eu falei: sim, sim, *pues*, é certo, eu posso fazer isso aí. Porque o venezuelano não, nem olhava para o Brasil... pela barreira linguística, né?! Todo mundo está olhando para os EUA, que também tem uma língua diferente, mas culturalmente é mais perto da gente. A gente tem

muito americano lá, é o baseball, é MC Donalds, toda essa coisa americana tá sempre lá, o venezuelano conhece muito da cultura americana. E aí eu encaminhei o currículo para ela, o Gurilândia me ligou, pelo skype também um mês, dois meses depois que eu já estava quase lá em Montería Colômbia, quase lá. Eu falei para ela: tenho isso aí também Colômbia encaminhado, mas vou dar o currículo pra você. Me ligaram, me falaram pelo skype, me disseram: venha para o Brasil! Temos que olhar você na sala, porque você professor de faculdade, não sei como você trabalha com os meninos. E aí falei com minha esposa: estão ligando do Brasil, que vamos fazer, vamos lá... E eu saí...vão fazer 2 anos 20 de novembro. Você está falando de memória...*es un número*, é uma data que eu não vou esquecer, porque foi o dia que eu separei da família e...não gostei. Foi difícil. E... e *eso* foi, foi uma viagem longa, triste.. É... Eu sai desse povoado Paracotos pra Caracas com eles, eles chegaram comigo até Caracas, aí eu peguei um ônibus até *Puerto Brás* uma cidade que fica no Sul da Venezuela, um dia, de segunda-feira até terça-feira, cheguei de manhã, mas tinha que esperar até à noite para pegar outro ônibus, peguei outro ônibus para Santa Elena de Uiarén, que está perto já do Brasil, é... terça-feira, quarta-feira... sozinho. De Santa Elena... para o Brasil, como a antiga estudante me falou, é uma coisa arriscada. E aí nessa trégua peguei um táxi até a fronteira, Pacaraima, aí cruzei a pé para botar o carimbo no passaporte, depois já estou no Brasil com meu saco [*saque*] Polícia Federal: “e você o que está fazendo no Brasil?” Não, vou visitar uma amiga que está lá em Salvador. E... vamos lá, e me deram 3 meses de *visa* turística, 90 dias. *Ya* aí, eu tinha 100 dólares, que troquei por...me deram 300 e poucos reais e paguei um táxi até Boa Vista. E eram 2h, mas o motorista ia rápido, rápido, eu achei eu estou no meio do Brasil eu acho, 2h, esse tempo todo, e quando você olha mapa ainda está aí Boa vista. Depois de Boa Vista foi Manaus, foi também a noite toda, quarta-feira, quinta-feira, cheguei em Manaus e tinha um voo para Salvador sábado, então foi uma semana para chegar no Brasil, cheguei domingo de manhã e já segunda-feira já tinha prova no quinto ano, para trabalhar no quinto ano. Eu fiz algo ali rapidinho, fiz uma aula de...tinha que ser aula de criativa, não podia ser uma aula tradicional com piloto. Eu fiz uma aula criativa, ela gostou e falou você fica. Ah, porque ela é muito religiosa, eu sempre vou agradecer ela, Denise, porque ela falou que Deus falou com ela: você tem que dar uma oportunidade para esse senhor que quer estudar aqui, e ela falou que tinha muitos candidatos para essa vaga e...não deu. Ia entrevistar um, não tinha computador; ia entrevistar outro, falou “não, não”... e foi você o que eu pude entrevistar.. Deus quer que eu dê para você. Graças Deus ela é religiosa.

Tiago: Então, agora vamos falar um pouco da Venezuela: qual sua opinião sobre a situação política?

Ricardo: Quando recentemente falei com um amigo isso aí, eu me declaro ignorante do que está acontecendo agora dois anos depois. Quando eu saí, tava *todo* muito claro, mas depois chegou Guaidó, tínhamos agora dois presidentes, dois assembleias nacionais... uma assembleia nacional que foi eleita pelo povo e uma assembleia constituinte que Maduro *creó, para su*, para o seu propósito, né, de, de tirar poder da assembleia nacional que estava dando muito trabalho para ele, mas que foi eleita pelo povo. E tínhamos dois tribunais supremos. Um no exílio, pois a assembleia nacional exilou eles e já tinham dois na cadeia, sumira, e estão na Colômbia. Um país assim que está dividido, até as instituições não funcionam. Depois chegou Guaidó... que...quando Maduro chamou para eleições foi na data que eles [a família] vieram comigo ano passado final de maio. Ah, outra coisa, eu morei 6 meses sozinho sem eles aqui, sempre com a comunicação, que bom que a tecnologia agora deixa que você fale com a esposa, os filhos mas ainda assim eles não estavam aqui. Eu trouxe eles 1º de maio...saímos da Venezuela 5 de maio, acho,

e chegamos aqui no 6 de avião, aí sim trouxe de avião... fazer *eso* de rua, eu disse, não, não quero *eso* pra meus filhos e minha esposa... também porque foi muito difícil com a guarda nacional, eles queriam pegar os meus dólares, foi uma coisa difícil.

Tiago: Nessa segunda viagem...

Ricardo: Nessa primeira. Porque a primeira foi difícil e eu falei: não vou trazer minha família assim não,

Tiago: E por que eles queria pegar assim?

Ricardo: É... Na fronteira a guardia nacional sempre *están* pesquisando as malas, *todo* que você tem, para ver se você está *sacando* alguma coisa que é da Venezuela. E era ya a Gran Savana. A Gran Savana é uma coisa muito bonita, primeira vez que vi a Gran Savana eu falei: que coisa mais bonita. Todo mundo falou da Gran Savana, mas a gente não tinha dinheiro para ir pra lá... Canaima, que é onde fica o Santo Anjo, que é a cachoeira mais grande do mundo fica lá na Venezuela, a maior cachoeira do mundo se chama Santo Anjo, porque um cara *da* Canadá, de sobrenome Anjo, que viu pela primeira vez. Agora o governo mudou o nome para um nome indígena “Churun Merú”, mas ainda assim, eu vi, eu consegui ver o Santo Anjo porque um amigo americano era professor de espanhol para ele me convidou para ir pra lá, e ele pagou a viagem. Para um venezuelano que mora no *Noreste*, é difícil ir para o Sul da Venezuela. E aí a Gran Savana é na... Quando você vem para o Brasil tem que passar pela Gran Savana. E aí na Gran Savana estava a *guardia*, com um posto da guarda nacional, pedia para você abrir tudo, abrir as malas, a todos os livros, olhavam tudo assim. E pedia para você para entrar em um quarto, você entra nesse quarto aí, e o guarda me perguntou: “eu vou perguntar para você”... Eu tinha o dinheiro dentro de uma sacola plástica e duas meias, botei umas meias, depois a sacola plástica, depois mais umas meias e umas botas. Ele perguntou: “eu vou fazer pergunta para você porque não quero estar olhando muita gente: você tem dinheiro com você?” Eu falei: não. Falei não, menti para ele. “Tá bom, eu vou acreditar em você, mas ainda assim tem que tirar a roupa”. E comecei. Ele me perguntava e me fazia perguntas. Eu tinha carteira tinha uns pesos mexicanos porque eu fui pro México com British Council, tinha dólar, de 1 dólar, 5 dólares, mas ele não queria esse aí. Nas meias eu tinha 100 dólares, 50 euros. Essa era boa para ele. E eu estou tirando tudo, ele está olhando minha carteira, está olhando o passaporte, eu estou respondendo às perguntas que ele está fazendo: eu sou professor, faço *eso*, eu viajei para os EUA com uma bolsa, viajei para o México com uma companhia, viajei para a Itália também com uma bolsa... E eu ainda tirando coisas, quando vou tirar as meias já estou, já estou pelado, tiro as meias, procuro tirá-las sem que, sem que a sacola faça “shic-shic”⁶⁸. E ele fazia assim⁶⁹ com a roupa, toda roupa que eu tirava ele... Não fez com as meias. E deixou as meias aí. Quando viu que eu estava pelado, disse: faça assim⁷⁰, para ver se tinha alguma coisa. “Pode ir, pode passar”. *E estaban ahí*.

Tiago: você colocou...

Ricardo: Não, eu coloquei... Botei só a calça e as meias levei assim [nas mãos], as botas levei nas mãos e falei: vou sair rapidinho para que você possa fazer com outro e depois voltei fora, fora foi que eu fiquei. Esses 100 dólares se ele pega, eu fico em Boa Vista,

⁶⁸ Barulho quando se mexe em uma sacola plástica.

⁶⁹ O participante mostra com as mãos que o guarda balançava as peças de roupas.

⁷⁰ O participante mostra a posição que o guarda mandou ele ficar: de cócoras.

não ia ter reais para pagar a viagem até Boa Vista e a viagem para Manaus. “Se você não tem como justificar esse dinheiro que você tem, fica com a gente”. Estão roubando a gente! Porque você está comprando dinheiro no mercado negro, porque ninguém está vendendo. Na Venezuela você não pode comprar moeda estrangeira. Aqui no Brasil, você vai e “quero comprar 100 dólares” e eles vão vender para você. Lá na Venezuela você não pode, é proibido. E agora eu falei: não quero *eso* pra minha família não, meus filho, esposa... E consegui pagar as passagens para ele para trazer para o Brasil.

Tiago: E você participava ativamente da política?

Ricardo: Participava! A minha faculdade, como eu falei, é muito política. E muitos dos funcionários que estão agora no governo são funcionários formados nessa faculdade, que era uma faculdade de esquerda, mais assim como é a UFBA. Mas depois, *a gente* que chegou depois falou: “como é que esse cara que era líder estudantil agora virou o mais *viejo* do governo?” Ah, mas quando você tem poder, você esquece as coisas pela quais está lutando. E o que era falarem era: “Não, essa faculdade sempre foi de esquerda, agora é de direita”. E eu que falo para os estudantes que falavam assim eu falei: a universidade não é que seja esquerda ou direita, é uma instituição independente que fala para o governo as coisas que está fazendo ruim. Se é governo de direita *va a* falar [*inaudível*] a esquerda, porque você não está fazendo isso aí para o povo. Mas agora esse que fala que é de esquerda está esquecendo que tem também isso aí. A universidade tem que fazer... o governo precisa de instituições independentes que falem para você o que Estado está fazendo bem. Mas eu participava das protestos, dos protestos... Não fui, não cheguei a ir pra cadeia, mas sim eu participava.

Tiago: Você participa de alguma organização que trabalha com venezuelanos aqui no Brasil?

Ricardo: A igreja do... como é que chama essa igreja que está no CAB?⁷¹ A igreja do CAB. Quando eu cheguei, eu nem conhecia. Foi quando chegaram, que me falaram da UNIFACS. Falei com a professora Rafaela, ela me falou da igreja e chegamos à igreja. E *conhecimos a gente* lá.

Tiago: E você participa de organizações, dessas organizações que trabalham com venezuelanos aqui em Salvador?

Ricardo: Aqui não, porque o trabalho não deixa... Eu até... Ano passado quando eu só trabalhava na Gurilândia, eu ia, minha esposa e eu, levamos os meninos o um dia, mas depois não gostaram pra igreja, falei: “vamos nós dois”. Mas quando começou janeiro, eu falei para Rafaela e para o Padre Manoel: esse ano vou dar aula em duas escolas, vamos ver como que funciona. Não funcionou... Final de semana eu estou corrigindo, planejando...

Tiago: Você convive com outros venezuelanos com a mesma situação que você aqui em Salvador ou o trabalho também não deixa?

Ricardo: O que é interessante é que eu estou no grupo dos venezuelanos, e você olha quando chegam, venezuelanos que chegam recentemente, como uma, uma venezuelana

⁷¹ A igreja a qual o participante se refere é a Paróquia da Ascensão do Senhor, que fica no CAB (Centro Administrativo da Bahia).

que chegou, *tive* uma...um menino no hospital, não sei bem a história, estava no grupo, ela chegou e teve.

Tiago: Eu lembro de uma... Isaura, não lembro o nome. Acho que o marido dela é Carlos...⁷²

Ricardo: Alguma coisa assim, que está procurando trabalho...

Tiago: Sim, lembro, lembro...

Ricardo: Nós achamos que essa não é nossa condição, é o que eu falo pra minha esposa: quando a gente vai para o CAB, quando começou... É... Márcia, eu creio que trabalha com o padre, ela falava: “nós temos comida aqui para dar para vocês”. Eu falei: eu não preciso, eu estou trabalhando, então acho que não é justo que eu *esté* pegando coisas que eles podem dar para os venezuelanos que precisam, quando eu estou *ya* trabalhando. E até falei com venezuelanos que falaram.. Não, mas quando você vai fazer o visto, tem uma condição lá na Polícia Federal que se você está numa condição difícil, você não tem que pagar, eles têm que fazer de graça. Mas eu estou trabalhando, estou trabalhando não vou fazer as coisas de graça, porque essa atitude a que [*inaudível*] na Venezuela fez coisa ruim. E nós não podemos trazer isso para cá também.

Tiago: Você acha interessante manter essa relação com os seus conterrâneos aqui? Isso ajuda? Essa relação você acha interessante manter?

Ricardo: Eu conheço e tenho uma boa relação com a antiga estudante, que ainda trabalha lá na Gurilândia, mas ainda ela que trabalha na Gurilândia, nós não vemos há muito tempo, porque ela está lá e eu agora estou cá, na Land⁷³, são diferentes. Na verdade, a gente não fala muito com venezuelanos. Eu que fico no grupo. Mas como às vezes estão falando de política, são 100 mensagens sem ler, ela⁷⁴ saiu, assim eu não vou ficar nesse grupo.

Tiago: Todos são de Salvador?

Ricardo: Todos estão em Salvador, todos. E sempre estão falando de baseball, política, coisas muito venezuelanas, mas às vezes a gente não tem tempo.

Tiago: Você poderia falar um pouco da importância, se tinha, né, a religião para você lá na Venezuela? A religião era algo que você estava sempre aí? Tinha uma vida religiosa lá?

Ricardo: Quando eu estava na adolescência, antes de entrar pra faculdade... Eu ia até virar... como é? Catequista? Eu ia virar catequista, estudar numa cidade que ficava perto do Paracotos, o povoado, para virar catequista, mas depois entrei na faculdade, eu entrei também nessa ideologia de esquerda e tudo isso aí. E minha mãe até falava: “a universidade tirou meu filho da minha religião”. Eu fiquei muito crítico lá da religião depois. Para o casamento, eu até falei, “não, não precisa casar pela igreja”. Mas ela não, tem fazer, tem que fazer, *ficimos*.

Tiago: E aqui em Salvador você tem ainda vida religiosa?

⁷² Usei nomes fictícios dos venezuelanos por conta da privacidade de identidades.

⁷³ A Land é uma extensão da escola Gurilândia para alunos a partir do 5º ano.

⁷⁴ Aqui, o participante se refere à esposa.

Ricardo: Menos ainda! Temos que falar... Já falamos com o padre Manoel; Amenófis⁷⁵, o maior, ele ia fazer confirmação. Ele ia fazer confirmação lá, mas...

Tiago: Primeira comunhão?

Ricardo: Tem primeira comunhão. E esse outro que chama...

Tiago: Aqui se chama crisma.

Ricardo: É isso, crisma, que vem depois. Ele ia fazer isso aí, mas ainda não fez. E o pequenininho nem primeira comunhão tem ainda não. Batizados *están*. Batizados? Batizados estão os dois! E ainda nós somos católicos, não é uma coisa que vai mudar...

Tiago: Você é crítico, mas você...

Ricardo: Ainda fico aí (risos).

Tiago: Quais eram suas expectativas ainda de vir para o Brasil? Você disse que estava entre Colômbia e Brasil. Mas sobre o Brasil, quais eram as expectativas?

Ricardo: A expectativa era poder trazer minha família, sempre falei. E quando falei com a psicóloga da Gurilândia, ela me falou, porque ela tem o currículo na mão e falou: “como é que um professor de faculdade com 14 anos de experiência de graduação, pós-graduação, vem parar no Brasil...essa incerteza?” Eu falei: incerteza é ficar lá, eu falei para ela. Porque lá eu tinha títulos, eu tinha diplomas, mas não tinha vida, oportunidades. O dinheiro *não alcança* para nada. Eu falei para ela: o que eu quero fazer, tenho que trabalhar, né, mas o que eu quero fazer é trazer minha família. E era isso aí. O que tinha seguro era isso aí. O resto era incerteza certamente. Eu não sabia se ia funcionar. Se eles me falavam “nós não gostamos de você”, tem que voltar para a Venezuela, era uma possibilidade, né, mas graças a Deus funcionou, gostou.

Tiago: E como foi a reação de seus familiares quando você disse: “vou para o Brasil”?

Ricardo: Minha mãe não gostou! Mas eu acho que ela sabia que eu ia fazer, porque eu estou viajando muito, quando comecei, quando gostei do inglês já estava viajando culturalmente. Meu pai falava “esse filho é muito crítico”, porque eu gostava de coisas que... “mas você não entende o que está falando essa gente”. Eu entendo, já estou começando a pegar o jeito. E nos anos 80 quando começaram as cores pastéis, eu botava shorts rosa, “*a gente* vai falar que você é viado, como vamos fazer?” Mas eu gosto de rosa, tem problema não. Eu sempre tive problemas com meu pai. Mas eu já viajava culturalmente. Depois, a primeira vez que viajei foi na faculdade eu estava no segundo ano da faculdade de línguas, conheci um americano antropólogo, americano que estava lá na Universidade Central de Venezuela. Eu estava na biblioteca de Antropologia lendo coisas de Kant, coisas de esquerda, ele chegou procurando um professor de inglês na Faculdade de Antropologia, que não era a minha, mas eu estava lá, eu falei: eu sou professor de inglês. E aí comecei a ensinar ele espanhol, que era o que ele precisava porque estava fazendo um estudo da Venezuela antes de Chávez, 1994... Comecei como só professor de espanhol, depois viramos amigos, eu conheci sua esposa e quando ele já tinha todo o material que ele precisava para fazer a sua pesquisa, ia voltar para os EUA,

⁷⁵ Nome fictício do filho mais velho do participante.

ele falou: “você quer ir para os EUA?” “A única condição - ele falou era - é que você tem que me ajudar a fazer essa *tesis* aí. Se eu precisar uma coisa - não tinha internet em 1994 - se eu precisar lembrar uma rua que eu estive, eu falo para você, você lembra?” Eu falei: lembro. E fui para os EUA. Deixei a faculdade, deixei tudo e fui embora a primeira vez.

Tiago: Então sua mãe meio que já tinha se acostumado com essa distância.

Ricardo: Sabia que esse era o filho que não ficava. Voltei à universidade, a faculdade já tinha mudado o preço... tive que mudar de... eu tinha feito alemão primeiro, depois fiz italiano, fechei com o italiano. Em italiano, peguei uma bolsa para Perúgia também, e fui para Perúgia, aí já estava casado com ela, deixei ela, mas ainda não tinha filhos.

Tiago: Por que Salvador? Pela questão do emprego, né?

Ricardo: E porque essa antiga estudante me falou “tem que vir para Salvador”. Sempre nós brincamos.

Tiago: Ela é brasileira?

Ricardo: A amiga minha? Não, mas ela estudou português-inglês. Ela veio para o Brasil, chegou... Ela falou que estava antes em Aracaju, esteve também em São Paulo e chegou a Salvador com essa oportunidade da Gurilândia. Ela foi quem me falou “tem que vir para Salvador”, não sabia muito de Salvador, só que ela... Aquele filme de Disney em que *estaban* os três amigos... você assistiu esse filme? “Como vai você, já *has estado* em Bahia?” É isso aí... A única coisa que *conhecimos* de Salvador era isso aí.

Tiago: Você não pensou: eu vou para Salvador, mas pode ser que eu vá pro Rio de Janeiro; você pensou nisso?

Ricardo: Sabe o que eu conhecia? Você gosta de rock? Eu sempre gostei de Paralamas do Sucesso. Antes de Paralamas, eu tinha ouvido uma, uma...

Tiago: Você escutava Paralamas em Português...

Ricardo: Em português, e eu a que mais gostava era o “beco”... Papapapapaparaa rara⁷⁶. E “alagados gruestal”... Porque Paralamas chegou na Venezuela com uma onda de músicos do Sul da América, Argentina, Chile, e chegou cantando em espanhol, mas depois eu comecei a ouvir as coisas em português. *Eso* era o que eu conhecia... E que na Venezuela chegava Bossa Nova, você já falou, samba, a gente conhecia isso e Rio... Era a referência do Brasil era isso aí. E futebol também, né?!

Tiago: E o que você idealizava da viagem? Quais eram suas ideias, expectativas? Você meio que já disse no sentido de família, né?! Mas a viagem, “eu vou pro Brasil e aí...”, além da família assim, “eu vou querer seguir essa carreira acadêmica”...

Ricardo: No começo, eu tinha essas pretensões. Eu trouxe, eu trouxe os meus diplomas... apostilados, como apostilas, porque são válidos internacionalmente, mas eu não consegui trazer as notas, tudo isso que você precisa para ensinar na faculdade. Eu sempre tinha um plano na minha mente, eu falei: eu vou chegar trabalhar para trazer a minha família, essa era a primeira; depois que trouxe a família, agora tenho que conseguir botar os meninos

⁷⁶ O participante imita o instrumental do começo da canção “Beco”, do grupo Paralamas do Sucesso.

em escolas. O primeiro que coloquei foi Omar⁷⁷, que entrou na Gurilândia e foi fácil. Ele⁷⁸ ficou mais difícil, tinha pessoas falando de São Bento, me falando muitas escolas, Vieira... E foi um canadense, canadense? Que era coordenador na Gurilândia, agora não está mais lá, ele foi que me falou “por que não procura o Sartre?” Esse é bom, e ele conhecia o dono. Aí eu fui, falei com o dono, o dono é contra a esquerda e falou “eu vou ajudar você, vou deixar que seu filho faça ouvinte”. Essa era a primeira ideia... era trazer eles, a segunda ideia era eles *estudar*, pegar o visto de tudo, agora já *ficimos*, recentemente *ficimos* o visto permanente, já temos o visto permanente. E o que quero fazer agora é saúde. Graças a Deus nesses dois anos ninguém tem precisado ir para nada, para um médico, mas tenho que fazer plano de saúde, alguma coisa assim. E ainda sinto que estou em dívida com minha esposa, porque ela fica aqui na casa. Ela foi gerente... e tá na casa dar para ela muita... e porque sempre fica em contato com as notícias, é ela que me fala “está ocorrendo isso aí na Venezuela, está acontecendo *aquello*. A ponte entre a Venezuela hoje e o Brasil é ela.

Tiago: Agora uma pergunta assim: o que você trouxe na primeira viagem, o que você trouxe na mala? Tipo assim: “isso eu não vou deixar na Venezuela, vou trazer comigo”.

Ricardo: Livros! Eu trouxe muitos livros, estão aqui! E como eu tinha a ideia de ensinar literatura, eu ensinava literatura do inglês e em espanhol também. Cadê⁷⁹... Trouxe literatura venezuelana. Cadê.. Esse já é do meu filho, que já começou a comprar para a escola, ele precisava. Mas cadê? É esse aqui... De que vuelan, vuelan⁸⁰. Ela é uma antropóloga venezuelana, já morreu, foi minha professora na pós-graduação de literatura do Caribe e *es* um texto onde ela estuda as religiões venezuelanas numa perspectiva antropológica, antropológica, muito, muito boa. Ela é boa. Já morreu. Na primeira viagem, eu tinha em mente ensinar na faculdade... Esse livro de Psicologia, esse de reescritura, muita coisa de faculdade, ficam aí, não toco, mas aí *están*. Quando viajei para trazer eles, aí trouxe jogos, esse jogo aqui porque já precisava para meninos... Taboo, conhece? É muito bom, é um jogo que para que os meninos falem... Eu usava lá quando ensinavam para os meninos, eu ensina para meninos lá também. Você fala inglês?

Tiago: Um pouco

Ricardo: Tinha que... o menino tinha que descrever... backpack⁸¹, que é mochila, sem usar essas palavras, essas palavras são taboo. Se ele usar uma das dessas palavras, ele pedia. Tinha que dar o cartão para o outro time. Eu trouxe... Eu falei, não... Quando fui para a segunda viagem, eu falei: vou levar jogos, que é o que eu preciso, são meninos que estou ensinando agora. Mas no 7º ano eu já estou usando material de faculdade. Agora já estou falando de Beowulf, o primeiro poema em anglo-saxão da Inglaterra, já estou começando a nível diferente.

Tiago: E o que você deixou lá que você queria ter trazido?

⁷⁷ Nome fictício do filho mais novo do participante.

⁷⁸ Nesse momento, o filho mais velho estava na mesa da sala, para quem o participante aponta ao falar “ele”.

⁷⁹ O participante busca, numa pequena estante no canto da casa, seus livros.

⁸⁰ O título original da obra é *De que vuelan, vuelan: Imaginarios religiosos venezolanos*, cuja autora é Michaelle Ascencio, venezuelana de origem haitiano.

⁸¹ O participante mostra uma carta para exemplificar o jogo.

Ricardo: Mais livros! (Risos) Deixei muitos livros, CDs, discos... Ah, uma coisa que eu sinto muito, tive que vender por 20 dólares somente, 20 dólares: a minha bicicleta. Eu vendi a bicicleta por 20 dólares. E eu falei para minha esposa: este ano eu quero comprar uma bicicleta (risos).

Tiago: Você usava muito? Se deslocava? Ou era algo que você gostava assim?

Ricardo: Eu já nem usava muito... Mas antes do casamento eu usava muito a bicicleta. E eu ainda tinha, reparava, consertava. Usava, eu fazia muito [inaudível]... Mas vender a bicicleta por 20 dólares, uma bicicleta americano, muito *costoso*, mais no momento em que o dólar não circulava, agora todo mundo tem dólares. Minha irmã ela *faze, faze* bolos, ela recebe dólares. Nesse momento eu não tinha, estava vindo para o Brasil, um amigo me falou “tenho 20 dólares, quer vender a bicicleta por 20 dólares?” Tá, vou vender. *Eso*, eu sempre penso em *eso*, a bicicleta.

Tiago: E que costumes culturais vocês mantêm? Você mantém? Alguma coisa que, para você, é muito venezuelano e você continua mantendo aqui?

Ricardo: Eu acho que a nossa dieta não mudou muito aqui no Brasil. Quando nós vamos no Centro Comercial, shopping, vamos para a Barra, aí comemos tapioca, acarajé na frente, quando queremos comer, mas na dieta é sempre arroz, carne, salada, uma comida muito venezuelana. É que eu falei... farinha é uma coisa que... aqui não se cozinha muito comida baiana ou brasileira... Faço, gosto muito de fazer suco, eu vou no centro eu compro cajá, umbu...

Tiago: Que não tinha lá...

Ricardo: Que não tinha lá... Eu faço suco de *eso* e gosto. Mas, assim que nós ainda fazemos *eso* muito *venezolano* o jeito de comer. Não sei conhece arepa...

Tiago: Conheço, gostei muito!

Ricardo: E como nosso acarajé!

Tiago: Eu lembro que quando fui pra Colômbia eu amei aquilo.

Ricardo: Para nós é muito difícil porque essa farinha de milho a gente tinha lá não tem aqui.

Tiago: A gente chama cuscuz aqui.

Ricardo: Essa de cuscuz é diferente, é diferente... É milho mesmo, nós compramos de cuscuz, de fubá pra tentar fazer e ainda não dá. O que conseguimos foi eu e minha esposa foi comprar o milho branco, o saquinho de milho branco, e depois moer aquilo, que nós chamamos de *arepa de maíz pilado*, fazer o milho, depois fazer a farinha, *coser*, e aí que saem uns pães mais ou menos iguais. e também nós podemos comprar o que nós usamos lá a *harina pan*, uma farinha que produz na Venezuela, estão trazendo para São Paulo, mas fica muito caro, 25 reais um quilo de *harina pan*.

Tiago: E dá para comer quantas vezes, 5 ou 6 vezes?

Ricardo: Isso... Mas eu acho que ainda não mudou foi a dieta, nós ainda comemos do jeito dos venezuelanos. E também só porque minha esposa e Omar gostam de feijão, feijão preto, que é muito venezuelano. Os outros feijões que vocês têm aqui não eram muito por lá não, mas o feijão preto sempre está fazendo, para ela e para o menino, para Omar.

Tiago: E qual a importância, você acha, de manter essas tradições, a comida, qual a importância disso?

Ricardo: Eu acho que a identidade da gente tá lá. E também na língua. Eu lembro que Rafaela falava “vocês têm que falar português até na casa, é importante para que vocês peguem o português”. Minha esposa nesse momento não falava muito. E Rafaela falava “vocês tem que falar português até na casa, com Omar”, que falava mais que nós, até mais que Amenófis. “Fala com Omar para que fale português com vocês”. Mas aqui quando nós falamos, não, porque depois vai perder o espanhol. A gente fala espanhol aqui, lá fora a gente fala português quando vai pras lojas, isso aí. E até o inglês, eu já comecei a falar inglês com ele, com Omar, porque ele gosta muito do inglês, gosta muito do português. Você está estudando duas línguas, para que ele estude duas línguas na Venezuela, duas línguas estrangeiras, tinha que fazer a faculdade que eu fiz. Só adultos. *Están*, têm oportunidade agora que eu estou dando para eles, eu falo que: vocês têm que *valorar* muito isso aí.

Tiago: Como são vistos esses venezuelanos, nesse êxodo, nesse fluxo de refugiados, como você acha que eles são vistos aqui no Brasil, principalmente aqui em Salvador?

Ricardo: Isso que eu ia falar. Depende do lugar. Se você fala dos venezuelanos na Roraima é diferente, porque está na fronteira. Roraima é um Estado pequeno, Boa Vista é uma cidade pequena, se fala que é um dos Estados mais pobres do Brasil, Roraima. E agora tem muita gente chegando lá, procurando serviços públicos e a cidade está lotada de venezuelanos. E aí começa já a falar “brasileiro não gosta de venezuelano”, aqui em Salvador ninguém fala coisas ruins para nós. Não sei se acontece com alguém. Os meninos às vezes fazem brincadeiras, como: “E aí, professor, esse olho que veio da Venezuela, como faz...?” Eu vou vendo o que ela tem que fazer alguma coisa com eles.

Tiago: E como que é ser venezuelano aqui em Salvador? É tranquilo? Já passou por algum problema?

Ricardo: É tranquilo. Como eu falei, minha esposa não gosta muito... Ah, vou falar um incidente... Ela tem medo de *eso* aí, que fale sobre o venezuelano “ah, que volte pra seu país”. As coisas que assiste no instagram, as coisas do Peru, Chile, Equador que é diferente. Lá estão falando espanhol, lá estão ouvindo o espanhol do venezuelano. “Ah, venezuelano? Volta pra seu país”, o sotaque sim. Aqui é diferente. Aqui quando quando o motorista pergunta “você é de onde? Esse sotaque é de onde...?” Eu sempre falo, o venezuelano não gosta, “eu sou estrangeiro” o que eu falo. Esse não tem por que saber que eu sou venezuelano. Eu não vou negar minha nacionalidade, eu não gosto só “venezuelano”, estou aqui no Brasil e vou ficar o tempo que tem que ficar, e vou fazer o que estou fazendo, estou aprendendo a língua que eu acho que é algo importante [*inaudível*]. Uma coisa da diáspora que é difícil é que a diáspora fica sempre na cultura que deixou atrás: “Eu quero só comer arepa, eu quero só falar espanhol, eu quero só ouvir música venezuelana”. Eu peguei... Pitty eu conheci aqui, gosto, eu boto Pitty...Eh, Charlie Brown Jr., Los Hermanos. Eles eu conheci aqui. Uma coisa interessante... Legião Urbana também não conhecia... Nós temos uma banda dos anos 80 muito parecida, eu

falei: “esses são os anos 80 que eu não vivi”, estou pegando agora com Legião Urbana, e eu gosto da cultura, mas agora vou falar desse incidente que tive quando morava na Barra. Um amigo brasileiro lá, namorado de Cristi, professora da Gurilândia: a geladeira quebrou lá na Barra, ele me falou “eu vou mandar para você uma pessoa para consertar a geladeira”. E de ele encaminhou um print screen do celular da comunicação com a pessoa, ele falou “ele mora na Barra” e a pessoa perguntou o nome, “Ricardo”, o cara respondeu: “Meu Deus, esse cara fala minha língua?”. Ele falou: “não... sim, fala, ele fala português”. O cara não foi, o cara não foi a consertar a geladeira, ele não veio. “Na verdade ele ficou muito preocupado que você não entendesse o que ia falar”. E é isso aí. “Quando a gente percebe que você é estrangeiro, fica com medo, não é raiva, não é ‘tem que ir embora do meu país’, é o medo de ele não entender você ou você entender ele”. E também aconteceu no Mix Bahia aqui perto, que é onde eu faço as compras. Uma senhora começou... Eu estou comprando carne, começou uma senhora a falar... e estamos falando. O açougueiro, eu e ele estamos falando em português, até que perguntou que eu sou professor, porque tinha a farda do Gurilândia, eu falei “eu sou venezuelano”. A mulher não falou mais. Mas tinha 5 minutos falando comigo. Parou de falar. Medo? Não sei como explicar isso aí, mas... E eu falei pra meu amigo, Eduardo, eu falei: eu não sendo brasileiro, o sotaque não sendo brasileiro... Não entendi isso aí, mas eu não vejo como *están*... rechaço?

Tiago: Rechaçando, rejeitando...

Ricardo: Eu não sinto isso aí. Eu sinto esse medo a não poder comunicar com você. Porque tem outros exemplos, sejam as pessoas que falam ‘sejam bem-vindos’... motorista, as pessoas que estão vendendo para você sempre falam ‘seja bem-vindo’.. Eu acho que isso a Venezuela perdeu, e que muito do problema que agora temos é pensar só em você e não esse sentido de pertencer “esse país é meu, e vou compartilhar com você”. Lá... eu já falei, tem venezuelano que fala “eu sou metade europeu”, esse já não gosta da Venezuela, porque não fala dessa parte venezuelana, só fala... “Os meu avós são italianos, eles não conhecem a Itália, não falam a língua, mas são diferentes, são melhores que você porque já tenho passaporte europeu, quando quiser, posso ir na Europa”... não tem dinheiro, mas ele é europeu.

Tiago: Nessa parte linguística... Quais são as dificuldades com o português que você tem?

Ricardo: Eu tenho, tenho muitas. Eu acho que é difícil falar os sons que são muito nasais. Ficam difícil pra mim.

Tiago: E na comunicação no dia a dia?

Ricardo: Eu lembro que quando cheguei, quando estava novo, sempre botava muito italiano. Eu achava que estava falando português, era italiano. O motorista me falou, um dia me falou, eu falei para ele: não sei você entende, posso estar botando palavras em italiano. Ele falou: “Noooo, você fala bem quando fala as palavras certas” (risos). Ah, certo!

Tiago: Se expressar em português hoje para você é mais tranquilo...?

Ricardo: Eu sinto *sí*, sinto mais tranquilo. Fazer, por exemplo, o visto, *eso* foi muito difícil na primeira vez. Carteira de trabalho, eu não conseguia falar sem botar espanhol ou italiano. O inglês não entrava. Eu não sei se você conhece, quando você aprende uma

segunda língua, a primeira foi o inglês, ela fica tranquila, não entra na discussão, e o espanhol que é a língua nativa também não. Mas se tiver uma terceira e *va* aprender uma quarta, essas começam a brigar. E hoje eu tenho que falar, quando eu falo italiano, é o português que entra, o meu italiano já tem dois anos sem falar. Mas eu procuro ficar com o italiano cantando, eu ainda leio em italiano, eu sigo muitos jornais em italiano no twitter, sempre estou lendo em voz alta para ouvir, porque eu não quero perder essa língua.

Tiago: Você até já comentou, mas quando você está em família ou com os amigos, que língua vocês falam?

Ricardo: Aqui na casa falamos espanhol seeempre. Omar, às vezes, tem a iniciativa de falar inglês comigo. Eu gosto de *eso*, porque está começando a pegar o jeito. E minha esposa quando quer praticar o português, também, começa a falar em português.

Tiago: E quando estão os venezuelanos, exemplo, na igreja do CAB... ?

Ricardo: Espanhol! Só se fala espanhol. Mas é interessante, na barbearia, onde eles⁸² cortam o cabelo... eu faço corte sozinho, mas eu levo eles, lá tem um venezuelano que chegou de Puerto Brás.... Eu acho que, ele é... como que chama... *Peluquero*?

Tiago: Cabeleireiro.

Ricardo: Cabeleireiro.

Tiago: Tem também quem chame de barbeiro, há o negócio das barbearias aqui.

Ricardo: É...Ele chegou, porque Puerto Brás, como já falei, é muito perto do Brasil, ele chegou... Quando ele fala e ele acha que está falando espanhol, e está falando portunhol. Eu falo pra minha esposa, o problema é que ele não tem as ferramentas que tenho de linguísticas. Eu sei separar uma língua da outra, ele acha que está falando espanhol conosco e, depois, quando português, ele acha que está falando português, mas ele está botando as duas juntas, acontece. Só com ele falamos assim que a gente sente que ele está falando outra coisa. E que é o que pensamos que pode acontecer com o pequenininho se a gente não falar espanhol com ele, vai começar a falar um portunhol e vai esquecer a língua. Eu acho que é importante que...pegue o português, também o inglês, mas manter o espanhol, um menino que vai ter três línguas...

Tiago: Por quê? Manter a língua por ser uma terceira língua ou por que é a língua do seu país?

Ricardo: Não, porque é a língua de *su* país. Eu não sou muito patri... Você pode ver tem a bandeira lá. Tem também aquela boné. Mas eu não vou pra rua com... sim, tenho muita farda da faculdade, Universidad Central, você vai olhar, aí tem uma farda da faculdade, e que... lá não tinha farda para a faculdade, são camisas que comprava, porque gostava muito do meu campus, ainda eu falo: esse é meu campus. E... Mas não somos esses patriotas, que vamos pela rua com um boné... Mas você pode perguntar “e isso aí?”⁸³ Porque eu quero que eles saibam que você saiu de lá, não esqueça. Porque eu acho que às vezes quando você faz as diferenças dos países, nós estamos no Brasil, “mas esse aqui é território venezuelano, só fala espanhol, só vai olhar essa bandeira aí”, acho que não é

⁸² O “eles” faz referências aos filhos - um dos meninos, o mais velho, estava na sala.

⁸³ O participante aponta para a bandeira que está hasteada na sala de casa.

certo também não, porque ele está no Brasil, ele tem que conhecer, ele já conhece... Temos uma bandeira do Brasil, mas lá dentro, pequenininha assim. E ele está aprendendo lá o hino do Brasil, ele está aprendendo coisas que são a História do Brasil, e nós temos que fazer essa parte aqui que é da Venezuela. Porque eu acho que é identidade, né, uma pessoa, é língua, né, eu trabalho com línguas... Uma menina mexicana que foi levada para os EUA, os pais, para proteger ela da imigração, da Polícia de Imigração dos EUA, só falavam em inglês, botaram ela em uma escola onde só se falava inglês; a menina depois de adulta, porque ela ainda tinha o rosto de mexicana, mas agora era uma mexicana que não falava espanhol. Ela começou a pagar aulas de espanhol, o que não é justo, não é justo você tem que pagar por uma língua que você tinha direito de quando era menina, mas você não pode botar culpa nos pais, os pais estão protegendo você da imigração lá, ou da discriminação... É difícil, é um dilema, né?! Aqui eu estou fazendo *eso* de outro jeito, eu estou falando: eu não vou negar pra você de onde você vem, mas aí tem que pegar boas notas, tem que aprender o que tem que fazer. E...assim... estudamos todos com eles, se tem que fazer estudar os Estados todos do Brasil, vamos, eu tenho para estudar, vou estudar também. Esse comprei eu⁸⁴, vou ler isso aí, porque é um país diferente, tenho que conhecer, e aí já conheço os presidentes, como começou tudo, a cana de açúcar, depois ouro, o café, tudo isso aí.

Tiago: Ok! Aprender português, então, é importante nessa situação de deslocamento... E você tem alguma dificuldade em relação aos aspectos culturais no Brasil? Alguma coisa que você tem resistência ou que você achou muito diferente...?

Ricardo: Eu acho que não, acho que não, porque eu sempre fui muito aberto às questões culturais, e eu ensinava cultura, praticamente, na faculdade, cultura inglesa, mas também... Em Itália eu estudei cultura italiana, em EUA eu fiz literatura contemporânea estadunidense, literatura negra, literatura gay, esses cursos que você olha aqui eu já conhecia na prática e na leitura, não é novo; mas sou muito curioso, *esto* é o que estou fazendo. Eu falei para minha esposa: no dia de Iemanjá⁸⁵, temos que ir para conhecer. Na Venezuela a ideia de Candomblé, que lá chamam de Santería, não é boa, você... se você é católico, você não tem nada que ver com Candomblé. Mas nós somos curiosos...

Tiago: E aqui você viu...

Ricardo: É, eu fui para lá, muita gente, tranquilo. E eu sou também muito... *Escéptico?*

Tiago: É...cético?

Ricardo: Cético! No sentido de que você não tem que acreditar em tudo que você vê. Preciso conhecer. Eu vi... muito curioso... Eu vi uma mulher como se tivesse um espírito, eu falei: não sei se é certo, mas é parte do assunto que estamos a...no dia de Iemanjá. *Fuimos* para a Lavagem de Bonfim⁸⁶ também e eu acho interessante, sobretudo, esse assunto de Iemanjá e Igreja Católica, que estão juntas e não tem problemas. Lá na

⁸⁴ O participante mostra o livro *História do Brasil para quem tem pressa*.

⁸⁵ Iemanjá é a Orixá do domínio das águas salgadas, na religiosidade afro-brasileira, sobretudo no Candomblé. Ela é celebrada no dia 02 de fevereiro na Bahia. No bairro Rio Vermelho, em Salvador, onde se construiu uma pequena casa à beira-mar em sua homenagem, faz-se, em especial, desde à noite do dia 01/02 indo até à noite do dia 02/02, uma grande festa em sua honra.

⁸⁶ A Lavagem do Bonfim é uma festa popular que ocorre na segunda quinta-feira após o dia dos Reis, na cidade de Salvador/BA, no mês de janeiro. A celebração consiste, além de outras coisas, em cortejo que sai da Igreja da Conceição da praia até a Igreja do Bonfim, um trajeto de 8km. Como muitas festas religiosas baianas, ela é sincrética, relaciona católicos e o povo de santo.

Venezuela é impossível, impossível. Os padres já não faziam água bendita por os santeros, que são *a gente* do Candomblé, pegava água bendita para fazer seus rituais. Ele falou “não vou dar mais água bendita para ninguém, porque não quero que façam *eso* que vocês fazem”. Aqui eu acho que estão a um nível que estão... tranquilos. Não sei se é certo, mas o que você *consigue* ver lá embaixo⁸⁷ não tem problema.

Tiago: Então enquanto aos aspectos culturais não têm problemas, são parecidos...

Ricardo: Não, eu gosto muito de conhecer. E pergunto muito. Com Eduardo, ele ficava “você faz muitas perguntas” (risos). Eu falava coisas como... é interessante que vocês, na maioria dos carros, são todos pretos, *gris* ou brancos, vocês não têm muitas cores nas ruas. “Nunca vi isso aí, é certo”, ele falava. Um dia eu falei pra ele: Eduardo, hoje experimentei um pastel que é muito gostoso, um pastel com banana dentro, banana e queijo, é uma banana real. Um pastel com banana dentro (risos), nunca vi isso aí, é certo, mas tem um nome: “banana real”, é diferente, não é um pastel de banana. E esse olhar do estrangeiro ele gosta também, ele falando: “eu gosto de falar com você, porque tem esse olhar do Brasil que eu não tenho, são coisas que você dá como estão lá. Existe, mas quando o estrangeiro pergunta ‘por que isso aí?’, na verdade não sei”. Mas está acontecendo...

Tiago: Para finalizar, vamos para o futuro: que tipo de relação você gostaria de manter com a Venezuela?

Ricardo: Eu gostaria ter a possibilidade de viajar para umas férias, por exemplo. Visitar a mãe, levar coisas para ela, mas agora eu sempre falo: fico no Brasil ao menos 3 anos até que ele⁸⁸ fechar o ensino médio. E sempre foi assim. Eles dois são planejados, não é que não foi um acidente não. Vamos ter um filho? Vamos ter! E ele chegou 4 anos depois do, do casamento. Tínhamos 4 anos casados, sem filhos, depois planejamos ele; depois de 7 anos chegou Omar também planejado, não é que não está perto, nós estamos muito perto, tivemos muitos problemas, vamos procurar que seja diferente. E....assim... eu procuro que tudo seja muito certinho, planejado, eu gostaria de ter essa possibilidade de voltar, para falar com *a gente*, sempre a raiz fica, né?! E nós falamos de *desarraiga*... Não sei se vocês tem esse termo...

Tiago: Desenraizar?

Ricardo: Desenraizar. É muito difícil desenraizar uma pessoa. Sempre tem muita coisa que ficou, e quando você voltar, é uma coisa diferente. É...Eu gostaria ter essa possibilidade de voltar, falar com *a gente* que... Quando eu saí, na primeira vez, eu saí sem falar com ninguém, como se fosse um criminoso, né, estou saindo do país, não falem... porque era um medo de... Lá, quando você falava que ia sair, roubavam você, *a noite*, antes de sair, pegavam os dólares, até matavam as pessoas.

Tiago: As pessoas do governo?

Ricardo: As pessoas criminosas... Se você vai sair do país, você tem dólares, iam pra sua casa pegar os dólares. E agora eu falei: não, não falem com ninguém eu vou sair. Quando eu saí, já estava no Brasil, foi que eu liguei pra faculdade, “olha, eu saí, estou no

⁸⁷ O “embaixo” que o participante menciona é que a festa de Iemanjá ocorre na orla do bairro que ele também mora. A avenida em que mora dá na orla e, assim, se desce uma ladeira para chegar à referida orla.

⁸⁸ O filho mais velho.

Brasil”. Eu gostaria ter... Eu acho que ainda estou em dívida com o país, voltar falar: “eu saí por *eso*, essas razões, aqui estou de volta, trouxe algumas coisas ” e depois voltar no Brasil. Estou gostando muito.

Tiago: E quais são suas aspirações pro futuro aqui no Brasil?

Ricardo: Eu ainda quero fazer isso aí, eu ainda quero ensinar na faculdade. Porque tem muita coisa que não estou usando e a gente aprendeu... Eu acho que eu ainda posso ensinar isso aí. Todos *esos* 14 anos que a psicóloga que me perguntou eu ainda fico pensando em *eso*. Uma pergunta muito bom. Eu falei para ela: olha, essa pergunta é muito boa. Como que você vai sacrificar 14 anos de experiência acadêmica por uma coisa incerta? Mas a família está sempre primeiro, eu falei para ela. E ela falou que gostou da resposta, quando eu falei falei família. Ela falou Gurilândia é uma escola que gosta da família, os pais têm muito poder. Ela falou: “se esse pai vai fazer isso, trazer a família pra cá, vamos dar a ele possibilidade”.

Tiago: E você tem plano de voltar pra Venezuela pra ficar ou você nunca pensou nisso?

Ricardo: Eu acho que... Não, ainda não. A situação com a faculdade ficou difícil. Ainda tem muito colega lá que quer eu voltei, “É... precisamos de você”, mas as condições agora são piores, eu não vou voltar agora. E eu acho que... Como eu sempre viajei, eu sempre gostei dos lugares que visitei, eu estou gostando do Brasil. Ainda não. Mas falamos, por exemplo, minha esposa ela quer voltar para falar com as irmãs, ela deixou irmãs lá e...tem muita gente que ficou, nesse caso eu acho que é importante um de nós voltar. Os meninos têm que ficar porque tem um problema legal: se um dos pais *va* com dois filhos é um problema, pode ser que você está levando os filhos sem o *permiso* do pai e aí fica difícil. Foi por isso que eu tive que voltar a segunda vez, porque ela não conseguia fazer os documentos para trazer eles sozinha eu ficando no Brasil, eu falei: olha, eu vou pegar vocês. Comprei quatro, quatro passagens, ia comprar só três para eles, comprei as quatro. Fui e voltei com eles.

Tiago: E para terminar, última pergunta é: o Ricardo de antes de vir para cá é o mesmo que está aqui hoje?

Ricardo: Não, muito diferente. Muito diferente. Eu tive uma colega que... Eu escrevi uma história lá, eu escrevia muito e publiquei muitas coisas acadêmicas lá na Venezuela. E quando os estudantes do básico iam fazer o que nós chamamos de especialização, lá ensinávamos tradução, interpretariado? Interpretação e a licenciatura, que nós chamamos de Pesquisa Linguística e Literatura, e me *invitaban*, me convidavam para fazer, para dar uma, uma palestra da licenciatura. E em literatura eu sempre fazia textos muito criativos. E em 2015 eu fiz um texto que não tinha nada de criativo, era um texto que tinha muito, muito... foi um olhar diferentes... Depois que eu escrevi, foi na leitura, eu achei que a *persona* que estava lá no texto era uma pessoa que estava muito chateada do fato de...os estudantes sempre falavam “nós precisamos dos melhores professores na faculdade”, mas eles pegavam o diploma e saim. Pegavam o diploma e sai. Esse texto que escrevi coincidentemente dizia: como que vocês procuram, cobram os melhores depois não ficam para ajudar as gerações que vem? Como é que eu estou sempre olhando *a gente* sair, mas a gente não pode sair? Foi um texto que escrevi nesse momento. E depois achei que esse texto já era uma carta de despedida. Eu estava falando inconscientemente e por que estou falando de *eso*, porque uma professora que sempre publicava as coisas me escreveu, me falou dois anos depois, não, três anos depois, em 2018, vamos publicar esse texto que você escreveu, mas queremos que faça um epílogo agora, e eu não tinha lido de 2015 até

2018. Eu li de novo, eu falei: esse é o outro cara (risos). Mas esse cara me estava falando, você tem que sair da universidade, você já está... até aqui você não gosta da ideia de que você está formando pessoas para saírem. Eu botei citas de... em português Contos de de Edgar Allan Paul... Cojo? O corvo, que está o corvo falando “never more”, nada vai acontecer, eu falava de eso aí, eu sentia como esse personagem que está sempre falando com você “eles não vão ficar, eles não vão ficar, mas você vai ficar”. Eu falei: nooo, eu não vou ficar. E aí foi o que minha esposa falou, porque eu sempre falava, eu lutava muito pela faculdade, e discutíamos muito por *eso*, eu: ainda sinto que posso fazer alguma coisa, pelos estudantes, pela faculdade... e ela me falava: “e os seus filhos? Eles vão ficar aqui? Todos os seus estudantes estão saindo, eles não vão sair, eles vão ficar?” E aí foi que eu ficava chateado, ela tinha razão. Eu acho que ela ativou o pai e falou para o acadêmico “deixei o pai ser, porque a *academia* não tá dando certo. Deixe o pai fazer”. E foi aí que o pai saiu e aqui está o prof... eu estou aprendendo muito, *eso* sim; eu estou aprendendo muito de educação fundamental, como lidar com meninos, porque quando você é professor da faculdade, você entra na sala e todo mundo fica tranquilo. Aqui você entra na sala e eles nem sabem que você tá aí. Eu tenho que aprender muito, ainda sinto que posso aprender muito, muito.

Tiago: Então é isso, obrigado, obrigado, Ricardo.

Ricardo: Obrigado você pela entrevista. Esta oportunidade de lembrar, porque eu acho que importante a memória, como você falou, eu acho que é importante. E sempre falo para eles⁸⁹: lá é assim, não esqueçam, assim acontecia. Ainda estando lá, eu falava com Amenófis, eu falava para ele: você tem que lembrar que quando você era pequeno, você podia ir para um supermercado e pegar as coisas que você queria, não tinha que aguardar por uma caixa de papelão cheia de coisas que o governo dava para você, porque agora é assim. E muitas gerações só conhecem essa caixa de papelão com comida que o governo dá para você, eu falo para ele: você tem que lembrar que você podia pegar o cereal que você queria, pegar o leite que você queria. Não lembre *eso* aí, essa caixa, lembre o outro, que é certo, *eso* aí não é o certo, que você tenha que aguardar que o governo dá coisas para você, quando você pode procurar sozinho, quando deixem que você estude, que você trabalha e busca seus meios. É isso. Pronto, muito obrigado.

⁸⁹ Os filhos do participante.

ANEXOS

A - Parecer consubstanciado do CEP da Faculdade de Farmácia da UFBA

UFBA - FACULDADE DE
FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MEMÓRIAS DE REFUGIADOS, NARRATIVAS DE DESLOCAMENTO E IDENTIDADES: ENTRE O DESEJO DO SER, DO PERTENCER E DO (RE)EXISTIR

Pesquisador: TIAGO ALVES NUNES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 03133418.2.0000.8035

Instituição Proponente: Instituto de Letras

Patrocinador Principal: Universidade Federal da Bahia - UFBA

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.280.343

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa que investiga a relação entre linguagem, memória e imigração forçada, mais especificamente de refugiados. Metodologicamente, a investigação configura-se como descritiva-explicativa de abordagem qualitativa. Será realizado um estudo de caso.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisa tem por objetivo geral: compreender como as identidades de imigrantes refugiados, no contexto brasileiro, são re/construídas e transterritorializadas. Para tanto, intenta alcançar os seguintes objetivos específicos: i) analisar, no contexto brasileiro, as memórias de refugiados e seu papel para a re/construção de suas identidades; ii) compreender como as memórias são ressignificadas pelos sujeitos no deslocamento e quais as implicações para a re/construção e transterritorialização de suas identidades; iii) investigar como as línguas, no deslocamento forçado, desde o ponto de vista do refugiado, são subsídios ou obstáculos nas relações transculturais no refúgio e, por fim, iv) compreender a relação do contexto de refugiado, da memória e das narrativas de deslocamento para a construção identitária desses sujeitos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Nesta pesquisa, o risco por que passa o participante da pesquisa é o de desconforto, visto que, de acordo com o pesquisador, no momento em que há ativação de recordações podem surgir várias

Endereço: BARAO DE JEREMOABO 147

Bairro: ONDINA

CEP: 40.170-115

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-6902

Fax: (71)3283-6919

E-mail: cepfar@ufba.br

Continuação do Parecer: 3.280.343

qualidades de memórias, podendo ser positivas ou negativas. O desconforto, avalia-se, pode advir também pelo uso de equipamentos de gravação, problema o qual, segundo o pesquisador se o participante da pesquisa não se sentir à vontade quanto à gravação ou à resposta de alguma pergunta, estará livre para pedir o cancelamento da gravação, ou mesmo se recusar a responder questões que lhe sejam "invasivas". Garante também a preservação da identidade do participante conforme normas e leis. Em relação aos benefícios, tem-se que a pesquisa trará resultados importantes para o entendimento da relação entre memória e identidade relativos à compreensão dos aspectos identitários dos refugiados venezuelanos e a sua contribuição para a melhoria das políticas sociais e linguísticas para esse público.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto é relevante para o campo dos estudos interculturais, bem como apresenta relevância social. Há clareza nos procedimentos de abordagem dos participantes e de coleta de dados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios foram todos anexados e estão de acordo com o que regem as normas.

Recomendações:

Todas as pendências anteriores foram superadas. Portanto, não há o que recomendar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Como o pesquisador atendeu às recomendações abaixo listadas:

Solicita-se: (1) previu no cronograma as etapas de análise do projeto pelo CEP.

(2) Inseriu no item Riscos os encaminhamentos que se adotará caso haja desconforto por parte do participante da pesquisa tal qual se encontra no TCLE.

(3) anexou os currículos dos pesquisadores, sou favorável que o presente projeto seja aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMações_BÁSICAS_DO_PROJETO_1242794.pdf	11/03/2019 18:18:31		Aceito
Cronograma	Cronograma_CEP_atualizado.pdf	11/03/2019 18:17:03	TIAGO ALVES NUNES	Aceito
Outros	CurriculoLiviaMarciaTibaRadisBaptista.pdf	11/03/2019 18:15:37	TIAGO ALVES NUNES	Aceito
Outros	curriculotiago.pdf	11/03/2019	TIAGO ALVES	Aceito

Endereço: BARAO DE JEREMOABO 147
Bairro: ONDINA CEP: 40.170-115
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-6902 Fax: (71)3283-6919 E-mail: cepfar@ufba.br

UFBA - FACULDADE DE
FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA



Continuação do Parecer: 3.280.343

Outros	curriculotiago.pdf	18:13:11	NUNES	Aceito
Outros	termodeautorizacaoinstproponente.pdf	19/11/2018 18:52:19	TIAGO ALVES NUNES	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoatualizada.pdf	19/11/2018 18:50:55	TIAGO ALVES NUNES	Aceito
Outros	EquipeDetalhada.pdf	28/10/2018 10:13:44	TIAGO ALVES NUNES	Aceito
Outros	InstrumentoEntrevistaIndividualEGrupoFocal.pdf	28/10/2018 10:12:33	TIAGO ALVES NUNES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDePesquisa.pdf	28/10/2018 10:10:41	TIAGO ALVES NUNES	Aceito
Outros	TermoDeConcordancia.pdf	28/10/2018 10:09:41	TIAGO ALVES NUNES	Aceito
Orçamento	OrcamentoDetalhado.pdf	28/10/2018 10:08:34	TIAGO ALVES NUNES	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	28/10/2018 10:06:10	TIAGO ALVES NUNES	Aceito
Outros	declaracaonaoiniciodapesquisa.pdf	28/10/2018 10:00:08	TIAGO ALVES NUNES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	28/10/2018 09:59:43	TIAGO ALVES NUNES	Aceito
Outros	TermoDeConfidencialidade.pdf	28/10/2018 09:49:54	TIAGO ALVES NUNES	Aceito
Outros	TermoDeCompromissoEresponsabilidade.pdf	28/10/2018 09:48:30	TIAGO ALVES NUNES	Aceito
Outros	CartaDeEncaminhamento.pdf	28/10/2018 09:47:17	TIAGO ALVES NUNES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 24 de Abril de 2019

Assinado por:
Ana Leonor Pardo Campos Godoy
(Coordenador(a))

Endereço: BARAO DE JEREMOABO 147
Bairro: ONDINA CEP: 40.170-115
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-6902 Fax: (71)3283-6919 E-mail: cepfar@ufba.br